

Samuel Crissandro Tavares Ferreira



E se a cidade fosse nossa

A educação popular
contribui na emancipação
das juventudes na cidade?



A educação popular não é um método estanque, engessado e por si só finalizado. A educação popular é uma perspectiva político-pedagógica latinoamericana construída pelo povo e com povo, com a incumbência de superar as contradições, desigualdades e injustiças, das mais diversas, das quais foram historicamente instauradas e legitimadas desde o período de colonização, com o neocolonialismo, os golpes e as ditaduras militares e o atual processo neoliberal que tenta perpetuar a educação sob as vontades do capital. Nesta pesquisa, construída com os sujeitos (jovens educandas e educandos) do Paidéia, projeto de educação popular conectado ao PAIETS-FURG, almejei compreender as contribuições do mesmo para além do “auxílio para entrada na universidade” colocado pelo viés da emancipação social, e mesmo entendendo que a luta pelo direito a universidade é importante para os sujeitos das camadas populares, compreendo que se faz ontologicamente imprescindível para uma perspectiva de educação popular, construir propostas de resistência, de luta, de insurgências e de emancipação com os sujeitos, assim como se faz necessário que as propostas já construídas pelos mesmos sujeitos tenham espaço e protagonismo nesse constructo. Para aprofundar a reflexão e a investigação da realidade, me amparei no que foi proposto por Karl Marx como emancipação humana, e com isso, especificamente me detive em compreender as contribuições emancipatórias da educação popular para as juventudes (jovens educandas e educandos do Paidéia) na cidade (Rio Grande). A mesma pesquisa se amparou teoricamente em Karl Marx e em outras pensadoras e pensadores marxistas como Daniel Bensaid, István Mészáros e Erich Fromm, porém, foi extremamente importante o diálogo suleador com Paulo Freire, Enrique Dussel, Aníbal Quijano, Danilo Streck, Cheron Moretti e Conceição Paludo. No que tange a pesquisa sobre Cidade, Henri Lefebvre, Milton Santos e David Harvey foram preponderantes, assim como na perspectiva sobre juventude(s), Paulo César R. Carrano, Juárez Dayrell, Vania Chaigar e José Machado Pais possibilitaram uma maior potencialização da temática.



E se a cidade fosse nossa

Direção Editorial

Lucas Fontella Margoni

Comitê Científico

Prof.^a Dr.^a Vânia Alves Martins Chaigar
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

Prof. Dr. Carmo Thun
Universidade Federal do Rio Grande (FURG)

Prof. Dr. Dirlei Pereira
Universidade Federal de Pelotas (UFPeL)

Prof.^a Dr.^a Sandra Llosa
Universidade de Buenos Aires (UBA)

Prof. Dr. Danilo Streck
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

E se a cidade fosse nossa

A educação popular contribui na
emancipação das juventudes na cidade?

Samuel Crissandro Tavares Ferreira



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Carole Kümmecke - <https://www.conceptualeditora.com/>

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

FERREIRA, Samuel Crissandro Tavares

E se a cidade fosse nossa: a educação popular contribui na emancipação das juventudes na cidade? [recurso eletrônico] / Samuel Crissandro Tavares Ferreira -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

322 p.

ISBN - 978-65-5917-229-0

DOI - 10.22350/9786559172290

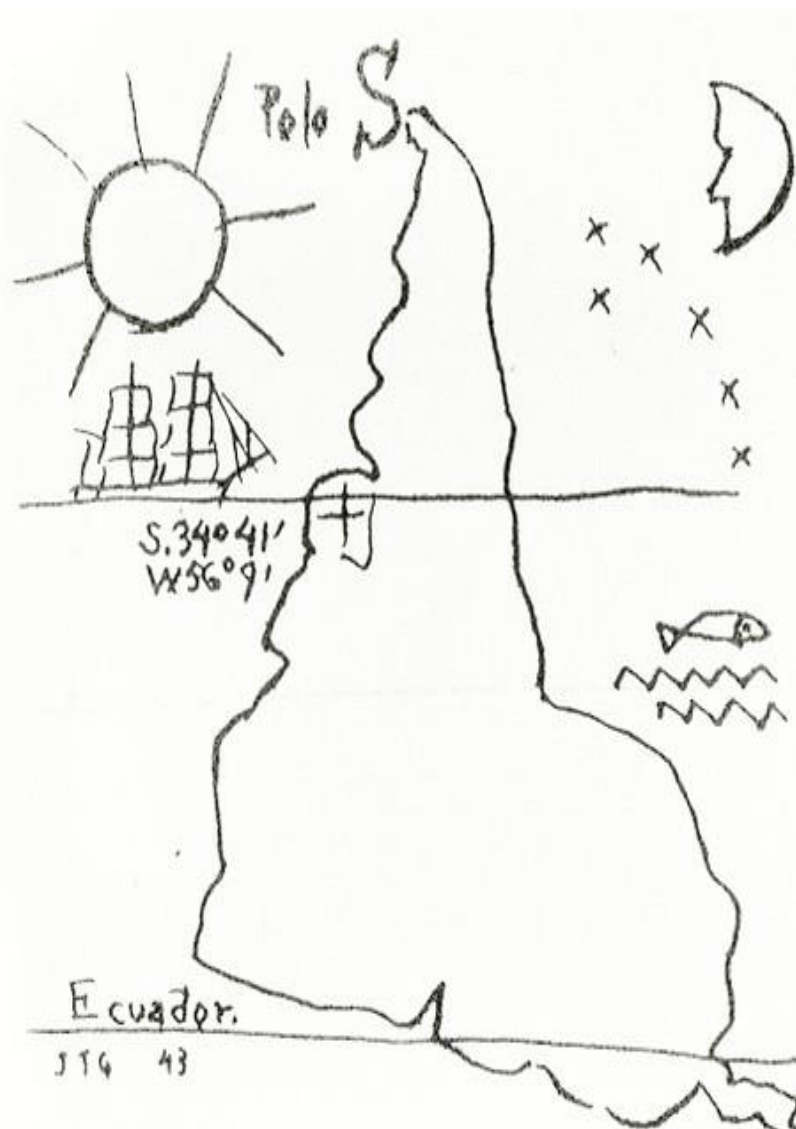
Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Educação Popular; 2. Cidade; 3. Juventudes; 4. Emancipação Humana; 5. Paidéia; I. Título.

CDD: 370

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação 370



(América Invertida, 1943 - Joaquín Torres García)

Agradecimentos e dedicatória

Dedico esse trabalho à memória e a vida de Cristiane Araújo, que nos deixou a pouco tempo, e que no meu coração aprendi a amar e respeitar como mãe. Cris, fostes extremamente importante em vários momentos para mim, através de ações amorosas ou palavras amorosas. Obrigado por tudo e principalmente, por nos ensinar a lutar pela vida, e ensinando que por mais que estejamos esgotados, não podemos desistir nunca.

Agradeço em especial a cinco pessoas: Ana Maria da Silva Tavares, Fernando da Silva Ferreira, Ademir da Silva Tavares, Ada Tavares e Ana Aurora Tavares. Obrigado por estarem comigo nas dificuldades e nos problemas, e principalmente por me amarem do jeito que sou. Bem, vocês sabem o porquê estão aqui. Carrego e carregarei sempre um tanto de vocês por onde eu andar ou estiver.

Agradeço ao Ralf e a Princesa, que do nada chegaram aqui no inverno de 2014 e desde então fazem da minha vida menos solitária e pacata.

Agradeço ao Paidéia, pelas pessoas que lá conheci e pelos afetos e laços por lá construídos, e pela imensidão de aprendizados que tive em tão pouco tempo nesse meu início de formação docente. Lá quis a docência, lá quis a pesquisa.

Agradeço ao Deus Libertador, não o dos opressores e dominadores, esse é um falso deus, porque na verdade é somente uma projeção megalomaniaca deles mesmos. Agradeço ao Deus Libertador, que é Mãe e Pai dos povos e da população explorada, oprimida e desterrada, e que segue sendo não o “ópio do povo”, mas o inspirador de rebeldias, insurgências, libertações e transformações, significantes, mesmo que pequenas.

Para Jenisse, Ernesto e Olga

Sumário

Prefácio **15**

Felipe Treviso Bresolin

Introdução - memorial **19**

1 **27**

O lugar da pesquisa e os sujeitos (sobre o Paidéia)

2 **32**

Pedagogias latino-americanas

3 **40**

Educação popular

- 3.1 Educação popular hoje..... 50
- 3.2 A educação popular como proposta emancipadora..... 56
- 3.3 Conceito de trabalho..... 60

4 **67**

Juventude(s)

5 **84**

Cidade

- 5.1 Histori-cidade: cidade ontem e hoje. 85
- 5.2 Cidades e invisibilidades 97

6 **104**

Metodologias

- 6.1 O diálogo e a partilha na pesquisa..... 104
- 6.2 Metodologias de coleta e de análises de dados..... 113
- 6.3 Problema e objetivos da pesquisa 122

7	124
----------	------------

Emancipação: Possibilidade de Transformação

8	135
----------	------------

Paidéia e educação contra hegemônica: educação popular contribui na emancipação?

- 8.1. Espaço do Ser Mais *versus* Espaço do Ser Menos: constatação do que não queremos para conseguirmos o que queremos.137
- 8.2. Educação Popular: proposta anticapitalista, descolonizante e anti-imperialista. 154
- 8.3. A educação popular ainda é necessária? Contribuições do Paidéia para a emancipação das juventudes na cidade.161

9	177
----------	------------

“Pontos de encontro” *versus* “pontos turísticos”: rupturas e interrupções necessárias no cotidiano da cidade

- 9.1. Rolês, bicos, trampos e convívios: cidade como espaço de sobrevivência e resistência.192
- 9.2. A cidade vai à rua ou a rua vai à cidade? Ocupação, resistência e transformação como educação emancipadora.203

10	216
-----------	------------

Considerações finais

11	224
-----------	------------

Entrevistas, diálogos e conflitos: sujeitos da pesquisa, mas antes, sujeitos da cidade e da educação popular

- 11.1. Eu sou a minoria que tá lutando contra esse retrógrado, mas é difícil.225
- 11.2. Nunca volte para a sua quebrada de mão e mente vazia.239
- 11.3. A gente começa por um caminho e vê que são vários caminhos que se abrem. ...267
- 11.4. Um elo da corrente.280

Referências	314
--------------------	------------

Anexos	320
---------------	------------

Prefácio

Felipe Treviso Bresolin

Tive a oportunidade de acompanhar de perto o percurso do Samuel na pesquisa que deu origem a esse texto. Éramos colegas e parceiros de grupo de pesquisa, grandes amigos e companheiros de lutas. Por isso, me sinto confortável em frisar que o autor sempre foi um raro exemplo na academia de um intelectual militante. Com uma postura de entrelaçamento sem subordinação entre pesquisa científica e engajamento político, esteve inserido em espaços organizativos que, a partir de uma análise crítica da realidade, procurassem forjar um projeto de mudança, com mobilização de esforços coletivos para implementá-lo. A escrita desse livro, então, não deve ser analisada de forma alheia à defesa de um programa político radical e emancipatório que fundamente um engajamento político-transformador dos sujeitos históricos.

Talvez a maior contribuição teórica do texto seja municiar o leitor com categorias, visões e conceitos para melhor entender, de forma dialética, a relação entre cidade, juventudes e educação popular, trazendo para o primeiro plano do debate o papel da ação concreta de homens e mulheres na formação de seus percursos, advinda da própria vida cotidiana dos mesmo e, sobretudo, vista de forma inseparável das noções de resistência e do conflito. Também por essa razão, o livro é inspirador e revela-nos como as perguntas levantadas pelo pensamento emancipatório são cada vez mais atuais e necessárias.

O respeito às experiências dos seus alunos e alunas, aliás, é uma chave importante para entendermos de que forma a sua atividade como

professor de História na educação popular foi um elemento fundamental do aprendizado prévio do autor à escrita do trabalho, como fica claro neste trecho da introdução:

A pesquisa também está como possibilidade de elucidar aquilo que não está compreensível e de tentar não ser ingênuo ao questionar. Como a pesquisa está acoplada a minha prática de educador e coordenador de um curso com a perspectiva da educação popular, ou seja, por estar em contato direto com quem eu realizei a pesquisa, meus questionamentos não estão ligados somente a entender o papel da educação popular na vida delas e deles, mas também, me ajudou e me ajudará a entender a EP em minha vida, e compreender que da mesma forma que desejo que a mesma seja capaz de auxiliar na emancipação desses sujeitos, ela também esteja associada a minha emancipação.

Os depoimento de seus ex-alunos e alunas – que, a propósito, estão no corpo do texto e não nos anexos, o que é uma das principais sacadas do autor – também são ricos em elogios à forma como foram conduzidas suas atividades, estimulando-os à leitura e participação em aula por meio de uma ênfase em apresentá-los ao conteúdo histórico como algo que lhes pertencia e fazê-los perceberem-se como parte ativa da história que aprendiam tanto quanto faziam. É o que mostra o depoimento do Rafa, um dos jovens entrevistados:

Mas os professore trouxeram muito conteúdo pra aula também, e muita coisa que a gente não sabia de modo diferente também, me ajudou bastante em matérias que eu não aprendi muito na escola, um exemplo é história, porque cara, não é por ser jovem, mas as vezes pô, tu fazer uma criança aprender história é bem complicado, porque Se torna muito chato pra ela. E dependendo do professor também tá ligado? E quando o professor te faz sentir parte daquela história, tu vê que, tu aprende melhor, tu grava melhor, tu literalmente, tu tem mais capacidade de aprendizado.

O texto, inclusive, amplia o escopo teórico-metodológico acerca da categoria de Juventudes, entendendo os e as jovens como sujeitos coletivos, plurais e múltiplos, que têm suas visões de mundo condicionadas pelas questões objetivas, subjetivas e socioculturais. Nos últimos anos, a vida dos e das jovens vem sendo atravessada pela barbárie capitalista. De um lado, diz respeito à precariedade do trabalho. O aumento do índice de desemprego vem afetando diretamente as juventudes, que representam o segmento social com mais perde de postos de trabalhos ou que foram empurrados para o trabalho informal. Por outro lado, historicamente, a juventude é vista como portadora inerente de um potencial político. Samuel, com um método inovador e nada dogmático, problematiza tal afirmação, identificando as especificidades, complexidades e contradições do perfil do/a jovem brasileiro/a, refletindo diretamente, também, sobre as diversas formas organizativas desse grupo social, sem deixar de levar em conta vários outros elementos ligados umbilicalmente ao urbano e à cidade, como o rap, as batalhas de Mc's, os rolês entre outras manifestações.

A educação popular, por sua vez, não é vista pelo pesquisador como unicamente um instrumento de entrada na universidade; pelo contrário, para ele, o maior objetivo deste espaço é a construção de saberes e conhecimento que nos façam entender a realidade em que vivemos, questionando o que parece natural e constituindo uma crítica contra-hegemônica ao sistema vigente. Utilizando-se da sua formação em História, o autor faz um importante resgate da pedagogia latino-americana e sua importância para a formulação da educação popular nos dias atuais, vinculando-a ao processo histórico de luta e resistência das classes populares no continente, concluindo, portanto, que tal concepção educativa é totalmente antagônica a uma ordem regida pelo capital.

Sem mais delongas (e spoilers), recomento fortemente a leitura do livro desse brilhante marxista herege e alérgico à ortodoxia. Em tempos de convergências de crise econômica, política e ecológica, que assolam principalmente os setores mais vulneráveis da classe trabalhadora (inclusive os jovens que vivem do trabalho), o livro é um convite a todos e todas que visam construir espaços de esperança em meio à barbárie. Esperança, como diria Paulo Freire, do verbo esperar: que não é paralisia; é ação, luta e construção, prerrogativas que estão intrínsecas à práxis do autor. Sua pesquisa está a serviço de uma ideia, de um apelo: desobedeça, rebele-se, recuse a conciliação com os vencedores. Indignai-vos!

Rio Grande, março de 2021.

Introdução - memorial

O tempo de escrever, diga-se ainda, é sempre precedido pelo de falar das ideias com que chegamos à nossa mesa de trabalho. O tempo de escrever, diga-se ainda, é sempre precedido pelo de falar das ideias que serão fixadas no papel. Pelo menos foi assim que se deu comigo. Falar delas antes de sobre elas escrever, em conversas de amigos, em seminários, em conferências, foi também uma forma de não só testá-las, mas de recriá-las, repartejá-las, cujas arestas poderiam ser melhor aparadas quando o pensamento ganhasse forma escrita com outra disciplina, outra sistemática. Nesse sentido, escrever é tão refazer o que esteve sendo pensado nos diferentes momentos de nossa prática, de nossas relações com, é tão, tão redizer o antes dizendo-se no tempo de nossa ação quanto ler seriamente exige de quem o faz, repensar o pensado, reescrever o escrito e ler também o que antes de ter virado o escrito do autor ou da autora foi uma certa leitura sua. (FREIRE, 2011, p.75).

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar. (Eduardo Galeano)

Sim, o processo de escrita é desafiador, não que ele seja um processo que traga urticárias e sangrias desatadas. Não. Mas é desafiador, pois nos pede disciplinadamente e responsabilmente que venhamos a organizar o que realmente compreendemos até o presente momento, tendo em vista nossas limitações. Porém, a ação da escrita, que também deve ser reflexão, vem carregada sempre por um certo temor, um certo receio. Por vezes, identifico-me com Winston Smith no primeiro momento da escrita, principalmente porque como o mesmo, escrevo à mão (para depois digitar), de forma mais solta, mesmo que no início para conseguir romper com o enferrujamento da mão e do cérebro saia somente um “4 de abril de 1984”

(ORWELL, 2005, p.6). Não é fácil correr o risco de desafiar o “Ministério da Verdade” ou a “Polícia das Ideias” da atualidade que tenta engessar o pensamento crítico, reflexivo e indagador. Portanto, é preciso desafiar o “Grande Irmão”, sobre a pena de ser rechaçado por todo um corporativismo de ideias e de concepções que impossibilitam o avançar das questões mais políticas e filosóficas (que possuam a envergadura de debater numa perspectiva contra hegemônica) com o discurso de uma possível “doutrinação”, quando na verdade, a ideologia do sujeito “apolítico” é uma doutrinação totalmente política para a construção do viés reacionário, opressor, retrógrado, conservador e até mesmo fascista. Dito isso, afirmo que é imprescindível que na construção de nossas resistências, na reinvenção de uma democracia verdadeira (não a democracia do capital, essa que tenta nos iludir e convencer-nos que somos livres), possamos construir uma sociedade menos opressora e violenta, pois é disso que o capitalismo se trata. Faz-se necessário então, que assim como Winston Smith, deixemos registrado um “ABAIXO O GRANDE IRMÃO”, mas que essa luta também seja travada em nosso dia-a-dia, com nosso trabalho e com a nossa vida. Para isso, afirmo que essa pesquisa está carregada de esperança, mas não de esperança ingênua, que acredita que com um excesso de otimismo que tudo ficará bem de qualquer jeito. Não, para se transformar o mundo é necessário bem mais do que somente otimismo. Certamente que, ao sublinharmos as nossas dúvidas e questionamentos e expor os “resultados” e conclusões, estamos descrevendo o nosso caminho, a nossa experiência (pouca ou muita) e nosso pensamento. Isso por si só, já é um desafio. Porém, o posicionamento é necessário, não somente por questão de orgulho, mas também para que demonstremos quem somos e de que lado estamos em tempos que, estamos tendo que defender coisas que pensávamos que jamais teríamos que defender tão cedo. Falo dos atuais ataques contra os trabalhadores e trabalhadoras que começam já

durante o governo anterior, por optar pelo auxílio a grandes empresas e conglomerados extremamente capitalistas, e hoje acentuados pelo “governo” de Michel Temer, que chegou ao poder de modo ilegítimo, através de um golpe parlamentar, aproveitando as fragmentações da esquerda brasileira e dos movimentos sociais. Cá estamos. Por isso, cabe ressaltar que essa escrita que compreende um projeto de pesquisa, não se faz de conjecturas concebidas em uma torre de marfim, mas compreende sim, o movimento de ideias que se oxigenaram na prática e na partilha com outros sujeitos, sejam ele educandos e educandas ou educadoras e educadores, pois indiferente disso, esses sujeitos são compostos de “carne e osso”, de necessidades, mas também de sonhos, metas e objetivos, limitações e condicionamentos, assim como eu também. O que quero sublinhar, é que nossa vida não para ao mesmo tempo em que estamos trabalhando e pesquisando, e felizmente, todo esse movimento nos faz avançar. Portanto, por mais que eu seja o autor dessa escrita, não seria possível escrever sem o “nós”, sem o coletivo, sem a parceria dos grupos de pesquisa, sem a responsável orientação, sem as críticas contundentes, indicações de leituras, filmes e músicas, sem as dúvidas, sem a humildade de reconhecer erros práticos e teóricos, e desses, alguns deles consegui superar no presente e outros não. Enfim, todo esse processo vem para me amadurecer, pois ao entrar em contato com o espaço-tempo da pós-graduação (nesse caso em específico o mestrado), certas bagunças tiveram que se organizar e certas organizações tiveram que se bagunçar, resultado das disciplinas que cursei, das discussões formais e informais, dos apontamentos em seminários, ou seja, o rompimento com a forma de graduado ao alcançar um conteúdo de pós-graduado e conseqüentemente, uma forma equivalente. Não falo aqui sobre ter mais, mas sim em Ser Mais, em trilhar um caminho formativo que rompa com minha ignorância, que seja capaz de me despir de minhas necessidades. Por mais que nos regimentos

de pós-graduações está fixado como objetivo central a formação do “pesquisador em excelência”, meu ímpeto foi sempre de buscar ser um professor melhor. Não quero dizer com isso que a pesquisa não deva ser feita com rigor e responsabilidade, mas pelo contrário, porém ressalto aqui que minha intenção foi sempre o aprender atentamente, buscando ser mais realizado profissionalmente, potencializando a minha condição de professor, sabendo que a pesquisa que vou desenvolver, deve ter uma responsabilidade e um destino social. A cada leitura que fazia, cada entrevista, a cada conversa e a cada vez que refletia sobre esse processo da pesquisa, eu desvelava o mundo um pouco mais, da mesma forma que uma cebola vai sendo descascada, pois sempre há uma camada que cobre a outra, mas ao deixarmos de ser ingênuos, vamos construindo a possibilidade e a capacidade de entender para além do que se vê. A pesquisa para além, da dissertação como requisito do título de mestre, está para mim como possibilidade de retirar certas “camadas” que estavam bloqueando a realidade. A pesquisa também está como possibilidade de elucidar aquilo que não está compreensível e de tentar não ser ingênuo ao questionar. Como a pesquisa está acoplada a minha prática de educador e coordenador de um curso com a perspectiva da educação popular, ou seja, por estar em contato direto com quem eu realizarei a pesquisa, meus questionamentos não estão ligados somente ao entender o papel da educação popular na vida delas e deles, mas também, me ajudou e me ajudará a entender a EP em minha vida, e compreender que da mesma forma que desejo que a mesma seja capaz de auxiliar na emancipação desses sujeitos, ela também esteja associada a minha emancipação. Entendo que nossos anseios, angústias e incertezas são quase as mesmas (pois vivemos sobre a égide do capital), da mesma forma que seguimos as nossas vidas, construindo paralelamente, um outro mundo, um possível mundo melhor, ou seja, um mundo não pautado pela capitalização, pela falta de solidariedade, pela

subalternização do outro, da mercantilização e seus mais variados “membros” de opressão, como se o capitalismo fosse um monstro de muitos tentáculos que nos aperta sem dó. Por isso entendo que nessa pesquisa, em suas dúvidas, questionamentos, problematizações e conclusões, estará presente o “eu” e o “nós”, importantíssimo e imprescindível na efetuação e desenvolvimento dessa tarefa.

Antes de mais nada, preciso me localizar nesse trabalho, fazendo o possível para deixar explícita a minha relação com o que e com quem eu pesquiso, do mesmo jeito que tentarei descrever os motivos que me encaminharam para indagar o que indago nesse trabalho, embasando a validade e a importância desse questionamento em forma de pesquisa. No entanto, essa pesquisa se entrelaça com o meu início da caminhada como docente, pois após ter concluído o bacharelado em História no ano de 2014, me projetei para lutar pelo meu licenciamento em História, na qual ingressei no curso a partir do ano de 2015, retornando para a graduação na intenção de começar minha formação como professor e também já pensando na possibilidade de tentar a seleção para algum mestrado em Educação. Ao ingressar na licenciatura, estava convicto de que somente as disciplinas pedagógicas não me preparariam para a docência (se um docente com grande caminhada necessita de formação continuada, ainda mais um docente em início de caminhada), e deveria de certo modo, me lançar aos projetos da universidade que me possibilitassem um contato com a dita “sala de aula”, pois por mais que eu já tivesse uma graduação concluída e nessa mesma graduação já pensava em ter uma formação docente, aquela experiência como professor, de estar ali à frente, conduzindo e auxiliando uma turma em determinada atividade, eu não tinha e nem sabia como ter. Pois bem, antes mesmo de começar as aulas pela licenciatura, fiquei sabendo por parte de um colega que haveria uma seleção para professor e professora, de várias disciplinas para um curso preparatório

para o ENEM que era oferecido pela FURG. Esse curso era o Paidéia, que integra o PAIETS (Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnico e Superior), e que depois fui descobrir que trabalhava numa perspectiva de Educação Popular (que eu não compreendia o que era), e que além de eu conseguir a tão buscada *cancha* como professor, eu poderia conseguir uma bolsa ou um auxílio que não seria nada mal, já que em 2015 começávamos a viver um tempo de “vacas magras” no que tange a bolsas e auxílios para as universidades federais, resultado de cortes e mais obstruções que a educação vinha sofrendo, já que a Era de Ouro do governo PT estava terminando (por mais que o mesmo governo no período em que estive no governo federal possibilitou uma melhoria nas universidades federais se comparado aos governos anteriores) e eu lutando para permanecer na universidade, somente estudando e trabalhando em projetos referentes a educação. Através de uma outra colega, fui informado que haveria seleção também para o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) – História, uma outra possibilidade de criar *cancha* e de conseguir uma bolsa que me manteria na universidade. Particpei das duas seleções, tanto para o Paidéia quanto para a do PIBID. Fui aprovado em ambas, e aí começou a minha caminhada na docência, entrando no entendimento, porém, que mesmo que essas duas experiências não fossem um “emprego”, eu teria que me posicionar como professor e construir a minha docência desde esses primeiros momentos, experienciando e juntando as condições necessárias para ir me transformando em um professor. Nesse ponto eu preciso sublinhar que todas essas experiências foram muito intensas para mim, principalmente porque as vivi como um jovem que fazia a segunda graduação, estava começando a engatinhar como professor, era militante de um coletivo nacional de uma tendência interna de um partido. Isso tudo se potencializava na minha busca pela transformação da realidade que estava fincado.

A responsabilidade só aumentou, porque a partir do momento que alguém te chama de “professor”, “psor” ou “sor”, tudo muda. Muda a forma como a gente se porta na sala de aula como aluno, pois tu compreendes um pouco que seja como é estar à frente e na mediação das atividades como professor, esse novo ponto de vista faz com que tu sejas solidário e mais compreensivo. Muda a forma como eu me porto como militante, não ajo por impulsos, como se não respondesse mais nada a ninguém. Não. Como militante e agora professor, eu preciso ser cada vez mais a “mudança que eu quero ver no mundo”, por isso eu me porto diferente nas organizações, nas formações, no estudo teórico das concepções que me contemplam, nos atos e outros movimentos. A opção pela docência, me possibilitou a melhoria de mim mesmo, a partir do momento que necessitava amadurecer para alcançar um outro nível de compreensão de mundo. A docência vem me cobrando isso, esse outro entendimento, essa outra compreensão. A docência me cobrou e me cobra um amadurecimento que não tinha e que por vezes admito que não tenho. É um processo dialético, onde a minha paixão por ser um comunicador, um mediador e por vezes até mesmo um provocador, sofria intervenções das perspectivas teóricas e metodológicas. Ao mesmo tempo em que trabalhava e refletia sobre os conteúdos e temáticas a serem desenvolvidas e compartilhadas, me acompanhava aquela sensação de ansiedade, que por vezes nos acelera, impedindo de perceber que tudo é um processo. Mesmo assim, ficava conjecturando como seriam as aulas, como seria trabalhado, quem eram as pessoas que estariam na aula, como me receberiam, como entenderiam aquilo ou não. Toda essa mistura de sentimentos com pensamentos, nos faz caminhar, nos faz querer Ser Mais.

Ao mesmo tempo, ficava pensando que, por mais que estivesse trabalhando nesses projetos de iniciação à docência, e entendendo também que eu era um jovem, na mesma medida, estava no lugar e na posição de

professor, e agora, ao mesmo tempo em que ocorria uma transformação em mim, começando a ser um professor, deveria entender que as pessoas agora me viam como tal. Recordava também, dos momentos da adolescência, que por questões de comportamento, fui um aluno “problemático” por várias questões que hoje consigo entender de forma racional olhando de longe para as situações que já passaram, mas que eu vivenciei. Sabia que agora, começava também a me ver naqueles e naquelas que estavam na sala de aula e nas outras atividades de ensino e aprendizagem que desenvolvia. O jogo virou! Por mais que ainda não estivesse formado no curso de licenciatura, naquelas atividades, eu era o professor!

Essa pesquisa está repleta de todas essas lembranças e de todas essas experiências, e por isso, junto de todas as outras problematizações, dúvidas, perguntas e questionamentos que impulsionam essa investigação, me fazem caminhar para entender as relações da juventude na e com a cidade, e principalmente tentando entender como a educação popular através do Paidéia contribui nessa perspectiva de apropriação, de intervenção e de retomada dos espaços da cidade.

Ao mesmo tempo em que isso tudo é dialético, pois ao mesmo tempo em minhas hipóteses a educação popular contribui na emancipação e na humanização desses sujeitos, eu, os outros educadores e coordenadores, também se emancipam e se humanizam nesse trabalho, pois as experiências que os educandos e educandas trazem para as vivências na sala de aula e para além delas, são muito potentes.

O início da minha docência, está muito atrelado as experiências que tive e que estou tendo no Paidéia, pois ingressei no mesmo a partir do ano de 2015 e desde o final do mesmo ano, tendo contribuído nas atividades da coordenação.

O lugar da pesquisa e os sujeitos (sobre o Paidéia)

É preciso ressaltar e sublinhar que a atual investigação se faz no espaço de educação popular Paidéia, que se desenvolve através de um preparatório para o ENEM (e antigamente vestibular), vulgarmente chamado “cursinho”. Nesse espaço, como mencionei anteriormente, participo e contribuo como educador de História e algumas outras discussões do campo das ciências humanas. O cursinho PAIDEIA foi criado no ano de 2002, com o nome de Curso Pré-Vestibular Utopia, assumindo assim a identidade do PAIDEIA somente quatro anos após a sua criação. Este curso faz parte de um projeto de extensão da Universidade Federal do Rio Grande denominado PAIETS (Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnico e Superior). O PAIETS apresenta inúmeros projetos voltados a comunidade como cursos de EJA, supletivos de ensino fundamental e médio e os cursinhos preparatórios pré-ENEM. Nesta ótica, o PAIDEIA inclui-se no grupo dos cursinhos preparatórios pré-ENEM, assim como os demais: FENIX, Ousadia Popular, Maxximus e outros. Cada um desses cursos possui a sua particularidade e identidade, sendo que alguns deles funcionam em espaços cedidos por escolas na cidade de Rio Grande.

O curso Paidéia está localizado na cidade de Rio Grande, com suas instalações fixas, nos últimos anos, na ala acadêmica do Hospital Universitário Miguel Riet Corrêa Jr., na região central da cidade, porém, conta com a participação de inúmeros sujeitos de diferentes bairros da cidade (por exemplo, por mais que exista cursos de educação popular do PAIETS no bairro da Vila da Quinta, para os moradores deste mesmo bairro e que se deslocam até o centro para trabalhar, estudar e para fazer outras

atividades, é melhor no ponto de vista do deslocamento, participarem do Paidéia no centro e depois retornarem para casa). O Paidéia foi criado em 2002 e inicialmente foi batizado como Pré Vestibular Utopia, porém após alguns anos, no ano de 2006, com uma reestruturação do curso o mesmo foi rebatizado como Grupo de Estudos Paidéia e quando se uniu aos demais cursos que integram o Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnico e Superior – PAIETS seu nome foi reduzido apenas para Paidéia.

Na primeira seleção do ano de 2016 (que é o ano correspondente a turma que estou pesquisando), foram selecionados em torno de 90 educandos e educandas (essa numeração é com base na capacidade das salas de aula do Hospital Universitário), de vários bairros da cidade à saber: Vila da Quinta, Vila Querência, Vila Recreio, Parque São Pedro, Bairro Getúlio Vargas, Vila da Barra, Profilurb I, Bairro Santa Tereza, Nossa Senhora de Fátima, São Miguel, Cohab I, Braz, Cidade Nova, Vila Operário Municipal, Bernadeth, Humaitá, Vila Trevo, Bairro Lagoa, Hidráulica, Centro, Navegantes, Cohab IV, Cassino, Buccholz, Bairro América, Castelo Branco I, Salgado Filho, Parque Marinha, Mate Amargo, Carreiros, Santa Rosa, Junção, Vila Maria e Rural. Com base nisso, reafirmo que a turma de 2016, encontrava-se na maior parte, na faixa etária dos 18 anos e 22 anos (1994 – 1998), ou seja, jovens que estavam terminando seus estudos ensino médio ou que fazia pouco tempo que havia terminado. Em comparação à turma de 2015 (cabe também um estudo), lembro que a turma era um pouco mais heterogênea no quesito idades.

O Paidéia seleciona seus educandos dando preferência aqueles que são oriundos das camadas populares. A seleção dos mesmos é feita através da apresentação do xérox da carteira de identidade, do CPF e de uma entrevista com o candidato, além do preenchimento de uma ficha de cadastro. Cabe ressaltar também que no ano de 2016, tendo em vista a grande desistência desses educandos e educandas, realizamos algumas

chamadas durante o ano com base nas fichas e entrevistas já realizadas, até que mais para o meio do ano, realizamos uma nova seleção, que contou com um grande número de participantes, da qual foram chamadas 20 novas pessoas para compor o espaço.

Acreditamos que o espaço do HU onde as atividades são realizadas, por ser parte da FURG, e também por ser constituída de uma estrutura considerável, deve ser aproveitada e praticada pelo maior número de pessoas possível. Principalmente por ser um espaço acadêmico e hospitalar, nós que integramos o Paidéia disponibilizamos de uma estrutura que na maioria dos espaços não é possível se ter.

Por isso, reforçamos a cada ano a importância de estarmos naquele espaço, e para além disso, sublinhamos para os educandos e educandas, que por mais que a entrada na universidade seja configurada de um esforço considerável, principalmente das camadas populares e que precisam de um estímulo ainda maior, aquele espaço é deles, pública e financeiramente estabelecido por e para a população, assim como a universidade federal.

As desistências dos educandos da turma de 2016, assim como no outro ano em que comecei a trabalhar no Paidéia (2015) ocorreram por diversas razões, alguns foram pela escala do trabalho, outros problemas de saúde (seus e da própria família), problemas econômicos (desde a impossibilidade de custear as passagens do transporte público até questões alimentícias) ainda ocorreram os casos em que os estudantes foram chamados para ocupar as vagas remanescentes da FURG e outras universidades da região. Nas relações de trabalho, podemos afirmar que os nossos educandos e educandas, desempenham várias atividades profissionais ou de “bicos” mesmo.

As atividades compreendem desde funções relativas ao polo naval até o comércio. Muitos dos jovens do Paidéia já sustentam ou ajudam a

sustentar economicamente a sua própria casa. Por isso, essas atividades são por vezes secundarizadas por parte dos educandos, que acabam largando o curso e o estudo.

No Paidéia, por mais que esteja vinculado a um programa que teoricamente esteja acoplado em uma perspectiva de educação popular, com muito esforço, desde 2015 junto a alguns colegas educadores, tentamos nos aprofundar nos espaços de formação e de reunião, no estudo e nas discussões sobre a educação popular, porém, sempre é difícil romper as nossas situações-limite (falo tanto dos educandos quanto dos educadores), e entender que é necessário fazer um pouco mais de esforço a cada dia para rompermos com as nossos obstáculos, ao mesmo tempo que também é difícil entender que a docência, não é algo possa ser constituído somente na sala de aula.

Nesse ínterim, aproveito para ressaltar que uma das minhas hipóteses na minha caminhada no Paidéia e nessa pesquisa, é o entendimento que esse espaço é sim um espaço onde protagonismos se encontram e se potencializam, ao mesmo tempo em que protagonismos são formados e entendidos como tal. Digo isto com base nas vivências cotidianas, na constatação de que pessoas se entenderam como educadoras nesse espaço, constituindo experiências e vivendo à docência e o contato com o Paidéia, e isso foi significativo. No meu caso, o Paidéia foi preponderante na minha escolha por uma pós-graduação em Educação, por mais que meus objetivos anteriores ao Paidéia fossem outros. E também entendo que com os educandos e educandas, trazem consigo fortes posicionamentos e entendimentos de vida e de mundo, que ressignificam este processo e constituem ainda mais o Paidéia como um processo de Educação Popular.

O primeiro objetivo do Paidéia não é a entrada na universidade, mesmo entendendo que a universidade é sim, um espaço de luta e ainda constituído como espaço de legitimação dentro de nossa sociedade. Esse

talvez seja o segundo objetivo. Por isso, entendemos que antes disso, é necessário um processo de criticidade, de reflexão e de leitura de mundo, para que nesse viés, essas pessoas (no caso da pesquisa, as juventudes) construam posturas críticas, estando na universidade futuramente ou não. Por isso, o primeiro objetivo é da reafirmação da educação popular na construção de saberes e conhecimentos que nos façam entender a realidade em que vivemos, desnaturalizando o que parece natural, desmitificando o que é tido como sagrado e caminhando contraponto contra qualquer esperança ingênua.

Entendo que emancipação e humanização são conceitos que possuem um peso epistemológico, ontológico, gnosiológico e histórico em relação a todo esse processo que estamos vivenciando, esse processo de aumento das desigualdades, de desconstituição de democracias, desvalorização e precarização da educação e entre outras coisas. E por isso, investigarmos a relação entre a educação popular, cidade e juventudes, poderá nos fazer entender as relações, os movimentos e construções na perspectiva da emancipação e da humanização.

2

Pedagogias latino-americanas

Sólo le pido a Dios
Que la guerra no me sea indiferente
Es um monstruo grande y pisa fuerte
Toda la pobre inocencia de la gente
Es um monstruo grande y pisa fuerte
Toda la pobre inocencia de la gente

(Solo Le Pido a Dios – Mercedes Sosa)

Para essa pesquisa que compreende uma análise bibliográfica das pedagogias latino-americanas para que assim entendamos de modo genealógico as raízes da “Educação Para o Povo” ou para localizarmos a “Educação Popular”, preciso recorrer aos princípios historiográficos da América Latina que remontam a sua educação, e conseqüentemente, os educadores e educadoras latino-americanos. Isso quer dizer que, antes da invasão europeia no continente americano, tendo em vista que os inúmeros povos e etnias que aqui viviam desenvolveram durante milhares de anos uma riquíssima produção cultural, seria descabido afirmar que havia aqui um “vazio pedagógico”. Os indígenas que aqui estavam (é necessário afirmar como resistência que as várias etnias que aqui viviam correspondiam a milhares de pessoas, que nesse processo foram dizimadas no estabelecimento europeu nessas terras), principalmente os guaranis, possuíam a sua própria metodologia “pedagógica”, que compreendia um ensino e uma aprendizagem, junto com a sua vivência com o meio em que estavam inseridos, no seu trabalho com e na natureza, ou seja, seu espaço-

tempo de aprendizagem era ilimitado. O que é interessante destacar aqui também, é que a colonização, que de forma massacrante impôs uma ideologia, também impôs uma educação que era contrária ao modo de vida e produção aqui existentes entre as etnias das populações americanas. O estabelecimento da Espanha e de Portugal na América Latina requereu tudo e mais um pouco, seja do território ou das populações, aplicando a exploração desde o início de seu contato com o continente. O saque foi o objetivo central, principalmente porque no caso da Espanha, que estava aniquilada por sua campanha contra os muçulmanos, via na exploração da América Latina, uma possibilidade de recuperar-se economicamente:

A Espanha vivia o tempo da reconquista. 1492 não foi só o ano do descobrimento da América, o novo mundo nascido do equívoco de consequências grandiosas. Foi também o ano da recuperação de Granada. Fernando de Aragão e Isabel de Castela, superando com o casamento a perda dos seus domínios, tornaram em começos de 1492 o último reduto dos árabes em solo espanhol. Custara quase oito séculos, recobrar o que se havia perdido em sete anos, e a guerra de reconquista esgotara o tesouro real. (GALEANO, 1983, p. 24).

Certamente que ao adentrar na América Latina e aos poucos conquistar, invadir e saquear, a Espanha trazia consigo, o ensino europeu, baseado nas premissas católicas, destruindo as culturas indígenas e não considerando que essas culturas estavam permeadas de saberes e conhecimentos. Claro que, o mais importante para os espanhóis, a medida em que descobriam que as regiões latino-americanas estavam atulhadas de ouro e prata, era encontrar uma forma de retirar todos os obstáculos possíveis para que a Espanha enriquecesse por conta de Atahualpa e Potosí, e nesse ínterim, a exploração dos povos e terras indígenas condenou toda a sua existência, e conseqüentemente, o seu modo de ser, suas culturas e educação. Ao

recorrer a esse momento histórico, aonde as culturas indígenas se chocaram de modo desigual, com a cultura europeia, é recorrer não a uma delimitação geográfica para a análise que se quer. Buscar e percorrer o entendimento de uma educação indígena, nesse caso Guarany, nos possibilita entender que havia (e há, naqueles e naquelas que sobrevivem até hoje com sua força étnica) uma metodologia que possibilita a educação e a formação desses povos. Voltarmos ao período inicial da colonização da Europa é voltar para onde as culturas indígenas estavam, sem obstáculos, exercendo o seu modo de vida aqui, no chamado Novo Mundo, que de novo não tinha nada, a não ser para a brutalidade dos invasores, que através do discurso “exótico” aplicado às populações, fauna e flora, exploraram e exploram até o presente momento a América Latina, como nos alertou Evo Morales, atual presidente da Bolívia:

Aqui eu, descendente dos que povoaram a América há quarenta mil anos, vim encontrar os que a encontraram há somente quinhentos anos. Aqui pois, nos encontramos todos. Sabemos o que somos, e é o bastante. Nunca pretendemos outra coisa. O irmão aduaneiro europeu me pede papel escrito com visto para poder descobrir aos que me descobriram. O irmão usurário europeu me pede o pagamento de uma dívida contraída por Judas, a quem nunca autorizei a vender-me. O irmão rábula europeu me explica que toda dívida se paga com bens ainda que seja vendendo seres humanos e países inteiros sem pedir-lhes consentimento. Eu os vou descobrindo. Também posso reclamar pagamentos e também posso reclamar juros. Consta no Archivo de Indias, papel sobre papel, recibo sobre recibo e assinatura sobre assinatura, que somente entre os anos 1503 e 1660 chegaram a San Lucas de Barrameda 185 mil quilos de ouro e 16 milhões de quilos de prata provenientes da América. Saque? Não acredito! Porque seria pensar que os irmãos cristãos pecaram em seu Sétimo Mandamento. Espoliação? Guarde-me Tanatzin de que os europeus, como Caim, matam e negam o sangue de seu irmão! Genocídio? Isso seria dar crédito aos caluniadores, como Bartolomé de las Casas, que qualificam o encontro como de destruição das Indias, ou a radicais como Arturo Uslar Pietri, que afirma

que o avanço do capitalismo e da atual civilização europeia se deve à inundação de metais preciosos! Não! Esses 185 mil quilos de ouro e 16 milhões de quilos de prata devem ser considerados como o primeiro de muitos outros empréstimos amigáveis da América, destinado ao desenvolvimento da Europa. O contrário seria presumir a existência de crimes de guerra, o que daria direito não só de exigir a devolução imediata, mas também a indenização pelas destruições e prejuízos. Não. Eu, Evo Morales, prefiro pensar na menos ofensiva destas hipóteses. Tão fabulosa exportação de capitais não foram mais que o início de um plano 'MARSHALLTESUMA', para garantir a reconstrução da bárbara Europa, arruinada por suas deploráveis guerras contra os cultos muçulmanos, criadores da álgebra, da poligamia, do banho cotidiano e outras conquistas da civilização. Por isso, ao celebrar o Quinto Centenário do Empréstimo, poderemos perguntar-nos: Os irmãos europeus fizeram uso racional, responsável ou pelo menos produtivo dos fundos tão generosamente adiantados pelo Fundo Indoamericano Internacional? Lastimamos dizer que não. Estrategicamente, o dilapidaram nas batalhas de Lepanto, em armadas invencíveis, em terceiros reichs e outras formas de extermínio mútuo, sem outro destino que terminar ocupados pelas tropas gringas da OTAN, como no Panamá, mas sem canal. Financeiramente, têm sido incapazes, depois de uma moratória de 500 anos, tanto de cancelar o capital e seus fundos, quanto de tornarem-se independentes das rendas líquidas, das matérias primas e da energia barata que lhes exporta e provê todo o Terceiro Mundo. Este deplorável quadro corrobora a afirmação de Milton Friedman segundo a qual uma economia subsidiada jamais pode funcionar e nos obriga a reclamar-lhes, para seu próprio bem, o pagamento do capital e os juros que, tão generosamente temos demorado todos estes séculos em cobrar. Ao dizer isto, esclarecemos que não nos rebaixaremos a cobrar de nossos irmãos europeus as vis e sanguinárias taxas de 20 e até 30 por cento de juros, que os irmãos europeus cobram dos povos do Terceiro Mundo. Nos limitaremos a exigir a devolução dos metais preciosos adiantados, mais o módico juro fixo de 10 por cento, acumulado somente durante os últimos 300 anos, com 200 anos de graça. (MORALES, 2013)

Buscar as raízes da pedagogia latino-americana não é excluir os saberes e conhecimentos das pedagogias europeias, asiáticas, africanas ou

das pedagogias norte-americanas, mas é entender que nas contradições aqui existentes, nas dificuldades que assolam os países subdesenvolvidos e no processo exploratório imposto em meio milênio para nossa América, houve a necessidade de particularmente encontrarmos os nossos elos, que possibilitem o fortalecimento de nossa identidade.

Entendemos que, por ser herdeira de uma determinada formação histórica e cultural, forjou-se nesta parte do mundo um pensamento com algumas características próprias em princípio, nem melhor nem pior que o pensamento em outros lugares. Mas é um pensamento que, em meia a fugacidade das ideias de fora que, como ondas, se sucedem em modas, busco encontrar raízes por onde continua subindo a seiva que, mesmo imperceptível, continua alimentando práticas e esperanças. (MORETTI; ADAMS, 2010, p. 20).

Antes de pensarmos em uma realidade subdesenvolvida ou de terceiro mundo, é importante que ressaltemos os constructos epistemológicos daqui, desse continente que por mais que seja subalternizado, é o continente que também foi saqueado, fizeram-no miserável, não está subdesenvolvido por natural processo, mais por violenta dominação, onde os mesmos dominadores mantêm-se sacralizados economicamente e tidos como civilizados. Para isso, é necessário voltarmos nas bases de nossa América Latina, e refletirmos em sua resistência e em seus movimentos, para que suas pedagogias sejam expoentes o bastante para a superação das contradições e para que se potencialize a emancipação.

A ciência e a tecnologia são necessárias para o processo de libertação das nações e das classes periféricas e populares. Mas o pior peso para a inteligência e o desenvolvimento são os cientificistas que importam ciência pretensamente incontaminada (na pretensão se baseia o seu cientificismo e em seu desajustamento a incapacidade de serem viáveis), e os tecnologistas que pregam a necessidade de importar tecnologia (e com isso introduzem uma técnica estranha, critérios prático-políticos, econômicos e poéticos que são os que

causam essencialmente o neocolonialismo responsável pelo subdesenvolvimento da periferia mundial), em vez de inventar ou redesenhar com critérios práticos e poéticos nacionais, próprios, populares. As ideologias metódicas são as mais ideológicas, porque fundamentam cientificamente a práxis da dominação. O cientista que não consegue articular realmente o exercício de sua ciência com os condicionamentos efetivos e dialéticos da política, descobrir sua autonomia relativa, e que não sabe ouvir claramente as interpelações que o povo oprimido lança contra o sistema, é um cientificista. Exerce ciência, é verdade, mas para encobrir e justificar a dominação que o centro e as classes opressoras exercem sobre as nações periféricas e os povos oprimidos. (DUSSEL, 1977, p. 172)

O filósofo argentino Enrique Dussel nos alerta que ainda mais no caso da América Latina na tentativa de superação de nossas contradições, o desenvolvimento científico também deve estar articulado com as camadas populares mais pobres, do mesmo jeito que se configuram como oprimidos, mas que são aqueles que diariamente de colocam na luta no enfrentamento, na resistência e na postura de desafiar aquilo que se coloca como hegemônico e insuperável, na garantia diária pelos seus direitos. A ciência, e nesse caso a educação, que não consegue auxiliar na emancipação dos povos latino-americanos, age num viés de encobrimento das dominações, justificando o injustificável, e nessa conscientização que está muito mais para o convencimento a favor de quem oprime e para a alienação.

O eurocentrismo não é exclusivamente, portanto, a perspectiva cognitiva dos europeus, ou apenas dos dominantes do capitalismo mundial, mas também do conjunto dos educados sob a sua hegemonia. E embora isso implique um componente etnocêntrico, este não o explica, nem é a sua fonte principal de sentido. Trata-se da perspectiva cognitiva durante o longo tempo do conjunto do mundo eurocentrado do capitalismo colonial/moderno e que naturaliza a experiência dos indivíduos neste padrão de poder. Ou seja, fá-las entender

como naturais, conseqüentemente como dadas, não suscetíveis de ser questionadas. (QUIJANO, 2010, p.86)

É necessário entender que o próprio eurocentrismo “educou” as suas colônias de uma forma muito rígida, ao ponto em que, é difícil se ver com os próprios olhos. É mais fácil se ver a partir da lógica do civilizador e do conquistador, do que conseguirmos nos entender e perceber como seres humanos capazes de pensarmos por nós mesmos as nossas próprias realidades. Porém, esse descolonizar que está presente também na perspectiva da educação popular, tem forte relação com a construção de lutas e de resistência aos pensamentos que nos engessam. O professor e pesquisador Gomercindo Ghiggi nos alerta sobre essa luta que deve ser travada, pela concepção de Frantz Fanon, filósofo martiniquense engajado pela libertação e pela descolonização de povos do Terceiro Mundo:

Orientadas pela Pedagogia da “Colaboração Muscular” fanoniana, as pessoas, sob a égide da colonização, movem-se pela leitura política de seu mundo, propondo-se a desencadear uma luta que necessariamente passe pelos anúncios de libertação, como objetivo de elaborar o resgate histórico, no presente e no passado sofrido, e se abra aos sonhos possíveis de um mundo radicalmente humanizado. Desse modo, um caminho é apontado: participação popular na ação do homem todo e de todo o homem. Tal ação só tem um nome: *combate*. Com efeito, o pensar, o sonhar, o falar e o agir do colonizado apontam para o acirrado combate contra os opressores. Nesta ótica a pedagogia de Fanon pode ser caracterizada como imperativamente de “colaboração muscular”, como veremos adiante, pedagogia esta que aponta para a luta em elaboração conjunta (ensinante e aprendente) com os explorados, os oprimidos, os sem voz e os sem vez. Trata-se de uma ação colaborativa inserida na construção do sonho de libertação dos *condenados da Terra*. (GHIGGI; KAVAYA, 2010, p. 382)

Reafirmo nesse viés, que as pedagogias latino-americanas, possuem envergadura teóricas e metodológicas, que nos levam à práxis, a

transformação de nosso mundo, a transformação de nossa realidade, e por isso, é necessário entender as seus desdobramentos e suas influências para a construção de possibilidades emancipatórias e humanizantes. Além de que essas concepções, auxiliaram a construção da educação popular, tanto na América Latina como um todo, quanto aqui no Brasil, em especial nas práxis de Paulo Freire.

3

Educação popular

Soy el desarrollo en carne viva
Un discurso político sin saliva
Las caras más bonitas que he conocido
Soy la fotografía de un desaparecido
La sangre dentro de tus venas
Soy um pedazo de tierra que vale la pena
Una canasta com frijoles, soy Maradona contra Inglaterra
Anotándote dos goles
Soy lo que sostiene mi bandera
La espina dorsal del planeta, es mi cordillera
Soy lo que me enseñó mi padre
El que no quiere a su patria, no quiere a su madre
Soy América Latina, um pueblo sin piernas, pero que camina.
(Calle13 – Latinoamerica)

É quase incabível, ou até mesmo desrespeitoso, que ao trabalharmos e refletirmos sobre a Educação Popular deixemos de mencionar o continente latino-americano e o trabalho árduo e contundente de Paulo Freire. A América Latina, que por mais que hoje se encontre sob a lógica dos países mais ricos do mundo como subdesenvolvida, é desenvolvidíssima e riquíssima, e por mais que haja inúmeras desigualdades e contradições, os países que a compreendem seguem resistentes e confiantes por alternativas que possibilitem o seu desvencilhar das inúmeras artimanhas e subterfúgios impostas pelo neoliberalismo, e com muita fibra prosseguem “peitando” o FMI, o Banco Mundial, a União Europeia, a OTAN, a ALCA e dentre outras entidades governamentais ou não, mas que possuem o

mesmo objetivo, que é prostrar nações e povos perante o capital. Ressalto aqui, que a maioria desses países desenvolvidos que impõem cerceamentos e imposições aos países subdesenvolvidos, são os principais causadores da pobreza, da miséria e outras desigualdades existente nas regiões periféricas do globo (para usar uma expressão dos países do Norte), pois o saque e o roubo das riquezas naturais somados à escravização e o genocídio das populações, encabeçado pelos países “civilizados” da Europa durante a colonização e estendida pelo imperialismo, perpetuaram a destruição da América Latina, Caribe, África e Ásia, mantendo-os como subdesenvolvidos, ao passo que Europa e a América do Norte, mantem-se como desenvolvidas, como que se sua riqueza fosse algo natural, e ao mesmo tempo, subalternizando e marginalizando através de políticas xenófobas as populações que se encontram em situações de pobreza,. Pobreza essa que eles mesmo criaram. E por mais que o horizonte de lutas e resistências seja projetado com muito suor e sangue, é necessário cada vez mais afirmar como um mantra o “nada deve parecer impossível de mudar” de Bertold Brecht (1898 – 1956), e com muita esperança construirmos as condições necessárias para a nossa emancipação.

Por isso, que nesse quadro de reivindicações latino-americanas, Paulo Freire se mostrou imprescindível para que a Educação Popular viesse questionar o quadro de desumanizações em que a população brasileira e de outros países encontrava-se, e nessa senda de práxis, descobriu junto com outras educadoras e educadores que a omissão por parte dos governantes era o principal *modus operandis* por essas bandas latino-americanas. O analfabetismo, no caso do Brasil, era umas das principais causas que bloqueavam as transformações políticas e sociais, e mantinham as populações engessadas em realidades desiguais, opressoras, arbitrarias e autoritárias.

Com base nessa realidade, Paulo Freire implementou um método de alfabetização que revolucionariamente permitiu com que várias pessoas conseguissem interpretar as próprias realidades e, conseqüentemente, a ler e a escrever.

Em 1961, Paulo Freire realizou com sua equipe as primeiras experiências de alfabetização popular em Pernambuco, que levariam à constituição do Método Paulo Freire. Foram alfabetizados trezentos cortadores de cana em apenas 45 dias. Em 1964, o governo João Goulart aprovou a multiplicação das primeiras experiências de Paulo Freire num Plano Nacional de Alfabetização, que previa a formação de educadores em massa e a rápida implantação de vinte mil núcleos – os Círculos de Cultura – em todo o País. Com o golpe militar, o Plano foi extinto em 14 de abril e Paulo Freire ficou preso por setenta dias, acusado de traição. Foi para o exílio, primeiro para a Bolívia, depois para o Chile, onde escreveu *Educação como Prática para a Liberdade* e sua obra-prima, *Pedagogia do Oprimido*, livro publicado no Brasil apenas em 1974, vários anos após sua publicação em outras línguas. Daí foi para o mundo, Estados Unidos e, finalmente, Genebra, Suíça. Ficou no exílio por dezesseis anos, retornando ao Brasil em 1980. (HECK, 2012, p. 32).

Paulo Freire não surgiu do nada, mas surgiu de tudo! Mas como assim de tudo? Paulo Freire estava “enfiado” na realidade latino-americana, onde homens e mulheres faziam e fazem das suas vidas uma síntese de resistências cotidianas, sobrevivendo do trabalho precário, do subemprego e das más condições que os submetem a inúmeras situações perigosas, rodeadas de ilegalidades. O educador pernambucano possuía a consciência que era impossível projetar uma transformação educacional nesse país, sem antes resolver problemas tão profundos que eram compreendidos como naturais, como se “deus quisesse assim e ponto final”. Freire entendeu que a realidade desigual e sub-humana em que se encontravam as populações que viviam nos mocambos, precisava mudar, mas isso não

aconteceria efetivamente sem a participação desses sujeitos que ali se encontravam, sem ouvir suas demandas, sem atentar para as suas necessidades, uma transformação baseada no “com” e não “para”. Essa máxima, que se constitui como a base teórica na compreensão do que se configurou e se configura como o pensamento freiriano, se estende a todas as realidades daqueles e daquelas que vivem marginalizados, ou como dizia Frantz Fanon (1925-1961), “Os Condenados da Terra”. Só seria possível uma real transformação e libertação dos oprimidos, se esses homens e essas mulheres participassem da construção dessa liberdade, pois somente eles mesmos compreendiam e compreendem as situações de opressão:

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista de falsa generosidade. (FREIRE, 2016, p. 65).

O pensamento de Freire propõe um “rasgo” na intelectualidade idealista e se acopla com o pensamento marxista ao posicionar-se na perspectiva que a transformação do mundo não se dá pela transformação do modo de pensar pura e simplesmente. Mas a transformação virá pela transformação do mundo e da realidade onde os oprimidos estão fincados. Por isso que na obra *Pedagogia do Oprimido* (1968), Paulo Freire com base em sua experiência como educador e na sua envergadura filosófica afirma que “pedagogia do oprimido: é aquela que tem de ser forjada *com* ele e não *para* ele” (p. 65). Essa reflexão levaria a um entendimento contra hegemônico, aonde as opressões e desigualdades que sufocam as camadas

populares, são suscetíveis de superação, ao mesmo tempo em que se constrói junto aos homens e mulheres o entendimento que eles e elas estão condicionados, e não determinados a alienação, a opressão e as demais condições que os impedem de *Ser Mais*. Mas se essa concepção de mundo é uma catapulta para a transformação do mundo e conseqüentemente para a libertação das mulheres e dos homens, ao mesmo tempo ela é perigosíssima e inconveniente para os dominadores. Por isso que o trabalho que foi desenvolvido nos Círculos de Cultura foi revolucionário no entendimento do ex-presidente João Goulart junto a outros grupos mais progressistas, mas extremamente subversivo para os grupos militares conservadores, aliados a determinados grupos norte-americanos interessados no controle político da América Latina. Ao mesmo tempo em que, a metodologia desenvolvida na práxis de Paulo Freire e de sua equipe foi contundente o bastante para ser colocado como Plano de Educação Nacional de um governo mais à esquerda, porém, era também atormentador e trazia apuros para as classes dominantes e para os grupos mais conservadores que apoiaram o Golpe de 1964.

A proposta freiriana que foi barrada no Brasil, mas que repercutiu pela América Latina e depois por vários lugares pelo mundo, se configura em um prisma de *humanização*, que almejava segundo Paulo Freire, a conquista da humanidade roubada através da alienação, da exploração e da opressão, e essa humanização se baseia na afirmação desses homens e mulheres como pessoas, e não como coisas, já que os opressores, através do modo de produção capitalista, mantinham e mantém a maior parte da população enclausurada em uma vocação prescrita, aonde o mesmo filósofo afirma que “toda prescrição é a imposição da opção de uma consciência à outra.” (FREIRE, 1968, p. 68). Nessa prescrição há um espaço suficiente para um cabedal de engrenagens que fazem funcionar o autoritarismo, a arbitrariedade e outras inclemências contra a *emancipação*.

É necessário neste momento entender o conceito de emancipação em Paulo Freire, pois o mesmo conceito irá *sulear* o desenvolvimento dessa pesquisa, por isso é imprescindível a compreensão também do “lugar” teórico que o mesmo educador e filósofo se embasa para com confiança fundamentar a sua ação e a sua prática, e logo depois as suas obras. O *Dicionário Paulo Freire* (2010) ao discorrer sobre emancipação nos diz que:

A emancipação humana aparece, na obra de Paulo Freire, como uma grande conquista política a ser efetivada pela práxis humana, na luta ininterrupta a favor da libertação das pessoas de suas vidas desumanizadas pela opressão e dominação social. As diferentes formas de opressão e de dominação existentes em um mundo apartado por políticas neoliberais e excludentes não retiram o direito e o dever de homens e mulheres mudarem o mundo, através da rigorosidade da análise da sociedade, com vivências de necessidades materiais e subjetivas que contemplem a festa, a celebração e a alegria de viver (FREIRE, 2000). O processo emancipatório freiriano decorre de uma intencionalidade política declarada e assumida por todos aqueles que são comprometidos com a transformação das condições e de situações de vida e existência dos oprimidos, contrariamente ao pessimismo e fatalismo autoritário defendidos pela Pós-Modernidade, como aponta o professor Jaime José Zitkoski (2006), e ao mecanismo etapista do marxismo ortodoxo, que afirma o processo de transformação social como sendo “certo” e “inevitável”. (MOREIRA, 2010, p.146).

A afirmativa acima, baseada e respaldada pelo pensamento de Freire, nos indica a permanência constante que tal pensador faz em perceber a realidade suscetível de transformações com a perspectiva da libertação dos homens e das mulheres, ao mesmo tempo em que se constituem como sujeitos de seu processo emancipatório. A emancipação em Paulo Freire, ou a emancipação humana para ser mais exato, é a negação do determinismo, é uma declaração de resistência e ultraje à resignação. Através da emancipação em Paulo Freire, compreendemos com maior lucidez que o

cerne de sua práxis, assim como de sua filosofia, é que por mais que as pessoas estejam limitadas e oprimidas, há uma possibilidade de, ao assumir um comprometimento político com a sua existência e deixando de lado as ingenuidades de que a libertação virá de modo inevitável, os homens e as mulheres caminham em direção às suas vocações ontológicas, que é o Ser Mais. Por isso que a Educação Popular, por estar encharcada de intencionalidades políticas e de transformações, construiu e constrói alternativas e probabilidades na direção da emancipação humana:

No livro *Pedagogia do Oprimido* (1991), Paulo Freire defende uma pedagogia para homens e mulheres se emanciparem, mediante uma luta pela libertação, que só faz sentido se os oprimidos buscarem a reconstrução de sua humanidade e realizarem “ a grande tarefa humanística e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores “ (p.30). Essa libertação de todos é, para Freire, um verdadeiro “parto”, do qual nascem homens e mulheres “novos”, em relações de liberdade, igualdade e emancipação. Nesse processo histórico, a educação popular contribui enquanto um instrumento e um espaço necessário para a construção de processos de libertação, diante da problematização e reflexão crítica inseridas na realidade das pessoas e das classes oprimidas. Dessa forma, o educador comprometido com a construção de um projeto político transformador constrói a sua docência voltada para a autonomia do educando, valorizando e respeitando a sua cultura e o seu acervo de conhecimentos empíricos juntos à sua individualidade (FREIRE, 1997a). (MOREIRA, 2010, p.146)

A emancipação em Freire é esse “parto”, ou seja, é a superação dessas contradições existentes, e isso está diretamente ligado a um *quefazer* que é permanente, na medida que é a libertação tanto dos oprimidos quanto dos opressores. Por isso que, a Educação Popular está intrinsecamente acooplada com a emancipação e a humanização na concepção teórica e metodológica freiriana, mesmo que a mesma sozinha não consiga construir uma sociedade emancipada, mas está engajada nisso:

A educação, sozinha, não tem condições de construir uma sociedade emancipada. A exclusão social, a globalização econômica e as políticas neoliberais excludentes consolidam, em nível nacional e mundial, um capitalismo que “amplia a sua capacidade de produção de mercadorias, acúmulo de capital e geração de riquezas” (ZITKOSKI, 2007). Nesse sentido, o trabalho de formação da educação popular também deve exercitar processos de emancipação individual e coletiva, estimulando e possibilitando a intervenção no mundo, a partir de um sonho ético-político da superação da realidade injusta. Tal intervenção se dá num fazer cotidiano e também histórico, atravessado de desafios, utopias, sonhos, resistências e possibilidades. (MOREIRA, 2010, p. 146).

Todas essas proposições teóricas em Freire sejam sobre emancipação ou de outra categoria que trabalhe na superação das restrições que impedem as pessoas de virem a ser o que devem ser como sujeitos históricos, consolidam uma responsabilidade na Educação Popular que deve ser construída no cotidiano da docência das educadoras e educadores populares, nos espaços de formação e de discussão, que se encontram então fincados nesse viés de transformação social, ao trabalharem e refletirem de forma crítica junto aos educandos e educandas.

Nessa convergência, a produção deve ser prolífica, pois a construção epistemológica da Educação Popular é uma construção de protagonismos utópicos, de resistências desafiadoras e anticapitalistas, portanto, esse processo não é rápido e requer fôlego e paciência histórica. A emancipação em Paulo Freire, em muito se encontra no conceito de emancipação que Karl Marx (1818-1883) desenvolveu no século XIX em contraponto a “liberdade” que o liberalismo pregava e que gerava tamanho fascínio intelectual.

De acordo com a perspectiva liberal clássica, a liberdade é a ausência de interferência ou, ainda mais especificamente, de coerção. Sou livre para fazer aquilo que os outros não me impedem de fazer. O marxismo é herdeiro de uma concepção mais rica e mais ampla de liberdade como autodeterminação que tem origem no pensamento de filósofos como Spinoza, Rousseau, Kant e Hegel. Se,

em geral, a liberdade é a ausência de restrições às opções disponíveis para os agentes, pode-se dizer que a tradição liberal tende a oferecer uma interpretação muito limitada sobre quais possam ser essas restrições (entendendo-as muitas vezes apenas como interferências deliberadas), sobre quais sejam as opções relevantes (restringindo-as frequentemente àquilo que os agentes na verdade concebem ou escolhem) e sobre quem são os próprios agentes (vistos como indivíduos isolados que perseguem seus fins concebidos independentemente, sobretudo no mercado). O marxismo propõe noções mais amplas das restrições e opções relevantes bem como da ação humana. Mais especificamente, Marx e os marxistas tendem a ver a liberdade em termos da eliminação dos obstáculos à emancipação humana, isto é, ao múltiplo desenvolvimento das possibilidades humanas e à criação de uma forma de associação digna da condição humana. Entre esses obstáculos, destacam-se as condições do trabalho assalariado. Como Marx escreveu em *A ideologia alemã*, “as condições de sua vida e trabalho, e, com elas, todas as condições de existência da sociedade moderna, tornaram-se (...) algo sobre que os proletários individuais não têm controle e sobre que nenhuma organização social lhes pode proporcionar esse controle” (vol. I, IV, 6). Para superar esses obstáculos é necessária uma tentativa coletiva, e a liberdade como autodeterminação é coletiva no sentido de que consiste na imposição, socialmente cooperativa e organizada, do controle humano tanto sobre a natureza como sobre as condições sociais de produção: “o pleno desenvolvimento do domínio humano sobre as forças da natureza, bem como da própria natureza da humanidade” (*Grundrisse*, Caderno V, Ed. Penguin, p.488). Tal domínio só se realizará completamente com a substituição do modo de produção capitalista por uma forma de associação na qual “é a associação de indivíduos (supondo-se uma etapa adiantada do desenvolvimento das forças produtivas modernas, é claro) que submete as condições do livre desenvolvimento e movimento dos indivíduos sob o controle destes”. Só então, “dentro da comunidade terá cada indivíduo os meios de cultivar seus dotes e possibilidades em todos os sentidos” (*A ideologia alemã*, vol. I, IV, 6). Como seria essa forma de associação que compreende o controle coletivo, a associação ou comunidade, o desenvolvimento das múltiplas individualidades e a liberdade pessoal, Marx e Engels jamais o disseram. Nem examinaram os possíveis conflitos entre esses valores, ou entre eles e outros. O marxismo tende a tratar as considerações sobre tais questões como “utópicas”. Mas essa

visão da emancipação é, evidentemente, parte integrante de todo o projeto marxista. (BOTTOMORE, 1988, p.182)

Tanto a concepção freiriana como a marxista de emancipação, não nos permite com que trabalhem com ingenuidades na construção da libertação dos homens e das mulheres. É preciso destruir a inocência e a puerilidade de nossa consciência para que deixemos de lado tudo aquilo que nos ludibria. Isso começa pela negação do pensamento liberal clássico (como afirmado no excerto acima) que é raso nas restrições que são impostas para humanidade que vive sobre a lógica capitalista.

Pela concepção liberal, se não há coerções, constrangimentos, censuras ou perturbações, eu sou livre e o restante da humanidade também o é. Em Marx, compreendemos de uma vez por todas que as restrições, os condicionamentos e os obstáculos para com desenvolvimento humano está muito mais enraizado do que pensamos, e que a libertação das pessoas é algo complexo, principalmente porque as relações em que o capital submergiu as mulheres e os homens é profunda demais. A liberdade em Marx, para o pensamento marxiano e para os marxistas, também não é algo “inevitável” que acontecerá de um modo natural, não, pois ela só será conseguida a partir da imposição coletiva e da tomada dos meios de produção, que deve ser seguida da superação do capitalismo como modo de produção, pois o mesmo alterou dentre outras coisas, a natureza da humanidade. Em Marx, a cooperação substitui a livre concorrência, que visa o acúmulo de capital, e esse mesmo, explora e oprime, destruindo todas as relações de solidariedade e reciprocidade entre os homens e as mulheres, imprescindível para a emancipação. Por isso, a concepção teórica em Freire sobre emancipação, se conecta na de Marx, principalmente por essa via esperançosa de libertação da humanidade na transformação de sua realidade, e não numa transformação idealista, pois a vitória sobre a

alienação e sobre a opressão vem com a concretude de sua vocação ontológica, vocação que foi negada, e como demarca Paulo Freire (2016, p. 62) “mas afirmada no anseio de liberdade, de justiça, de luta dos oprimidos, pela recuperação de sua humanidade roubada”.

3.1 Educação popular hoje.

É no contexto de contradições, e das mais variadas desigualdades, que a Educação Popular se configurou como epistemologia (podemos falar em epistemologias, tendo em vista as mais variadas experiências em Educação Popular firmadas pelos mais variados sujeitos nos mais distintos espaços) de resistência nas lutas pela construção de não somente uma educação de viés crítica, reflexiva e emancipatória, mas também na luta por uma sociedade que superasse as suas discrepâncias, aonde homens e mulheres constatando as opressões que os mantêm submissos a uma lógica de dominação, dialeticamente, transformam o mundo em que estão, superando as limitações e condicionamentos existentes. Por possuir uma relação intrínseca com a transformação dos sujeitos, nas suas mais variadas metodologias, a educação popular se constitui teoricamente para a emancipação das mulheres e dos homens, entendendo assim que, essa mesma emancipação aponta para o surgimento de protagonismos dos sujeitos, que nesse viés se colocam em contraponto com a lógica do capital, do neoliberalismo e das colonialidades, que mantêm os ditos países subdesenvolvidos sobre a égide de subalternização dos países desenvolvidos.

Por isso, primeiramente, a educação popular se posiciona numa perspectiva contrária à do capital, comprometendo-se com o trabalho, ao entender que o mesmo é imprescindível na transformação dos homens e das mulheres, e na sua relação com o mundo.

No exercício de fazer um movimento em direção à História da Educação Brasileira, pode-se perceber que a Educação Popular (Brandão, 2002), a Educação do Campo (Caldart et alii, 2004), a Pedagogia do Oprimido ou a Educação Como Prática da Liberdade (Freire, 1987) e a Pedagogia Histórico-Crítica (Saviani) possuem um mesmo direcionamento: colocar a educação na perspectiva da emancipação humana; por isso mesmo, na relação com a totalidade social o compromisso dessas proposições educativas é com o trabalho e não com o capital (PALUDO, 2013, p.64)

Entendo, porém, que a EP que se desenvolveu no contexto brasileiro, se colocou na perspectiva contra hegemônica, assim como a que foi colocada em prática em outros países da América Latina e da África, já que a partir da segunda metade do século XX entende-se que a educação que iria propor uma transformação, seria uma educação que contemplasse as populações que compreendem essas realidades, acrescentando à isso o entendimento que, no caso da América Latina com mais contundência, a partir da década de 60, instaurou-se as ditaduras militares que sugeriu as camadas populares que se articulassem em contraponto à esses regimes autoritários, e é nesse período de crueldades e aberrações políticas que a EP constituiu-se como alternativa, possibilitando então não somente o conhecimento das populações como base epistemológica para o desenvolvimento da mesma, mas também, a possibilidade dos homens e das mulheres que viviam em submissão, se auto realizarem no campo político, pois a educação popular transformadora, emancipadora e libertadora está encharcada de possibilidades políticas. Nesse *entreviro* de resistências é que a educação popular conseguiu *sulear* a criação responsável e criativa de alternativas esperançosas no âmbito da reconstrução da redemocratização da América Latina.

A primeira delas, de certa forma determinante, tem a ver com as mudanças na organização política na América Latina das quais a educação popular foi

protagonista. Havendo se desenvolvido na década de 1950 e 1960, num momento de emergência das massas, a educação popular não só sobreviveu ao período de ditaduras, mas, no embate contra elas, foi desenvolvendo características que a tornaram uma proposta pedagógica distinta. (STRECK, 2013, p. 358).

Compreendo por esse viés, que a mesma potência teórica de transformação que esteve presente no passado não distante da realidade latino-americana, também é capaz de transformar as dificuldades atuais da nossa frágil democracia, em incólumes estruturas que possam resistir contra a mercantilização de todas as coisas que o mundo inteiro vem sofrendo com o avanço do governo do capital. Por isso que, Carlos Rodrigues Brandão (2009) ao se posicionar sobre a educação popular e tentar defini-la, afirma que a mesma “emerge como movimento político de trabalho com as classes populares por meio da educação” (p. 27), e essa afirmação nos ajudará muito na discussão que farei junto dos autores e autoras que trago e dos sujeitos que me auxiliarão a responder os questionamentos dessa pesquisa.

Ao emergir como movimento político, a EP nos traz a noção de seriedade vivida cotidianamente por essas populações, que ao fazer na sua realidade “das tripas o coração”, por vezes compreendem as opressões e por vezes não, e mesmo que compreendam, não entendem que em si mesmas há a capacidade organizativa de lutar por sua emancipação. A educação popular ao ser um processo educativo dialético, constrói propostas junto aos sujeitos que possam desafiar as *situações-limites* existentes nas suas próprias realidades.

Em ese sentido, permitan dar um marco a esta presentación, em lacual, em um primer momento, plantearé que la educación popular es hoy una propuesta educativa com um acumulado propio, en que la saca de la acción intencionada em grupos sociales populares para convertirla em uma actuación

intencionadamente política em la sociedade para transformar y proponer alternativas educativas e sociales desde los intereses de los grupos populares, evitando caer em el utopismo educativo y pedagógico que cree que solo cambiando su educación se transforma la sociedade y hace consciencia de que si no cambia la educación, será imposible transformar la sociedad. (MEJÍA J., 2013, p. 369).

A Educação Popular nos impede de cair no erro de acreditarmos que ao mudarmos somente a educação transformaremos o mundo em que estamos, pois isso é “utopismo” como nos é afirmado, porém, acreditamos que deixar de transformar a educação também nos deixará na beira do caminho. Como se articula a EP então? Se articula na concepção de que ao ser uma educação política, e caminhar em um processo de convergência entre educadoras/educadores e educandos/educandas, proporá em suas mais diversas territorialidades e particularidades, alternativas no campo da transformação, e estará em profunda ligação com as intervenções individuais e coletivas, possibilitando assim, a construção e o entendimento de que os protagonismos são importantíssimos na consolidação de sujeitos históricos.

Portanto, esses sujeitos históricos, surgem do rompimento com suas mediocridades e exiguidades, e esses sujeitos, homens e mulheres, descobrem-se como não donos de suas histórias, de suas vidas e de suas existências, e em cima disso, problematizam-se:

Mais uma vez os homens, desafiados pela dramaticidade da hora atual, se propõem a si mesmos como problema. Descubrem que pouco sabem de si, de seu “posto no cosmos”, e se inquietam por saber mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões desta procura. Ao se instalarem na quase, senão trágica, descoberta do seu pouco saber de si, se fazem problema a eles mesmos. Indagam. Respondem, e suas respostas os levam a novas perguntas. (FREIRE, 2016, p.61)

No entendimento de Paulo Freire, o conhecimento e o saber não é algo que está centralizado na figura do educador ou da educadora, mas nesse processo de educação transformadora, que é a educação popular, há o reconhecimento que os homens e as mulheres possuem sim, saberes e conhecimentos, e que os mesmos, devem fazer parte da agenda dessa educação que não desconsidera, mas que compartilha do sentimento de solidariedade, e daí se constrói essa perspectiva em reciprocidade de resistência.

A própria ação de compreender os educandos e educandas como sujeitos de transformação ao lado que são capazes de construir o conhecimento, e não somente serem receptáculos de um conhecimento que lhes compete, é uma ação revolucionária e portanto, dá o sul na perspectiva da educação popular. Não pode ser educação popular se ela não é problematizadora, se não almeja os protagonismos dos sujeitos, se não trabalha na dialogicidade a partir da realidade em que se estão fincados, tantos os educadores/educadoras quanto os educandos/educandas.

É por isso, que a educação popular se configura como educação política, pois opta por aquelas pessoas que estão enclausuradas em projetos de silenciamento, desumanização e várias violências já citadas que constituem a concretude da vida das mesmas. Essa opção se dá pelo entendimento que dentro da realidade concreta dessas mulheres e homens, na luta cotidiana, para se fazer os enfrentamentos necessários e para que se conquiste a dignidade humana que lhes foi roubada, a formação política, a consciência crítica e a contestação é imprescindível.

É como homens que os oprimidos têm de lutar e não como “coisas”. É precisamente porque reduzidos a quase “coisas”, na relação de opressão em que estão, que se encontram destruídos. Para constituir-se é importante que ultrapassem o estado de quase “coisas”. Não podem comparecer à luta como quase

“coisas” para depois serem homens. É radical essa exigência. A ultrapassagem deste estado, em se destroem, para o de homens, em que se reconstroem, não é a *posteriori*. A luta por essa construção começa no auto reconhecimento de homens destruídos. (FREIRE, 2016, p.100).

A educação popular ao se comprometer com os processos de emancipação e de humanização dos sujeitos puxa para si essa tarefa de construção, que vai da constatação e do entendimento por parte das camadas populares de que são quase coisas até a humanização, movimento árduo, mas que em sua metodologia encontra a esperança necessária que faz caminhar até a efetivação e a ratificação da libertação em coletividade. Não é por acaso, que as experiências em educação popular são as mais variadas na América Latina e principalmente no Brasil, aonde desafiou e desafia as imposições do autoritarismo governamentais ou do próprio assalto que o capital faz as instituições educacionais. Pois há uma mescla de fascismo com neoliberalismo que nos desafia na atualidade a empreender posicionamentos de resistência cada vez mais propositivos, e entendo nesse viés que a educação popular, ao se posicionar como prática política e pedagógica emancipadora, conseguirá projetar vários contrapontos as variadas dominações existentes. Como escreveu Antonio Gramsci (1891-1937) em *Cadernos do Cárcere*, “O velho mundo agoniza, um novo mundo tarda a nascer, e, nesse claro-escuro, irrompem os monstros” (apud MASSIAH, 2017) por isso hoje precisamos entender o nosso papel como homens e mulheres, e através da humanização e da emancipação, conseguirmos a libertação que precisamos para tornarmos suficientemente sujeitos de nossa história. É necessário então, que ao mesmo tempo em que se faz um levantamento das propostas trabalhadas e desenvolvidas por pensadores e pensadoras no passado, que também tiveram uma prática contundente, nos atualizemos das atuais experiências em educação

popular, em que pese de suas propostas emancipatórias. Certamente que a emancipação não é patrimônio exclusivo da educação popular, pois a perspectiva emancipatória está presente em muitas propostas críticas, principalmente nos movimentos sociais e semelhantes, mas a educação popular vem se constituindo através dos educadores e educadoras latino-americanas, diversas metodologias com acúmulo tal.

De fato, na educação popular existe não só um acúmulo teórico como corrente pedagógica, mas também um acúmulo de pensamento e sabedoria como movimento que anima processos formativos com populações subalternas, com suas organizações, redes e movimentos. Estas práticas não são tanto a aplicação de uma concepção educacional, mas sua recriação e reinvenção, por conta da pluralidade de contextos, temáticas e atores com os quais interage; em consequência, vêm se gerando práticas e saberes emergentes, que devem ser documentados e tornar-se objetos de reflexão, na busca da reconstrução da educação popular como pedagogia emancipadora. (CARRILLO, 2013, p.16).

A ideia, portanto, de entender a essência da educação popular e sua proposta prolífica de emancipação nesse trabalho, não cai na simples meta de criar uma receita ou uma base doutrinadora do que é ou não é a educação popular, mas sim, para que ao analisarmos sobre a problemática lançada em forma de questionamento “a educação popular contribui para a emancipação e a humanização das juventudes na cidade?”, possamos compreender o desenvolvimento do Paidéia como proposta emancipadora na realidade concreta das juventudes que o compreendem.

3.2 A educação popular como proposta emancipadora

As populações do mundo inteiro, precisam de forma emergencial, de uma concepção (ou de concepções) que possibilite, ao mesmo tempo em que resiste, uma transformação da realidade e da lógica hegemônica atual do capital, que submete a maior parte da população em direção à um

abismo. No caso da América Latina, principalmente, pois há um condicionamento a partir de lógicas que pretendem submeter-nos a uma condição cada vez mais de subordinação frente ao capitalismo, ao mesmo tempo em que é importante, que estejamos condicionados cada vez mais na escala criada e defendida pelos países mais ricos do mundo, como subdesenvolvidos ou como países de terceiro mundo. Porém cabe ressaltar, que não acreditamos pura e simplesmente no idealismo que afirma que as mudanças vêm através das mudanças de pensamento somente, “mude a forma que pensa e mudaremos o mundo”, não.

Acredito que a transformação do mundo em que estamos, e de toda e qualquer lógica que nos é imposta, requer de nós a construção diária de ações e projetos que desafiem as contradições existentes e questione de modo contundente as relações que nos mantém imbricados e engessados. Por isso, acreditamos que precisamos de uma educação que nos faça pensar, e não obedecer. Uma educação, que construa e trabalhe alternativas de libertação para e na nossa realidade. Uma educação problematizadora, que dialeticamente se apoia em nossas resistências e lutas, sendo uma direção suleadora para as rupturas que construiremos.

A primeira razão refere-se ao fato de que a educação popular é uma prática educativa e uma proposta pedagógica que se situa dentro e diante dos conflitos históricos das sociedades latino-americanas. Ela surge como manifestação que questiona a ordem de quem sabe e não sabe, quem ensina e aprende, de quem manda e a quem obedece. Palavras como conscientização, libertação, *empoderamento*, humanização e emancipação, em lugares e tempos diferentes, procuram nomear os fins dessa educação. Estes dizem respeito ao destino da sociedade e ao tipo de mundo que pretendemos construir e por isso precisam estar na pauta de nossas discussões. (PITANO et al. 2014, p.22)

Como questionamento, às atuais estruturas políticas e sociais, a educação popular vem se configurando com uma postura rigorosa, porém

aberta as novas identidades que precisam de uma teoria que construa uma prática de transformação. De igual modo, prosseguimos na reflexão que os autores nos sugerem, buscando nas raízes do pensamento libertador da América Latina, os elementos centrais dessa concepção pedagógica latino-americana.

Uma segunda razão, ligada à primeira, é que a educação popular se constitui como uma prática pedagógica que se alimenta das lutas de resistência e da criatividade dos povos da América Latina e, por isso, valoriza os conhecimentos aqui produzidos. Se “modas pedagógicas” se sucedem é porque talvez falte levar a sério a recomendação de José Martí que deveríamos, em nuestra América, estar abertos ao mundo, mas que o tronco deveria ser nosso. O que é esse tronco senão as culturas aqui produzidas ao longo do tempo e que criaram também suas pedagogias, ou seja, suas maneiras de ensinar e aprender, de acordo com as mais variadas visões de mundo e sua concepção de ser humano e sociedade? (PITANO et al. 2014, p.22)

Cabe então a problematização que nos faça entender a necessidade de reforçar a nossa identidade latino-americana como capaz de superar as contradições impostas no passado e no presente, que tentaram e tentam nos subjugar e nos subalternizar perante o mundo, principalmente perante os países do Norte, e digamos assim, perante o ocidente. Não é por acaso que a realidade de nossos povos possui muitas ligações com as resistências e com as lutas, que vão desde a luta por moradia, terra, trabalho, e até mesmo pelo direito de viver.

De modo geral a memória mais recente sobre a educação popular remete-nos à sua íntima relação com os movimentos sociais, com grupos e associações populares na luta contra práticas culturais e educativas *hegemonizadoras* tendo em vista a criação de uma ordem social, cultural, política e epistemológica. (PITANO et al. 2014, p.29)

A educação popular caminha nessa perspectiva de construção social, cultural, política e epistemológica. Arrisco dizer que a educação popular tem a característica e a postura de movimento social e popular, pois reivindica as pautas dos oprimidos e das oprimidas. E por isso, se articula também no constructo de saberes e de conhecimentos que já existem a priori, conectados na construção de epistemologias que desafiam a lógica hegemônica. A educação popular se configura então, com base no pensamento e na prática de pessoas que se dedicaram a pensar e praticar a mesma, numa posição em prol daqueles que estão marginalizados, desrespeitados, desamparados e submetidos ao mito do determinismo, que os impede de vir a ser humanos, estabelecendo-os como coisas. A educação popular tem lado, é o lado das oprimidas e oprimidos.

No senso comum, é recorrente atribuir o sentido de “povo” ao termo “popular”, como sinônimo de “educação para o pobre” ou de “educação de menor valor”. Ou ainda, é comum confundir educação popular com educação pública. Contudo, aqui tomamos uma posição política quanto ao termo, partilhando da definição de Brandão (1980), que não desvincula da educação popular seu sentido político e de classe, o que pressupõe: processo de libertação via conscientização e luta política. O povo beneficia-se de educação que constrói a várias mãos. Pode-se encontrar esse sentido nos escritos de Beisegel (1992), Souza (1999), Freire (1997) e Paludo (2006). (PITANO et al. 2014, p.32)

Dentro das epistemologias da educação popular cabe o entendimento que educação popular não é caridade, e sim solidariedade, no sentido em que vê aquele e aquela no processo de coisificação, como igual e semelhante, e que precisa ser auxiliado no seu processo de humanização. Nessa perspectiva de educação, cabe também uma luta de classe, porém sem prescrição, sem imposição, mas que é organizativa pelo viés da construção a várias mãos.

3.3 Conceito de trabalho

Certamente que ao pensarmos na disputa ideológica que fazemos ao lançarmo-nos ao discutir sobre o trabalho e suas principais incumbências, é preciso ressaltar a diferença que há entre o “mundo do trabalho” e o “mercado de trabalho”. Ao refletir sobre as principais diferenças, é necessário ressaltar que a lógica capitalista que se impõe no mundo atualmente, reduz o trabalho ao capital, tornando-o residual, e fazendo com que o trabalho perca sua função antropológica e ontológica na realização vital dos homens e das mulheres. Por isso, é necessário que venhamos a nos debruçar sobre as consequências de viver sobre a égide do capital, que ao reduzir o trabalho (que é condição necessária para a transformação do mundo e da realidade), reduz e torna residual as atividades e as práticas das mulheres e dos homens.

Como nos demonstra Erich Fromm (1900-1980), psicanalista, filósofo e sociólogo alemão, o conceito de trabalho em Marx, está encharcado de possibilidades de auto realizações, onde a humanidade poderá encontrar as condições necessárias para sua emancipação:

Toda la concepción de Marx de la autorrealización del hombre puede entenderse plenamente sólo em relación com su concepto del trabajo. Antes que nada, hay que observar que el trabajo y el capital no eran en absoluto para Marx unicamente categorías económicas; eran categorías antropológicas, imbuidas de un juicio de valor enraizado em su postura humanista. El capital, que es lo que se acumula, representa el pasado; el trabajo, por otra parte, es o debe ser cuando sea libre, la expresión de la vida. “Em la sociedade burguesa – disse Marx em el Manifiesto Comunista - ... el pasado domina al presente. Em la sociedade comunista el presente domina el pasado. Em la sociedade burguesa, el capital es independiente y tiene individualidad” .Aquí también sigue Marx al pensamiento de Hegel, que entendía el trabajo como “el acto de la autocreación del hombre”. El trabajo, para Marx, es una actividad no una mercancía. Marx llamó originalmente a la función del hombre “actividad

personal”, no trabajo, y habló dela “abolición del trabajo” como fin del socialismo. Después, cuando hizola diferencia entre trabajo libre y trabajo enajenado, utilizo el término “emancipación del trabajo. (FROMM, 1962, p. 50-51).

O trabalho está preso nas relações de capital, pois o mesmo capital, que é acúmulo, mantém o trabalho como subserviente, e por isso, desacopla do trabalho seu poder de autocriação, emancipação e abolição. Ao deixar de ser a “expressão da vida” como disse Fromm, o trabalho segue tendo significado na lógica capitalista, somente para o “mercado de trabalho”, aonde pautado por jornadas de trabalho cada vez maiores e por salários cada vez menores, aprisiona a humanidade em relações totalmente desiguais, ao mesmo tempo em que essa desigualdade é imprescindível para a manutenção do *status quo*. Nesse momento, quero fazer um “link” nessa perspectiva com a desigualdade que é manifestada no cotidiano da juventude mundial, pois se o mundo vive uma crise econômica, sentimos isso ainda mais no aumento do desemprego que essa mesma juventude sofre. Até meados de maio de 2014, o desemprego nos países da União Europeia estava em torno de 5,2 milhões de jovens desempregados, fazendo com que o Parlamento Europeu tomasse providências emergenciais contra as altas taxas de desemprego. O mercado de trabalho praticamente está deixando de existir para os mais jovens nos países da UE, em especial nos países como a Croácia, Grécia e Espanha. A situação é tão desigual que nesses países, um a cada dois jovens estão em situação de desemprego, o que chega a precisar que a taxa de desemprego entre os mais jovens na UE está próxima aos 23 %:

Para apoiar os jovens foram criados dois programas. A Garantia para a Juventude, aprovada pelo Parlamento em janeiro de 2013, pretende assegurar que os jovens até aos 25 anos recebem uma oferta de estudo, formação, um estágio,

uma oferta de emprego no máximo até quatro meses após terem terminado a sua educação formal. Os resultados dos 18 projetos-piloto foram conhecidos recentemente em Bruxelas. O segundo programa, a Iniciativa para o Emprego dos Jovens, apoia regiões onde as taxas de desemprego se encontrem acima dos 25% e os jovens que nem trabalhem, nem estudem (NEETs). A Comissão Europeia já adotou programas para a França e a Itália. A Polónia, Portugal e o Reino Unido, também já apresentaram formalmente os seus programas. (PARLAMENTO EUROPEU, 2014)

Os órgãos governamentais tentam fazer algumas mudanças paliativas que contribuam para o estancamento do desemprego, mas qualquer uma dessas medidas serão temporárias, já que o capitalismo, por ser o principal propulsor de todas as crises e desigualdades, sobrevive das altas taxas de desemprego. Qualquer medida governamental de criação de programas que possam assegurar por determinado tempo algum emprego ou algum auxílio para estudos e estágios, é um ataque superficial à desigualdade, é uma tentativa de tentar amenizar os sintomas e não as causas.

De igual forma, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os aumentos das taxas de desemprego no Brasil crescem de forma absurda na faixa etária dos 18 aos 24 anos. Certamente que todo esse crescimento de desemprego se acumula graças as violentas crises do capitalismo mundial, que aliadas as crises econômicas e políticas, assolam a classe trabalhadora ainda mais. Nesse ínterim, se torna cada vez mais nebuloso o futuro para os jovens em mundo onde o capital é quem dita as regras do jogo. Cabe então nesse momento de grandes contradições, em que a desigualdade é a principal ferramenta que assola os homens e as mulheres do século XXI, refletir e entender o ponto nevrálgico, para que assim a humanidade, e nesse caso a juventude, construa uma possibilidade de superar as contradições e qualquer desafio imposto pelo capitalismo. Desse modo, entendo que é possível a superação de todas as discrepâncias

que o mesmo capitalismo vomita para o mundo, sabendo que, o desemprego é somente uma das problemáticas existentes. Desde que haja uma conscientização dos sujeitos, conscientização essa que emerge da prática, da opressão e das dificuldades impostas pelo capitalismo através do mercado de trabalho, pode-se construir e organizar alternativas reais para que a transformação seja colocada em prática. Como nos fala István Mészáros:

Ademais, o que é historicamente criado pelos seres humanos – mesmo que, em sua origem, sob a condição de antagonismos sociais estruturalmente engastados – pode ser também historicamente alterado e em última instância consignado ao passado. Mas a precondição necessária para o sucesso nesse respeito é o engajamento dos indivíduos na tarefa de superação dos antagonismos em questão por meio da instituição de uma ordem social radicalmente diferente e historicamente viável: o único modo concebível pelo qual os antagonismos estruturais profundamente enraizados podem ser suplantados. (MÉSZÁROS, 2007, p.39).

Aquilo que Mészáros sinaliza, é fundamental no que tange a postura das mulheres e dos homens, que cerceados pelas mais antagônicas situações-limites, enfrentam corajosamente a realidade de frente, realidade essa que de tão verticalmente desigual, impõe as mazelas, a miséria, a violência e a desesperança para milhares de jovens que estão começando a lançar-se ao mundo. É inaceitável que a juventude mundial acabe sendo sugada pelo mesmo ralo que o capitalismo criou, sem entender que o trabalho na realidade é a sua maior força e a sua maior realização, pois através dele é que o mundo pode e deve ser modificado ao ponto que as alternativas que pareciam irrealizáveis, por estarem distantes, mesmo que sejam utópicas, tornem-se possíveis e realizáveis, ou como ressaltou Walter Benjamin (1892-1940), “por um futuro concreto, de utopias realistas, suficientemente utópicas para desafiar a realidade que existe, mas realistas para não serem descartadas facilmente” (apud SANTOS, 2007, p.37).

A juventude carrega em si, o princípio ativo da mudança, ou seja, desde a segunda metade do século XX mostrou através das revoluções culturais e sociais, que um outro mundo era possível. Teve as suas vitórias, mas teve as suas limitações, porém, os movimentos que foram propostos e que desafiaram o conservadorismo mundial, demonstraram que há esperança e a transformação não tarda. Porém, o capitalismo e o neoliberalismo, encontraram maneiras de engessar as movimentações que buscavam respirar através de outras ideologias, tentaram tornar residuais as metodologias capazes de oxigenar (no mínimo) um mundo que cada vez mais mergulhava em um profundo governo capitalista. Vivemos hoje um aprofundamento das relações da divisão do trabalho já vivenciada e refletidas por Karl Marx (1818-1883) no século XIX, divisão essa que produziu um gigantesco abismo entre o dono dos meios de produção e aquele que vendia a sua força de trabalho para sobreviver, ao mesmo tempo que sua jornada de trabalho gerava mais-valia e riqueza. Dessa relação desigual, os homens e as mulheres tornaram se residuais e descartáveis, e o capital tornou-se mais importante que o trabalho:

A concorrência, segundo um economista norte-americano, determina quantas jornadas de trabalho simples estão contidas em uma jornada de trabalho complicado. Esta redução de jornadas de trabalho complicado para jornadas de trabalho simples não supõe que se toma o próprio trabalho simples como medida de valor? A quantidade de trabalho somente, servindo de medida ao valor sem considerar a qualidade, supõe por sua vez que o trabalho simples tornou-se o eixo da indústria. Ela supõe que os trabalhos se equalizaram pela subordinação do homem à máquina, ou pela divisão externa do trabalho; supõe que os homens se apagam diante do trabalho; que o trabalho tornou-se o balanço do pêndulo e tornou-se a medida exata da atividade relativa de dois operários, assim como o é da rapidez de duas locomotivas. Então, não é preciso dizer que uma hora de um homem vale uma hora de um outro homem, mas sim que um homem de uma hora vale um outro homem de uma hora. O tempo é tudo,

o homem não é mais nada; ele é no máximo a carcaça do tempo. Não mais existe a questão da qualidade. A quantidade sozinha decide tudo: hora por hora, jornada por jornada. (MARX, 2004, p.48-49).

No século XIX, Marx já afirmava que o homem e a mulher, inseridos nas relações de trabalho alienado, teriam se tornado a “carcaça do tempo”, ou seja, o que importa é o quanto se produz em menor tempo, e isso transformou toda a relação econômica e conseqüentemente social. Hoje vivemos uma intensificação dessas relações, ao passo em que aumentou a desvalorização do trabalho dos homens e das mulheres pelo capital. Porém, há que se construir uma concepção de crítica, que consiga dar conta de nossa realidade, fazendo um contraponto a essa lógica que nos pede que sejamos e que continuemos subjugados pelo capitalismo.

A crítica arrancou as flores imaginárias dos grilhões, não para que o homem suporte grilhões desprovidos de fantasias ou consolo, mas para que se desvençilhe deles e a flor viva desabroche. A crítica da religião desengana o homem a fim de que ele pense, aja, configure a sua realidade como um homem desenganoado, que chegou à razão, a fim de que ele gire em torno de si mesmo, em torno de seu verdadeiro sol. (MARX, 2010, p.146)

Karl Marx nos alerta que a criticidade é essencial para que possamos nos libertar dos condicionamentos, que são cada vez mais naturalizados e vendidos como sagrados. Que derrubemos eles através da criticidade, do entendimento das atuais circunstâncias! Precisamos entender que o trabalho, assim como outras atividades e ações que desempenhamos como humanos, não deve servir para que sejamos explorados e oprimidos, mas pelo contrário, serve para que venhamos a nossa humanidade, e não para que nos tornemos coisas. Não lógica do capital, o mundo do trabalho foi reduzido ao mercado de trabalho, assim como o trabalho, que é capacidade que os homens e as mulheres possuem de transformação do mundo e da

natureza em prol dos homens e das mulheres, e não a forma de explorarmos uns aos outros e de subalternizarmos uns aos outros. Por tanto caminhamos nessa superação contraditória através da educação popular, que se apoiará nessas más condições de vida que são decorrentes também das explorações da força de trabalho, para transformar a realidade e a vida desses jovens.

Pelo exposto, nexos e relações entre trabalhadores, em nível profundo, podem ser estabelecidos com base na produção e reprodução da vida sob o capitalismo, tanto no campo como na cidade. Para os trabalhadores que possuem pouca terra, sem terra e para os trabalhadores com baixos salários, empregos precarizados, desempregados, que usualmente são chamados de classes populares, subalternas, excluídas, entre tantas outras denominações, as condições de vida são, como se sabe, desumanas, e são decorrentes da exploração da força de trabalho. (PALUDO, 2013, p.69)

Por isso, com base nessa afirmação de Conceição Paludo, professora e pesquisadora com amplas investigações nas temáticas de educação popular e educação do campo, percebemos que o recorte na categoria trabalho pelo viés marxista é necessário para que possamos “engrossar o caldo” da discussão da educação popular, possibilitando com que cada vez mais entendamos a opção política e crítica feita nessa perspectiva educacional e pedagógica.

4

Juventude(s)

Young man, control in your hand
Slam your fist on the table and make your demand
Take a stand
Fan a fire for the flame of the youth
You've got the freedom to choose
Better make the right move
Young man, the power's in your hand
Slam your fist on the table and make your demand
You gotta make the right move

(Matisyahu - Youth)

We are, We are, the youth of the nation
We are, We are, the youth of the nation

(P.O.D. - Youth of Nation)

Se há um desejo na população mundial de tomar a vida nas mãos e fazer dela o que bem entender, podemos localizar esse sentimento de modo mais visceral na juventude. Se há um “canhão” de desmotivação direcionado para a juventude, há uma resposta de esperança e luta por essa mesma juventude, que além de ser contundente, ecoa no mundo inteiro, baseada em diferentes inspirações, mas que se organiza e se acopla por uma sintonização de comprometimento social e político. Certamente que ninguém nasce “sujeito político”, o amadurecimento vem através das adversidades cotidianas, da superação de discrepâncias, contradições e desigualdades, e essas categorias, ao serem lançadas diariamente no colo

da juventude, faz com que as decisões a serem tomadas não sejam nada fáceis. Tomar a vida nas próprias mãos e estar no controle das situações como nos fala a música do cantor de *reggae* e judeu norte-americano Matisyahu, não é nada fácil quando estamos falando da juventude do século XXI. Por mais que durante a segunda metade do século XX, o mundo se assombrou com as mais diversas efervescências políticas, sociais e culturais que gritaram de modo contra hegemônico, manifestando as insatisfações com um mundo que começava a se tornar globalmente conectado no que tange ao domínio econômico do capital, e conseqüentemente, inúmeras opressões ainda permaneciam pungentes. O que chamamos de “minorias”, encabeçaram uma luta pelos direitos civis e por uma tentativa de transformar esse mundo que de tão injusto e desigual, estava encharcado de conflitos bélicos, ditaduras e conservadorismos, por vontade de poucos, mas esses poucos governavam e governam o mundo.

As “minorias” que mencionei anteriormente eram as negras e os negros que viviam em mundo, ainda pautado pelo racismo e pelos mais hediondos preconceitos, que mantinham a comunidade debaixo de um chicote bem semelhante ao do período escravagista. O mundo em que Rosa Parks, Marthin Luther King, Malcolm X e Angela Davis se posicionaram contra as medidas que mantinham as negras e negros em uma posição de subalternidade, era o mundo em que determinados estabelecimentos não poderiam servir “pessoas de cor”, como no ocorrido com Muhammad Ali-Haj (Cassius Marcellus Clay Jr.), que mesmo após triunfar nas Olimpíadas de Roma em 1960, não pode ser servido em um restaurante, mesmo trazendo ao peito a medalha de ouro, simplesmente por ser negro. Da mesma forma que os movimentos por igualdade racial, as mulheres encabeçaram diversas lutas, com o objetivo de destruir os grilhões do patriarcado que a sociedade tenta perpetuar até o presente momento. Uma luta que vem

sendo travada há muitos anos, que se expressou de forma mais contundente na luta pelo direito do sufrágio e se estendeu por outros campos da sociedade aonde a mulher era vista como subalterna. Dentro dessas lutas por afirmação e igualdade, é onde se levanta com mais visibilidade as lutas do que seria o movimento LGBT, demonstrando ao mundo o quanto o preconceito e a discriminação é violenta, ao mesmo tempo em que é hipócrita. A família nuclear ocidental clássica, com casal casado e filhos, começa a ser repensado e começa a cair em descrédito, assim como o divórcio aumenta a partir da segunda metade do século XX, a partir da década de 60.

A crise da família estava relacionada com mudanças bastante dramáticas nos padrões públicos que governam a conduta sexual, a parceria e a procriação. Eram tanto oficiais quanto não oficiais, e a grande mudança em ambas está datada, coincidindo com as décadas de 1960 e 1970. Oficialmente, essa foi uma era de extraordinária liberalização tanto para os heterossexuais (isto é, sobretudo para as mulheres, que gozavam de muito menos liberdade que os homens) quanto para homossexuais, além de outras formas de dissidência cultural-sexual. Na Grã-Bretanha, a maior parte das práticas homossexuais foi discriminada na segunda metade da década de 1960, poucos anos depois de nos EUA, onde o primeiro estado a tornar a sodomia legal (Illinois) o fez em 1961 (Jonhasson & Percy, 1990, pp.304 e 1349). Na própria Itália do papa, o divórcio se tornou legal em 1970, um direito confirmado por referendo em 1974. A venda de anticoncepcionais e a informação sobre o controle de natalidade foram legalizadas em 1971, e em 1975 um novo código de família substituiu o velho, que sobrevivera do período fascista. Finalmente, o aborto tornou-se legal em 1978, confirmado por referendo em 1981. (HOBSBAWM, 2015, p. 316).

A Revolução Cultural significa para as minorias (que são minorias em representatividade, não em número), a grande possibilidade de libertação, e uma esperança quanto a transformação da sociedade, apontando para diferentes emancipações, sejam elas raciais, sexuais, de gênero, classistas

e ideológicas. As camadas populares, ao mesmo tempo em que se revoltavam com as guerras que eram obrigadas a guerrear sem motivo algum, como no caso dos alistamentos obrigatórios dos EUA em sua campanha contra o Vietnã, também entendiam a seu poder ao paralisarem as grandes cidades com seus protestos, greves e outros enfrentamentos tão importantes nesse contexto social de transformações. Na América Latina, a partir da década de 60, estouraram as ditaduras militares, que foi uma tentativa direta e indireta que os EUA encontraram de pegar as rédeas da política latino-americana, antes que União Soviética obtivesse maiores influências por aqui, por mais que a Revolução Cubana tenha rompido com esse cerceamento norte-americano. Porém, em meio a todo esse tecido social que gerou insurgências, a juventude foi decisiva. Seja no Ocidente ou no Oriente, Sul e Norte, capitalista ou comunista. O que importa nesse período histórico, é que uma determinada faixa etária da sociedade decidiu que, não tinha nada a perder, e por isso, precisava de forma visceral e contundente, decidirem ao invés de permitir que decidissem por eles, almejavam e de certa forma conseguiram, com que fossem ouvidos e demonstraram que não estavam de brincadeira, mas pelo contrário, partiram com uma postura incólume para os mais variados encontros.

A juventude, um grupo com consciência própria que se estende da puberdade - que nos países desenvolvidos ocorria vários anos mais cedo que nas gerações anteriores (Tanner, 1962, p. 153) - até a metade da casa dos vinte, agora se tornava um agente social independente. Os acontecimentos políticos mais dramáticos, sobretudo nas décadas de 1970 e 1980, foram as mobilizações da faixa etária que, em países menos politizados, fazia fortuna da indústria fonográfica, que tinha de 70% a 80% de sua produção - sobretudo de *rock* - vendida quase inteiramente a clientes entre idades de catorze e 25 anos (Hobsbawm, 1993, pp. XXVIII-XXIX). A radicalização política dos anos 60, antecipada por contingentes menores e dissidentes culturais e marginalizados sob vários rótulos, foi dessa gente jovem, que rejeitava o status de crianças e mesmo de adolescentes

(ou seja, adultos ainda não inteiramente amadurecidos), negando ao mesmo tempo humanidade plena a qualquer geração acima dos trinta anos de idade, com exceção do guru ocasional. Exceto na China, onde o ancião Mao mobilizou as forças da juventude com um efeito terrível (ver capítulo 16), os jovens radicais eram liderados – até onde aceitavam líderes – por membros de seu grupo de pares. Isso se aplicava visivelmente aos movimentos estudantis mundiais, mas onde estes provocaram motins operários em massa, como na França e na Itália em 1968-9, a iniciativa também veio de jovens operários. Ninguém com a mínima experiência das limitações da vida real, ou seja, nenhum adulto, poderia ter idealizado os *slogans* confiantes, mas patentemente absurdos, dos dias parisienses de maio de 68, nem do “outono quente” de 1969: “tuto e súbito”, queremos tudo e já (Albers, Goldschmidt & Oehlke, 1971, pp. 58 e 184). (HOBSBAWM, 1995, p.318).

A rebeldia era o signo dessa geração, e por isso, não havia tempo para ter medo ou para deixar de acreditar que a construção de um outro mundo era a possível. Por isso, a busca por autonomia era perseguida, principalmente para romper esses padrões conservadores e fundamentalistas que ainda criavam justificativas regularizadoras da sociedade global (por mais que o mundo seja diverso em suas múltiplas culturas, todas essas mudanças que a juventude requeria, eram modernas demais em qualquer lugar).

A Revolução Cultural se entrelaçava com a Revolução Social, ao mesmo tempo em que os levantes juvenis, eram mais comuns e mais significativos, pois posicionavam a sociedade mundial em fins do século XX, numa postura bem mais otimista com o que se ambicionava e pessimista com o que se estava abandonando. Essa mesma juventude, que não aceitava ser criança e nem adulta por completo, possuía vários expoentes e ídolos que carregavam a bandeira de um mundo menos injusto e mais igualitário, da mesma forma que de tão radicais, perderam a vida jovens, e nesse ínterim, permaneceram e permanecem ainda jovens.

A nova “autonomia” da juventude como camada social separada foi simbolizada por um fenômeno que, nessa escala, provavelmente não teve paralelo desde a era romântica do início do século XIX: o herói cuja vida e juventude acabavam juntas. Essa figura, antecipada na década de 1950 pelo astro James Dean, foi comum, talvez mesmo um ideal típico, no que se tornou a expressão cultural característica da juventude – o rock. Buddy Holly, Janis Joplin, Brian Jones, membro do Rolling Stones, Bob Marley, Jimi Hendrix e várias outras divindades populares caíram vítima de um estilo de vida fadado à morte precoce. O que tornava simbólicas essas mortes era que a juventude por eles representada era transitória por definição. Ser ator pode ser uma carreira duradoura, mas não ser um *jeune premier*. (HOBSBAWM, 2015, p.318).

O sociólogo brasileiro Juarez Dayrell, professor da Universidade Federal de Minas Gerais, que possui uma grande experiência na pesquisa com os jovens e com juventude, nos elucidava sobre as questões das produções culturais e sociais das juventudes, ao mesmo tempo em que, nos faz compreender que esse ou essa jovem, possui a capacidade de em sua singularidade, que diz respeitosa ao seu pensar sobre o mundo, suas representações sociais sobre o mundo, resultado de suas *curiosidades epistemológicas*, ou em outras palavras, elas e eles “tem o que dizer”. Dayrell, antes de ser o sociólogo que é, é um dos fundadores e uma das pessoas responsáveis pelo desenvolvimento do Observatório da Juventude (UFMG) e com uma consistente pesquisa e obra voltada a análise dessas juventudes e de suas culturas, foi educador popular no Araguaia junto à Dom Pedro Casaldáglia, e daí, vem a sua “veia” que o fez trabalhar e pesquisar com as juventudes. Suas contribuições no que se refere às juventudes e aos jovens nessa pesquisa são importantíssimas, ao mesmo tempo em que iremos dialogando com outros referenciais que nos ajudarão a entender sobre a pesquisa com as juventudes. Juarez Dayrell com base em outros pensadores, afirma que o jovem é, portanto, um sujeito social:

Para efeito desta análise, assumi a posição de Charlot (2000, p.33 e 51) para quem o sujeito é um ser humano aberto à mundo que possui uma historicidade; é portador de desejos, e é movido por eles, além de estar em relação com os outros seres humanos, eles também sujeitos. Ao mesmo tempo, o sujeito é um ser social, com uma determinada origem familiar, que ocupa um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais. Finalmente, o sujeito é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e dá-lhe sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade. Para o autor o sujeito é ativo, age no e sobre o mundo, e nessa ação se produz e, é produzido no conjunto das relações sociais das quais se insere. (DAYRELL, 2003, p. 42-43).

Segundo Dayrell, é imprescindível que, no trabalho ou na pesquisa com os jovens, sejam meninas ou sejam meninos, compreendamos que os mesmos são pessoas que pensam e refletem sobre o mundo em que estão, interveem através de várias atividades, sejam elas culturais, políticas, sociais ou espirituais, possuidores de sentimentos, anseios, dúvidas e da necessidade de transformar o mundo e a suas vidas. Por isso, é metodologicamente errôneo relacionar-se com os jovens através de uma perspectiva orgulhosa, aonde eles e elas não existam, aonde seus desabafos e posicionamentos não encontrem reverberações. É nesse ínterim que entendemos que as juventudes possuem a capacidade de intervir nas relações sociais sejam na esfera política ou cultural, e não somente ocupando o mínimo espaço que o mercado de trabalho os oferece, fazendo com que assim, a maioria dos jovens sejam lançados ao subemprego, ao trabalho informal ou até para atividades ilegais. Do mesmo modo, as juventudes procuram dentro da cidade e do campo (nessa pesquisa o enfoque é a cidade, porém, as juventudes do campo também precisam ser observadas), espaço e tempo que as possibilite o exercício de suas identidades. Não é por acaso, a explosão de inúmeros movimentos musicais, religiosos,

políticos e sociais que tomam as ruas, as escolas, as universidades, as periferias e tantos outros espaços, que nos revelam que há uma insatisfação com o modo como o mundo tem se organizado, aonde a maioria (tida como minoria) não se encaixa e não se acopla. A juventude ainda não é encarada como um grupo social de direitos, aonde a sua vida seja assegurada e respaldada por um projeto de sociedade que a compreenda como possuidora da capacidade de construir alternativas ao projeto capitalista de sociedade, que é totalmente violento para o mundo de um modo geral, mas através das estatísticas podemos acompanhar, que é principalmente violenta para si. E dentro de seu trabalho (aqui não falo somente do emprego), de suas representações sociais, de seu entendimento de mundo e das coisas que “tem para falar”, poderá dar conta das demandas se houver o entendimento de que estamos reivindicando a afirmação de sua identidade como sujeito social. Dayrell nos salienta sobre algumas “emboscadas” construídas de forma hegemônica pela mídia e por outros meios, que facilitam diferentes mal-entendidos sobre a juventude e o seu papel na contemporaneidade. Esses mal-entendidos estão desde a construção social errônea que o modo de produção capitalista fez da juventude, aonde o jovem é sempre alguém incompleto, e que somente no futuro construirá a sua identidade e maturidade, até as ideias românticas de como o jovem deve ser e se portar, de como devem ter gostos exóticos e os níveis de problemas que devem causar.

Uma das mais arraigadas é a juventude vista na sua condição de transitoriedade, onde o jovem é um “vir a ser”, tendo, no futuro, na passagem para a vida adulta, o sentido das suas ações no presente. Sob essa ótica, há uma tendência de encarar a juventude na sua negatividade, como o que ainda não se chegou a ser (SALEM,1986), negando o presente vivido. Essa concepção está muito presente na escola: em nome do “vir a ser” do aluno, traduzido no diploma e nos possíveis projetos de futuro, tende a negar o presente vivido dos jovens

como espaço válido de formação, bem como as questões existenciais que eles expõem, as quais são bem mais amplas do que apenas o futuro. Quando imbuídos por esta concepção, os projetos educativos perdem a oportunidade de dialogarem com as demandas e necessidades reais do jovem, distanciando-se dos seus interesses do presente, diminuindo as possibilidades de um envolvimento efetivo nas suas propostas educativas. (DAYRELL; GOMES, 2009 p.1-2).

Nessa perspectiva então, se aponta que, na incompletude como sujeito social, a juventude não é ouvida, não é respeitada e não é seriamente compreendida, pois a sua imaturidade presente, e sua irresponsabilidade, suas dúvidas e anseios, se acabarão futuramente e tudo encontrará o seu lugar devido. Nessa ideia, se desperdiça os protagonismos de gurias e gurus no presente. Desconsideram então, as suas lutas, as suas reivindicações, suas pautas que são emergentes e contundentes, pois esses mesmos jovens são os que correm o risco diariamente de ficarem à margem, sem emprego, sem educação, sem saúde, sem transporte, sem lazer, sem moradia e também de perder a vida. E nessa “situação e risco” que é real, se enxerga o jovem sobre o prisma do “problema”, como se essas problemáticas fossem estabelecidas por natureza:

Esta imagem convive com uma outra: a juventude vista como problema, ganhando visibilidade quando associada ao crescimento alarmante dos índices de violência, ao consumo e tráfico de drogas ou mesmo à expansão da Aids e da gravidez precoce, entre outros. Não que estes aspectos da realidade não sejam importantes e estejam demandando ações urgentes para serem equacionados. A questão é, ao conceber o jovem de uma maneira reducionista, vendo-o apenas sob a ótica do problema, as ações em prol da juventude passam a ser focadas na busca de superação do suposto “problema” e, nesse sentido, voltam-se somente para os setores juvenis considerados pela sociedade, pela escola e pela mídia como “em situação de risco”. Tal postura inibe o investimento em ações baseadas na perspectiva dos direitos e que

desencadeiem políticas e práticas que focalizam a juventude nas suas potencialidades e possibilidades. (DAYRELL; GOMES, 2009, p.2).

Ao mesmo tempo em que se encara a juventude como um problema, ao tentar sanar as contrariedades e complicações parte-se dos sintomas e não das causas. É necessário entender que as mais variadas desigualdades e a não garantia de diversos direitos, muitos deles constitucionalmente afirmados, gera uma convulsão social pelo simples entendimento de que dentro da lógica capitalista não há a garantia de quase nada, se tratarmos da juventude das camadas populares. Essa sensação de desamparo por todos os lados, coloca a juventude no “fio da navalha”, e na maior parte das vezes a decisão entre prosseguir construindo um outro mundo possível e desistir disso tudo, é uma linha tênue. Aliado a todas outras concepções sobre a juventude, existe também as visões românticas sobre como determinada juventude deve se portar e ser.

Em uma outra direção, uma imagem presente é a visão romântica da juventude, que aparece associada a um tempo de liberdade, de prazer, de expressão de comportamentos exóticos. A essa ideia se alia a noção de moratória, como um tempo para o ensaio e erro, para experimentações, um período marcado pela busca do prazer e pela irresponsabilidade, com uma relativização da aplicação de sanções sobre o comportamento juvenil. Nesta imagem, parece que o jovem não vivencia as dificuldades e as dores também envolvidas nas descobertas, no confronto com os limites dados pela história individual, pelo contexto familiar e social. Mais recentemente, acrescenta-se uma outra tendência em perceber o jovem reduzido apenas ao campo da cultura, como se ele só expressasse a sua condição juvenil nos finais de semana ou quando envolvido em atividades culturais. (DAYRELL; GOMES, 2009, p. 2).

Por esse viés, Dayrell nos salienta que há projeção de que, a manifestação dos jovens é algo permitido dentro de um condicionamento. Permite-se as manifestações, erros, aborrecimentos e desrespeitos, com a

esperança de que isso tudo seja somente um “ensaio” para a vida real. Como se as dificuldades não existissem para os jovens, como se não houvesse sofrimento e obstáculos. Isso se consolida cada vez mais, ao passo em que se não entende as pautas diversas que as juventudes veem levantando durante a história contemporânea. Nesse ínterim, podemos perceber, que por mais que haja diferenças nos recortes de classe, etnia e gênero, as juventudes cada vez mais reivindicam os seus espaços junto as suas identidades, seja na esfera cultural, política, social, econômica, religiosa (das espiritualidades), ambientais e etc. Não surgem do nada, mas do tudo, de todas as desigualdades e omissões por parte dos governos e de sua falta de políticas públicas, que subalternizam as pautas na cidade da juventude. Nessa perspectiva, podemos acionar uma crítica as empresas que hegemonizam o mercado de trabalho atual, desvalorizando o trabalho, ao visar o lucro, atendem aos apelos de superprodução do capital. E é nessa lógica de desumanização da juventude, que procuramos indicativos aonde a juventude produz a suas possibilidades de emancipação.

Outra importante referência na análise sobre as juventudes ou sobre as culturas juvenis nesse trabalho é o sociólogo português José Machado Pais, que possui uma grande experiência nas questões juvenis em Portugal e na Europa, trabalhando e pesquisando diretamente com os jovens europeus e destrinchando as principais problemáticas referentes a essa camada da sociedade. O mesmo autor se baseia na perspectiva em que não há uma “juventude”, pois por mais que haja alguns consensos e semelhanças, as diferenças sócias, econômicas e culturais são gritantes, por isso ele trabalha na perspectiva de “juventudes”. Com suas próprias palavras:

Na verdade, nas representações correntes da juventude, os jovens são tomados como fazendo parte de uma cultura juvenil “unitária”. No entanto, questão que se coloca à sociologia da juventude é a de explorar não apenas as possíveis ou

relativas similaridades entre os jovens ou grupos de jovens (em termos de situações, expectativas, aspirações, consumos culturais, por exemplo) mas também – e principalmente – as diferenças sociais que entre eles existem. Por outras palavras, e como há mais de uma vintena de anos A. Sedas Nunes o reconhecia, “não se vê como possam englobar-se, numa mesma geração – e, por conseguinte, num mesmo grupo –, indivíduos que, apesar de coetâneos e portadores do sentimento comum de se encontrarem em presença de outras gerações na sociedade, se identificam a si mesmos como pertencendo, por exemplo, a classes sociais, grupos ideológicos ou grupos profissionais diferentes. (PAIS, 2003, p. 29).

Pais nos traz outra abordagem imprescindível para essa pesquisa que é a possibilidade de trabalharmos as diferenças existentes entre as juventudes e entre as culturas juvenis. Essa abordagem nos traz uma potencialidade principalmente ao percebermos as juventudes do Paidéia e sua relação com cidade, na medida em que esses mesmo jovens fazem parte de diferentes realidades, compreendendo também diferenças classistas, étnicas, de gênero e etc. Ao mesmo tempo em que essa perspectiva é mais abrangente ao constatar na análise não somente os contrastos entre as culturas juvenis, mas as singularidades desses sujeitos sociais, também nos ajudará a colocar corporificação e historicidade nessa pesquisa, principalmente ao entender que para além de suas dificuldades, há a esperança nesses sujeitos, a vontade de realizar sonhos e alcançar metas, ao mesmo tempo em que a efetivação de seus objetivos e a construção de seus projetos de vida.

Histórica e socialmente a juventude tem sido encarada como uma fase de vida marcada por uma certa instabilidade associada a determinados “problemas sociais”. Se os jovens não se esforçam por contornar esses “problemas”, correm mesmo riscos de serem apelidados de “irresponsáveis” ou “desinteressados”. Um adulto é “responsável”, diz-se, porque responde a um conjunto determinado de responsabilidades: de tipo ocupacional (trabalho fixo

e remunerado); conjugal ou familiar (encargos com filhos, por exemplo) ou habitacional (despesas de habitação e aprovisionamento). A partir do momento em que vão contraindo estas responsabilidades os jovens vão adquirindo o estatuto de adultos. (PAIS, 2003, p. 30).

Essa bipolarização entre “jovem” e “adulto” é central na própria desconsideração da própria juventude, e ao desconsiderar os jovens como capazes de articularem através de seus posicionamentos e concepções outras possibilidades, desperdiçamos o seu trabalho, as suas epistemologias que são construídas entre os seus pares, ao passo em que o desenvolvimento cultural também é relevante. Um adulto possui todas as características constituidoras de alguém que é “capaz”, por isso possui um emprego, não possui tempo livre, é casado, paga o aluguel, faz compras e cuida dos filhos. O jovem não, talvez poderá “vir a ser” um dia, alguém capaz, responsável e também poderá ser ouvido. Nessa lógica, também está sendo jogada por “água abaixo” o desenvolvimento político, crítico e reflexivo das juventudes, e isso é o mais prejudicial, pois como afirmou Paulo Freire (2016), os seres humanos são seres de transformação do mundo em que vivem, ou em suas palavras

os homens são seres das práxis. São seres do quefazer, diferentes, por isso mesmo, dos animais, seres do puro fazer. Os animais não admiram o mundo. Imergem nele. Os homens, pelo contrário, como seres do quefazer emergem dele e, objetivando-o, podem conhecê-lo e transformá-lo com seu trabalho. (FREIRE, 2016 p.195).

Então a realização dos homens e das mulheres, inclusive os jovens, veem também da possibilidade de trabalhar, transformar o mundo, da práxis, que é ação reflexão. Porém, além dessas problemáticas que partem de um entendimento de não compreensão dos dilemas juvenis, soma-se a

isso os problemas econômicos e sociais que são gerados pelo desemprego e pelo risco do mesmo.

Os problemas que, contemporaneamente mais afectam a juventude – fazendo dela, por isso mesmo, um problema social, são correntemente derivados da dificuldade de entrada dos jovens no mundo do trabalho. De facto, a crise de emprego, que é extensiva a toda a Europa Ocidental e que, entre outras razões, se deve ao baby boom posterior à Segunda Guerra Mundial, tem afectado principalmente os jovens. Em Portugal, de acordo com o XII Recenseamento Geral da População, 62 % da população desempregada portuguesa dizem respeito a jovens dos 15 aos 24 anos. As dificuldades de acesso a um emprego reflectem-se nas dificuldades de acesso à habitação. Alguns jovens recém-casados veem-se forçados a coabitar com os pais, o que pode também constitui fonte de “problemas”, para já não falar dos que retardam a idade de casamento e continuam a viver com os pais, por dificuldades de obtenção de emprego e casa própria. (PAIS, 2003, p. 31).

Porém, esse *problema social*, está no momento não somente na Europa. A juventude tem dificuldades imensas no que diz respeito ao mundo trabalho, no mercado de trabalho e ao conseguir um emprego. Esse problema é um grande sintoma de toda uma crise do sistema capitalista, que a cada ano vem se potencializando e aumentando as desigualdades entre os mais ricos e os mais pobres.

Se por um lado há uma crítica no senso comum aonde a juventude é rotulada como aqueles e aquelas que só querem saber de “videogame e internet”, com a tentativa de desvalorizar a utilização das novas tecnologias e meios de comunicação atuais na organização de novas experiências políticas pela juventude, temos visto a partir da Primavera Árabe e dos movimentos do Occupy Wall Street, uma explosão de protagonismos no mundo inteiro, encabeçado pelas mais diferentes juventudes. No Brasil, as insurgências e levantes por parte das juventudes, depois do período de

redemocratização pós-ditadura militar, começaram em 2013, aonde as lutas por transporte público de qualidade e gratuito se somaram por educação e saúde. Em 2014, toma-se a proporção de enfretamento ainda maior, principalmente pela Copa do Mundo de Futebol da FIFA, onde a população brasileira encontra-se paralisada com os bilhões de reais investidos em estádios e outras estruturas para os jogos, a perda da soberania dos espaços (os “Territórios FIFAS”) e muitas remoções de famílias para que as obras fossem efetuadas. Milhares de famílias prejudicadas, desapropriadas pelas obras e ainda não indenizadas. As juventudes foram às ruas com mais força ainda, mas imobilizadas pela truculência e pela violência policial. Inúmeros coletivos e organizações foram às ruas (os ditos “desorganizados” e “sem-coletivos” também se fizeram presentes), e reivindicaram, como sujeitos sociais, com muita esperança e com muita indignação. Não é por menos, pois se formos nos debruçar sobre os números da violência contra a juventude, ficaremos estupefatos, pois o auspício de morte é real e brutal:

Nos últimos anos, segundo o Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos, com base no Sistema de Informações de Mortalidade (SIM) do Ministério da Saúde, o número de homicídios contra jovens cresceu 346% entre 1980 e 2010, sendo a principal causa da morte de jovens de até 19 anos no Brasil, segundo a fonte. A pesquisa também indica o crescimento, no país, da morte de crianças e jovens no trânsito, sendo que, entre 2000 e 2008, os números se estabilizaram e voltaram a crescer novamente a partir desse ano: “O principal motivo foi o aumento das mortes envolvendo motociclistas: 376,3% entre 2000 e 2010”. Diante de fatos como esses, não há como desconsiderar que existe, de certo modo, um processo de anúncio de morte do futuro na medida em que se destroem – no presente- os sujeitos que o estabeleceriam. (CHAIGAR, 2015, p. 296).

A violência expressa em números cada vez mais aumenta, e nos mostra o quão difícil é ser jovem, e nos mostra que as juventudes das chamadas camadas populares, prosseguem em resistência, pois viver em um país como o Brasil, ser jovem, pertencente da camada mais pobre da população e ainda por cima ser negro, é como uma maldição, já que o racismo e o preconceito são uma ferramenta histórica de violência por parte de um estado que não aprofunda a luta contra essa nódoa.

Como mostra o diagnóstico, os homicídios são hoje a principal causa de morte de jovens de 15 a 24 anos no Brasil e atingem especialmente jovens negros do sexo masculino, moradores das periferias e áreas metropolitanas dos centros urbanos. Dados do SIM/DATASUS do Ministério da Saúde mostram que mais da metade dos 52.198 mortos por homicídios em 2011 no Brasil eram jovens (27.471, equivalente a 52,63%), dos quais 71,44% negros (pretos e pardos) e 93,03% do sexo masculino. Por essa razão, os homicídios de jovens representam uma questão nacional de saúde pública, além de grave violação aos direitos humanos, refletindo-se no sofrimento silencioso e insuperável de milhares de mães, pais, irmãos e comunidades. A violência impede que parte significativa dos jovens brasileiros usufrua dos avanços sociais e econômicos alcançados na última década e revela um inesgotável potencial de talentos perdidos para o desenvolvimento do País. (MACEDO, 2013)

Ao mesmo tempo em que podemos falar da violência contra jovens do sexo masculino, também temos que falar da violência em que a maior parte das mulheres sofrem, que é o estupro. Aonde tal violência mesmo, atinge as mulheres ainda crianças e adolescentes:

Essa pequena amostragem de fatos reais é capaz de, se ampliada, retratar fielmente o mapa da violência sofrida por milhares de mulheres e meninas todos os dias ao redor do mundo. Segundo dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 67% dos casos de violência entre as mulheres são cometidos por parentes próximos ou conhecidos das famílias; 70% das

vítimas de estupro são crianças e adolescentes e apenas 10% dos estupros são notificados. A maioria dos agressores não é punida. (ROSSI, 2015)

Por mais que os números registrados sejam brutalmente assombrosos, pois “segundo o 9º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2015), em 2014, foram registrados 47.643 casos de estupro em todo o país. O dado representa um estupro a cada 11 minutos”, muitos dos casos de estupro não são registrados, pois as vítimas temem por retaliação por parte dos agressores.

Certamente que não podemos falar de “uma” juventude, pois a diversidade é grandíssima, do mesmo modo quando formos analisar o recorte de gênero, classe, etnia e outras categorias das variadas singularidades que determinam os sujeitos sociais das juventudes. Porém, nessas diversidades e pluralidades das juventudes, existe uma lógica imposta e que hegemonicamente se coloca como determinada, e que aos poucos, na própria crítica que nos possibilita refletir sobre a realidade, entendemos que está na realidade condicionada, passível de transformação.

Como no passado as juventudes entenderam que a transformação do mundo também era uma responsabilidade a ser abraçado, na hora atual, os jovens entenderam que não é possível cruzar os braços, pois a realidade expressa em dados e números, que há e que haverá ataques diretos dentro da lógica capitalista específicos contra eles e elas, e por isso, será necessário cada vez mais que as juventudes despertem para que os obstáculos que impedem a sua existência sejam derrubados.

5

Cidade

Arranhando o céu por escadas de carne
Útero posição de lâmpadas distantes
Cordão umbilical entre a fibra ótica
E a ótica da fibra

Quando a arte se torna maior que a criação
Muitos a chamam de obra
Quando a obra se torna maior que o homem
Ela se chama cidade

(O.F.Ur.T.O. – Cidades)

O Sol nasce e ilumina as pedras evoluídas,
Que cresceram com a força de pedreiros suicidas.
Cavaleiros circulam vigiando as pessoas,
Não importa se são ruins, nem importa se são boas.

E a cidade se apresenta centro das ambições,
Para mendigos ou ricos, e outras armações.
Coletivos, automóveis, motos e metrô,
Trabalhadores, patrões, policiais, camelôs.

A cidade não pára, a cidade só cresce
O de cima sobe e o de baixo desce.
A cidade não pára, a cidade só cresce
O de cima sobe e o de baixo desce.

(Chico Science & Nação Zumbi – A Cidade)

5.1 Histori-cidade: cidade ontem e hoje.

A cidade, pelo que me parece, sempre foi um modo em que os homens e as mulheres encontravam para se apartar da insegurança, da vulnerabilidade, da escassez, do nomadismo, do selvagem e de outras dificuldades que historicamente foram sendo vencidas pelo desenvolvimento técnico de cada cultura, ou nesse caso, de cada cidade. A cidade, talvez seja a síntese dos desenvolvimentos políticos, sociais, econômicos e culturais que retiraram a humanidade de sua condição de pré-histórica (período de inúmeras revoluções técnicas que afirmam a historicidades dos homens e mulheres, assim como o seu trabalho, cultura e organizações sociais antes da dita História) e os determinou como histórica. Em miúdos, a cidade está ligada diretamente com a civilização, por mais que uma das primeiras cidades que se tem notícia foi rejeitada pelo Deus de Israel na narrativa do Pentateuco:

Em todo o mundo, as pessoas se serviam de uma mesma língua, e de uma única maneira de falar. Quando os seres humanos emigraram para o Oriente, encontraram uma planície em Sinear e ali se estabeleceram. Combinaram uns com os outros: “Vinde! Façamos tijolos e cozamo-los ao fogo!” O tijolo lhes serviu de pedra e o betume de argamassa. E decidiram mais: “Vinde! Construamos uma cidade e uma torre cujo ápice penetre nos céus! Dessa forma, nosso nome será honrado por todos e jamais seremos dispersos pela face da terra!” O Senhor desceu para observar a cidade e a torre que os homens estavam erguendo. Então declarou o Senhor: “Eis que a humanidade se constitui de um só povo e falam a mesma língua, e essa construção é apenas o início de suas iniciativas! Em breve nada poderá impedi-los de realizar o que quiserem! Portanto, vinde! Desçamos! Confundamos a linguagem dos seres humanos, a fim de que não mais se entendam uns com os outros!” E foi dessa maneira que o Senhor os espalhou dali por toda a terra, e pararam de erguer a cidade. Por isso ficou conhecida como Babel, porquanto ali o Senhor confundiu a língua de todo o mundo. E, assim, desde a Babilônia, o Senhor dispersou a humanidade sobre a face da terra. (Gênesis 11: 1-9, p. 53-54).

Mesmo sem pedra, o tijolo assado e empilhado um em cima do outro, serviu para edificar uma cidade e um *zigurate* para esse povo da Mesopotâmia. Essa possibilidade de não se dispersarem pelo mundo e de terem o seu nome “honrado” por todos através da construção arquitetônica, pareceu muito bem-sucedido para essa população, porém, não foi o mesmo entendimento que o Deus de Israel teve nesse episódio narrado, ao ponto de o mesmo, não permitir que o seu céu fosse penetrado por uma torre de tijolos e ele próprio realizar uma visita nessa nova concepção urbana, chamada cidade. Tal divindade, ao olhar de perto a materialização desse intento desafiador, decidiu pregar uma peça no povo, e ao confundi-los em sua própria linguagem, a dispersão geográfica foi o resultado de todo esse desacato cometido por esses homens e mulheres, pois ao não se entenderem mais, foram espalhados por toda a terra. Portanto, por mais que a construção daquela cidade e daquela torre tenha sido interrompida, outras cidades pulularam por toda a terra, porque por mais que o entendimento entre os povos seja complicado e delicado, os povos nunca esqueceram a metodologia de como empilhar tijolos ou pedras, pelo contrário, a aperfeiçoaram. Mas as cidades mais antigas do mundo como Jericó, Xian, Biblos ou Plovidiv, não se tornaram cidades porque simplesmente seus habitantes souberam empilhar pedras, mas principalmente por se tornarem nos espaços geográficos que ocupavam e ocupam, a importante função de concentrarem determinadas populações e permitirem o fluxo das mesmas, ao modo em que concentravam diferentes avanços em técnicas que permitiram o avanço do trabalho e de outras funções. As cidades, além de muitas delas darem origens às primeiras civilizações, remontam a períodos da Antiguidade e também da Pré-história. Jericó, que possui uma vasta história de ocupação na antiguidade clássica, nos califados e nos períodos otomanos, arqueologicamente remonta suas construções desde 9.000 a.

C. Certamente que se tratando das organizações das cidades, poderemos constatar que elas se organizaram de diferentes formas e corresponderam em suas historicidades a diversos desenvolvimentos políticos, econômicos, religiosos, culturais, bélicos e etc.

Há uma diferença dessas cidades que se concentram simplesmente por possuírem determinados aglomerados populacionais para as cidades-estados, na maioria gregas, que possuíam uma certa independência no quesito cultural, político, econômico, religioso e bélico. Ou seja, se fossemos fazer um comparativo com a atualidade, é como se cada cidade-estado fosse uma nação. E é nessa cidade-estado que para o ocidente a Cidade é palco principalmente das primeiras concepções filosóficas clássicas. Por mais que hoje saibamos que a filosofia não é uma propriedade grega, pois no continente africano em períodos anteriores à Grécia a filosofia já é uma realidade para os povos de lá, é importante ressaltar que os ditos filósofos socráticos começaram a refletir sobre as relações sociais dos sujeitos na cidade.

Para a meditação filosófica que visa uma totalidade através da sistematização especulativa, isto é, para a filosofia clássica, de Platão e Hegel, a Cidade foi muito mais do que um tema secundário, um objeto dentre outros. As ligações entre o pensamento filosófico e a vida urbana aparecem claramente à reflexão, ainda que tenha sido necessário, em certas ocasiões, explicitá-las. A Grande Cidade e a Cidade não foram para os filósofos e para a filosofia, uma simples condição objetiva, um contexto sociológico, um dado externo. Os filósofos pensaram a Cidade; trouxeram a vida urbana para a linguagem e para o conceito. (LEFEBVRE, 2001, p. 35).

É dessa cidade arcaica (grega ou romana), que a filosofia se potencializa, pois, da mesma forma a filosofia potencializa a cidade. Nesse aglomerado urbano, onde a sociedade começa a se organizar, se torna indispensável a filosofia, o pensamento e a reflexão para a organização

política (que deriva do mesmo momento, aonde a Cidade no grego era denominada “Pólis”), assim como para a organização democrática dessas cidades-estados. Entendo que, por mais que nas diversas cidades do mundo, as que foram estabelecidas no Oriente Médio, na África ou na Ásia, tivessem alcançado um grande nível de organização social e política (principalmente por se tornarem rotas comerciais importantíssimas desde a Antiguidade), o modelo de cidade contemporânea vem das cidades construídas na Grécia e Roma Antiga, assim como as suas organizações políticas e legislativas. Desse modo, Henri Lefebvre (1901- 1991), nos esclarece sobre a organização dessa cidade arcaica que nos serve de molde, assim como também nos elucida sobre a divisão social do trabalho e principalmente no que tange a propriedade:

Deixemos de lado as questões levantadas pela cidade oriental, pelo modo de produção asiático, pelas relações “cidade-campo” nesse modo de produção, e enfim pela formação das ideologias (filosofias) sobre esta base. Consideremos apenas a cidade arcaica (grega ou romana) de que partem as sociedades e as civilizações ditas “ocidentais”. Esta cidade resulta geralmente do sinecismo, reunião de várias aldeias ou tribos estabelecidas num território. Esta unidade permite o desenvolvimento da divisão do trabalho e da propriedade mobiliária (dinheiro) sem todavia destruir a propriedade coletiva ou antes “comunitária” do solo. Assim se constitui uma comunidade no seio da qual uma minoria de livres cidadãos detém o poder sobre os outros membros da cidade: mulheres, crianças, escravos, estrangeiros. A cidade liga seus elementos associados à forma de propriedade comunal (“propriedade privada comum” ou “apropriação primitiva”) dos cidadãos ativos, os quais se opõem aos escravos. Esta forma de associação constitui uma democracia, mas os elementos dessa democracia são estreitamente hierarquizados e submetidos às exigências da unidade da própria cidade. É a democracia da não-liberdade (Marx). No transcorrer da história da cidade arcaica, a propriedade privada pura e simples (do dinheiro, do solo, dos escravos) se fortalece, se concentra, sem abolir os direitos da cidade sobre o território. (LEFEBVRE, 2001, p. 35-36).

Constatamos então que a cidade arcaica grega, dita democrática, ao mesmo tempo em que mantém as suas propriedades comunitárias e coletivas, começa a estabelecer as relações de propriedade privada, ao mesmo tempo em que estabelece de modo mais contundente a divisão social do trabalho. De igual modo, percebemos então que, por mais que haja uma dita “democracia”, ela existe para aqueles que de certa forma são ditos “livres”, pois as mulheres, as crianças, os escravos e estrangeiros estão fora dessa perspectiva de liberdade. Há uma hierarquização nas relações sociais, e por isso, há um fortalecimento e uma concentração da propriedade privada, a saber o dinheiro, o solo e os escravos. Nessa contradição entre a construção de uma democracia e um sistema que é baseado na escravidão, é que a cidade arcaica está fixada.

A separação entre a cidade e o campo toma lugar entre as primeiras e fundamentais divisões do trabalho, com a divisão dos trabalhos conforme os sexos e as idades (divisão biológica do trabalho), com a organização do trabalho segundo os instrumentos e as habilidades (divisão técnica). A divisão social do trabalho entre a cidade e o campo corresponde à separação entre o trabalho material e o trabalho intelectual, e por conseguinte entre o natural e o espiritual. A cidade incumbe o trabalho intelectual: funções de organização e de direção, atividades políticas e militares, elaboração do conhecimento teórico (filosofia e ciências). A totalidade se divide; instauram-se separações, inclusive a separação entre a *Physis* e o *Logos*, entre a teoria e a prática e, na prática, as separações entre *práxis* (ação sobre os grupos humanos), *poiésis* (criação de obras), *techné* (atividade armada com técnicas e orientada para os produtos). O campo, ao mesmo tempo realidade prática e representação, vai trazer as imagens da natureza do ser, do original. A cidade vai trazer as imagens do esforço, da vontade, da subjetividade, da reflexão, sem que essas representações se lastrem de atividades reais. (LEFEBVRE, 2001, p. 36).

Ao mesmo tempo em que a cidade se distinguirá do campo, com a materialização do desenvolvimento das técnicas e do trabalho, a cidade também será a representação do trabalho intelectual e da reflexão. É da cidade e de suas organizações, como Lefebvre afirma, que se constituirá cada vez mais o “acordo” entre as mais variadas técnicas e os mais variados trabalhos. Como mencionado, esse desenvolvimento será imprescindível para a vitória da razão, ou seja, ao mesmo tempo em que cidade (representação da vitória sobre o natural) se desenvolve em suas mais variadas urbanizações, constituirá então a partir da vida política o desenvolvimento da filosofia como trabalho intelectual. A filosofia é algo inerente aos seres humanos, e certamente que cada povo ou civilização dentro de suas limitações obteve determinado desenvolvimento da mesma. Mas o que estamos destacando aqui, é que a partir das civilizações antigas clássicas (Grécia e Roma), os filósofos dentro da divisão social do trabalho se constituem assim como os militares, os artesãos, os comerciantes e etc.

A filosofia, portanto, nasce da cidade, com a divisão social do trabalho e suas modalidades múltiplas. Torna-se ela mesma uma atividade própria, especializada. Entretanto, não cai no parcelário. Sem o que ela se confundiria com a ciência e as ciências, estas mesmas nascentes. Assim como o filósofo recusaria-se a entrar nas opiniões dos artesãos, dos soldados, dos políticos, da mesma forma ele recusa as razões e argumentos dos especialistas. Tem por interesse fundamental e por finalidade a Totalidade, reencontrada ou criada pelo sistema, a saber a unidade do pensamento e do ser, do discurso e do ato, da natureza e da reflexão, do mundo (ou do cosmo) e da realidade humana. (LEFEBVRE, 2001, p. 37).

O que desejo destacar, portanto, é que na antiguidade, a Cidade ocupa um papel já preponderante na formação de muitas das estruturas existentes na atualidade, pois como foi sublinhado, a partir da cidade arcaica

segundo Lefebvre, dentro da organização política da mesma, os sujeitos que agora vão se tornando urbanos, compreendem uma nova formação social. Ao mesmo tempo em que a cidade se estabelece como principal conformação, os cidadãos, homens e mulheres das mais variadas classes, começam a se adaptar a cidade, ao mesmo tempo em que lutarão pelo “direito à cidade”. Por mais que veremos isso mais a adiante, é imprescindível enfatizar que, já que a cidade se torna o “papel de parede” da vida social, com seu comércio, política, religião, exército, cultura e etc. Será então aí que se travará as disputas mais diversas na/da cidade, assim como também pela cidade. E essas disputas acompanharão o declínio das cidades gregas e romanas, e se estenderão para as propriedades feudais no Medievo:

Após esta primeira exposição da ligação interna entre a Cidade e Filosofia, saltemos para a Idade Média ocidental (europeia). Ela parte do campo. A cidade e o Império romanos foram destruídos pelas tribos germânicas, ao mesmo tempo comunidades primitivas e organizações militares. Desta dissolução da soberania (cidade, propriedade, relações de produção) resulta a propriedade feudal do solo, com os servos substituindo os escravos. Com o renascimento das cidades, há por um lado organização feudal da propriedade e da posse do solo (as comunidades camponesas têm uma posse costumeira e os senhores a posse “eminente”, como mais tarde se dirá) e por outro lado uma organização corporativa das profissões e da propriedade urbana. Ainda que no princípio dominada pela propriedade senhorial do solo, esta dupla hierarquia contém a condenação dessa propriedade e da supremacia da riqueza imobiliária. Donde um conflito profundo, essencial para a sociedade medieval. “A necessidade de se associar contra os cavaleiros saqueadores (estes mesmos associados), a necessidade de mercados comuns numa época em que o industrial era artesão, a concorrência dos servos em liberdade condicional, servos que afluíam para as cidades cujas riquezas aumentavam, a organização feudal inteira fez nascer as corporações. Os pequenos capitais lentamente economizados por artesãos isolados e seu número estável no meio de uma população crescente

desenvolveram o sistema de companheiros e aprendizes; coisa que estabeleceu nas cidades uma hierarquia semelhante à dos campos” (Marx). Nessas condições, a teologia subordina a si a filosofia. Esta última não medita mais sobre a Cidade. (LEFEBVRE, 2001, p. 38-39).

Se a cidade durante a Idade Antiga era então o início da urbanidade (que surgirá na Idade Moderna), projetando novas estruturas societárias, organizando os comércios e estabelecendo outras relações de poder, na Idade Média, com o desfalecimento do Império Romano, as cidades perdem força para as estruturas feudais que são o fundamento desse novo período. As relações verticalizadas entre senhor feudal e servos estabelecem a priori a maior parte do acordo social, e depois, com a saída dos mesmos servos para as cidades, outras relações sociais voltam a organizar-se a partir do comércio e da volta. Quando as cidades voltam dos seus desmaios, desarticuladas principalmente pela Queda do Império Romano e pelas Invasões Bárbaras dos povos germânicos, as cidades que compreendem o período final da Idade Média para a transição da Idade Moderna, são cidades basicamente comerciais. Lembrando que, com o declínio agora da Igreja Católica e do Senhorio Feudal, o dinheiro alavancado a partir dos mercados comuns, faz com que surja a burguesia e seu poder econômico. Esse poder se fez proeminente principalmente na falta de uma articulação de poder político, já que o poder político que existia estava fragmentado, por isso, a burguesia que encabeçava as movimentações econômicas e comerciais, cada vez mais ganhavam espaço, assim como também conseguiram fazer com que a cidade voltasse a ser preponderante novamente, deixando com que a propriedade feudal ocupasse um papel secundário nessa nova articulação de poder. A cidade voltava a ser o centro do desenvolvimento político e social, só que agora, muito mais voltada para o acúmulo de dinheiro e para a aceleração do desenvolvimento de

mercados. É nas cidades modernas que a população começa a se concentrar com maior rapidez. É nessas cidades, que os artesãos, os comerciantes, sejam eles os que utilizam rotas terrestres ou marítimas se encontram, e possibilitam uma nova conexão entre os mundos. Europa, Ásia, África e depois a América, começam a interligar-se a partir das novas demandas comerciais e monetárias da Europa, na busca por outros mercados para consumo, na procura por mão-de-obra para escravizar e de colônias para explorar. As cidades da Europa começam se tornar populossíssimas, e acumulam cada vez mais dinheiro e riqueza. O que seria dos humanos modernos sem a cidade? É nesse cenário que surge a industrialização, que ditará o ritmo desse mundo, da sociedade e da cidade.

A industrialização fornece o ponto de partida da reflexão sobre nossa época. Ora, a Cidade preexiste à industrialização. Esta é uma observação em si mesma banal, mas cujas implicações não foram inteiramente formuladas. As criações urbanas mais eminentes, as obras mais “belas” da vida urbana (“belas”, como geralmente se diz, porque são antes obras do que produtos) datam de épocas anteriores à industrialização. Houve a cidade oriental (ligada ao modo de produção asiático), a cidade arcaica (grega ou romana, ligada à posse de escravos), depois a cidade medieval (numa situação complexa: inserida em relações feudais, mas em luta contra a feudalidade da terra). A cidade oriental e arcaica foi essencialmente política: a cidade medieval, sem perder o caráter político, foi principalmente comercial, artesanal, bancária. Ela integrou os mercadores outrora quase nômades, relegados para fora da cidade. Quando a industrialização começa, quando nasce o capitalismo concorrencial com a burguesia especificamente industrial, a Cidade já tem uma poderosa realidade. Após o quase desaparecimento das cidades arcaicas, na Europa ocidental, no decorrer da decomposição da romanidade, a Cidade retomou seu desenvolvimento. Os mercadores mais ou menos errantes elegeram para outro centro de suas atividades aquilo que subsistiu de antigos núcleos urbanos. Inversamente, pode-se supor que esses núcleos degradados exerceram a função de aceleradores para aquilo que restava da economia de troca, mantida por mercadores ambulantes. A partir do sobreproduto crescente da agricultura, em detrimento

dos feudos, as Cidades começam a acumular riquezas: objetos, tesouros, capitais virtuais. Já existe nesses centros urbanos uma grande riqueza monetária, obtida pela usura e pelo comércio. (LEFEBVRE, 2001, p. 11-12).

Após a configuração dos burgos, e das primeiras configurações citadinas na passagem da Idade Média para a Idade Moderna, foram preponderantes para que houvesse as primeiras estruturas capazes de se centralizarem como mercados, e esses mesmos mercados, levantam-se como um poder em contraponto ao poder da Igreja, da propriedade feudal e dos reis. Esses mercados ao se estabelecerem, começam a se estabelecer também como cidades, e essas mesmas cidades potencializam as aglomerações populacionais. Esse êxodo, que fará com que as populações campesinas procurem as cidades, será quase que uma migração obrigatória, pelo fato que essas cidades que centralizarão mercados, precisarão dessas massas populacionais que virão do campo para ser a mão-de-obra barata que permitirá a industrialização, que fará num primeiro momento com que a Europa entre em um outro estágio econômico, e conseqüentemente, com o passar do tempo, o mundo passará direta ou indiretamente pelo processo da industrialização. A industrialização ao mesmo tempo em que transformará a sociedade, também fará o mesmo com as cidades, pois a cidade é direta e indiretamente construída e feita pelos homens e pelas mulheres que nela vivem, trabalham, transitam e que nela mandam (na atual “democracia” poucos mandam na cidade). Na medida em que os homens e as mulheres transformam a cidade comercial em cidade industrial, o capital começa a intervir de modo mais direto em seu espaço. Nesse trabalho é imprescindível discutirmos a cidade através da análise histórica, demonstrando que, desde as cidades pré-históricas e antigas, passando pelo medievo, pela cidade moderna até a contemporaneidade, entendamos algumas relações que nos trazem até o presente, para que possamos nos

localizar geograficamente, politicamente, socialmente e economicamente. Porém, ao mesmo tempo em que sublinhamos certos aspectos da cidade europeia, passando pelas transformações que o sistema capitalista impõe para a sociedade de forma mais acentuada a partir da industrialização, precisamos aqui entender a cidade (e o que a configura), na perspectiva de Terceiro Mundo, de América Latina, para que assim, ao deixarmos de perceber a realidade de forma ingênua, entendamos as nossas contradições e possamos construir alternativas de superação das mesmas.

Enfim, o espaço dos países subdesenvolvidos é marcado pelas enormes diferenças de renda na sociedade, que se exprimem, no nível regional, por uma tendência à hierarquização das atividades e, na escala do lugar, pela coexistência de atividades de mesma natureza, mas de níveis diferentes. Essas disparidades de renda são menos importantes nos países desenvolvidos e influenciam muito pouco o acesso a um grande número de bens e serviços. Ao contrário, nos países subdesenvolvidos, a possibilidade de consumo dos indivíduos varia muito. O nível de renda também é função da localização do indivíduo, o qual determina, por sua vez, a situação de cada um como produtor e como consumidor. O comportamento do espaço acha-se assim afetado por essas enormes disparidades de situação geográfica e individual. (SANTOS, 2004, p. 21).

Desta maneira, cabe aqui nesse trabalho, entender como a educação popular contribui (ou não contribui) para emancipação e humanização das juventudes na cidade, tendo em vista que a cidade é complexa em sua composição, entendendo que esses jovens compreendem e localizam-se em diferentes bairros da cidade, ao passo em que participam de um mesmo programa de educação popular (Paidéia), localizado no centro da cidade. Somado a isso, é necessário compreender que alguns desses jovens, desenvolvem algumas atividades durante o dia no centro. Trabalham, concluem o Ensino Médio, fazem outros cursos e a noite, integram o

Paidéia. Porém, cabe entender qual a sua “participação” na cidade, para além do transitar, estudar, trabalhar e habitar. Entendendo que a cidade é política, cultural, econômica e social, é espaço de vida e ao mesmo tempo de sobrevivência na lógica capitalista. É espaço de luta e resistência, constituída por desigualdades e violências que anos após ano se acentuam, por classes que cada vez mais (ao serem naturalizadas) se assemelham a castas, sendo que na realidade brasileira, de país de Terceiro Mundo, todas as mazelas se agigantam. Noam Chomsky nos explicita um pouco sobre essa desigualdade:

Na elogiadíssima história da americanização do Brasil antes mencionada, Gerald Haines diz que os Estados Unidos vêm usando o Brasil desde 1945 como “área de teste para os modernos métodos científicos de desenvolvimento industrial baseado no capitalismo intensivo”. Essa experiência foi levada a cabo “com a melhor das intenções”. Os investidores estrangeiros se beneficiaram, mas os planejadores “acreditavam sinceramente” que o povo brasileiro também se beneficiaria. Não é necessário explicar como foi que se beneficiaram ao tornar o Brasil “a menina dos olhos da comunidade internacional de negócios na América Latina” sob o governo militar – nas palavras dos jornais de negócios –, enquanto que o Banco Mundial relatava que dois terços da população não se alimentavam o bastante para suportar uma atividade física normal. (CHOMSKY, 2015, p. 30).

E nessa gama de desigualdades gerada pelo acúmulo do capital, sendo já um problema em países desenvolvidos, são gerados problemas ainda maiores nos países subdesenvolvidos ou países de Terceiro Mundo. Certamente que os processos de desigualdade ou de exploração são historicamente construídos e perpetuados pelas opções econômicas, que ao serem colocadas em prática, constituem cada vez mais um “governo” do capital sobre os países, e especificamente aqui, na cidade. Historicamente, a colonização da América Latina vai se encontrar com as políticas

neoliberais que favorecem o capital, o mercado, a financierização, a especulação e outras ações que afirmam a violência do sistema capitalista.

Mas as diferenças geográficas são bem mais do que legados histórico-geográficos. Elas estão sendo perpetuamente reproduzidas, sustentadas, solapadas e reconfiguradas por meio de processos político-econômicos e socioecológicos que ocorrem no momento presente. Tem tanta importância considerar de que modo as diferenças geográficas estão sendo produzidas no aqui e no agora quanto tem de recorrer a matérias-primas histórico-geográficas que nos vieram de outros ciclos de atividade. (HARVEY, 2004, p. 111).

Por isso, é preciso constatar quais as relações que esses jovens têm com e na cidade, entendendo que a cidade é esse espaço geográfico, mas que compreende inúmeras relações já mencionadas e descritas, e também, qual a contribuição que o Paidéia oferece para esses jovens, sabendo que por trabalhar numa perspectiva de educação popular, constrói um viés crítico, reflexivo e político através da educação. Quais são os indícios ou as evidências de construção da emancipação e da humanização na cidade, já que a cidade, sob a égide e o respaldo do capital, permite que os homens e as mulheres façam da cidade um caminho, mais parecido com um trilho, do seu itinerário da casa para o trabalho, do trabalho para casa, deixando os espaços públicos impraticáveis, principalmente porque o tempo no capitalismo é curto, foi reduzido pelas intensivas jornadas de trabalho, e ao mesmo tempo em que não se tem tempo, não se tem dinheiro para desfrutar da capitalização de quase tudo na cidade.

5.2 Cidades e invisibilidades

Na maior parte do tempo, não percebemos que muitos cidadãos são invisíveis para nós, assim como na maior parte das vezes, somos também invisíveis, imperceptíveis ou simplesmente não existimos para

determinadas pessoas em nossa cidade. Como isso pode acontecer? Ou melhor, como não nos damos conta disso? Como acréscimo, trago à reflexão, que talvez dentro de nossa cidade possa existir outra cidade ou até mesmo outras cidades. Isso se potencializa ainda mais nas cidades que compreendem os países de terceiro mundo ou dos ditos países subdesenvolvidos. Quem mora (porque tem aquelas pessoas que somente trabalham no centro da cidade) no centro da cidade? Quem mora na periferia? A periferia possui o mesmo acesso à praia quanto os moradores do centro? A periferia, mesmo estando ao lado da universidade, possui acesso à mesma? As pessoas que se assentam às mesas das decisões acerca dos projetos econômicos e políticos da cidade, moram aonde? Eis alguns questionamentos exordiais que podem nos direcionar hipoteticamente a determinadas vontades organizativas e ocupacionais da cidade, ou melhor, de nossa cidade. Junto a isso, pensemos com lucidez acerca da ocupação dos espaços públicos e privados de nossa cidade. Quem pratica a cidade? Quem vivencia a mesma? E quem simplesmente passa pela cidade como se ela tivesse somente um trilho que liga a casa ao trabalho? Será que eu tenho direito à cidade em que vivo? Esses são alguns questionamentos que veem sulear essa pesquisa, na busca pelo entendimento das diferentes realidades que compõem a cidade, e principalmente, para entender como a juventude, que mora e se desloca de diferentes lugares, ocupa ou não essa cidade, ao mesmo tempo em que seu protagonismo pode intervir de modo construtivo nas mais variadas relações que são tecidas nos mais variados espaços. A cidade está dividida, mas quem a dividiu? E quem mantém dividida? Tyador Borlú ouviu a seguinte afirmativa de Ashil, integrante da Brecha:

- Você fez um excelente trabalho. Você viu como trabalhamos. Nenhum outro lugar funciona como as cidades – ele disse – Não somos apenas nós que as

mantemos separadas. São todos em Beszel e todos em UlQoma. A cada minuto, a cada dia. Nós somos apenas a última trincheira: são todos nas cidades que fazem a maior parte do trabalho. Ele funciona porque você não pisca. É por isso que desver e dessentir são tão vitais. Ninguém pode admitir que não funciona. Então, se você não admite, não funciona. Mas se você cometer uma brecha, mesmo que seja sua culpa, por mais do que o mínimo espaço de tempo ... você não pode voltar atrás. (MIÉVILLE, 2014, p. 287).

China Miéville, de forma ficcional, mas nem tanto, na obra *A Cidade & A Cidade* (Boitempo, 2014), descreveu duas cidades (Beszel e UlQoma) que ocupam o mesmo espaço geográfico, construída sobre um passado pós-soviético. Porém, seus habitantes, governados pela Brecha, uma autoritária e monolítica administração, estão proibidos de cometer brecha (falar, manter contato visual...), sob uma rigorosíssima pena que todos temem. Tyador Borlú, inspetor de polícia e investigador de um caso de um intrigante caso de assassinato, aonde além de uma jovem estudante ter sido a vítima, houve uma ilegal travessia de uma cidade para outra. Sempre com a brecha como possibilidade, Borlú conjectura que a Brecha esteja por traz do encobrimento dos acontecimentos, o que tira cada ponto dessa investigação do campo da trivialidade, ao mesmo tempo em que se levanta hipóteses e evidências conspiratórias. Ao tempo em que a investigação se desenrola, tudo aponta para a constatação que desconsiderar as divisões existentes entre Beszel e UlQoma, é muito mais delicado e grave do que assassinar alguém. No trecho acima, Ashil elucida Borlú sobre as bases e fundamentos da divisão da cidade, demonstrando que a Brecha é somente um dos componentes dessa divisão, além de ser o último, pois o *modus operandi* é mantido cotidianamente, na medida em que a população, sem a mínima vontade de indagação, permite ser controlada, vigiando a si mesmos, perpetuando inúmeros regramentos, dos quais a Brecha se sustenta, dos quais a invisibilidade social persevera. Aqui, a ficção se encontra com

a realidade, principalmente no que tange as divisões sociais que o próprio sistema capitalista impõe para a sociedade. Isso explode na cidade, ao percebermos que a divisão urbana está bem expressada nas localizações dos bairros, sejam eles centrais ou mais na periferia. Nessa perspectiva, a naturalização da divisão social, faz-se aceitar que a cidade é assim, nasceu assim e por isso, deve se perpetuar o modo de fazer a cidade. Joga-se os pobres para longe, as casas populares para a periferia e subúrbio, transformando regiões em guetos, em favelas, afastados na maior parte das vezes, da vida política, social, educacional e etc. Permite-se que a periferia venha para o centro, somente para trabalhar, para fazer a cidade funcionar e se acumular capital. Porém, se tratando das grandes cidades, o percurso até o trabalho e do retorno para casa, se gasta muito tempo.

Os congestionamentos de tráfego em São Paulo, onde circulam diariamente 5,2 milhões de automóveis, chegam a atingir 295 quilômetros de vias. A velocidade média dos automóveis em São Paulo, medida entre às 17h e 20h em junho de 2012, foi de 7,6km/h, ou seja, quase igual à da caminhada a pé. Durante o período da manhã, a velocidade média sobe para 20,6 km/h, ou seja, a mesma de uma bicicleta. (MARICATO, 2013, p. 25).

Portanto, a mobilidade urbana, não é um problema somente nas cidades grandes como São Paulo, mas também em outras cidades brasileiras, aonde a população da periferia se desloca para áreas centrais, para trabalhar, estudar e comprar, retornando para seus bairros, que possuem por vezes somente uma função de dormitório. As cidades brasileiras são a comprovação da política de divisão social, divisão imposta pelo capital, perpetuada na realidade urbana da América Latina.

Como integrantes de um país da periferia do capitalismo, em que pesem as novas nomenclaturas definidas pelo mainstream, as cidades brasileiras carregam uma herança pesada. A desigualdades social, uma das maiores da

América Latina, e a escravidão vigente até pouco mais de um século atrás são características que se somam a um Estado patrimonialista e à universalização da “política do favor”. De que forma essas características aparecem nas cidades? Como não é o caso de fazermos uma leitura extensa, pois esse texto é apenas um ponto de partida, vamos priorizar o fato de que grande parte de nossas cidades é construída pelos próprios moradores em áreas invadidas – muitas delas ambientalmente frágeis – ou adquiridas de loteadores ilegais. Para a construção desses bairros, não contribuem arquitetos ou engenheiros, tampouco há observância de legislação urbanística ou de quaisquer outras leis, até mesmo para a resolução dos (frequentes) conflitos, para a qual não contribuem advogados, cortes, juízes ou tribunais. Trata-se de uma força de trabalho que não cabe no mercado residencial privado legal, que por sua vez (e por isso mesmo) é altamente especulativo. Trata-se, portanto, de uma força de trabalho barata, segregada e excluída da cidade legal. Assim como vivemos a industrialização dos baixos salários, podemos dizer que vivemos a urbanização dos baixos salários. A melhoria desses bairros é fonte inesgotável do velho clientelismo político: troca-se por votos a pavimentação de uma rua, a iluminação pública, uma unidade de saúde, uma linha de ônibus etc. (MARICATO, 2013, p. 21).

As desigualdades existentes nos países de periferia como o Brasil, ou para usar uma nomenclatura já utilizada nesse trabalho, de Terceiro Mundo, estão cada vez mais estigmatizadas nas cidades. Vivemos em uma realidade aonde as desigualdades e os contrastes sociais e econômicos são abissais, e esses abismos crescem cada vez mais, a medida que o neoliberalismo finca seus dentes nas veias “ainda” abertas da América Latina. Sobrevivemos em uma sociedade dividida, sociedade em que a única coisa que é livre é o capital, e para esse não há limiar. Ao mesmo tempo, as fronteiras servem somente para as populações, sejam essas mesmas fronteiras leves ou pesadas, visíveis ou invisíveis, porque na verdade elas estão por aí, e nos delimitam. As classes sociais nos permitem entender que a invisibilidade de uma fronteira, não significa que ela não seja violenta, mas

pelo contrário, possui um poder de amordaçar e oprimir a população. Quando falamos de fronteiras visíveis e físicas, o Muro de Berlim não foi e nem é a única experiência de divisão material na história entre populações. Por mais que essa ação da União Soviética seja colocada como um exemplo ditatorial do comunismo (mesmo que Inglaterra, Estados Unidos e França tenham permitido e consentido o levantamento do mesmo), sabemos hoje que o capital através do neoliberalismo pode ser tão ou mais ditatorial ainda, na medida em que vemos um muro sendo levantado entre Estados Unidos e México, Ceuta e Melilla no Marrocos, o Muro da Cisjordânia levantado por Israel e o Muro de Evros entre Grécia e Turquia. Por isso afirmo anteriormente que China Miéville escreveu *A Cidade & A Cidade* de forma ficcional, mas nem tanto. A cidade, ao olharmos de perto, propõe para nós o encontro da realidade social que se encontra presa nas relações do capitalismo, expondo toda a feiura das mazelas que são cotidianamente produzidas.

A cidade não é apenas a organização funcional do espaço, suas ruas e edificações, seus bairros, pessoas carregando sonhos, isoladas na multidão, em um deserto de prédios, que aboliu o horizonte e apagou as estrelas. A cidade é a expressão das relações sociais de produção capitalista, sua materialização política e espacial que está na base da produção e reprodução do capital. A cidade é a forma reificada dessas relações, mas também do amadurecimento das contradições que lhes são próprias. É a unidade de contrários, não apenas pelas profundas desigualdades, mas pela dinâmica de ordem e da explosão. As contradições, na maioria das vezes, explodem cotidianamente, invisíveis. Bairros e pessoas pobres, assaltos, lixo, doenças, engarrafamentos, drogas, violência, exploração, mercado de coisas e de corpos transformados em coisas. As contradições surgem como grafites que insistem em pintar cores e beleza a cidade cinza e feia. Estão lá, pulsando, nas veias que correm sob a pele urbana. (IASI, 2013, p. 41).

Na cidade hoje, para além das obstruções construídas pelas artimanhas do capital, também percebemos que o tempo também foi reduzido (como foi reduzido em todos os lugares em que o capitalismo se instaurou), e da mesma forma percebemos que a vida de homens e mulheres são desperdiçadas. Não é somente na cidade de Isidora, que ao ser descrita por Marco Polo para Kublai Khan, “Na praça, há um murinho dos velhos que veem a juventude passar; ele está sentado ao lado deles. Os desejos agora são recordações” (CALVINO, 2003, p.6). Na lógica capitalista, é muito mais propício que os homens e mulheres ao se desperdiçarem, construindo com seu trabalho a riqueza de quem domina, que não haja satisfação dos desejos, nem recordações e nem memórias. Como foi mencionado anteriormente no excerto de Marx, o homem tornou-se a carcaça do tempo. E principalmente na cidade.

6

Metodologias

6.1 O diálogo e a partilha na pesquisa

Nesse capítulo, para além do desenvolvimento das categorias a serem investigadas, métodos de coleta de dados, métodos de análise de dados, dos princípios desses métodos, ferramentas e outros utensílios que compõem o realizar da pesquisa, cabe esclarecer que essa investigação que está sendo construída, está baseada em relações sociais estabelecidas a partir de relações educacionais e principalmente, na relação responsável e solidária de trocas com sujeitos sociais e reais. Por isso, essa pesquisa não é mais ou menos importante do que qualquer outra, porém se faz necessária pelo fato de que tenta se aproximar da melhor forma possível do entendimento sobre a construção emancipatória de homens e mulheres. Por mais que a pesquisa se dê e se desenvolva a partir de um espaço de educação popular, que como hipótese penso que seja uma perspectiva que possibilite emancipação e humanização, tentando compreender as articulações das juventudes na cidade, em tempos onde ainda a educação se refaz em um esforço cotidiano e contínuo de posturas de reafirmações (falo aqui das lutas pela educação, dos seus espaços, dos e das profissionais em educação), a pesquisa em educação e na educação em nenhum momento se coloca em posição de inferioridade ou em alguma categoria secundária em relação a outras áreas do conhecimento, mas pelo contrário, é extremamente imprescindível para o desvendar de nossa realidade política, social, cultural, econômica e ambiental. É necessário pesquisar e investigar com esses sujeitos, principalmente pelo fato de que esses mesmos, trazem em suas vidas as experiências que potencializam a educação popular ao

mesmo tempo em que coletivamente, também podem construir de modo mais contundente, a emancipação.

Mais do que em todas as épocas anteriores, nesta época de nosso tempo, pensada como a “era do conhecimento” ou a “era da consciência”, o lugar da educação é tão nuclear e crucial quanto o da ciência. Mais do que nunca, seremos o que fizermos conosco e entre nós, por meio da educação que nos forma...Ou conforma. Assim, podemos pensar em que razão de ser educação não é apenas o ato de capacitar instrumentalmente produtores humanos, por meio da transferência de conhecimentos consagrados e em nome de habilidades aproveitáveis. Antes disso, e muito além disso, ela é o gesto de formar pessoas na inteireza de seu ser e de sua vocação de criarem-se a si mesmas e partilharem com os outros a construção livre e responsável de seu próprio mundo social da vida cotidiana. (BRANDÃO, 2003, p. 20-21)

É nesse ambiente e nesse espaço em que a pesquisa se configura, no tentar entender, a partir da pesquisa, como a educação popular (nesse caso o curso Paidéia) contribui para a construção da emancipação e da humanização, categorias imprescindíveis para o cumprimento da vocação ontológica dos homens e das mulheres. Por isso, no entendimento que a educação é e deve ser política, crítica e reflexiva, propondo a partir do compartilhamento de saberes e experiências, a pesquisa e a investigação em educação, não se faz diferente. Pesquisar a educação e seus sujeitos, é a possibilidade de não desperdiçar os protagonismos que diariamente se configuram e é também o reconhecimento profundo da importância de uma educação que desafie os ditames conservadores, reacionários, adestradores e mercadológicos, impostos cada vez mais de forma verticalizada. Pesquisar em educação é também a possibilidade de contrapor, de construir no viés contra hegemônico, outras perspectivas no fazer ciência, possibilitando que experiências, saberes, epistemologias e protagonismos, sejam trazidos à tona, sejam constatados e reconhecidos. Nos espaços

educacionais, me refiro não somente nesse caso ao curso Paidéia que desenvolve suas atividades na perspectiva da educação popular, mas tanto nas escolas, em suas atividades de cotidiano, nas reuniões, formações, nas formulações de projetos, nas manifestações em defesa da educação, há a dita “produção de conhecimento”. Digo isto em contraponto ao que se está pulverizado por aí, que somente a universidade legítima, que somente a universidade produz conhecimentos e conhecimentos úteis.

Porém, nas escolas e em outros espaços de educação, está sendo construído e desenvolvido conhecimentos, ao mesmo tempo em que sujeitos se constituem como cidadãos. Portanto a ciência, me refiro ao desenvolvimento do conhecimento científico, deve sim estar repleto desses saberes e conhecimentos que são desperdiçados e silenciados, principalmente ao cair em descrédito frente ao que é ciência e ao que não é ciência.

A razão do ser do ofício das ciências e, de maneira especial da pessoa, da cultura e da sociedade (a pedagogia, inclusive) não é a que estabelece certezas irremovíveis e explica dimensões da realidade por meio de leis e teorias inquestionáveis. Isto não existe e defender isto, assim como a exclusividade ou a prioridade de verdade de “minha teoria” ou de “minha pesquisa”, é um fundamentalismo tão dispensável e vulgar quanto o das piores e perversas tradições religiosas, fabricantes de fanáticos que se imaginam apenas fiéis. Toda a ciências do humano deve servir aos humanos. Deve se assumir como um humilde momento de realidades de vida e de pensamento que começam e acabam bem aquém e além de seus limites. Ela deve se reconhecer mais em sua fragilidade aberta ao diálogo do que em certezas fechadas no monólogo de seus praticantes e na obsessão da defesa de seus princípios e de seus achados. Toda a experiência de conviver e partilhar saberes para decifrar mistérios deve estar francamente aberta a campos conectivos, interativos e transformadores de busca e de criação de significados. (BRANDÃO, 2003, p.22)

Nessa perspectiva, Carlos Rodrigues Brandão, experiente educador e pesquisador, nos alerta dos perigos da ciência como fundamentalismo ou

monólogo, podendo cair aí no reducionismo e no fanatismo, não entendendo que a ciência, serve em primeiro momento para os homens e para as mulheres, e dentro de determinada rigorosidade, deve estar aberta para o diálogo com os mais diferentes sujeitos. Por mais que os recursos e aporte teóricos e metodológicos caminhem em uma rigorosidade e em uma coesão (e isso também dará força e respaldo para a pesquisa), há que se entender que quem pesquisa e quem está participando da pesquisa, está configurada de realidades, de posicionamentos, de entendimentos de mundo, de vontades de falar e denunciar (ou não), desenvolve atividades políticas ou sociais, ou seja, já está exercendo o seu direito de viver de modo asseverativo. Entendo então que, ao nos debruçarmos sobre a realidade que está sendo investigada, junto aos seus sujeitos, é preponderante que entendamos que aí haja e se faça verdadeira uma relação entre os saberes que a priori são ditos “científicos” e os saberes que são daqueles e daquelas pessoas que ao partilharem conosco seu entendimento de mundo, pois somente assim se estará estabelecendo um diálogo que permitirá de forma coerente entender o fenômeno ou entender os que se está investigando.

A pesquisa junto aos atores sociais, ao mesmo tempo que ratifica o protagonismo dos mesmos, prepara-se para compreender de uma forma não ingênua a realidade que está sendo pesquisada, e por isso, precisamos de responsáveis referencias metodológicas que nos auxiliem na construção do entendimento ao modo em que vamos problematizando e fazendo com que a partilha de saberes se potencialize em entendimentos. As metodologias de pesquisa, de mãos dadas com os aportes teóricos, permitirão reconhecer que a pesquisa também é o estabelecimento de relações recíprocas e não desiguais, aonde o outro tem voz, mente, ações, trabalho e vida.

Optar pela pesquisa na educação, assim como estar envolvido com a educação, é estar antenado e atento para as relações que se desdobram, mas que vide cuidado, se torna um convite para ouvir e constatar, como sublinha Brandão:

O olhar atento, os ouvidos à escuta, o sentimento voltado para o mistério do outro com quem, por uma fração de nossas vidas, estamos tentando trabalhar como educadoras e educadores, como alfabetizadores. Esses “outros” sobre quem cabem tantos nomes da pedagogia: “educando”, “alfabetizando”, “jovem”, “adulto”. Mas, desafortunadamente, um nosso “outro” a quem se torna necessário atribuir também os adjetivos lembrados por Miguel Arroyo em nossa epígrafe: “oprimidos”, “excluídos”. (BRANDÃO, 2003, p.206)

Juntando sua reflexão com a de Miguel Arroyo, Brandão afirma a sensibilidade que se faz imprescindível não somente como educador ou educadora, mas no desenvolvimento da pesquisa, entendo que o “outro” é real, não algo inerte que pode ser colocado em um experimento de modo a ser explorado. A pesquisa é diálogo, é compartilhamento, na mesma medida em que investiga de modo solidário, tendo em mente que o que está se investigando, trará repercussões, e essas repercussões falam sobre alguém e de uma determinada realidade.

A primeira pesquisa é esta: não apenas escutar bem, como uma “técnica”, mas deixar-se ouvir, como uma atitude do diálogo. Não apenas captar como objetividade o que pronuncia um “objeto de pesquisa”, mas estar ao lado de um outro sujeito de vida que me fala enquanto eu silencio a boca e o coração para ouvi-lo inteiramente – as suas palavras, os seus silêncios. O diálogo que deveria estar no começo e no final de qualquer técnica de trabalho. Estar atento a ouvir o outro, *ao que me fala*. Despojar-se de todo conhecimento prévio, de todo juízo que classifica antecipadamente, e mesmo antes de que *aquele que me fala* diga a primeira palavra, já atribui a ele um rótulo. E já se predispõe a ouvir não *o que ele me diz*, mas o que deve dizer quem é, como eu antecipo

que ele seja e, portanto, deve dizer o que eu acho que ele fala enquanto ouço a mim mesmo pensando que o escuto. (BRANDÃO, 2003, p.208)

Antes de começar a pesquisa, assim como durante o desenvolvimento da mesma, cabe a consciência de ao mesmo tempo que deixo de lado a ingenuidade, também largo a arrogância de intelectual para abraçar a investigação como pesquisador, porém, baseado sempre na construção da dialogicidade. É necessário que a pesquisa, que é também amadurecimento do trabalho, amadurecimento do entendimento, e que é sim possível ser construída pelo “eu” e pelo “nós”, seja entendida com rigorosidade no desenvolvimento de seus procedimentos investigativos, permitindo ser atualizada pelas novas informações que aparecerão e contribuirão no entendimento da realidade.

Qualquer que seja modalidade do procedimento de pesquisa, uma mesma atitude de inocência crítica e criativa deve ser observada. Ela aparece ser algo muito difícil, possível apenas entre pessoas treinadas em nível superior para o exercício de tal procedimento. Mas elas fazem parte da vida de todos os dias tal como pensada pelo senso comum. As pessoas que aprendem a pensar por contra própria começam por aí, pois “tomar consciência” não é passagem mágica e nem um “virar filósofo”. É o lento aprendizado de fazer com que coisas, relações e experiências da vida passem de planos de compreensão mais obscuros (“isso é assunto que só Deus sabe”), mais fatalistas (“é assim porque sempre foi assim”), menos articulados (“aqui todo o mundo é pobre, deve ser porque a gente não trabalha como devia”), menos colocados em seus planos e feixes de relações, seus quadros sociais de referência (“eu sei que muita coisa está errada, mas não consigo nunca saber por quê”) para modos de pensamento mais reflexivos, mais integrados e mais compreensivos, em cada pessoa e nos eixos de diálogo entre pessoas. (BRANDÃO, 2003, p. 240)

A ideia de que a pesquisa é algo impossível de ser realizada, se desfaz nessa afirmação acima, principalmente na ideia de que a “tomada de

consciência” é de alcance de todos e todas, e como foi colocado, pode ser alcançado a partir de pensamentos mais reflexivos, saindo do âmbito fatalista e da perspectiva do condicionamento, partindo para uma ruptura que nos faça entender a realidade para além das aparências. Isso pode se dar no cotidiano, nas constatações feitas por mulheres e homens de vida simples, mas que de forma arguta e sagaz permitem-se indagar e indagar a realidade, independentemente do nível de escolaridade ou de profissionalismo.

A partir dessa constatação, dessa tomada de consciência de “como se vive? ”, “como me relaciono com os demais? ”, “para quem eu trabalho? ”, “ as condições de trabalho são salutaras? ”, “estou sendo explorado ou não? ”, “vivo de forma alienada ou não? ”, são alguns questionamentos que possibilitam sulear o início da organização e da sistematização metodológica de uma investigação.

As perguntas, questionamentos e problematizações são imprescindíveis para o desenvolvimento e para a sustentação de uma pesquisa, ao modo que as respostas que nos serão dadas possibilitarão o entendimento do que se pesquisa.

Podemos verificar que a série de perguntas das nossas pesquisas costuma envolver questões como: “o que é assim? O que aconteceu? O que mudou? ”; “Em que quantidade ou em que proporção disto é assim? Isto aconteceu ou mudou? ”; “O que envolve o que é, o que aconteceu ou o que mudou? ”; “Como e através de que fatores isto é assim? Como isto aconteceu? Como isto mudou? ”; “ ‘Porque isto é assim aconteceu assim ou mudou desta ou daquela maneira? ”. Passo a passo as nossas perguntas tendem a transformar “coisas” em “proporções entre coisas”, e em causas ou interações de interdeterminações entre “coisas “e acontecimentos. Em direção a explicações cada vez mais interativas e mais complexas, elas são perguntas cujas respostas poderão ser pelo menos em alguma medida representadas por números e análises de números traduzidos como porcentagens e fórmulas estatísticas de valor

descritivo ou comparativo. Pois eis que agora os números encontrados são obrigados a dizer algo mais do que “isto é assim”. Eles precisam dizer: “Em comparação com isto, aquilo é assim”; “Se isto acontecer dessa maneira, é provável que aquilo também aconteça daquela maneira”; “Quem escolhe ser assim deverá escolher também viver assim”; e “assim” por diante. (BRANDÃO, 2003, p.262-263)

Os questionamentos e indagações nos permitirão avançar no desenvolvimento da pesquisa como afirmei anteriormente, porém, as perguntas não são somente base para o desenvolvimento de um quadro estatisticamente enumerado, mas para além disso, deverão compreender o desenvolvimento das categorias alçadas para entendimento da realidade. A investigação andará, na mesma medida em que a metodologia que me permitir problematizar auxilia no decorrer dessa tarefa, que não é simples.

As perguntas passam de um estado pueril para um estado transformador, amadurecido, possibilitando as interações, religando e conectando as ferramentas metodológicas e teóricas que discutirão junto com os dados que serão compartilhados e dialogados com os sujeitos investigados. Nessa pesquisa, que dependerá também da partilha das juventudes que participaram do Paidéia, será importante entender as contribuições da perspectiva da educação popular na vida deles, ao mesmo em tempo em que, de modo dialético, as suas experiências, saberes e entendimentos, caminharão juntas ou não na construção de suas emancipações e humanizações na cidade. Tendo em mente que a educação popular faz propostas contra hegemônicas pelo viés crítico da educação, tenho uma hipótese de que há contribuições da mesma na vida e para a vida dessas juventudes (o Paidéia não é composto somente de juventudes, assim como a educação popular também não).

Nessa pesquisa, porém se faz um recorte de análise com e na juventude), do mesmo jeito que as suas contribuições potencializam o Paidéia e

enriquecem o espaço, mas somente na pesquisa, no desdobramento da mesma é que conseguirei constatar a realidade.

As perguntas desejam respostas que sejam descrições de situações; explicações simples sobre variações de situações e de “estados” ou “acontecimentos” existentes em um momento ou realizados na vida de pessoas, de grupos humanos, de comunidades ou de classes sociais; aproximações compatíveis entre “coisas”, através de uma quantificação confiável que permita estabelecer relações inteligentes entre “isto e aquilo”. Pois tudo ou quase tudo na natureza e na sociedade diz respeito a relações interativas entre simples, múltiplos e complexos “isto e aquilo”. Relacionar, co-relacionar, perguntando como alguma coisa convive com outra, ou interrogando sobre qual a qualidade da relação de causa e efeito entre uma e outra, pode ser resolvido com explicações dadas através de dados quantitativos, bem objetivos, em que as opiniões e ponto de vista das pessoas não são levados em conta. Ou são levados na medida em que isto possa ser também reduzido a alguns indicadores comparáveis. Ora, quando nossas perguntas se tornam um pouco mais qualificadas, mais abertas também a sentidos e a conteúdos, ao lado de regularidades e proporções, as suas respostas fundadas em medidas objetivamente quantitativas precisam ser também qualificadas. (BRANDÃO, 2003, p. 263-264)

A pesquisa não se faz somente através do aprimoramento metodológico, mas somado a este, também se faz necessário a conexão com os sujeitos que são preponderantes na investigação. Essas relações e conexões com os sujeitos são substanciais para que possamos caminhar na perspectiva e concepção freiriana de ação dialógica, que se baseia na *co-laboração* e não na conquista do outro, subalternizando-o e inferiorizando-o, mas se faz junto, destruindo as concepções antidialógicas.

Enquanto na teoria da ação antidialógica a conquista, como sua primeira característica, implica um sujeito que, conquistando o outro, o transforma em quase “coisa”, na teoria dialógica de ação, os sujeitos se encontram para a transformação do mundo em *co-laboração*. O eu antidialógico, dominador,

transforma o *tu* domiando, conquistado, num mero “*isto*”. O eu dialógico, pelo contrário, sabe que é exatamente o *tu* que o constitui. Sabe também que, constituído por um *tu* – um não eu -, esse *tu* que o constitui, por sua vez, como *eu*, ao ter no seu eu um *tu*. Desta forma, o *eu* e o *tu* passam a ser, na dialética destas relações constitutivas, dois *tu* que se fazem dois eu. Não há portanto, na teoria dialógica da ação um sujeito que domina pela conquista e um objeto dominado. Em lugar disto, há sujeitos que se encontram para a pronúncia do mundo, para a sua transformação. (FREIRE, 2016, p.257)

Em Paulo Freire, além de ser uma das bases teóricas dessa pesquisa, entendemos que há propostas metodológicas não somente da ação de educar, mas também do pesquisar, pois no diálogo, categoria essencial nesse educador e filósofo, nos convida a não coisificar as pessoas, mas entender que essas, são sujeitos da mudança, portadoras das capacidades de transformação, e por isso, trago o mesmo para “engrossar o caldo” dessa discussão metodológica que tentará fazer com que os sujeitos tragam as suas experiências e entendimentos de mundo para que a pesquisa seja constituída.

Nesse momento, faz-se importante afirmar que a pesquisa só será desenvolvida mediante a soma da envergadura teórica e metodológica, ao mesmo tempo em que, os sujeitos que participarão da investigação dialogam concomitantemente. Nesse ínterim, cabe afirmar também, que na metodologia, ao passo em que alargamos a capacidade de “perguntar”, processualmente também conseguiremos conectar as relações pesquisadas e também, a complexidade do real, mas que ao avançarmos no entendimento dessas relações, deixarão de ser complexas.

6.2 Metodologias de coleta e de análises de dados

Para a construção do entendimento das investigações desta pesquisa, como foi ratificando anteriormente, o compartilhamento, o diálogo e a “co-

laboração” serão tanto a base inicial da pesquisa, quanto o próprio sustento do desdobramento da mesma. Principalmente porque para além de ser uma pesquisa com responsabilidade científica, trabalho e trabalharei para que a mesma tenha uma responsabilidade na transformação social. Para isso, para que esse diálogo seja potencializado, utilizarei a entrevista como suporte, para que haja uma coesão e uma sequência lógica na problematização:

Entrevista, tomada no sentido amplo de comunicação verbal, e no sentido restrito de coleta de informações sobre determinado tema científico, é a estratégia mais usada no processo de trabalho de campo. Entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador. Ela tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo. (MINAYO, 2011, p.64)

Segundo a pesquisadora, a entrevista possui a fundamentação e a capacidade de ser mais um elemento de interlocução, ou como a mesma pesquisadora afirma, a entrevista pode ser considerada uma “conversa com finalidade”. As entrevistas podem ser *sondagem de opinião, semiestruturada, aberta ou em profundidade, focalizada e projetiva*, tendo em mente que cada uma dessas categorias de entrevistas possuem uma abordagem diferenciada, compreendendo assim, caracterizações diferentes dentro de cada organização investigativa. Na perspectiva em que estou pesquisando, acredito que a entrevista semiestruturada auxiliará na “coleta de dados”, na investigação essa que está baseada também no diálogo, que reconhece aqueles educandos e educandos do Paidéia, como sujeitos sociais e históricos, que possibilitarão entender a realidade em si.

(b) *semiestruturada*, que combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada; (MINAYO, 2011, p.64)

Um dos fatores principais desta pesquisa, será que a investigação por ser constituída através dos educandos e educandas da educação popular, sendo esses sujeitos heterogêneos (de diferentes classes, gêneros, culturas e etc.), nos será importantíssimo que essa entrevista, sendo também diálogo e compartilhamento, tenha um roteiro que viabilize o espaço de outras “respostas” e “perguntas” que aparecerão mediante a interlocução, mas que não perca a direção que foi pré-estabelecida. Ela contém em si a abertura e a rigidez necessária para que o diálogo seja profícuo no viés de conseguir as informações necessárias.

Podemos entender por entrevista semiestruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVIÑOS, 1987, p.146)

O professor, autor e pesquisador Augusto Triviños, que é uma das referências metodológicas desta pesquisa, reforça o pensamento que a entrevista semiestruturada possui essa característica de possuir uma ampla possibilidade de interrogações, mas sem necessariamente sair do foco ou da linha de concepções.

Com base nessa perspectiva de entrevista, semiestruturada, saliento que haverá um roteiro de perguntas fundamentais que irão sular essa pesquisa, roteiro que contará com todas as informações que possuo até o

momento, junto com todas as bases teóricas e as referências bibliográficas que fazem parte desta pesquisa.

É útil esclarecer, para evitar qualquer erro, que essas perguntas fundamentais constituem, em parte, a entrevista semi-estruturada, no enfoque qualitativo, não nasceram a priori. Elas são resultados não só da teoria que alimenta a ação do investigador, mas também de toda a informação que ele já recolheu sobre o fenômeno social que interessa, não sendo menos importantes seus contatos, inclusive, realizados na escolha das pessoas que serão entrevistadas. (TRIVIÑOS, 1987, p.146)

Nessa investigação, aviso que utilizarei a gravação para recolher de modo mais garantido o desenvolvimento das entrevistas feitas com os sujeitos. Tendo em mente que a gravação possibilitará, junto da aprovação dos informantes investigados, que o material pesquisado seja mais abrangente e rico de informações do que se a mesma entrevista fosse baseada em anotações.

Nós recomendamos a gravação da entrevista, ainda que seja cansativa sua transcrição. Somos partidários disto fundamentalmente por duas razões surgidas de nossa prática como investigações. A gravação permite contar com todo o material fornecido pelo informante, o que não ocorre seguindo outro meio. Por outro lado, e isto tem dado para nós muitos bons resultados, o mesmo informante pode ajudar a completar, aperfeiçoar e destacar etc. as ideias por ele expostas, caso o fizermos escutar suas próprias palavras gravadas. Suas observações ao conteúdo de sua entrevista e as já feitas pelo pesquisador podem constituir o material inicial para a segunda entrevista e assim sucessivamente. (TRIVIÑOS, 1987, p.148)

É ressaltado mais uma vez a contribuição constante daqueles que estão sendo entrevistados, principalmente porque não estão sendo analisados ou dissecados, mas contribuindo e compartilhando os seus

saberes, seus entendimentos, na qual esses mesmos, através de suas palavras nos farão constatar o que estamos investigando. Essas pessoas, não deixarão de ser pessoas agora na entrevista, mas pelo contrário, se farão presentes assim como a sua consciência se fará. Augusto Triviños nos admoesta sobre essa “humanidade”, que é preponderante na relação da entrevista. Alerta-nos sobre o cuidado e o zelo do entrevistador e pesquisador nesses contatos, que por vezes se torna desconfortável, mas que a investigação requererá uma profunda troca solidária.

Antes de iniciar a entrevista mesma, o investigador deve estar plenamente convencido da necessidade de desenvolver, no desenrolar dela, todos os elementos humanos que permitam um clima de simpatia, de confiança, de lealdade, de harmonia entre ele e o entrevistado. Isto é essencial para atingir a máxima profundidade no espírito do informante sobre o fenômeno que se estuda. Para atingir isto, não existem regras que se devam seguir em detalhe. Porém, sem dúvida, são importantes as condições de personalidade do informante e a disposição do cientista para trata-lo como ser humano, como pessoa. A modéstia, e não a arrogância, contribui de maneira singela para que se estabeleça o ambiente que permite a mais ampla expressão de naturalidade, de espontaneidade. Nem tudo depende do investigador, mas sua ação, seu modo de comportar-se no grupo, suas atitudes etc. são decisivas para o êxito de seu procedimento. (TRIVIÑOS, 1987, p.149)

É preciso que se estabeleça um espaço e um ambiente propício para que a investigação consiga alcançar os seus objetivos. Junto a todo um estado de espírito que possibilite uma troca e uma conexão durante os questionamentos. Por mais que, os sujeitos que entrevistarei possuem laços que foram construídos na relação de educador/coordenador no e do Paidéia, é essencial para mim que essa “modéstia” elencada por Triviños, seja colocada em prática, principalmente porque o momento de entrevista seja uma relação nova, no mínimo diferente das relações já estabelecidas

à priori. O comprometimento dos entrevistados, se complementa com o meu, que estarei em um primeiro momento, a frente do direcionamento da pesquisa. Cabe a mim também, nessa perspectiva metodológica de entrevista semiestruturada, dialógica e com base em compartilhamento de saberes, construir a pesquisa junto aos sujeitos, demonstrando as minhas interpretações a partir das informações cedidas, baseadas na conversa entre meus referencias teóricos e aquilo que durante a investigação, me concederam.

Podem ser apresentadas a transcrição da entrevista e a pré-análise para consideração do entrevistado. O sentido de apresentar-se esse material decorre da consideração de que o entrevistado deve ter acesso à interpretação do entrevistador, já que ambos produziram um conhecimento naquela situação específica de interação. A autoria do conhecimento é dividida com o entrevistado, que deverá considerar a fidedignidade da produção do entrevistador. (SZYMANSKI, 2011, p. 55)

Essa relação é a mais próxima da ética que devemos seguir e manter, não somente da atividade de pesquisa, mais principalmente da continuidade que tem se configurado na relação educador/educando, nessa posição de solidariedade com esse outro que é sujeito, e que se não é, deve tornar-se, entendendo sua responsabilidade no e com o mundo, permitindo-se ter “consciência de mundo”, interferindo indiretamente e diretamente, cumprindo a sua vocação ontológica e histórica. Ao mesmo tempo em que, essa troca é conquistada, o processo dialético e de conscientização (e não convencimento) atinge e transforma também a mim, que não vou somente executar uma pesquisa e abstrai-la, transformar informações em idealismo, mas essas informações que se tornarão conhecimentos e saberes dessa realidade investigada, me permitirá também ter um compromisso de transformação no lugar aonde estou.

Pensando exatamente nesse viés que constrói uma responsabilidade social na pesquisa, para análise dos dados e das informações recolhidas junto dos sujeitos entrevistados nessa pesquisa, a priori utilizarei a concepção de Norman Fairclough, que a partir da Análise Crítica de Discurso (ACD), entende que o discurso está totalmente ligado a dominação das pessoas de determinada sociedade, assim como está para transformação de determinada realidade, já que o discurso é constituidor de determinadas realidades junto a lógica que está instaurada.

As ideologias construídas nas convenções podem ser mais ou menos naturalizadas e automatizadas, e as pessoas podem achar difícil compreender que suas práticas normais não poderiam ter investimentos ideológicos específicos. Mesmo quando nossa prática pode ser interpretada como de resistência, contribuindo para a mudança ideológica, não estamos necessariamente conscientes dos detalhes de sua significação ideológica. Essa é uma razão para se defender uma modalidade de educação linguística que enfatize a consciência crítica dos processos ideológicos no discurso, para que as pessoas possam tornar-se mais conscientes de sua própria prática e mais críticos dos discursos investidos ideologicamente a que são submetidas (ver Clark *et al.*, 1998; Fairclough, 1992 – a). (FAIRCLOUGH, 2011, p.120)

Nessa perspectiva contra hegemônica, Fairclough nos traz uma potencialidade de Análise de Discurso com a possibilidade de “inverter o jogo”, entendendo que a mudança social passa por esse contraponto, percebendo que há uma ideologia que trabalha na manutenção do *status quo*, porém, há possibilidades de transformação. O que vem a calhar nessa investigação, que almeja caminha pelo viés da educação popular que é totalmente “encharcada” de criticidade e de potencialidades transformativas.

O conceito de hegemonia, que é a peça central da análise que Gramsci faz do capitalismo ocidental e da estratégia revolucionária na Europa Ocidental (Gramsci, 1971; Buci-Glucksmann, 1980), harmoniza-se coma concepção de discurso que defendo e fornece um modo de teorização da mudança em relação à evolução das relações de poder que permite um foco particular sobre a mudança discursiva, mas ao mesmo tempo um modo de considera-la em termos de sua contribuição aos processos mais amplos de mudança e de seu amoldamento por tais processos. Hegemonia é liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade. Hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um “equilíbrio instável”. Hegemonia é construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento. Hegemonia é um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas. A luta hegemônica, localiza-se em uma frente ampla, que inclui as instituições da sociedade civil (educação, sindicatos, família), com possível desigualdade entre diferentes níveis e domínios. (FAIRCLOUGH, 2011, p. 122)

A Análise Crítica de Discurso em Fairclough, se coloca ao lado político em que que essa pesquisa se estabelece, ou seja, que tem uma opção pela transformação, em tempo que se atenta para a construção da emancipação e humanização das juventudes na cidade, essa metodologia, com sua criticidade, poderá auxiliar nessa empreitada, tendo em vista que a educação popular foi (no período da ditadura militar), é (na atualidade dos assaltos que o capitalismo faz na educação) e será (como proposta esperançosa no porvir) uma concepção de resistência, de luta e que tem caracterizações de movimento social e popular. Por isso, a ACD poderá ao mesmo tempo em que potencializa a análise das informações que teremos a partir das entrevistas, auxiliando na interpretação e construção da pesquisa, ajudará nos

desdobramentos que competem o entendimento sobre a educação popular, possibilitando fomentar mais ainda as capacidades críticas de transformação da realidade que a mesma propõe.

Para além destes aportes metodológicos que encorpam a investigação, os “Indicadores Emancipatórios” foram importantíssimos para a organização e sistematização das categorias principais que foram analisadas e refletidas aqui. Tendo em vista que a emancipação foi analisada através da convergência entre educação popular, juventudes e cidade, foi necessário tal metodologia para que eu pudesse construir os quadros sistematizados a partir do que foi analisado das entrevistas e com base nesses quadros, analisar novamente e sintetizar as concepções, pontos de vista, entendimentos e principais compreensões. Assim destacam os autores e pesquisadores sobre tal metodologia:

Os indicadores sempre são referências contextualizadas em relação aos sujeitos populares, que se revelam tanto pela mobilização e desenvolvimento de suas capacidades quanto pelas restrições decorrentes das determinações advindas dos condicionamentos sociais. Considerando o elevado grau de subjetividade, os avanços ou passos construídos no caminho de emancipação são valorizados nos seus sentidos e significados. Os sentidos decorrem da interpretação teórica que valoriza as emoções como um elemento constitutivo da construção do conhecimento junto com aspectos racionais e éticos (ADAMS; STRECK, 2014, p.73-74)

Essas propostas metodológicas, entendo que contribuirão nessa pesquisa, permitindo que essa investigação seja executada, mas dando um direcionamento político e humano, no sentido em que como foi sublinhado várias vezes, que esse trabalho se dá principalmente no compartilhamento, entre sujeitos que visam a sua emancipação, humanização e libertação, construindo cotidianamente alternativas de resistência através

de múltiplas ações e atividades, arrisco dizer que até mesmo em movimentos.

6.3 Problema e objetivos da pesquisa

Nesse ínterim, sabendo que o PAIDÉIA faz parte do PAIETS (Programa de Auxílio ao Ingresso nos Ensinos Técnico e Superior da Universidade Federal do Rio Grande), e que está constituído por alguns sujeitos (a maioria jovens), nos cabe entender a relação desses sujeitos (homens e mulheres) com educação popular, e entender como a mesma auxilia na construção de sua emancipação/humanização, na sua constituição como sujeitos históricos na cidade. Para isso problematizei:

Como a educação popular (através do Paidéia) contribui para a emancipação e para humanização das juventudes na cidade?

A partir desse problema de pesquisa central, surgem outros 2 subproblemas que auxiliaram no entendimento e nas análises e surgem 2 objetivos que são condutores da proposta:

Subproblemas: 1). A E.P. contribui na emancipação, humanização e na formação de sujeito histórico das juventudes na relação com a cidade? 2). Qual o conceito de cidade para esses sujeitos? O que é cidade para esses sujeitos?

Objetivos: 1). Analisar e entender possibilidades da E.P. contribuir com a emancipação de jovens na cidade do Rio Grande. 2). Conhecer conceitos e concepções que jovens estudantes de EP constroem sobre a cidade do Rio Grande e como dela se apropriam, ocupam e resistem.

Os objetivos traçados almejam uma metodologia que auxilie no entendimento dessas várias relações que se articulam através desse espaço de educação popular. Como dito anteriormente, os sujeitos que ocupam esse espaço são os mais diversos, assim como são diversas as suas condições, condições essas que configuram a realidade das diferenças de

atividades de trabalho, da diferenças de idade, do entendimento de mundo e todas essas relações se articulam na proposta de construção de seus projetos de vida, dos seus sonhos, ao mesmo tempo em que se indagam e indagam o mundo, tentando entender o seu lugar e sua responsabilidade para com a realidade em que estão inseridos e condicionados.

Emancipação: Possibilidade de Transformação

Libertação e opressão, porém, não se acham inscritas, uma e outra, na história, como algo inexorável. Da mesma forma a natureza humana, gerando-se na história, não tem inscrita nela o ser mais, a humanização, a não ser como vocação de que o seu contrário é distorção na história [...] Homens e mulheres, ao longo da história, vimo-nos tornando animais deveras especiais: inventamos a possibilidade de nos libertar na medida em que nos tornamos capazes de nos perceber como seres inconclusos, limitados, condicionados, históricos. Percebendo, sobretudo, também, que a pura percepção da inconclusão, da limitação, da possibilidade, não basta. É preciso juntar a ela a luta política pela transformação do mundo. A libertação dos indivíduos só ganha profunda significação quando se alcança a transformação da sociedade.

(Paulo Freire)

Meu avô já foi escravo
Mas viveu com valentia
Descumpria a ordem dada
Agitava a escravaria
Vergalhão, corrente, tronco
Era quase todo dia
Quanto mais ele apanhava
Menos ele obedecia

(Toque de São Bento Grande de Angola – Paulo Cesar Pinheiro)

A pesquisa em si é uma tarefa que requer vários elementos que impulsionem uma acertada noção (ou mais próxima possível) do que se investiga. Como se sabe e muito se é cobrado, a rigorosidade metodológica

é um desses elementos. Portanto, de nada adianta um trabalho metódico sem uma certa concentração em decodificar o que se está pesquisando. Em outras palavras, é necessário transparecer de forma direta a mesma, por mais que certos aspectos não sejam assim tão fáceis de serem elucidados. É necessário sim que os instrumentos básicos para o desenvolvimento da investigação sejam eficazes, mas é necessário também, que a sensibilidade seja capaz de organizar, compreender e apreender o que se busca.

Uma das fragilidades da pesquisa qualitativa é a formulação de referências que ajudem a focar com mais precisão a temática da investigação e apontar com mais segurança conclusões que elucidem o problema de pesquisa e encaminhem a busca de soluções ou ampliem o campo de conhecimento sobre o tema, A rigorosidade metodológica passa tanto por educar a sensibilidade e capacidade de compreensão, quanto pelo desenvolvimento de instrumentos eficazes na construção e organização do conhecimento. (ADAMS; STRECK, 2014, p.65)

Cabe nesse momento, para ratificar a base teórica na qual se apoiou essa pesquisa, estabelecer qual é a definição de emancipação que me assegura trabalhar e refletir, tentando trazer uma precípua noção dessa definição. Entendendo que emancipação é quase que um jargão pulverizado por aí, às avessas, e esvaziou-se de sua potência ou virou quase que qualquer coisa, que serve para quem quer que seja. O significado do vocábulo por si só não traz um sentido que possa construir um profundo e radical conceito que nos faça andar firmemente em busca de uma transformação, por isso é necessário avançar num sentido consistente,

Estes sinais coincidem com o que na literatura se entende por emancipação. Num sentido literal, emancipar-se significa libertar-se do jugo, da tutela de alguém. Implica autodeterminação, onde o sujeito se rege pela sua capacidade de orientação, de ser agente (e não paciente). Originária do latim, a palavra “emancipação” expressa na sua raiz: não mais escravo ou indivíduo

dependente; libertar-se do poder exercido por outros. A partir da Revolução Francesa, o conceito de emancipação assume uma conotação mais ampla e dinâmica, introduzindo o protagonismo de um sujeito coletivo capaz de atuar com autonomia e liberdade (THIOLENT, 2006). Historicamente, o conceito foi utilizado no processo de independência das colônias, ao mesmo tempo em que foi atrelado à ideia de progresso, de desenvolvimento capitalista ora nascente. (ADAMS; STRECK, 2014, p.67)

Por mais que as constituições mais famosas, redigidas durante o século XVIII, tanto na Revolução Francesa quanto na Independência dos EUA, apontem para uma emancipação política (revolucionária para o período), elas colocaram bases para que a sociedade capitalista se erguesse, emancipando assim o homem burguês.

Com o avanço da sociedade industrial e consequente aumento da exploração do trabalho, a ideia de emancipação foi associada à luta pela universalização de direitos. Com o sentido mais aberto e ligado ao Estado pelo contrato social, a emancipação passou a focar a luta por justiça social e superação da desigualdade social na perspectiva de um mundo/sociedade sustentável. Mas foi com a análise de Marx (1978) que a ideia da emancipação se distinguiu pela separação entre emancipação política e emancipação humana. Com base nessa herança marxista, temos adotado esse sentido para emancipação/libertação. Relaciona-se à expressão mais elevada das potencialidades humanas que articula a dimensão social e a política na perspectiva de construir caminhos instituintes alternativos aos da sociedade burguesa. (ADAMS; STRECK, 2014 p.67)

Em Marx o conceito de emancipação começa a aprofundar-se, ao mesmo tempo em que a diferenciação de emancipação política e emancipação humana é reforçada. Já no ritmo de uma construção teórica que desse respaldo para as lutas desencadeadas pela classe trabalhadora, emancipação se torna algo central no pensamento marxiano e no pensamento marxista, mas também trabalhado e refletido por concepções

filosóficas que se colocaram contra o esfacelamento social causado pelas barbáries dos séculos XIX e XX (me refiro as duas grandes guerras e o nazifacismo), como é o caso da Escola de Frankfurt:

Autores da Escola de Frankfurt retomaram o conceito, procedendo a uma análise das barbáries das sociedades contemporâneas recolocando o desafio da construção de sociedades emancipadas. Nesse sentido, Adorno (2003) credita à educação a possibilidade de contribuir na busca de novos caminhos de emancipação, como uma categoria do “vir a ser”, do “ser mais”. (ADAMS; STRECK, 2014, p.68)

Nesse viés, a ideia de emancipação vai se aproximando da concepção freiriana e também de outras “cabeças” latino-americanas, que construíram e constroem uma concepção de contraponto emancipatória contra hegemônica:

Paulo Freire utiliza os termos “libertação”, “humanização” e “emancipação” com sentidos semelhantes aos do marxismo e da teoria crítica, articulando a perspectiva individual e social de modo que o ser humano nasce, como num parto, na superação da contradição “opressores-oprimidos”(…) Desde essa leitura histórica, o termo “libertação” tipicamente latino-americano, no sentido utilizado por Dussel e Freire, corresponde à perspectiva da descolonialidade. A palavra “libertação” tem sentido de transformação radical desde a ótica dos oprimidos, “ O homem que nasce desse parto é um homem novo que só é viável na e pela superação da contradição opressores-oprimidos, que é a libertação de todos” (FREIRE, 1981, p.35). No contexto capitalista, o autor alerta para o desafio de instaurar práticas de emancipação cotidianas, no aqui e agora, sem perder de vista a construção histórica da sociedade. A educação libertadora pode ser essa mediação a contribuir na formação de pessoas críticas, solidárias, autônomas e livres. Freire enfatiza que a educação não produz uma sociedade emancipada por si, mas que ela tem uma contribuição importante. (ADAMS; STRECK, 2014, p. 68)

A emancipação, portanto, em Paulo Freire e nessa articulação com Enrique Dussel, se potencializa com pressupostos de libertação, dando dimensões políticas que possam responsabilmente e cotidianamente construir uma sociedade emancipada, com homens e mulheres emancipados. Essas dimensões políticas também devem estar presentes na educação, ferramenta de transformação para mulheres e homens. Educação essa libertadora, uma educação que não venha dirimir a humanização, e que tenha sim um compromisso com as camadas populares, historicamente impedidas de se tornarem humanas:

No contexto da educação popular, em sintonia com Freire, utilizamos a expressão “emancipação social” carregada dessa intencionalidade crítica e transformadora dos oprimidos (e dos opressores) na perspectiva individual e social. A educação popular tem se caracterizado, em todas as suas variantes, por um matiz libertador, porém sem desligar-se do sentido de emancipação ancorado na concepção moderna, na valorização do ser humano como sujeito na história. Ou seja, pressupõe que o mundo é uma realidade histórica, conformada pela ação humana, que, por sua vez, pode novamente transformá-lo. (ADAMS; STRECK, 2014, p.69)

Entendendo o posicionamento histórico do termo emancipação, compreendo que a mesma possui uma ampla significação se não situada, ou seja, se não explicitada quanto a sua posição e opção. Falar de “emancipação” por si só, não coloca na ordem do dia a derrubada da contradição oprimidos-opressores, pois dentro da concepção de mundo capitalista, que é a principal fonte de desigualdades e discrepâncias em nossa sociedade, há também uma perspectiva de emancipação, como nos explicita os autores e pesquisadores Danilo Streck e Telmo Adams:

Emil Sobottka (2010) simplifica essa compreensão ilustrando o modo genuinamente moderno de conceber o lugar do ser humano na história: “Se foram

os homens que construíram sua história, então deve ser possível projetar aspirações e sonhos, e buscar realiza-los socialmente” (SOBOTTKA, 2010, p.23). Conclui o autor que os dois grandes movimentos sociais modernos mais importantes na história e criadores de projetos de sociedade foram: o liberal-burguês (materializado pelo capitalismo) e o socialista (experiência do socialismo real). Normalmente, a ideia de emancipação se associa a uma dessas concepções básicas. Daí a necessidade de explicitar de qual emancipação ou qual paradigma emancipatório se está falando. (ADAMS; STRECK, 2014, p.69)

É aqui que me distancio do significado dominante de emancipação, e caminho para o sentido de opção pelos oprimidos e pelas oprimidas, pelas camadas populares que são impossibilitadas de terem seus direitos garantidos, e que através da tomada de consciência, no real entendimento da situação que vivem, buscam a transformação desse quadro. Destaco que a educação popular que me associo, possui um compromisso com os mesmos sujeitos, e que é a favor da emancipação, ou nesse caso, de perspectivas emancipatórias, não prescritas para os sujeitos, mas construídas com esses sujeitos, que são pessoas que possuem em si e no seu cotidiano o desejo de transformação.

De acordo com proposta da educação popular, a emancipação/libertação das classes marginalizadas e oprimidas inclui a dimensão subjetiva, social, cultural, política e econômica (FREIRE, 2000). Nesse sentido, emancipação social vai além da cidadania política tal como é compreendida e praticada nas democracias formais. (ADAMS; STRECK, 2014, p.69)

E seguimos na *Pedagogia do Oprimido*:

A educação problematizadora, que não é fixismo reacionário, é futuridade revolucionária. Daí que seja profética e, como tal, esperançosa. Daí que corresponde à condição dos homens como seres históricos e à sua historicidade. Daí que identifique com eles como seres mais além de si mesmos – como “projetos” –, como seres que caminham para frente, que olham para frente;

como seres a quem o imobilismo ameaça de morte; para quem o olhar para trás não deve ser uma forma nostálgica de querer voltar, mas um modo de melhor conhecer o que está sendo, para melhor construir o futuro. Daí que se identifique com o movimento permanente em que se acham inscritos os homens, como seres que se sabem inconclusos; movimento que é histórico e que tem o seu ponto de partida, o seu sujeito, o seu objetivo. (FREIRE, 2016, p.127-128)

A educação popular, que deve ser problematizadora, não desconsidera a realidade desses sujeitos como situação problema, aonde a mesma servirá como desafio, criando possibilidades para que se possa superá-la. Emancipação em Freire, está colocada também como “transformação”, “libertação” e “humanização”, e passa pelo processo da educação, e essa mesma educação, não enrijece os sujeitos que fazem parte desse processo. Assim, homens e mulheres (como bem se corrigiu Freire na Pedagogia da Esperança, compreendendo que falhava ao usar somente o termo “homem”), inconclusos sim, participam da construção desafiadora de seu futuro, ou seja, pegam a sua vida nas suas mãos, mas não com uma esperança ingênua, mas sabendo sim dos desafios, dos obstáculos e das dificuldades que o cercam. Junto a isso, o que fará toda a diferença na concepção de emancipação aqui apontada, será a diferenciação que Karl Marx (1818-1883) colocará entre *emancipação política* e *emancipação humana*. Em *Sobre a Questão Judaica*, texto escrito em 1843 e publicado em 1844, Marx caminha segundo pesquisadores e pesquisadoras marxistas, para um amadurecimento intelectual no que tange a organização e construção do pensamento marxiano, rompendo com as bases da democracia liberal. Nesse texto, o filósofo e economista aponta para a comunidade judaica a incongruência de pedirem junto ao estado alemão (Império da Prússia), cristão e liberal-burguês, a emancipação política (igualdade de direitos civis), pois dentre os elementos que discorrerá está a impossibilidade desse

estado cristão dar essa emancipação (um estado cristão é um *não estado*, pois não é construído pelo povo, mas dado por deus.) que os judeus desejam. Nesse ínterim, Marx demonstra que as constituições que fundaram o estado moderno, que fundamentaram a determinação do que é um *cidadão* e do que é *homem*, por mais que tivessem uma potencialidade revolucionária, assegura e respalda o sistema liberal-burguês (logo, capitalista), base da desigualdade mundial:

A emancipação política de fato representa um grande progresso; não chega a ser forma definitiva da emancipação humana em geral, mas constitui a forma definitiva da emancipação humana *dentro* da ordem mundial vigente até aqui. Que fique claro: estamos falando aqui de emancipação real, de emancipação prática. (MARX, 2010, p.41)

E salienta ainda:

A sociedade feudal foi dissolvida em seu fundamento, no homem, só que no tipo de homem que realmente constituía esse fundamento, no homem *egoísta*. Esse *homem*, o membro da sociedade burguesa, passa a ser a base, o pressuposto do Estado político. Este o reconhece como tal nos direitos humanos. No entanto, a liberdade do homem egoísta e o reconhecimento dessa liberdade constituem, antes, o reconhecimento do movimento *desenfreado* dos elementos espirituais e materiais que constituem seu teor vital. Consequentemente o homem não foi libertado da religião. Ele ganhou a liberdade de religião. Ele não foi libertado da propriedade. Ele ganhou a liberdade de propriedade. Ele não foi libertado do egoísmo do comércio. Ele ganhou a liberdade de comércio. (MARX, 2010, p.52-53)

Marx aponta de forma direta as principais limitações que a emancipação política possui, principalmente por não radicalizar a emancipação, mas permitir que a sociedade burguesa se estabelecesse, fundamentando o estado moderno ocidental. Por mais que esses “avanços” constitucionais

tenham destruído o Antigo Regime, a antiguidade por assim dizer, tanto a feudalidade ou as soberanias absolutistas, símbolos do medievo feudal, surge o homem egoísta como modelo, e seus direitos assegurados:

Os droits de l'homme, os direitos humanos, são diferenciados *como tais* dos *droits du citoyen*, dos direitos do cidadão. Quem é esse *homme* que é diferenciado do *citoyen*? Ninguém mais ninguém menos que o *membro da sociedade burguesa*. Porque o membro da sociedade burguesa é chamado de “homem”, pura e simplesmente, e por que os seus direitos são chamados *direitos humanos*? A partir de que explicaremos esse fato? A partir da relação entre o Estado político e a sociedade burguesa, a partir da essência da emancipação política. Antes de tudo constatemos o fato de que os assim chamados direitos humanos, os *droits de l'homme*, diferentemente dos *droits du citoyen*, nada mais são do que os direitos do membro da sociedade burguesa, isto é, do homem egoísta, do homem separado do homem e da comunidade. (MARX, 2010, p.48)

Percebemos então que Marx já no XIX buscava junto ao seu meio, uma radicalização do conceito de emancipação, já percebendo que a emancipação política que os estados-nação já previam, não davam conta, sendo que os mesmos direitos estavam favorecendo muito mais uma burguesia, que se beneficiavam primeiramente em detrimento e exploração do povo, da maior parte da população que não eram alcançados pelos direitos humanos.

Cabe ressaltar também que nesse momento histórico de onde Marx fala e desenvolve seu aprofundamento teórico junto a outros homens e mulheres, e se detém na perspectiva de construir um “humanismo” que dê conta se superar as problemáticas existentes, a democracia é algo extremamente radical, pois possui em si um teor revolucionário ao conclamar o povo para a luta política. Diferente do sentido da democracia de hoje. Marx prossegue:

Toda emancipação é redução do mundo humano e suas relações ao próprio homem. A emancipação política é a redução do homem, por um lado, a membro da sociedade burguesa, a indivíduo egoísta independente, e, por outro, a cidadão, a pessoa moral. Mas a emancipação humana só estará plenamente realizada quando o homem individual real tiver recuperado para si o cidadão abstrato e se tornado ente genérico na qualidade de homem individual na sua vida empírica, no seu trabalho individual, nas suas relações individuais, quando o homem tiver reconhecido e organizado suas “forças propres” [forças próprias] como forças sociais e, em consequência, não mais separar de si mesmo a força social na forma da força política. (MARX, 2014, p.54)

Dentro dessa ideia de emancipação, e também na ideia de humanização em Freire, que se conectam, penso que é extremamente importante pensar tal sentido teórico para não somente analisar mas embasar as transformações da cidade, porque se não estaremos fazendo somente mudança, e mudança é somente mudar de lugar. Nessa concepção de emancipação, além de trazer um aprofundamento das discussões sobre o que se apoiam os estados liberais-burgueses e aqueles estados que foram construídos e consolidados para serem dependentes dos mesmos (como no caso o Brasil e outros países do Sul geográfico e econômico) como direitos humanos, emancipação e democracia, traz uma ideia de que as perspectivas emancipatórias devem ser consolidadas, mesmo que pareçam residuais, micro ou pequenas. É necessário entender que a maior parte da população mundial vive o engodo da democracia:

A grande maioria da população mundial não é sujeito de direitos humanos. É objeto de discursos de direitos humanos. Deve pois começar por perguntar-se se os direitos humanos servem eficazmente a luta dos excluídos, dos explorados e dos discriminados ou se, pelo contrário, a tornam mais difícil. (SANTOS, 2013, p.42)

Devemos sair dos discursos e das concepções rasas que nos oferecem sobre emancipação e democracia, para conseguirmos atingir uma perspectiva emancipatórias que nos dê o mínimo de dignidade humana possível. Está é a luta principal. A luta pela emancipação e emancipação humana, também passa pela transformação, pela resistência na cidade, e aos fazermos isso, estaremos construindo a transformação de nossos espaços, ao passo que estaremos transformando também a nós mesmos, tanto no individual como no coletivo. As juventudes têm almejado isso, historicamente, desde o momento que se percebeu atacada diretamente pelos cortes de direitos, pelas opressões ou simplesmente pela exploração e violência em que o capitalismo tem operado. Creio também, que a emancipação passa pela educação, e no caso dos povos oprimidos, adestrados, absorvendo movimentos técnicos ou simplesmente tendo a suas rebeldias domesticadas por um estado controlador, a educação popular entra com tudo, na tentativa de dialeticamente ser útil, potencializar a si mesma, e potencializar os sujeitos, que a priori, vivem as dificuldades e violências mais diversas.

Paidéia e educação contra hegemônica: educação popular contribui na emancipação?

Desperto um dia em um mundo onde as coisas machucam; um mundo onde exigem que eu lute; um mundo onde sempre estão em jogo o aniquilamento ou a vitória. Desperto em um mundo onde as palavras se enfeitam de silêncio, em mundo onde o outro endurece interminavelmente (...). Desperto um belo dia no mundo e me atribuo um único direito: exigir do outro um comportamento humano.

(Frantz Fanon - Pele negra, máscaras brancas)

A imensidão do universo Imenso peso quando penso aonde acabei parando. Tô sem documento e lenço, o que eu faço? Vinte e quatro anos e sem conquista alguma. Sinto que eu tô flutuando à toa e sem paradeiro no espaço. Nunca quis o mundo, só um pedaço. Não passa nem um cometa aqui pra mim fazer o pedido de um abraço (...)

(Sarksmo & Choco - Imensidão Pequena, Para Além do Capital)

A educação na atual conjuntura mundial, está muito mais para a doutrinação ou adestramento do que para qualquer outra coisa. Há exceções, com certeza! E por isso, busco na perspectiva da educação popular, tano na sua raiz quanto em suas múltiplas experiências de transformação e que se mantiveram fiéis a contestação do mundo, uma possibilidade dentro do processo educativo, diga-se assim, de fazer uma ruptura, de provocar e de oxigenar a mim e aos sujeitos que fazem parte ou que fizeram parte do Paidéia. Como foi colocado anteriormente, o Paidéia sendo um curso preparatório para o Enem, tem sim uma responsabilidade de auxiliar no ingresso de sujeitos das camadas populares na universidade (s), porém,

como anteriormente se enuncia e fica evidente, se faz mais do que necessário aprofundar a perspectiva teórica da educação popular nos seus espaços. Não é somente porque se diz “educação popular” que naturalmente vá se tornar ou ser isso, não. É preciso trabalhar conscientemente para que se entenda a responsabilidade política que isso significa.

Essa é uma das inquietações que me levaram a entender através da pesquisa, a dimensão transformadora (ou não) do Paidéia. Com o objetivo de aprofundar a educação popular como dimensão transformadora e que possa contribuir na emancipação das juventudes na cidade, a priori, eu tinha algumas hipóteses que me levavam a entender que o Paidéia possuía a força de contribuir na emancipação/humanização, ao mesmo tempo que possuía hipóteses das dificuldades e problemáticas que se colocavam como situações-limites, e que impediam alguns processos de avançar.

Portando essas hipóteses, me lancei a entender a emancipação através dos indicadores emancipatórios que se evidenciaram, dos sujeitos que foram convidados a partilhar as suas vivências e entendimentos nesse trabalho e dos referenciais teórico-metodológico que trago aqui.

Em suma, a intersecção das categorias educação popular, cidade e juventudes, convergem para o entendimento dessa emancipação, e por isso, por mais que nessa seção eu discuta como a educação popular, na materialização do Paidéia, contribuiu na emancipação das juventudes na cidade, ou vice-versa, torna-se importante entender como que esses sujeitos contribuíram para com a educação popular, pois é dialético, ao mesmo tempo estaremos falando das demais categorias.

Estarei refletindo a importância da educação popular para a própria emancipação das pessoas que aqui foram entrevistadas, e ao mesmo tempo que essas entrevistas foram diálogos, foram também um retorno, para que ao voltar ao espaço do Paidéia se tenha a noção de determinadas ações e posições que antes não se tinha. De igual modo, servirá de modo

extremo, na continuação de minha formação como educador, na perspectiva do meu Ser Mais, da minha humanização e emancipação.

Compreendo que antes de tudo, a educação popular tem opção por aquelas que ficam e ficaram historicamente à margem, engessados pelo processo de coisificação, levados a acreditar por certo tempo de que a vida não era deles, de que a história já está acabada e de que não temos mais para onde ir. A educação popular é a possibilidade de transformação daquelas e daqueles que compõem o Sul oprimido, colocados como periferia do mundo, mas que mesmo abaixo das mazelas e prescrições infinitas, querem desafiar o poderoso indaafiável e opressor que nos rodeia, que nos cerca e nos consome.

A educação popular também se faz somente no coletivo, no entendimento individual, mas principalmente coletivo da inconclusão, e por isso é potente. Não é competição, tática ou estratégia, é solidariedade e não caridade. É entender o outro como igual e capaz, por mais que as dificuldades sejam múltiplas.

De igual modo, a E.P. não é prescrição, mas é conquista, conquista realizada através de muitas lutas, no entendimento de que a emancipação não é somente a garantida por um “papel assinado”, ou um “farelo” para aqueles e aquelas que nada possuem, mas sim, pela efetivação na realidade, concretude e não engodo.

8.1. Espaço do Ser Mais *versus* Espaço do Ser Menos: constatação do que não queremos para conseguirmos o que queremos.

O âmago da educação popular consiste no entendimento de que o conhecimento não é uma ferramenta de exclusão, ou de violência, coisa bem difícil de se fazer, principalmente quando o conhecimento anda sendo mercadoria, ou ferramenta de destruição. Por vezes, o próprio conhecimento que se desenvolve a partir das demandas das populações, acabam

sendo utilizados contra as mesmas. Nesse viés, não há nada de muito diferente do processo de colonização realizada na destruição de milhares de povos e na pilhagem de suas múltiplas culturas por parte da Europa a partir do século XV, e por isso, esse conhecimento tem se chamado colonialidade (seu contraponto descolonialidade), perspectiva que não explica tudo o que tem representado esse momento de auge de destruição pelo capitalismo, mas se coloca numa linha contra hegemônica de pensamento, principalmente para os povos do Sul, da periferia do mundo, ou para ser mais direto, América Latina, África e Ásia.

De certo modo a educação popular se configura com uma práxis, um pensamento/reflexão não distante ou desconectado do fazer, e por isso se torna um *quefazer*, e tem se estabelecido principalmente na América Latina como uma forma de “respirar” de seus povos, ou seja, em meio a um mar de cultura dominante e que tentou e tenta apagar as identidades culturais dos latino-americanos, tanto a educação popular quanto a sua raiz, vem se colocando como contestadora, objetivando que as mesmas populações possam olhar a si mesmas com seus próprios olhos, entendendo as suas limitações, sua situação desigual e que percebam na sua força de produção socioeconômica e sociocultural a capacidade de superarem as suas contradições que desde muito tempo foram impostas.

Pensadoras e pensadores, educadoras e educadores latino-americanos veem desde o início do século XIX pensando e tentando desenvolver uma dimensão ético-política e filosófica que consiga alcançar a superação de uma cultura europeia, ou em outras palavras, uma educação que seja consistente na formação do povo da América Latina e que desenvolva a suas dimensões como tal.

Se desde a Europa, no século XIX, constituíam-se os alicerces teóricos para a compreensão da nova ordem societária, na América Latina também havia esse

movimento de análise e de produção teórica nos diferentes períodos do processo de desenvolvimento. Entre outros, a partir da obra organizada por Streck (2010), constituem-se em exemplos: José Martín (Cuba, 1853-1895), que se dedicou à independência e defendia uma educação científica e técnica junto com a formação ética e política do povo; José Carlos Mariátegui (Peru, 1894-1930), que defendia o socialismo, as universidades populares e a escola única para os peruanos; Franz Fanon (Ilha Martinica/Caribe, 1925-1961), que propunha uma pedagogia voltada para a luta concreta e conjunta dos condenados da terra; Ernesto Che Guevara de La Serna (Argentina/Cuba, 1929-1976), em cujas fileiras ninguém poderia continuar sem saber ler e escrever; subcomandante insurgente Marcos (México/Chiapas), defendendo a ideia de uma educação rebelde e autônoma; Paulo Freire (Brasil, 1921-1997), que propunha a educação como prática da liberdade. (PALUDO, 2015, p. 224)

Cabe ressaltar que desenvolver ou trazer a evidência a envergadura do pensamento latino-americano é extremamente importante, principalmente, na perspectiva da descolinialidade, de se destruir essa teoria de dependência, que se faz também na própria ideia se precisar do Norte, ou para ser mais direto, dos países mais desenvolvidos do mundo, para se pensar a si mesmo, o Sul.

A educação popular então, nesse entendimento de que se precisávamos vermos a nós mesmos com nossos próprios olhos, e construir a partir da própria resistência da população e de seus saberes e de suas culturas, um conhecimento que servisse primeiramente para nós mesmos, como fundamento para nossas conquistas emancipatórias, não somente em espaços formais, mas falo aqui também dos espaços não-formais e informais. A educação popular é uma dimensão política, crítica e que tenta desvencilhar-se da visão imposta pela competitividade atual do chegar e chegar em primeiro por cima de tudo e todos, mas educação popular considera o caminho e a caminhada, como possibilidade transformação dialética e processual.

Nesse caso, a perspectiva do Paidéia é essa, nosso Sul é o da transformação, dentro de nossas limitações, mas nosso objetivo é ir além do “conteudismo”, da perspectiva bancária (que deposita e deposita para sacar, que tem expediente curto e que possui uma relação clientelista e usurária), que é o antônimo da transformação. Dentro do conteúdo propriamente dito, há sensibilidade para construirmos debates, oficinas e discussões que estão para além do simples modelo de visualizar a metodologia de resolução da prova do Enem, mas entender aspectos mais complexos:

Na verdade, foi bem maior do que eu já esperava, eu esperava como que um curso, um cursinho normal pago, só o professor me dando matéria, macetes, dicas, e enfim, e na verdade foi maior porque houve debates, em 2015 teve o debate sobre a maioridade penal, e isso era nossa, todo mundo achou que esse seria um tema que cairia no Enem e não caiu, (risos) e 2016 me ajudou muito porque eu acabei virando feminista com o debate das meninas né? Falando sobre a questão do assédio, sobre ... e aí pensei nossa, isso aí não acontece só comigo, acontece com outras mulheres ... (Anne)

O relato da Anne é importantíssimo quanto a capacidade de certas atividades desenvolvidas no Paidéia, que iam na minha visão, para além do comum, para além do “como o feminismo vai cair no Enem”, e entender a partir de certas experiências, a possibilidade de luta contra as opressões, e que nessa própria perspectiva de luta e de resistência, falo do feminismo, há divergências, pois, há diferenças.

Deste modo compreendo que o contato com as ideias e com as práticas de quem constrói o feminismo por parte dos educandos/educandas, é imprescindível para que dentro de um trabalho que almeja a transformação da realidade seja efetivo. É necessário destacar que, da mesma forma, que para as educadoras e educadores esses espaços são importantíssimos,

principalmente como espaço de formação de sua docência, entendendo à docência para além da sala de aula. E é isso que a Anne nos fala, a partir do momento que entra em contato com as discussões feministas e consegue relacionar isso com a sua vida, com a constatação da opressão em sua vida:

Sim, E aí eu comecei a ter visibilidade, que acontece com outras mulheres, que não acontecia só comigo, e aí eu comecei a pesquisar um pouco sobre o feminismo, e acabei virando feminista porque eu comecei a ver que não é só eu que isso acontece ...então é isso aí. (Anne)

A constatação da violência, abusos e opressões que acontece com as mulheres, e de que isso é uma realidade, permite que os sujeitos e principalmente aqui do Paidéia, entendam as situações limites que cercam as mulheres, e que sendo isso uma verdade, que é palpável e materializado, cabe entender esse processo, tanto na questão de configuração do mesmo como na lógica que o perpetua e agride de forma constante que perpetua o silenciamento das mesmas:

A Declaração dos Direitos da Mulher e da Cidadã (1791), de Olympe de Gouges, pode ser considerado o primeiro texto feminista do mundo moderno. Foi o marco da reivindicação de que as mulheres fossem representadas como cidadãs, advogando a seu favor com base na pretensão universal de indivíduo abstrato publicada na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. A autora apresenta talvez a primeira contradição, e quem sabe uma das mais relevantes, da revolução que bradava “igualdade, fraternidade e liberdade”. (...) Olympe de Gouges não se comportou conforme as atribuições que lhes eram destinadas. Ela escrevia e publicava intensamente, recusou tanto o nome paterno quanto o do marido, e defendia as mulheres e os escravos. E por todas essas posturas, de acordo com Scott, foi acusada de viver “excessos da imaginação”; por isso, em 1793, foi condenada à morte na guilhotina. (MORETTI; EGGERT, 2017, p.46-47)

No trecho anterior, as pesquisadoras nos alertam como as mulheres historicamente sofreram (e sofrem) para se insurgirem, e não aceitando os papéis impostos por uma cultura patriarcal, pagaram com suas vidas o preço da rebeldia. Entende-se que o silenciamento das mulheres assim como a violência contra as mesmas se deu até mesmo nos ditos processos revolucionários e de “conquista de direitos” por parte da humanidade, e assim, entendo que todo um silenciamento se constituiu, ao passo em que essas estruturas de violência prosseguiram dentro de nossa sociedade e se estabeleceram como normais. Certamente que essas relações do patriarcado e do machismo é bem mais complexa e se explica hoje com certas configurações sociais e culturais que foram sendo moldadas na passagem para a civilização, e sendo configuradas num tempo longínquo, se faz grande força para que se pense que tal processo é natural.

Entendo, com minhas limitações de homem e que faz parte dessa sociedade machista, a necessidade como educador popular de trazer espaços que discutam essas temáticas que são “tabus”, que ninguém quer discutir e que se é secundarizada, e como pesquisador, analisa-las nesse processo de investigação dentro da categoria de emancipação desses sujeitos. O intuito, não é simplesmente de levar a discussão do feminismo como uma luta a ser prescrita para as mulheres que não conhecem o debate se associarem, não! Mas principalmente para que mulheres e também os homens entendam um tanto da realidade do cotidiano das mulheres, e principalmente do sofrimento de viver em uma cultura machista.

Para isso, junto com colegas que trabalham com a educação popular e companheiras de coletivos e organizações de movimentos sociais, construímos dentro dos espaços de aula, atividades que traziam a discussão do feminismo, principalmente porque uma outra discussão era não permitir o Paidéia deixasse de refletir sobre isso:

Assim como essa revolucionária da época, muitas outras mulheres foram silenciadas e, em boa parte da história, viveram como “anônimOs”. E quem nos lembra esse fato num texto brilhante é a escritora Virginia Wolf, no clássico *Um teto todo seu* (1929). Reconhecemos a necessidade da visibilização dos aspectos que lidam com experiências vividas e percebidas pelas mulheres para pensarmos a produção do conhecimento e a cidadania que seguem existindo nas margens. (...) Entendemos que as experiências, sobretudo no campo da educação popular, são produzidas como invisíveis, ou seja, como ausentes até que que as mulheres, como sujeitos coletivo, compreendam a sua própria “feitura” na experiência. (MORETTI; EGGERT, 2017, p.47,49)

Nesse contexto, o Paidéia tentou e tenta discutir essas questões, entendendo que os educandos e educandas já vivem essa realidade e isso deve ser refletido, entendendo que quem sofre são as suas colegas, companheiras e parentes, a sua sociedade em si. Nesse viés há uma preocupação para que dentro de um processo intelectual, que consiga situar esses sujeitos no pensar de seu lugar histórico, entendam que para além do senso comum (que é imprescindível no processo de desenvolvimento do conhecimento), das superficialidades, entenda-se que é necessário sair da “zona de conforto” do pensamento e tentar entender o que e quem molda a nossa forma de pensar.

Certamente que a preparação para o Enem é extremamente importante, principalmente por entender que a universidade é um espaço em disputa também, onde as camadas populares devem estar e devem também transformar esse espaço na medida do possível, porém, o Paidéia não existe para simplesmente melhorar notas e pontuações, mas existe pensando na linha da emancipação, e para isso, a visão crítica do mundo deve ser trabalhada, com base no diálogo, que não elimina em si a discussão, o debate e o conflito que se estabelece no choque de ideias e concepções, mas que tenta ir além, considerando não o educador e a educadora como

centrais, mas entendendo a educanda e o educando como possuidores de um conhecimento, de uma experiência e de uma “bagagem”, seja ela qual for:

Eu acho que o Paidéia, eu acho que o nome do Paidéia deveria ser Inovação né? Porque ele é diferente dos cursinhos, é que nem eu falei , eu esperava uma coisa e acabou vindo muito mais do que aquilo... Porque assim, eu pelo menos, vou falar por mim, é óbvio, porque eu sou eu, (risos) mas enfim, na minha visão, assim eu já tive uma visão mais fechada, pô mas assim o que eu penso é mais interessante, mas quando eu vejo realmente, as pessoas tem realidades diferentes de mim, tem uma perspectiva diferente de vida diferente de mim mesmo , então tem que dar voz para as pessoas sim, só que as vezes nos cursinhos pagos , tu não vê isso, não existe debate , o que existe? , existe só a afirmação do lado do professor, que o professor fala, que isso daqui vocês vão falar, a nota 1000 da redação, só que ele não fala “por que vocês pensam isso ?” Ele não faz o pensar ... (Anne)

Entendo que para o processo de emancipação, ou para o processo que indique a construção da emancipação, é imprescindível o pensar, criticar, analisar e discordar, com base nas diferenças, ou como a própria Anne afirma, “as pessoas têm realidades diferentes de mim”, e a partir disso, a partir da constatação que o meu colega ou que minha colega que, e socializa aqui comigo nesse espaço, possui um outro entendimento da realidade e está inserido em outra realidade social, econômica e cultural.

Se falando principalmente dos educandos e educandas que provenientes das camadas populares mais pobres da sociedade, e nesse contexto, da cidade, é sempre importante destacar a importância de sublinhar que esses sujeitos, homens e mulheres, na maioria das vezes fazem de seu cotidiano e de sua vida, uma força sobre-humana para conseguir articular por vezes o estudo com o emprego; o emprego, o trabalho doméstico e o estudo; o esforço de estudar e procurar emprego e viver de bicos ou

simplesmente por dificuldades de distância/deslocamento conseguir estudar (ou como se diz por aí, “somente estudar”).

Em miúdos, no caso Paidéia, a realidade é bem diversa, porém dentro de uma realidade de dificuldades socioeconômicas, por mais que em cada sujeito haja muita força para prosseguir lutando pelos seus objetivos de entrar na universidade e cursar os cursos que assim lhes compete e agrada. Porém existe uma força e uma vontade por vezes, por parte dos governos, dos sistemas educacionais e também da universidade, de pensar esses sujeitos como sujeitos que são menos, processo da desumanização, ou da coisificação, da marginalização, e aí se aplica ou um “plano de salvação” destes, de domesticação ou de exclusão. Não sei qual deles é o pior. Arroyo nos elucida um pouco sobre essas práticas:

Vejamos algumas formas de pensa-los e conformá-los às quais reagem como coletivos. Em suas ações reagem às formas parciais, superficiais de sua classificação que ocultam os processos mais radicais de sua inferiorização e segregação, como coletivos humanos. As categorias mais frequentes com que são vistos, sobretudo no pensamento sociopedagógico, têm sido: marginalizados, excluídos, desiguais, inconscientes. Formas de pensa-los e classifica-los que ocultam formas históricas mais abissais e sacrificiais de segrega-los (ARROYO, 2014, p.40)

Nessa afirmação, Miguel Arroyo acerta no “olho da mosca”, pois seguimos colonizando e catequizando, falo da lógica que ainda existe de que temos que “dar” e que eles têm que “receber”. Nós, que já passamos pela universidade, seguimos a catequização, não reconhecendo esses outros, esses marginais como capazes. E segue:

Conceituá-los como marginalizados, marginais, supõe entender que na sociedade uns coletivos estão situados em margens opostas, mas possíveis de serem aproximados por meio de pontes ou pinguelas. Que a margem, o território de

cá pode ser ocupado, conquistado pelos coletivos da outra margem, por meio de políticas de passagem, do esforço, do êxito nesse percurso. Nessas conceituações cabem esperança, políticas de aproximação e de passagem. Nessa visão se legitima o pensamento educativo e a diversidade de pedagogias salvadoras dos marginalizados. (ARROYO, 2014, p.41)

Com base nessas reflexões sobre a realidade marginal, é importante que ressaltar que ninguém opta por ser marginal ou estar à margem. Puderá! Na verdade, na maior parte das vezes, que se entende centro, entende-se como salvador da margem (as vezes faz de tudo para perpetuar a margem). Nesse momento devemos ser parcimoniosos ao refletir e pensar sobre as margens:

Ao analisar mais detalhadamente, constato que o entendimento que eu possuía em relação às margens era de algo descartável e marginal. Estar à margem é concretamente uma situação do que é à primeira vista, ou seja, não aparece e nem serve para muita coisa, mas está presente. As margens ficam imóveis, poucos percebem; fazem parte das coisas invisíveis que, de tanto estarem presentes, não aparecem mais. O serviço da casa que ninguém reconhece, quando não é realizado, ninguém aguenta ficar sem ele! (EGGERT, 2013, p.144)

Com isso, me conecto com Eggert ao entender os marginais, ou como está colocado por ela, as margens, como extremamente importantes e muito mais para a construção da educação popular, assim como criar projetos que sejam radicais em transformação da realidade a partir da mesma. A margem está lá, mesma que não vejamos, ou que não queiramos vê-la:

E as margens são simultaneamente as rebeldias necessárias presentes nos movimentos bem visíveis, comprometidos com transformações no mundo e com seus próprios limites! Ficar à margem não significa total falta de poder e total

marginalização. Há uma reciprocidade, uma dialética nesse ficar ou ser d/as margens. Há pequenos ganhos, avanços e retrocessos. (EGGERT, 2013, p.144)

As margens representam as camadas populares que se fazem presente na cidade, que existem, por mais que a própria cidade não perceba ou não queria perceber, ela está lá, segurando, suportando a cidade (retornemos a analogia que Eggert faz do serviço da casa!), e quando essa margem se descobre margem, e vem se movimenta, pressiona o centro, com uma força imensurável, e que provoca o mal-estar.

Essa força que pressiona o centro e que indaga a estrutura acerca do porquê que ela o fez e refez margem, e compreendendo sua marginalização, se invoca e se coloca no mundo com *rebeldia*. Rebeldia colocada aqui como uma categoria que “precisa ser educada para que tome, portanto, dimensões transformadoras, revolucionárias e não tenha um fim e si mesma” (MORETTI, 2010, p.346).

Certamente que os educandos e educandas chegaram ao Paidéia com as suas limitações mas também com os seus avanços, com base em suas vivências e experiências, e com isso, se fez com que o espaço se tornasse o mais democrático possível, tentando problematizar diversas questões que se apresentavam durante as atividades. Do mesmo modo, o Paidéia, através de das educadoras e educadores a maioria estar em processo de formação (graduandos, pós-graduandas, recém graduados...), tinha as suas limitações e estava seguindo um caminho de formação e entendimento de que a educação popular era mais do que um “cursinho gratuito”.

Mesmo assim, havia um engajamento por parte dos docentes, de tentar entender a realidade dos educandos e educandas, e desenvolver atividades que conseguissem discutir determinadas temáticas que ao conectar com diferentes disciplinas e diferentes áreas do conhecimento, alcançassemos um maior êxito, tanto no entendimento teórico dos

conteúdos, sua contextualização com a realidade e com o Enem. Os chamados “aulões”¹ tinham essa incumbência, assim como as discussões específicas de cada disciplina/conteúdo, com suas temáticas e temas geradores diversos:

Ah as discussões de sexualidade, né? Assim bastante o que eu vejo que o pessoal ainda é bem bitolado nessas questões, questões do veganismo, questões políticas, que mais? Questões de cotas raciais, essas questões assim que realmente eu estando no curso via que os professores tinham essa visão mais ampla sobre isso, mais os próprios alunos que estavam ali ainda eram meio assim, acreditavam por exemplo, deixa uma pensar uma questão, que as cotas raciais são um meio de racismo, que o veganismo é uma coisa que é estética, não é estética que eu digo é, fútil! (Carol

As discussões e os debates que eram promovidos, permitiam com que muitas coisas fossem desconstruídas, e outras aprofundadas para além de certos “infomacionismos” que por vezes fazem um desserviço. Como nos alertou o sujeito no trecho acima, havia a possibilidade de discutir, tirar dúvidas e fazer certas amarras que por vezes estavam soltas, que não se tinham alcançado certa compreensão.

A metodologia de promover a inquietação, a indagação e o desconforto através da tentativa de contextualizar conteúdo com a realidade vivida pelos educandos e educandas, promoveu uma propulsão de outras atividades que caminhavam na ideia de refletir com mais afinco certos aspectos indebatíveis, os famosos tabus, ou pelo simples reducionismo e superficialidade com que a muitas as vezes as discussões em redes sociais

¹ Os aulões poderiam ser por temas geradores das áreas em confluência (exemplo: aula de política articulava história, filosofia, artes, sociologia e redação) ou sem confluência a priori (exemplo: aula de sexualidade articulava biologia, química, história, redação e português). É uma metodologia trazia um feedback muito grande e que potencializava as aulas/atividades seguintes.

promovem, a oportunidade de discutir e refletir de modo coletivo, abria um pouco mais o entendimento sobre certas questões.

Cara as discussões mais importantes para mim era...tinha a ver com as políticas tá ligado? Tanto as políticas públicas quanto em relação a sociedade, era um ambiente que cara que tipo, a maioria dos meus amigos quando eu ia debater com eles ideias, era assim, eles ouviam o que tinha a dizer, concordavam ou não concordavam e era basicamente isso, tá ligado? Quando eu entrei para o PAIETS, eu vi várias pessoas com visões parecidas com as minhas e visões diferentes. E eles não estavam interessados em abraçar a minha ideia e simplesmente isso, tá ligado? Eles acolhiam o que achavam interessantes o que eles achavam que eu estava errado eles debatiam, e isso me fez muito gostar daquele ambiente tá ligado? (RAFA)

Com isso, a possibilidade de promover um espaço que contemplasse os anseios e as indagações dos educandos possibilitavam o enriquecimento das atividades do Paidéia, e conseqüentemente da educação popular. Outro aspecto importante disso tudo, era a possibilidade desses sujeitos, homens e mulheres que lá estavam, de trazerem as suas vidas e suas manifestações e experiências consigo, e principalmente, experiências das juventudes. O que o Rafa nos diz sobre um ambiente que não aceita tão facilmente a concepção de mundo sem tentar entender, diz muito sobre a importância desse espaço e da educação popular para a construção de protagonismos.

De igual modo, a Anne, que já possuía uma experiência de estudar para concursos e a partir disso, possuir uma certa leitura de mundo, conhecia vários aspectos da Constituição Brasileira de 1988, o que contribuía muito para as discussões em aula, e principalmente no evidenciamento de certos “dilemas” que se apresentavam:

Os debates! Ah, pra mim eram maravilhosos, tanto é que teve uma vez que eu, acho que teve um colega que começou a falar mal da constituição, que não valia a pena e não sei o que, e eu meio que fiquei enfurecida, (risos) e aí eu, nossa você nunca leu a constituição para você falar isso. (Risos) E todo mundo começou a rir e falar ...eu fiquei louca de vergonha. Porque eu nunca imaginei que eu ia falar isso sabe ... (ANNE...

A necessidade de se colocar no debate, na possibilidade de falar, é a possibilidade de se colocar no mundo. Em uma cultura que possui a pedagogia do tolher, a cultura, e principalmente na educação, do silenciamento, do não falar, não dizer e não perguntar, e ao falar, ser politicamente correto para que o conflito seja mediado. Nesse ínterim, muitos são silenciados para sempre, e nesse silenciamento, ocorre a perpetuação de convencer os oprimidos e oprimidas de que estão e errados, e que devem ser tolerantes, pois seus questionamentos estão gerando demasiados confortos.

Ocorre que em nossa educação, de um modo geral, falo da educação brasileira, soma-se os processos ditatoriais que impediram os processos de reflexão e de avanço das ciências das humanidades, e principalmente as disciplinas e temáticas sobre as ciências humanas e sobre o avanço dos processos educacionais foram proibidos.

Não somente como pesquisador e educador, percebo e entendo também como educando, como sujeito que também aprende ao ensinar, que o processo educacional e pedagógico perfeito, está distante de ser concretizado, porém, é necessário esforçarmos para que haja uma destruição de certos ditames e diretrizes que apontam para uma verticalização dos processos políticos, culturais, sociais e econômicos, e com certeza no âmbito educacional:

Eu acho que a horizontalidade, do processo. Saca? Naquela questão de que tu tá dando a tua aula, e levantar o braço e te interromper. De surgir um outro assunto, a gente debater esse assunto, mas depois retornar pra aula, tá ligado? Porque o cara teve isso, eu tive isso no colégio, eu tive professores de que enquanto ele tava ali tu não podia interromper ele, tá ligado? E as vezes é aquela questão, tem rima que o cara pensa, que se tu deixar para anotar em casa, tu não vai anotar, saca? Então tem aquele flash de sabe? Tu falou aquele bagulho, me desencadeou uma reação aqui, se eu não falar contigo agora, depois eu não vou conseguir formular a mesma dúvida, e isso eu achava bacana. A interação que tinha, tanto de professor e aluno, quanto de aluno e professor. Tá ligado, de educador e educando ali, saca? (Pablo)

Pablo, fazendo uma relação com rima e com o freestyle, nos coloca que a horizontalidade da metodologia e na possibilidade de intervir (“levantar o braço e interromper”) nas atividades do Paidéia, encontrava-se algo muito potente. O “interrompimento” se torna bem-vindo, se faz necessário, e com isso pode-se construir de modo processual uma ruptura nessa educação depositária, bancária.

Acredito que frente a toda uma cultura de silenciamento, a educação popular tem um compromisso de ouvir as falas, as vivências, os gritos e os conflitos que existem, e solidarizar-se com isso, principalmente porque é isso que historicamente tem configurado o Brasil, um processo contínuo de dominação por parte da minoria, das elites e etc.

Com base em Freire, e no que ele acreditava em sua práxis de transformação, é valioso lembrarmos o que o mesmo educador e filósofo afirmava sobre a relação do grito e do conflito nessa perspectiva de educação e de educação política:

Aliás o silêncio realmente tem sido imposto às classes populares, mas elas não têm ficado silenciosas. A história oficial é que destaca esse silêncio sob a forma de docilidade, mas os movimentos de rebeldia, que constituem a história escondida nesse país, tem sido agora revelado por historiadores com

sensibilidade em relação às massas populares. Insisto, assim que é preciso aprender com o povo a gritar e introduzir essa forma de gritar na educação sistemática. De qualquer forma, o ser humano sempre grita primeiro para depois falar. A gente nasce gritando. (GADOTTI, 1989, p. 120)

Esse trecho da fala de Paulo Freire, que é um diálogo entre Moacir Gadotti e Sérgio Guimarães, nos elucida que é necessário falar, mas antes, é necessário gritar, e esse grito aos poucos se organiza e vira fala, fala contundente, daí o dizer a sua palavra é central aqui! Entendo que a as falas, as intervenções, os debates e discussões, tanto as que levavam a conflitos e que se acaloraram, foram importantes para que se conseguisse um êxito no processo de desenvolvimento do conhecimento, e esse conhecimento foi e é construído de modo dialético, de cá para lá e de lá para cá, respeitosamente entendo que os sujeitos que ali estavam, tinham preciosidades que contribuíram para esse processo e para com o aprofundamento da educação popular através do Paidéia.

É necessário, portanto entender que o Paidéia não era e não é um espaço perfeito, a “menina dos olhos” da educação popular, aonde a roda é reinventada em cada atividade que se desenvolvia. Claro que não! Há uma tendência fortíssima a se trabalha com a perspectiva teórica da educação popular, e através de espaços de formação integrados por educandas e educadores, tentar compreender o que é a educação popular e o que ela significa para nosso contexto.

Temos que compreender as nossas limitações e nossas situações limites. Nossas dificuldades podem nos levar além se tivermos a vontade de avançarmos. Não queremos uma educação popular pusilânime, covarde e descompromissada com a sua raiz, e por isso, é necessário entender que mesmo na tentativa de almejar a transformação, e nesse engajamento, por vezes exercemos e produzimos coletivamente ou individualmente aquilo

que tanto combatemos. Trago um trecho da fala de um dos sujeitos que compartilhou suas impressões sobre o Paidéia, e que elenca situações contrárias a um projeto de emancipação e humanização:

Não praticar essa educação bancária, que o Freire fala muito, não chegar depositando os conteúdos, não que eu acredite que ...alguns professores ali...é como ele fala, as vezes eles nem sabem que eles estão fazendo isso, mas eles estão fazendo entende? Ele fala isso nesse livro a Pedagogia do Oprimido, que as vezes o professor que tá tendo essa atitude, ele nem sabe que ele tá tendo, ele que acha que tá fazendo certo mas não tá, ali eu vi muito isso, principalmente na área das exatas, uma coisa muito forte na área das exatas, o professor não consegue ter um diálogo com o aluno entende? (...) professor ele era um crânio ...o cara chega ali e ...praticamente nos vomitava as coisas no quadro ... e a embora. Isso aí é uma coisa...talvez ele não tivesse consciência de que ele tava fazendo isso, mas ele tava. E acabava que não ensinava as coisas pra gente assim, só pra quem já é mais ...já tá pesquisando, ou é super interessado nesses assuntos das exatas e já se familiariza, e aí tá, óbvio, chega ali na aula dele e vai entender, vai acompanhar, mas uma pessoa que não tá instigado a isso, não vai entender o que ele está falando e vai se sentir ainda ... como é que é inútil? Não é inútil, vai se sentir menospre...não é menosprezado que a gente fala, deixa eu pensar ... (...) É, vai ser menos né? Porque vai achar que eu sou burra, eu não posso entender isso que ele tá falando ... (CAROL

Assim entendo como é necessário se aprofundar os debates e a discussões no Paidéia sobre a validade da educação popular ainda hoje, e o que ela representa, na tentativa de potencializar as experiências positivas, e as negativas, que expressam o Ser Menos como nos fala tão bem a Carol, refutar e transformá-las.

Para além disso, destaco a sensibilidade desta ex-educanda, que já percebia de forma aguçada o desconforto que ela e os demais estavam submetidos, em um espaço de educação popular. Reforço que, um espaço que seja favorável ao Ser Mais, se constitui destes principais elementos que

foram trazidos e sublinhados aqui, mas é válido principalmente constatar o Ser Menos, que é a negação de uma perspectiva de educação histórica, crítica e latino-americana. Em outras palavras, negamos o que não queremos de forma consciente, em busca daquilo que queremos que condiz com a nossa vocação humanizadora.

8.2. Educação Popular: proposta anticapitalista, descolonizante e anti-imperialista.

Cabe ressaltar qual é o papel da educação popular dentro de um contexto de destruição dos direitos das pessoas, na mesma linha em que o capitalismo está simplesmente destruindo as estruturas da sociedade, por mais que essa mesma sociedade em que vivemos e que construímos, seja por si só capitalista, desde o século XVIII. Entendo sim, que o que temos que derrubar é o capital e tudo o que ele direta e indiretamente coagula e organiza, porém, defendo a educação popular como alternativa de contestação e transformação, fazendo com que a educação seja um processo mais contundente em seus processos pedagógicos, dinamizando o conhecimento e também aceitando-o como processo de construção coletiva e social. Em outras palavras, a educação popular possui um compromisso político com a vida e com a sociedade. Assumir a educação popular como processo educativo contra hegemônico é fundamental para que possamos estabelecer uma outra relação crítica no âmbito educacional. Ao mesmo tempo em que a EP precisa ser uma perspectiva e acúmulo descolonizador e descolonizante, necessita ser também anticapitalista. Entender algumas circunstâncias que nos assolam e que são filhas desse processo capitalista é essencial e David Harvey, geógrafo e pensador crítico, nos elucida quanto a algumas questões dessa perspectiva capitalista que está imbricada em nossa sociedade e em nosso modo de viver:

A saga do capitalismo é cheia de paradoxos, por mais que a maioria dos tipos de teoria social – a teoria econômica em particular – não os leve de modo algum em consideração. Do lado negativo, temos não só as crises econômicas periódicas e muitas vezes localizadas que têm pontuado a evolução do capitalismo, incluindo as guerras mundiais intercapitalistas e Interimperialistas, os problemas da degradação ambiental, a perda da diversidade, a espiral da pobreza entre as populações em crescimento, o neocolonialismo, as graves crises na saúde pública, a abundância de alienações e exclusões sociais e as angústias da insegurança, violência e desejos não realizados. No lado positivo, alguns de nós vivemos em um mundo onde os padrões de vida material e o bem-estar nunca foram maiores, onde as viagens e as comunicações foram revolucionadas e as barreiras espaciais físicas (embora não sociais) das interações humanas foram reduzidas, onde os conhecimentos médicos e biomédicos oferecem para muitos uma vida mais longa, onde cidades enormes e espetaculares, que seguem se alastrando, foram construídas, onde o conhecimento prolifera, a esperança é eterna e tudo parece possível (da autoclonagem à viagem espacial). (HARVEY, 2011, p.102)

Aqui cabe um pouco de reflexão, para que possamos entender dentro desse processo de “destruição” daquilo que desde a modernidade chamamos de natureza, e ao mesmo tempo de destruição de nós mesmos (pois desde a modernidade não somos mais natureza!), para que possamos perceber alguns aspectos da própria destruição do capitalismo e de suas principais estruturas que condicionam a vida no modelo atual. Na “ab” do que é positivo apontado por Harvey, não conseguimos visualizar as consequências daquilo que nos é útil. Não percebemos de certa forma, que as diversas tecnologias e avanços conquistados durante anos de pesquisa e desenvolvimento do conhecimento dos homens e mulheres, também significam a exploração de homens e mulheres e a exploração da natureza categorizada como matéria-prima. Significa também a destruição e a extinção de espécies da fauna e flora, e também, a escravização de

populações, que ocasionaram genocídios e outras violências, em nome da ciência, do progresso e do desenvolvimento. Mas progresso para quem?

Que esse é o mundo contraditório em que vivemos, e que continua a evoluir em um ritmo acelerado de modo imprevisível e aparentemente incontrolável, é inegável. No entanto, os princípios que sustentam essa evolução continuam obscuros, em parte porque nós, seres humanos, lidamos mais com essa história com base em caprichos de algum tipo de desejo humano coletivo e às vezes individual, em vez de buscar princípios evolutivos dominantes do tipo que Darwin descobriu no campo da evolução natural. Se quisermos mudar o mundo coletivamente em uma configuração mais racional e humana por meio de intervenções conscientes, temos primeiro de aprender a compreender muito melhor do que compreendemos agora o que estamos fazendo com mundo e com quais consequências. (HARVEY, 2011, p.102)

Harvey nos alerta perante o caminho à beira do abismo que estamos percorrendo de olhos fechados, graças a todo um processo de alienação e de exploração em que vivemos. Na verdade, cabe aqui uma percepção quanto a produção intelectual e racional que molda o mundo em que estamos. Há uma necessidade de entendermos para além do que está e que se apresenta perante nossos olhos para conseguirmos esmiuçar os reais motivos que nos fazem estar fixados nessa lógica. Certamente que o próprio fetichismo do capital que tanto Marx nos alertava já no século XVIII, explica tal situação em que estamos, aonde nossos avanços tecnológicos são a desculpa mais convincente para prosseguirmos sendo e fazendo o que bem entendemos com o que e quem quer que seja, por mais que isso nos leve cada vez mais ao declínio e retrocesso. Proponho que possamos pensar que, é necessária uma alternativa ao processo de destruição que vivemos. Precisamos de uma conduta que venha nos permitir romper a alienação do processo em voga, para que assim consigamos entender

melhor o agora e suas implicações para além do senso comum, para depois das informações que nos são vendidos e que são ludibriantes.

As novas tecnologias eletrônicas com amplas aplicações na produção e no consumo tiveram um enorme impacto nos processos de trabalho e na condução da vida diária para a massa da população (laptops, celulares e iPods estão por toda a parte). A ideia de que novas tecnologias eletrônicas eram a resposta aos problemas do mundo se tornou o mantra fetichista da década de 1990. E tudo isso pressagiou uma mudança tão grande nas concepções mentais do mundo com o advento de um individualismo possessivo ainda mais intenso, juntamente com a lógica do fazer dinheiro, o endividamento, a especulação financeira, a privatização de ativos do governo e a ampla aceitação da responsabilidade pessoal como norma cultural em todas as classes sociais. Estudos preliminares das pessoas apanhadas na onda de execuções hipotecárias indicam por exemplo, que muitas delas culpam a si mesmas em vez de às condições sistêmicas por não serem capazes, por qualquer motivo, de viver de acordo com a responsabilidade pessoal implicada na casa própria. (HARVEY, 2011, p.110)

Toda essa gama de coisas nos faz refletir que por mais que se tenha uma esperança de que tudo mudaria por termos muito mais tecnologias a disposição de uma maior parte da população via consumo, no fundo isso foi uma sala de espelhos para narcisos. Não estou negando a eficácia de toda sorte de tecnologias e dispositivos que foram desenvolvidos, assim como não estou negando que muitas das tecnologias resolveram alguns problemas (do mesmo modo que em esmo nível, surgiram outros problemas) e resolveram ainda mais. O que cabe aqui refletir é a lógica que está por trás de todo esse processo de construção de sociedade, que modificou as relações humanas, aprofundou ainda mais o individualismo, serviu à violência e a opressão, transformou as relações de trabalho e permitiu a desigualdade se acelerar.

Certamente que pensar o local, pensar a partir de onde nossos pés estão fincados é parte fundamental desse processo, aonde a educação popular tem e deve ganhar espaço, mas parte também de um entendimento geral e internacional dos avanços do mesmo, e dos avanços desse capital sobre nossas relações e sobre nós, latino-americanos. Não há como desconsiderar aqui, o pensamento norte-americano e europeu que caminha junto com aqueles e aquelas que querem e precisam fazer um contraponto à ideia de dependência e de colonialidade, mas devemos sim entender que há uma dimensão epistemológica e ontológica sendo produzida por nós mesmos, latino-americanos, africanos e asiáticos que seguem sendo coadjuvantes dentro de uma perspectiva de dominação pelos “desenvolvidos” e “civilizados” países do Norte.

Há que haver uma certa articulação, uma reafirmação dessas pensadoras e pensadores que produzem contra o avanço do capital, mas entendo que é necessário criar e divulgar de modo coeso o pensamento latino-americano, com uma envergadura e capacidade de, vamos se dizer assim, superar as contradições existentes. De igual modo, a pesquisadora e professora Conceição Paludo segue em sua reflexão e produção intelectual, fortalecendo o entendimento da força de uma educação popular que seja a “cara” dos processos de emancipação, luta e de resistência da América Latina, contribuindo de certo modo na potencialidade das epistemologias de resistência, dos modos de sobreviver das camadas populares que mesmo em processo de subalternização, não se mixam, não se rendem, mas pelo contrário constroem uma contracultura, uma contra-educação, uma sobrevivência contra hegemônica :

O processo latino-americano possibilita compreender que a educação, dado o papel que desempenha na sociedade, em uma perspectiva efetivamente emancipatória, só pode ser resistência e exercício de contra-hegemonia. Gramsci

(1978) define a hegemonia – e pode-se dizer que no seu âmbito também a resistência – como a capacidade de um grupo social unificar em torno de sua proposta política um bloco mais amplo não-homogêneo, marcado por contradições de classe. Para o autor, a disputa hegemônica acontece no plano das interpretações da realidade, que guarda estreita relação com a esfera econômica, e de projetos para a modificação dessa mesma realidade. Esse conceito explicita a dinâmica da relação entre o consenso e a repressão na relação do Estado com a sociedade civil e, no seu interior, com as forças organizadas que a disputam. (PALUDO, 2015, p.225)

Com base nessa análise, entendo que a premissa de Gramsci é válida para que se possa legitimar a resistência também no plano das interpretações da realidade e resistindo assim a dominação de classe. De igual modo, Paludo nos alerta que o marxista italiano nos ajuda a legitimar os processos de disputa de espaços por parte das camadas populares e os projetos de transformação da realidade, nesse caso a educação popular.

Prosseguindo, a autora nos salienta, numa articulação entre Dussel, Freire e Mészáros, a incumbência de uma educação que seja diretamente embasado em nossa realidade, e no entendimento da superação

Dussel (1977) analisa que a “pedagogia imperial” faz tudo parecer tão óbvio que a não-criticidade e a naturalização passam a fazer parte da vida cotidiana. Mészáros (2005) anuncia a contrainternalização e Paulo Freire (1994) a conscientização. Os autores propõem a necessidade de estabelecer relações entre o projeto de sociedade e o projeto educativo para essa mesma sociedade, que pode estar em consonância com a totalidade vigente ou indicar uma totalidade futura. (PALUDO, 2015, p.225)

A educação popular está a favor (e ao mesmo tempo é este projeto) para este projeto necessário que caminha contra essa naturalização existente no modelo aplicado e desenvolvido. Faça-se necessário construir uma alternativa que dê cabo dessa visão da destruição das experiências

dos sujeitos e de suas realidades desiguais, uma alternativa que não convença os oprimidos e oprimidas que seus opressores estão corretos e que a desigualdade é um fator determinado e imóvel.

A educação popular, possui em sua gênese, a força dos movimentos de cultura e de movimentos sociopolíticos, aonde os sujeitos que os integravam, deram as diretrizes para uma educação popular resistente, que correspondesse a vida e a luta de um coletivo. De igual modo, uma educação que ouvisse e que tivesse espaço para esses sujeitos, que desde muito tempo reivindicavam e reivindicam o direito de ser, de viver e ter direitos, ao mesmo tempo que não possuem nenhuma intenção de participar de uma lógica excludente e opressora.

As análises das obras citadas permitem compreender que a acumulação de capital se impõe enquanto síntese social na América Latina, bem como as resistências e insurgências que ocorreram no continente; a razão pela qual suas lideranças tonaram-se fonte de inspiração e as condições de emergência da concepção da EP, vivamente enraizada nos processos de luta e resistência dos povos latino-americanos e com a intencionalidade de contribuir na construção de outro projeto societário. (PALUDO, 2015, p.225)

Por isso, cabe então o entendimento de que a educação popular faça parte da construção de projeto que seja parte de uma alternativa dentro de uma possibilidade de se construir uma outra perspectiva de educação que seja politicamente engajada com as necessidades desse mundo desigual. Ainda mais nessa ideia de que mesmo como periferia do mundo, a América Latina seja capaz de conduzir as suas próprias transformações, que rompam com o que se tem hoje como reformismos ou até mesmo tido como mudanças.

8.3. A educação popular ainda é necessária? Contribuições do Paidéia para a emancipação das juventudes na cidade.

O Sul da educação popular é a construção de uma educação com uma “veia” política crítica, e que possa a partir dos sujeitos que a constroem e participam, problematizar o mundo, na corporificação das palavras, no pronunciamento das palavras, na humanização e no entendimento de que é necessário resistir com base em um pensamento que por mais que seja ácido e que gere mal-estar ao pensamento dominante, seja contundente no que almeja transformar.

Uma das preocupações e problematizações deste trabalho, é a curiosidade epistemológica que eu tinha para saber se o Paidéia, conseguia ser mais que um curso preparatório para o Enem, e se mesmo possibilitando uma entrada e ingresso ao nível superior e técnico de educação, ele auxiliava na emancipação, ou de certa forma, apontava para a mesma.

Entendo que a centralidade da educação popular, que é a construção de alternativas (pois a E.P. tem suas particularidades em cada lugar, contexto e etc.), possibilidades de transformação, projetos que desafiem a realidade para que chegue em um outro estágio da práxis, e por isso, a emancipação (e também a humanização, que aqui se encaixam e são sinônimas) não deve ser um mero discurso.

Dito isso, como emancipação em Marx e humanização em Freire, possuindo força conceitual e teórico-prática próximas, ao analisar as entrevistas, compreendi alguns elementos elencados por esses sujeitos como categorias que me levaram a desvendar a conexão entre o Paidéia (E.P.), os ex-educandos/educandas sujeitos da pesquisa (jovens e com entendimento acerca das juventudes) e Rio Grande (Cidade). Certamente que a perspectiva de educação trago aqui, se coloca como um processo dialético e dialógico, que deve transformar e também ser transformado. Em miúdos, com base no conhecimento dos sujeitos que participam da

educação popular, construir esse viés crítico. Por isso, alguns elementos sublinhados aqui nessa etapa, denotam aspectos que eram trabalhados dentro desse espaço de educação popular que é o Paidéia, muito importantes, que indicam para emancipação ou para intenções emancipatórias.

Dentro do roteiro de perguntas da entrevista/diálogo, um dos questionamentos centrais foi como o Paidéia contribuiu (isso se contribuiu!) para a criticidade, para o aprendizado e em outros aspectos pessoais. Na entrevista/diálogo, muitos aspectos apareceram. Começo aqui com esse trecho da fala do Rafa:

Cara não é nem questão que contribuiu para a minha visão política, mas é que eu acho que é um lugar onde eu tive espaço para mostrar a minha visão entendeu? Eles me deram espaço para mostrar minha visão e estavam abertos a ter a visão do jovem e trocar ideias tá ligado? Não sei se, se o intuito era isso do curso, mas tipo, cara acho que foi um dos primeiros lugares que eu pude falar tá ligado? Eu sempre tive na escola e na escola sempre se fala que o que o professor fala é o certo tá ligado? O aluno tem que baixar a orelha escutar e ... levar aquilo ali como certo pra vida tá ligado? E lá no Paidéia não, eles estavam abertos a ouvir nossas dúvidas, a ouvir nossos questionamentos, a ouvir a nossa argumentação, e acho que essa visão me ajudou a formar tá ligado? Não que eu não tivesse essa visão, mas me ajudou a debater ... (Rafa)

Entendo que, nesse caso, o sujeito afirma na entrevista que sempre que colocava o seu ponto de vista em alguma discussão, “troca de ideia” ou debate, percebia que por vezes aquele ponto de vista não tinha valia, ou se houvesse contrariedade, por vezes ficava por isso mesmo. Do mesmo modo, a sua identidade não era aceita na escola, na própria casa e na família (no caso do Rafa, o fato de gostar de coreografias, danças, e deixar esse aspecto de sua identidade de lado pela não aceitação), e no caso do Paidéia, já havia uma diferença pelo curso entender que as diversas identidades, as múltiplas culturas e a diversidade se fazer presente, havia uma

grande chance de submeter os sujeitos em um ambiente com visões de mundo amplas.

O sujeito afirma que já havia a prática de debater e tinha pensamentos e argumentos políticos, mas na naquela diversidade e na própria acolhida dose educadores, essa prática se intensificou. Analisando essa questão e outras que foram levantadas pelo sujeito (e a dos outros sujeitos, mas que se aproximam com essa), compreendo uma profunda contribuição do Paidéia para com o desenvolvimento do pronunciamento da palavra, da capacidade dos sujeitos entenderem o mundo de certo modo e socializar essa visão, com entendimento de que sua perspectiva, se for refutada, visará um argumentação, e daí um outro aprendizado ou uma radicalização daquilo que já entendia. E por isso prossegue:

Cara como pessoa acho que contribuiu muito porque eu tinha muito de julgar as pessoas tá ligado, querendo ou não tipo, agente que, não sei se todo negro, mas agente que sofre preconceito acaba criando um preconceito, tipo assim, tem um grupo ali diferente de mim e eu não vou me misturar porque vão me olhar diferente, e quando eu cheguei no PAIETS e vi assim uma diversidade gigantesca tá ligado? Várias pessoas de várias etnias, vários jeitos, tinha ...pessoas com vivências diferentes de mundo, orientações sexuais tá ligado? E até diferentes, tipo, religiões, ou diferentes tipos de formação familiar ... (Rafa)

A possibilidade de imersão em um ambiente prolífico de identidades, encurtou a distância entre os sujeitos. Poderia ter acontecido ao contrário, e a partir da intensificação de algum conflito, gerar alguma consequência desagradável. Cabe informar que desde o momento da seleção para o paidéia, nós ressaltamos que a educação popular possui um acúmulo político-pedagógico, preparando já os futuros e futuras educandas acerca da construção de um espaço no mínimo democrático, aonde a possibilidade do

“outro”, diferente de si mesmo, poderia estar ao seu lado, e mesmo sendo diferente, o processo de socialização e interação seria necessário.

Do mesmo jeito, alertamos que não “respeitamos o desrespeito”, e opiniões homofóbicas, machistas, racistas e outras fundamentalistas e reacionárias, não eram somente uma opinião, mas sim, atividades e manifestações criminosas, que num contexto geral, perante um estado de direito e de um contexto de direitos humanos, tais atividades e manifestações criminosas seriam a quebra total de um paradigma acertado coletivamente de respeito e tolerância.

Com isso, se cria o início de um espaço de humanização, aonde entender o outro como igual e semelhante é eficaz na luta pelo “encurtar da distância” social. Nesses trechos que o Rafa aponta esses aspectos entendo que está um dos compromissos da educação popular (e de qualquer educação, a princípio), que é a análise, a leitura crítica do mundo. A reflexão e a mínima noção de se estar em mundo desigual, e que a partir disso, nos incutem a divisão, o afastamento um dos outros, na construção de preconceitos, racismos e violências entre nós mesmos, e a partir disso, o ódio é concretizado, pois nos vemos como menos e outros, menos ainda.

Para isso, a educação popular nos faz entender que mesmo na diferença, somos do mesmo planeta, sentimos dor, e sofreremos muito com o processo de dominação, e por isso, precisamos ler a realidade e o que essa realidade está nos impondo, compreendendo então que nós latino-americanos, somos culturalmente diferentes, e isso não é uma indigência, mas sim uma riqueza:

Desde los albores de ella em Simón Rodríguez, quien dijo que debíamos construir una educación que nos hiciera americanos y no europeos, pasando por Elizardo Pérez, quien propuso que la educación debe ser organizada com ele proyecto político-económico- social- cultural de realidade que se tiene, y Paulo Freire – quien nos enseñó que el ejercicio básico de su propuesta metodológica

era aprender a leer la realidad – la educación popular há ido consituyndo uma propuesta donde los territórios, lo local, hacen que el ejercicio educativo siempre sea contextualizado. (MEJÍA, 2013, p.372)

Mejía nos salienta a construção de aspectos de leitura e de percepção de mundo, da realidade, concentrado e acumulados em Freire, mas já articulados desde o século XIX. Certo que os pensadores e pensadoras da América Latina, educados pela Europa, mas querendo romper com as mesmas, encontraram desafios grandiosos nesse processo emancipatório. Com isso, junto dessa afirmação desse educador e pesquisador colombiano, resgato a importância do Paidéia como educação popular de permitir um espaço-tempo capaz de potencializar a indignação, a rebeldia, a criticidade, a humanização, a solidariedade e a emancipação, com base em nossa realidade. A importância de considerar e reconsiderar as experiências das pessoas que lá estavam inseridas, participando, estudando, por mais que essa experiência fosse bem diferente da tua:

Eu acho que aquela concepção de que o mundo não gira ao meu redor, de que existem realidades diferentes da minha, e que existem pessoas diferentes e isso é por causa da vivência delas e não necessariamente porque alguma coisa foi implantada na cabeça dela, mas sim porque, o mundo em que elas vivem é diferente do meu, ou até mesmo pessoas que tem até o mesmo mundo meu, só que a vivência não é parecida. (Anne)

A contribuição está presente nessa percepção mais ampla da realidade, de leitura de mundo, leitura da realidade e entendimento e acolhimento do outro para além das particularidades ou para aqueles aspectos que não convergem em direção aos teus. Essa afirmação da Anne é muito importante, pois o espaço do Paidéia permitiu que ele conseguisse a visualizar não somente essas diferenças, mas como ela mesmo disse, permitiu identificar-se como feminista entendendo a luta das mulheres, permitiu

que entendesse um pouco mais sobre o desprezo e a subalternização que ocorre em nossa sociedade para com a comunidade LGBT, e permitiu com que entendesse que na sua vida ela poderia enfrentar a realidade (por mais que ela afirmasse que “não fazia muita coisa”, “não saía muito de casa”), mesmo em meio as adversidades:

(...)eu entrei na universidade em fevereiro, pelas leis de cotas, de afrodescendentes e de indígenas e pardos no caso. Eu fui entrevistada pela comissão, da FURG, e eles interpretaram, que eu, primeiramente, que no edital deles dizia que quem se autodeclarasse preto, não tinha necessidade de levar a certidão do país nem a de si próprio comprovando que tinha a cor. Eu me auto declarei preta e não parda, cheguei na entrevista e me perguntaram se eu me autodeclarava parda, e disse que eu me autodeclarei preta e não parda. E as pessoas, tudo bem, então e me indeferiram. Fiz o meu recurso, levei para o protocolo da FURG, no dia certo assinado ali pelo pessoal do protocolo, e mesmo assim continuei sendo indeferida, aí passou a segunda semana da FURG e eu já tava com a minha matrícula trancada, tive que aí ser assistida pela defensoria, contei todo esse meu caso, peguei tudo que tinha de documentos, e tudo mais, ainda mais, além disso, o meu processo na FURG estava em andamento, e ele ficou durante 1 mês e meio em andamento(...) (Anne)

A luta pelo direito ao direito, por algo que já está garantido, por vezes se faz por muita resistência, mas principalmente entendendo que as conquistas não estão dadas, mas que é preciso lutar, por mais que a universidade, no caso a FURG, trabalhe com uma afirmação de que é compromissada com a emancipação social e possui uma responsabilidade com a comunidade:

Muito porque foi uma omissão da FURG, e essa parte assim do meu recurso, eu não sei se eles não leram, eu nunca vou saber, porque o próprio, tu pode até abrir pra ler lá no... na FURG, no SISU FURG, a própria comissão, ela nunca falou em nenhum momento, de todos os participantes, porque do indeferimento, eles não falaram nem na entrevista, nem tampouco do recurso, então

eu nunca vou saber o porquê que eu fui indeferida, na entrevista, nem tampouco ... e isso é o princípio da publicidade, que tá isso na constituição (...)E aí o que acontece? No processo da decisão do juiz, eles alegam que fizeram uma nova entrevista comigo, e mesmo assim eu não cumpri os requisitos, isso, não aconteceu. Eles mentiram! E o que acontece. Juiz, tudo bem aconteceu isso, assinou, deu. E a defensora continuou ... a não, não quero mais continuar nisso, eu aceito, eu achei interessante até. E eu não, eu vou recorrer. E até hoje eu não sei o que tá acontecendo né, não sei nem se eu perdi o processo, se eu perdi o tempo do processo se eu vou ser assistida por outras pessoas, eu não sei, não sei mais o que está acontecendo mesmo, não sei se foi causa perdida, causa ganha ... até agora sem resposta. (Anne)

Esse é mais um capítulo na vida de um sujeito, de uma mulher, jovem, negra, filha de trabalhadores, oriunda das camadas populares e que faz da sua vida um desafio, uma interrogação para essa sociedade que se diz democrática, mas que por vezes é pura “sloganização” e engodo. Com base nisso, entendo, e a própria Anne vem afirmar isso, que é necessário entender essas limitações e do mesmo modo resistir:

Acho que sim, acho que o Paidéia me ensinou a resistir porque nossa, passou muito. Passou quanto tempo? Só 7 meses essa questão do processo. 7 meses resistindo, eu nunca imaginei que ia ser tão devagar isso... (Anne)

O Paidéia, com todas as suas limitações, permitiu o entendimento de que a realidade não se constitui de determinismos, mas pelo contrário, os condicionamentos são por vezes violentos e duros, mas é possível romper com eles.

Essa afirmação da Anne, dizendo que o Paidéia ensinou-a resistir, veio de encontro na análise, na busca pelo entendimento de que se o Paidéia contribuísse como educação popular na emancipação das juventudes na cidade, como ele contribuía?

Certamente que para cada sujeito e para cada contexto, a construção de sua emancipação ou de sua intenção de emancipação é diversa, mas entender que o próprio curso conseguiu auxiliar na transformação de algo ou na transformação de que se é possível lutar pela transformação, já é extremamente válido. Não queremos e não buscamos como educação popular a média, mas queremos aprofundar o trabalho nessa perspectiva e por isso, é necessário entender alguns aspectos centrais no contexto do Paidéia. Do mesmo modo, entendemos que a partir de Freire, que por mais que os sujeitos de modo individual encabeçam suas lutas e tentativas de não serem mais subordinados ou dominados, há também a necessidade dentro de um processo de humanização, que as lutas se deem em coletivo, no compartilhar das dificuldades entre estas pessoas oprimidas, e aqui nesse caso, entre estes jovens:

Esta busca do ser mais, porém, não pode realizar-se no isolamento, no individualismo, mas na comunhão, na solidariedade dos existires, daí que seja impossível dar-se nas relações antagônicas entre opressores e oprimidos. (FREIRE, 2016, p.129)

E essa afirmação se acopla com o que Santos (2011) destaca sobre a lógica de uma *cidadania atrofiada* e de um *não-cidadão do terceiro mundo*:

Mas há cidadania e cidadania. Nos países subdesenvolvidos, de um modo geral, há cidadãos de classes diversas; há os que são mais cidadãos, os que são menos cidadãos e os que nem mesmo ainda o são.(...)Em nenhum outro país foram assim contemporâneos e concomitantes processos como a desruralização, as migrações brutais desenraizadoras, a urbanização galopante e concentradora, a expansão do consumo de massa, o crescimento econômico delirante, a concentração da mídia escrita, falada e televisionada, a degradação das escolas, a instalação de um regime repressivo com a supressão dos direitos elementares dos indivíduos, a substituição rápida e brutal, o triunfo, ainda que superficial, de uma filosofia de vida que privilegia os meios materiais e se

despreocupa com os aspectos finalistas da existência e entroniza o egoísmo como lei superior, porque é o instrumento da busca da ascensão social. Em lugar do cidadão formou-se um consumidor, que aceita ser chamado de usuário. (SANTOS, 2011, p. 87-88)

Dito isso, se faz mais do que necessário a construção da educação popular na perspectiva de nos perceber inconclusos, condicionados, e não determinados, encontrando explicações mitológicas para justificar as imposições que recebemos na ordem do dia. Na solidariedade dos existires, como escreveu Freire, há uma grande possibilidade de se romper com essa cidadania atrofiada (ou não-cidadania), que gerou o consumidor, o usuário, como ressaltou Santos.

Tenho certeza que dentro de um processo de transformação individual e também coletiva, a entrada na universidade é extremamente importante, por mais que ela esteja também dentro de uma lógica capitalista, e gere uma grande exclusão. De igual modo, a universidade na contemporaneidade, se torna imprescindível para as classes populares, e daí se torna importante a disputa contra hegemônica no/por esse espaço, que por muito tempo vem se configurando como espaço que se legitima o pensamento, a ciência, a cultura, mas que se tornou elitista e monocultor.

Entramos então na questão de que do mesmo modo que é importante para o povo entrar na universidade, é necessário que a universidade receba as camadas populares e entenda e aprenda com esses sujeitos, uma perspectiva diferente de viver e sobreviver. Nesse contexto o Paidéia se torna um grande projeto que permite a entrada de sujeitos na universidade, porém a análise aqui se deu e tem se dado para além disso, tentando entender que somente entrar na universidade não denota emancipação social. É importante, mas não é sinônimo (o caso da Anne é um exemplo!).

Para que se tenha um grande aproveitamento da vida de estudante ou pesquisador, os sujeitos das camadas populares, mulheres e homens, jovens, precisam muito mais do que somente uma matrícula que permita entrar e sair da universidade. Precisa-se de moradia, de alimentação, bolsas, de cotas, benefícios e auxílios garantam as condições necessárias certas para que uma educação de qualidade se configure.

Grande parte dos estudantes da universidade, conseguem o ingresso, muitas vezes passam pelo processo de cursos da educação popular, mas não conseguem se manter na universidade. As dificuldades são grandes, as mazelas são diversas e complexas, e por isso, esses sujeitos optam e historicamente optaram pela garantia de um emprego ou subemprego que garantisse a sua subsistência.

Porém se fez necessário entender se o Paidéia também possibilitou essa entrada na universidade, se a contribuição para a realização da seleção foi produtiva/positiva. Pablo nos fala sobre isso e da necessidade de se ter cursos de educação popular que auxiliem as pessoas:

Não, pelo contrário velho, pelo contrário. Eu tentei fazer o Máxximus, que era perto da minha casa, não consegui, tá ligado? Consegui a vaga ali no Paidéia e ele foi um divisor de águas, uma coisa é certa, quem dera que a gente pudesse ter um núcleo de Paidéia aqui no hospital, lá no Silva Paes, no Cedro, no Marinha tem, no Cassino tem, pudesse inserir isso aí lá na Quinta, tá ligado, pudesse ter no Caic, outro ponto estratégico também, quem dera! Nos pudesse fortalecer isso aí, ter recurso, conseguir recurso, para aumentar o leque de professores, entendesse? A gente vai conseguir alcançar, quem realmente precisa, tá ligado? Porque todo mundo que faz precisa, não que não precise, eu fui correr atrás porque não tinha condições de pagar um pré-vestibular, tá ligado? Um cara que trabalha que já tem uma vida aí já, e quer correr atrás de mais alguma coisa, vou ser sincero isso aí é fundamental, sem isso aí eu não teria entrado para Geografia no ano passado, é que eu não consegui fazer a

minha matrícula, eu vi as listas erradas, eu me desatentei, foi falha minha, mas sem o Paidéia eu não tinha passado, tá ligado? (Pablo)

Com isso destaca-se como que para esse sujeito o projeto se tornou significativo para que alcançasse seu objetivo ao conseguir a sua vaga na universidade. Por infelicidade, perdeu a matrícula, mas percebeu que era possível alcançar os seus objetivos a partir do Paidéia, que fez com que desenvolvesse as suas capacidades.

Ou aspecto que se destaca, é importância que o Paidéia e outros concentram ao se disponibilizar a auxiliar esses sujeitos em suas lutas pelo direito a estudar, pelo direito ao ensino técnico e superior, do mesmo modo que se destaca para o Pablo, a importância do curso para ele e para as outras pessoas, onde as mesmas despendiam um grande esforço para não perder o foco, e conseguir entrar na universidade:

Quantas vezes de bikezinha eu vinha... não vai longe cara, pra tu ver o quanto é necessário o cara jogar isso aí para tudo quanto é bairro, pra aumentar os núcleos, que tu vê a real necessidade das pessoas, tá ligado, porque tinha pessoas ali, porque eu sou cara que me atento muito a detalhes, não é questão de tá olhando “ah o sapato da pessoas!”, tu olha a conjuntura inteira, eu sentava no fundo de uma sala de aula, e a gente tinha gente de tudo quanto é bairro ali, então bem ou mal, nós tinha pessoas que de repente tinha condições de pagar um curso, saca? Mas nós tínhamos gente que não tinha condições de pagar um curso, que ia pra lá com fome, tá ligado? Mesmo jeito que tinha aquela menina lá que ia pra lá e que sentava toda encabulada, que ela tava sentada que ela tava usando uma botina de trampo, saca? Tu vai vendo a conjuntura do bagulho, tu vê que é um negócio necessário tá ligado? Que as pinta tavam saindo lá da Vila Maria mano, pra vir fazer aula aqui, tá ligado? É foda, porque as vezes a pessoa deixa de comer um bagulho, ou de comprar 7 pães, para comprar 3 pães pra sobrar dinheiro, pra pegar o ônibus pra vir pra cá... pra assistir aula, saca? (Pablo)

É importante destacar a força e a luta que os sujeitos que estavam no Paidéia faziam para estar no curso, para participar, para contribuir um pouco mais e para entender um pouco mais com as aulas, com o aulões e com outras atividades. Ainda nessa linha, segue o cotidiano de se tentar fazer com que a educação popular, que já está efetivada, se aprofunde e se alastre:

Então é extremamente necessário que isso seja... já é concretizado, já é concreto tá ligado? A questão é, lutar para que? Pra que se radicalize mais, pra gente ter mais radicais, que possam vim à tocar, pra gente aumentar ... mais células, são mais átomos, é mais agitação, é mais força que vai ter. (Pablo

No atual contexto socioeconômico e político, é indispensável projetos que pensem na transformação de uma sociedade. Radicalizar a educação é um caminho promissor quando se pensa em romper com as contradições de uma sociedade que é extremamente desigual em todos as esferas possíveis. A educação transformadora, transforma pessoas, e essas, se engajam contra qualquer projeto violento de sociedade, principalmente o capitalismo. O Paidéia então se torna fundamental em sua práxis, em seu projeto de educação popular:

Dá uma potencializada, já dá uma potencializada, e é o que o Paidéia oferece cara, ele é um potencializador, tu tem lá o tem potencial, tu sabe, ele tá lá guardadinho lá dentro da... só que tu não consegue chegar lá, tá ligado, então se o cara... a cada dia que vem tu vai assistindo uma aula ou outra e tu vai vendo, bá é possível ! Eu posso ir um pouco mais além, eu posso ir um pouco mais longe, tá ligado? (Pablo

Paramos em nossas limitações ou tentaremos seguir um pouco mais? Será que conseguiremos romper com as nossas situações-limite? A educação popular contribui com isso? Essas perguntas suleadoras é que

me fizeram nas entrelinhas, investigar o processo no qual eu também estava inserido. Através de hipóteses entendia algumas relações, mas não conseguia entender algumas outras, essas outras somente agora percebo. Dentre elas, como se fez importante construir certas atividades que acabavam se tornando trabalhosas, mas que ao mesmo tempo, foram extremamente indispensáveis a relação ensino-aprendizagem, na comunicação constante de que é possível ir além, mas sem esperanças ingênuas.

A educação popular em sua história na América Latina, consiste em acumulados diversos, com base em suas territorialidades, porém, o ponto de unidade é o compromisso com as populações oprimidas e de igual modo, a projeção de uma transformação real:

Ao percorrer a tradição latino-americana da educação popular, vamos identificar, tanto nas formulações efetuadas em períodos mais remotos da sua história no continente (século XVIII à primeira metade do século XX), quanto nas experiências mais recentes (as iniciadas na segunda metade do século XX), as ideias e, ao mesmo tempo, expectativas de “movimento”, “criação cultural” e “transformação social”. (JARA; FALKEMBACH, 2013, p.151)

Em sua concepção de transformação de mundo, a educação popular se acopla com ideais e práticas de movimentos sociais e políticos, pois os mesmos estão configurados com a responsabilidade de não somente pensar sobre o mundo, mas revolucioná-lo, possibilitando uma vida mais justa, democrática e emancipada.

Pensar essas contribuições, tanto na perspectiva de auxílio ao ingresso na universidade, quanto na contribuição emancipatória, na concepção de entender-se com a gente transformador da realidade, é indispensável nessa organização das contribuições da educação popular que reforça a contundência da mesma. Como segue dizendo a Carol:

Não, contribuiu com a minha criticidade, bastante assim, eu já tinha uma visão bem crítica das coisas e contribuiu bastante, contribuiu para eu ler coisas da teoria marxista, contribuiu com a minha visão política, contribuiu com a minha escolha de curso que eu queria fazer, o que mais deixa eu pensar no que contribuiu, é foram essas coisas assim, superficialmente foi isso. (Carol)

Assim, mesmo esse sujeito sendo extremamente crítico, com uma sensibilidade desenvolvida, afirma que o Paidéia teve seu papel importantíssimo para si. Do mesmo modo que o curso vinha reforço e dando algumas direções. O desenvolvimento de uma educação que possibilitasse o protagonismo, e que fincasse a ideia de que a busca, a pesquisa e a investigação é fundamental em qualquer projeto de educação, e principalmente de autonomia:

Eu vi isso que as aulas eram um modo de eu abrir minha mente, de eu chegar contribuir entende, não só eu chegar e esperar que eles me ensinassem tudo, mas que eu chegasse em casa e pesquisasse, chegasse em casa e estudasse, eu vi isso bastante dos professores lá, o pessoal bem, não tava nessa educação bancária, de depositar o conteúdo nos alunos, tava bem assim educandos e educadores, educadores e educandos ... (Carol)

Para algumas pessoas, essa busca por autonomia era algo bem impactante, e muitos não sabiam lidar com tal autonomia, que esperava do educador ou da educadora todo um esquema para se “decorar” os conteúdos. Outras, aproveitaram essa perspectiva para buscar a sua autonomia e desenvolvê-la:

Contribuiu com isso que eu te falei já, que me instigou a fazer pesquisas sobre outras filosofias, fiz amigos também lá, que foram também importantes assim que se identificavam comigo e acredito que essa identificação que o curso me trouxe é uma coisa que me disse assim, ah tu não está sozinha no mundo. Tem outras pessoas que pensam que nem tu . Isso é bem importante! Isso foi uma

coisa que eu vi no curso, dos professores também. De ti, da Ju. Assim, a gente pensa que... as vezes a gente tem umas ideias de mundo assim que a gente tá num lugar assim... que que eu tô fazendo aqui? Eu sou um estranho aqui, um alienígena, ninguém pensa igual a mim, mas aí tu vai conhecendo alguma pessoas que são assim também, que também tem essa concepção e tu não te sente tão sozinho, tu sente que as coisas podem mudar entendes? E que tu sendo a mudança, mesmo que tu seja só um, tu já faz a diferença, isso eu vejo porque tu não é só 1, tem outros “1” que nem tu entende? E isso eu vi no curso bastante ... uma concepção (acredito que ela quis dizer constatação) que eu posso te dizer. (Carol)

Para além dessa contribuição no desenvolvimento intelectual, das potencialidades que ocorrem, a socialização que ocorre e a identificação entre pessoas diferentes que querem transformar a si próprios e ao mundo em que vivem, é uma contribuição extremamente importante para esses jovens da cidade. Por isso, entendo com base nas principais categorias que foram aparecendo no processo de análise, que há uma contribuição nesse contexto do Paidéia, o que legitima esse projeto na busca por uma metodologia político-pedagógica que compreenda esses sujeitos e as suas limitações e condicionantes.

A partir dessas constatações que foram evidenciadas, podemos não somente perceber as principais contribuições para as juventudes, mas também , entender de igual modo, algumas possibilidades de se aprofundar, de buscar as raízes da educação popular e ser radical nesse projeto de romper com as situações limite que estão colocadas como naturais ou impossíveis de serem derrubadas, confeccionando os inéditos viáveis.

Certamente que o processo é um caminho que temos que percorrer, as tentativas de se tentar possibilitar maiores transformações não somente nas atividades de aula, mas também nas atividades de formação para as educadoras e educadores, foram sempre válidas, pois o ímpeto foi sempre

de prosseguirmos com um projeto, que mesmo sendo refletido, e artesanalmente feito no coletivo, ele não nos pertence.

Muitas coisas acontecem entre a semeadura e a colheita, e esse processo trabalhoso não deixa dúvidas sobre seu cansaço, mas por outro lado, não titubeamos ao perceber que esse processo é sempre válido, porque de algum modo, a partir do momento que nos lançamos a resolver os problemas de nossa sociedade, estamos transformando a nós mesmos, assim como o ato de ensinar, que primeiramente nos dá uma sensação de impossibilidade de ser o comunicador de determinadas questões, mas ao nos fazermos responsáveis por determinado conhecimento e também responsáveis para compartilhar, entendemos que quem sai ganhando somos nós. Nesse diálogo constante e nessa perspectiva dialética que se faz uma educação popular com contribuições diversas.

**“Pontos de encontro” *versus* “pontos turísticos”:
rupturas e interrupções necessárias no cotidiano da cidade**

I wanna heal, I wanna feel
Like I'm close to something real
I wanna find something I've wanted all along
Somewhere I belong

(Linkin Park)

Um bom lugar
Se constrói com humildade, é bom lembrar...

(Sabotage)

Quanto a construção de identidades e resistência na cidade, entendemos que ela é diversa, principalmente porque diversa são as juventudes e também as condições com que as mesmas vivem e sobrevivem. A cidade como *locus*, como espaço de atuação e intervenção, não está dado, ele deve ser construído. Essa pertença, esse vínculo com a cidade que está posta como modelo não existe, o que existe é a cidade como uma paisagem, um cenário que lá está, *wallpaper* da lida, do percurso cansativo de ida/retorno, do cotidiano que se coloca com certa rigidez frente a transformação. Mas há sim, uma conexão com uma cidade que se deseja construir, como nos mostrou os sujeitos desta pesquisa. Pensemos nisso: as discrepâncias econômicas e sociais moldam a todo tempo a nossa vida e nossas relações, e também, repercutem assim, deveras, na constituição da concepção e

mundo dos sujeitos (aqui colocados como os jovens) e na intencionalidade com que os mesmos responderão ao mundo.

Outrossim, entendo que a baioneta que empurra o jovem para a ponta da prancha, é a mesma que o espera em seu despencar para atravessá-lo: a sociedade desigual que cobra não dá um retorno esperançoso quanto ao futuro. Teremos que construí-lo! As resistências cotidianas que passam despercebidas, são escritas a dura pena na história, de modo sofrido, por grupos de jovens que se insurgem, que não querem sucumbir perante o que está posto e prescrito. Há um auspício que quer limitar as juventudes ao desemprego/subemprego, ao flagelo da violência, da cultura extremamente hedonista e consumista. Esse auspício se materializou e ceifa a cada hora possibilidades de transformação, ao mesmo tempo e que a própria vida se tornou desespero.

A cidade, como palco contemporâneo do tombamento da humanidade, e por vezes, por possuir sujeitos que nasceram sob o signo da teimosia, é palco da luta, do enfrentamento e do esperar (que compreende que esperança não é esperar!):

As cidades se apresentam como territórios privilegiados de ação social da juventude. Os jovens fazem a cada dia uma nova cidade que, em grande medida, é terra estrangeira para aqueles que não compartilham dos mesmos referenciais de identidade e se tornam impotentes para reconhecer a multiplicidade de sinais que emanam de suas múltiplas práticas. A experiência social contemporânea fez da identidade juvenil algo profundamente associado ao hedonismo e ao sentido do lúdico das práticas de lazer, seja na forma do consumo individual do tempo livre ou ainda nas práticas em que o sentimento de pertencimento a um grupo dá a tônica dos relacionamentos. (CARRANO, 2003, p.109)

Nesse trecho Carrano (2003), nos elucida sobre um aspecto sobremaneira importantíssimo, e no mínimo, alarmante: os jovens reinventam

a cidade! Mas como fazem isso, se quase tudo que está “montado” está contra eles? Talvez essa seja a força motriz da indignação e da necessidade de construir possibilidades, para que essa “ação social” seja mais contundente. Cabe aqui refletir, na contramão, a cidade como cidade-turística somente, que muitas vezes está colocada, ou está legitimada assim (e na maioria das vezes, uma cidade que não existe, é somente idealizada, em algum postal). A cidade, segundo o que os sujeitos entrevistados para essa pesquisa apontaram e foi demonstrado, está muito articulada através de seus “pontos de encontro”, ou seja, espaços que possibilitam uma organização, uma socialização de suas vidas, e que a partir daí, constroem as suas identidades, mas levando consigo sim, aquilo que são, acreditam, representam e que também querem construir/formar.

Esses “pontos de encontro”, desafiam de certa forma uma ideia pré-concebida de espaços fabricados para o consumo das juventudes, numa espécie de encaixe com uma cultura global que tenta produzir homogeneidades, que molda um ser, padroniza identidades e até mesmo subjetividades. Nesses espaços, as jovens que aqui estão presentes com as suas falas com base em suas vivências, nos demonstram esse desenvolvimento:

Faz tempo já, eu conheci ela e eu vi que ela ...eu nem conhecia, nem falava com ela, mas ela estava lá no Cruz, e ela falando que era vegana, e eu fiquei com isso, o que será que é vegano né? E eu fiquei bá , tá , fiquei com aquilo na cabeça e fui pesquisar na internet...tá descobri o que era que não consumia produtos de origem animal ... (Carol)

Nesse ponto, percebemos que uma das ex-educanda do Paidéia, Carol Constantino, que é sujeito desta pesquisa, afirma que determinados espaços da cidade como o Cruz, mercado de conveniências localizado no centro da cidade que se transformou em espaço de socialização de várias pessoas

da cidade inclusive das juventudes, destacam-se como plataforma de um convívio, e para além disso, para que se entre em contato com outras experiências, vividas e sofridas por outros sujeitos.

Entendo a partir desse trecho e de outros, que a há na cidade a possibilidade do estabelecimento de resistências, sejam elas de cunho cultural, político, social, espiritual e etc. A intencionalidade da vida desses sujeitos é potente demais, por mais que ao ficar no micro espaço, e que fique na esfera da invisibilidade, não venham à tona as vezes.

Essas atividades e esses encontros na cidade se baseiam principalmente no desvio, na ruptura. Na tentativa de recriar algo, um espaço que seja seu, um espaço que seja de seu grupo, ou que alcance o maior número de pessoas possível, as juventudes na cidade, tentam dar a sua “cara”. O Cruz, é um espaço na cidade que pode ser colocado como uma “zona neutra”, ou seja, para além do ponto de encontro de vários “tribos” e grupos que possuem culturas diversas, várias juventudes (na diversidade socioeconômica) se encontram, ao mesmo tempo que, ficam “cada um na sua”. Porém, nesses “pontos de encontro”, como afirmou a Carol anteriormente, na concentração (de vários grupos) e na socialização (naquilo que é possível) entre vários sujeitos é onde se destaca as aprendizagens na/da cidade, como nos afirma o Rafa:

...tipo aqui a Praça Saraiva, a Praça Xavier, são tipo, pontos de encontro, o Cruz tá ligado, que que há anos é bem conhecido, bem badalado da cidade (...).É, exatamente é onde se encontra várias tribos, acho que é isso que te ensina, tá ligado? (Rafa)

A consolidação desses espaços passa por importante afirmação de grupos que passam a frequentar esses lugares, na maioria das vezes, a necessidade de deslocamento, que com certeza se faz com maior dificuldade com grupos que para se afirmarem ou cumprem o deslocamento ou a

permanência no centro da cidade, após as suas jornadas de trabalho. Cabe então apontar, que esses espaços são construídos, e legitimados por vários grupos, e esses mesmos espaços acabam se tornando espaços de ocupação, em uma cidade que não é preparada, e no caso da cidade capitalista nem poderia, para receber a construção ou a potencialização de identidades, subjetividades e outros projetos que demandam projeções utópicas e que desafiem a realidade. Até mesmo nos espaços democráticos, ou nas cidades que se dizem possuir espaços democráticos, é extremamente difícil isso acontecer. É difícil que apareçam esses protagonismos que possam dar conta dessas subjetividades juvenis, ou que possam construir outras formas de cultura. Contudo, esses espaços e atividades que contestam na/a cidade, se fazem na quebra de um cotidiano. Ou na reinvenção de um outro:

Contudo as rotas do cotidiano não são necessariamente de passividade ou de rotina. As rotinas cruzam-se com as rupturas. As raízes etimológicas da palavra rotina apontam para um campo semântico associado à ideia de rota (caminho), do latim *via rupta*, de onde também deriva a ruptura. Isto é, a interrupção, o corte, o rompimento, a fractura, o desvio. Para muitos jovens, as rotas do cotidiano são, muitas vezes, rotas de ruptura, rotas de desvios múltiplos. E são nestas rotas que emergem os valores juvenis mais contestatórios. (PAIS, 2005, p.66)

Pais, aqui, trazendo essa ideia de rompimento ao sublinhar a ruptura/fratura de um cotidiano que está posto, afirma ainda mais a capacidade e a necessidade de se fazer e de se recriar “interrupções” na cidade. Dessas interrupções, as juventudes emergem sim, mas nada foi “dado” tudo foi através de uma determinada luta e resistência.

A constituição de espaços públicos que potencializem a identidade juvenil, numa perspectiva de pluralidade cultural, é uma aposta para a organização

democrática das cidades. A experiência que elabora e reconhece a definição de limites internos e externos da *corporicidade* juvenil ocorre na tensão relacional entre os diferentes interesses individuais e coletivos. Os espaços de encontro na cidade podem demonstrar a incapacidade da onipotência e a verificação da existência da alteridade como a única via possível da construção da identidade e da convivência democrática. Analisando as práticas da cidade podemos contribuir para caracterizar os diferentes âmbitos da experiência da juventude, suas amplitudes, limitações e desafios socioculturais. (CARRANO, 2003, p. 119-120)

Nesse sentido Carrano também nos ajuda a pensar sobre esses espaços na cidade, aonde a própria juventude vem construindo seus protagonismos. Arrisco a afirmar que os espaços aonde a juventude pode ser quem quer ser, tem e deve ser construído. Certamente que o espaço onde as juventudes consigam desenvolver as suas identidades, e da mesma forma a sociedade de um modo geral, só será possível quando houver a derrubada dessa sociedade pautada pelo capital e o surgimento de uma outra, emancipada e humanizada na perspectiva de Marx e Freire, como já vem sendo apontado aqui nesse trabalho. Enquanto isso, a resistência nos espaços da cidade, que se dá pela articulação de sujeitos que se envolvem na aprendizagem que fazem coletivamente a partir de suas sobrevivências e experiências, é o que vem sendo apontado como possibilidade de transformação já agora, nesse estado de coisas.

A cidade por si só, não representa mais a “liberdade” ou “socialização”, mas pelo contrário, tem sido e se aprofunda mais em diversas mazelas, fruto da exploração, das desigualdades socioeconômicas, base dessas cidades pós globalização, ou como diria Lefebvre, dessa *sociedade urbana*. Harvey acrescenta alguns elementos importantíssimos sobre isso:

O ar da cidade liberta, afirmou-se um dia. Essa idéia tomou forma à medida que os servos escapavam dos grilhões que os atavam a fim de reivindicar

liberdade pessoais e políticas no âmbito das entidades legais autogeridas das cidades medievais. A associação entre a vida cotidiana e as liberdades pessoais, incluindo a de explorar, inventar, criar e definir novos modos de vida, tem uma longa e intrincada história. Gerações de migrantes têm buscado a cidade como um porto seguro contra repressões rurais. No âmbito dessa formulação, se entrelaçam perfeitamente “cidade” e cidadão”. Mas a cidade é também lugar de ansiedade e de anomia. É o lugar do estranho anônimo, da subclasse (ou, como preferiam nossos predecessores, das “classes perigosas”), espaço de uma incompreensível “alteridade” (imigrantes, gays, pessoas mentalmente perturbadas, pessoas diferentes em termos culturais, aos que trazem uma dada marca racial), o terreno da poluição (tanto física como moral) e de terríveis corrupções, o lugar dos condenados que precisam ser encerrados e controlados, o que torna a “cidade” e “cidadão” politicamente opostos na imaginação pública na medida mesma da sua ligação etimológica. (HARVEY, 2004, p. 208-209)

É aqui então que se encontra também o ponto nevrálgico das discrepâncias e do principal motivo do porquê que a cidade deve ser transformada, pela sociedade, e também pelos jovens. É importante refletir de que David Harvey está falando sim de sua realidade, que é norte-americana e também por vezes discorre sobre aspectos das cidades europeias, porém, é importante perceber o quanto o padrão de desigualdade e de marginalização dos cidadãos está globalizado, da mesma forma, podemos analisar com base em nossas cidades, o número de pessoas que estão fora, deslocadas e isoladas dos espaços urbanos, seja pela perspectiva urbana e arquitetônica, seja pela incapacidade de participar de espaços de poder e decisões, aonde o verdadeiro sentido do público e da democracia deveria ser construído.

As cidades quase que são impensadas para a maior parte das mulheres e homens que nela vivem, e num fluxo constante de mercadorias e produtos, a própria humanização da cidade é nula. Confunde-se lazer com

dinheiro, realização com consumo, e nessa “locomotiva descarrilhada”, as relações humanas, e nesse caso a juvenil, está estraçalhada em meio a tantas *necrofilias*¹ impostas pelo capitalismo nas cidades. Mesmo assim, entendo que as pessoas ainda são o mais importante da cidade, como a Anne nos demonstra, por mais que as cidades, por vezes, sejam pensadas e planejadas negando a humanidade:

(...)eu acho só que cidade é a gente que faz a cidade, as pessoas que fazem a cidade, então ela se ela é ruim é porque nós fizemos ela ficar ruim, ou boa (...)
Eu acho que são as pessoas né? Cidade são as pessoas (...) (Anne, pag.2)

Anne é um dos sujeitos dessa pesquisa extremamente importante, tanto para entender as relações da cidade, quanto as outras categorias dessa pesquisa. E nessa relação com a cidade, mesmo que a mesma tenha afirmado que estava “mais inserida mais na questão família”, nos alerta que a cidade são as pessoas, e que ao mesmo tempo, há uma responsabilidade coletiva nos resultados e consequências que estão prontos ou que aparecerão em breve. Com certeza que há limitações na atuação social, e que para termos efeitos mais contundentes a partir da atuação das pessoas, o processo é lento. Porém, passa por nossas mãos e mentes, a construção da cidade que queremos. Anne ao afirmar “nós fizemos ela ficar ruim, ou boa”, não projeta a culpa para as pessoas de Rio Grande, mas chama para a transformação, para a participação, que passa por um abandono do cinismo e da famigerada culpabilização somente das entidades, instituições e organizações. Nesse sentido, entendo que as juventudes, trazem de suas vivências e reflexões, aprendizados que são profundamente

¹ Faço uso do termo binômio biofilia-necrofilia da práxis freiriana, que significa mais uma ferramenta da cultura opressora de destruir, controlar, apropriar, explorar várias dimensões da existência humana. Segundo Zitkoski (2010), necrofilia em Paulo Freire seria “a tendência dos opressores de controlar tudo e todos”, e também o fazer dos seres humanos “*meras coisas*, objetos do sadismo, o que caracteriza um impulso para a morte”.

imprescindíveis para construção de rupturas que possibilitem a construção de uma outra cidade. Da mesma maneira que constroem esses aprendizados na cidade, pois para além dos desafios cotidianos, a cidade propõe uma certa “educação”, por vezes dura, por vezes insuficiente, mas é reflexo do que é a nossa sociedade:

Cara ... cara a cidade pra mim é como se fosse uma escola. Ela te ensina muitas coisas. Ela te ensina aonde tu deve ir, como tu deve ir e como tu deve te comportar em determinados lugares, tá ligado? (Rafa Pag. 2)

E segue, principalmente na diferenciação entre os espaços da cidade e seus determinados comportamentos:

Porque no bairro tu não poder ser..tu não pode ser muito educado no bairro. Tipo tu tem que cumprimentar todo mundo, se dar com todo mundo, socializar com todo mundo sabe? Mas eu acho que ...se tu for muito educadinho, for isso e aquilo, tu vira...não chacota (...). E fora do bairro eu tinha que ter uma visão totalmente diferente tá ligado? Então tipo... cara cidade me educou muito tá ligado? Me mostrou como eu devo me comportar em determinado locais e a cidade é isso, eu acho que a cidade é um grande centro educacional. Tá ligado? (Rafa Pag.3)

Percebemos aqui, a diferença social e cultural que existe dentro da cidade. Na minha perspectiva, o *ethos* do bairro Getúlio Vargas é diferente do *ethos* do centro da cidade, e por isso, há uma elaboração fendida na concepção de cidade, fruto das desigualdades socioeconômicas, e a necessidade de habituação a essas diferenciações de comportamento. Mesmo aqui, nessa sintetização que o Rafa faz das formas de socialização na cidade, e a própria sensibilidade de distinguir um espaço do outro, compreendo que essa divisão de comportamentos instaura uma maior dificuldade de propor as transformações da/na cidade, mas que não

inviabiliza as resistências, as transformações, as aprendizagens e etc. Há uma cobrança profunda sobre os sujeitos, uma exigência que é típica da própria contemporaneidade:

A vida social nas cidades indica para os sujeitos a experimentação de identidades que colocam em jogo as múltiplas personalidades requeridas pelas relações sociais. A ideia de indivíduo portador de uma essência pessoal, a sua personalidade, que comporta no máximo, pequenos ajustes, segundo as relações estabelecidas, não dá conta da dinâmica da complexidade social. (CARRANO, 2003, p.120)

A desigualdade é sim o ponto central, a problemática maior, porém, nessas cobranças sobre os sujeitos, podemos entender que é uma ferramenta da segregação social. O aprendizado na cidade, não é algo somente positivo, ou seja, as pedagogias da cidade têm inúmeras metodologias para ensinar: falo do racismo, do preconceito, o isolamento e de outras segregações que impõe o padrão, que impõe hierarquicamente a homogeneização seja a sujeitos seja a grupos:

No espaço público da cidade contemporânea, o “capital escolar “ e os modos de consumo são os elementos determinantes das identidades sociais. Aqui, diferença e desigualdade articulam-se no processo de apropriação espacial, definindo uma acessibilidade que é sobretudo, simbólica. Visto assim, acessibilidade a alteridade têm uma dimensão de classe evidente, que atua na territorialização (e, na maior parte dos casos, na privatização) dos espaços públicos urbanos. O conceito de *habitus* é sem dúvida a melhor ferramenta disponível para perceber como a dimensão de classe age sobre cada indivíduo na esfera cultural. A identidade social se define e se afirma a partir de uma alteridade que expressa também uma dimensão de classe, uma alteridade ao mesmo tempo “desigual” e “diferente”. Desse modo, a acessibilidade ao espaço público da/na cidade contemporânea é, em última instância, “hierárquica”. (SERPA, 2007, p. 20)

E é importante considerarmos essa perspectiva mais *bourdiana* com o que Harvey afirma também, no que tange a reconstrução do espaço urbano:

Não obstante, também não podemos fugir à questão da imaginação, pois, como observou Marx (ed. 1976, p.283-284) – numa afirmação fundadora que adiante vamos examinar com bem mais profundidade –, o que distingue o trabalho humano e o pior dos arquitetos da melhor abelha é que o arquiteto primeiro erigem uma estrutura na imaginação para depois realiza-la em termos materiais. Quando, portanto, contemplamos futuros urbanos, temos sempre de combater uma ampla gama de sentidos emotivos e simbólicos que tanto informam como confundem nosso sentido do “caráter de [nossa] tarefa”. Ao produzirmos coletivamente nossas cidades, produzimos coletivamente nossas cidades, produzimos coletivamente a nós mesmos. Projetos referentes ao que desejamos que sejam nossas cidades são em consequência projetos referentes a possibilidades humanas, a quem queremos ou, o que talvez seja mais pertinente, a quem queremos ou, o que talvez seja mais pertinente, a quem não queremos vir a ser. Cada um de nós, sem exceção, tem algo a pensar, a dizer e a fazer no tocante a isso. A maneira como nossa imaginação individual e coletiva funciona é portanto crucial para definir o trabalho da urbanização. A reflexão crítica sobre nosso imaginário envolve todavia tanto enfrentar o utopismo oculto como ressuscitá-lo a fim de agir como arquitetos de nosso próprio destino em vez de como “impotentes marionetes” dos mundos institucionais e imaginativos que habitamos. Se, como diz Unger (1987b, p.8), aceitamos que a “sociedade é construída e imaginada”, podemos também crer que ela pode ser “reconstruída e reimaginada”. (HARVEY, 2004, p.210-211)

A cidade pode e deve ser reconstruída, mas pelo processo de constatação de todas as dificuldades. Compreendendo o processo de desumanização que a sociedade atual sofre, tendo noção das limitações e desigualdades, e passando pelo processo de reimaginação, reconstruiremos esses espaços, ou em resistências faremos com que os espaços que

respiram contra hegemônica permitam maiores avanços ontológicos e epistemológicos para os sujeitos na/da cidade. Já que somos, falo da maior parte da cidade em si, retirados dos espaços de poder e decisão, negamos os direitos e cobram-nos os deveres de forma acintosa, os projetos de controle e subjugação são vários, temos que forçar a construção de uma cidade que seja democrática, no sentido radical da palavra.

Entendo que a reconstrução do espaço, seja a reconstrução de outras possibilidades e por isso, a reconstrução dos e das cidadãs, das pessoas, tanto no âmbito individual quanto coletivo. Entendo também, que a ocupação de determinados espaços pelas camadas populares é um projeto importante a se considerar, nessa perspectiva de ter “direito à cidade”, como nos alertava Henri Lefebvre.

Mas como nos elucida Harvey através do pensamento marxiano, a retomada desta cidade, a retomada dos espaços ou a construção de espaços que consigam ser possibilidade do Ser Mais ou da Emancipação, passa antes pela imaginação, pela reflexão ou projeto desta transformação. A cidade (e a sociedade também) que queremos não passa por uma “arquitetura perfeita”, mas antes disso, passará pelo crivo da construção de uma real democracia, ou como destaca Bensaïd² (2010, p.87) a “verdadeira democracia”, que é a emancipação.

O que me chama atenção principalmente nessa pesquisa, e é um dos elementos que analisei e que na minha perspectiva é extremamente potente, nesse viés de entender que a cidade não é somente “uma cidade”, pois o próprio processo de urbano não é igualitário em sua formação, é o fato de que por mais que a periferia, ou os bairros que foram separados

² Daniel Bensaïd (1946-2010), filósofo francês marxista de tradição trotskista, ex-dirigente da IV Internacional Comunista, ex-docente da Universidade Paris VIII, desenvolve a concepção da emancipação humana no pós-fácio da obra *Sobre a Questão Judaica*, demonstrando como Marx pensava a mesma concepção na linha de uma “verdadeira democracia”, resgatando o sentido radical do processo democrático.

para as camadas populares da cidade, possuir uma resistência por parte dos sujeitos que lá vivem e sobrevivem.

Por mais que haja um sofrível processo de marginalização, criminalização e isolamento dos bairros afastados ou que não são centrais e comerciais na cidade, as populações desses bairros, compreendem-se sim como humanos dentro do processo de desumanização. Além da segregação, existe sim, uma força que chamo aqui de resistência ontológica e epistemológica, que possibilita os mesmos sujeitos a visualizar a sua condição frente a desigualdades e dificuldades e mesmo assim desenvolver a força capaz de enfrentar o *modus operandis* e por vezes superá-lo.

No próprio entendimento de inconclusão e de limitação frente a essas dificuldades, a percepção de que as suas vidas são importantes, e de que há possibilidade de transformação, potencializa certamente a legitimidade de seu bairro, do lugar aonde vive/mora, por mais que hegemonicamente já esteja colocado de modo vertical, quais são os bairros e zonas mais importantes da cidade.

Mesmo assim, trago em destaque algumas partes das falas dos sujeitos desta pesquisa, que foram elencadas e analisadas, e entendo que trazem muitos elementos que potencializam as discussões aqui propostas. Nesse momento uma das mais pulsantes, é a força do pertencimento do e com bairro e de seu *habitus*, da construção social que lá existe, baseado na cultura do mesmo bairro e que de certa forma, enfrenta a cidade propriamente dita. Nessa perspectiva, o Rafa nos fala:

E aí eu vi que era muito isso, que o bairro era a cidade, principalmente quando tu é novo assim, e é bem isso, tá ligado, depois de um tempo a gente começou a sair do bairro, pra tipo ir a escola, ou outras coisas, aí a gente começou a ver que o mundo não era o bairro Getúlio Vargas... (Rafa)

As aprendizagens que a socialização no bairro traz, constroem esse primeiro arcabouço sociocultural, e que aos poucos vai te enriquecendo na perspectiva como cidadão. Certamente que, como foi apontado antes, a “educação” no bairro é diferente, e por mais que seja desconsiderada, apresenta algumas características que não são melhores ou piores, mas já construídas, dizem respeito e se encaixam mais com esses sujeitos desses bairros. É importante notar que o Rafa nos traz que o “bairro era a cidade”, mas com o tempo se percebe e se constata que o “mundo não era o bairro Getúlio Vargas”. Entendo com isso que de nenhuma forma, o bairro com suas dificuldades e outras questões próprias, “perde” para o centro ou outras zonas e bairros (Rafa afirma nas entrevistas que mesmo vivendo o seu bairro, possuía uma relação com o centro da cidade e no período noturno), mas pelo contrário, o “BGV”³ não deixa de ser importante.

Para além disso, há o reconhecimento também de que por mais que haja essa importância seja real, é necessário se abrir para as vivências e aprendizados do mundo, com a vida e com as experiências seguintes.

Há por isso, a partir da importância que o bairro possui na vida das pessoas que lá vivem e principalmente da juventude, uma tentativa de levar um pouco do bairro consigo, para os outros bairros e para as outras pessoas, e a necessidade de afirmar que são do bairro:

E mesmo quando tinham outros espaços, a gente saía sempre em grupo, tá ligado, e acho que é pra gente querer levar um pouco do bairro com agente, porque tipo, eu ia pras baladas para os lugar mais público e os guris gritavam “uh é BGV!”, porque é aquela necessidade de tu levar o bairro. (Rafa

³ BGV é o bairro Getúlio Vargas, zona periférica da cidade. Próxima a região do Porto Novo e da Refinaria. Na fala riograndina, mais conhecido como BGV, e no senso comum conhecido como uma zona criminosa, por mais que o bairro apresente uma antítese no cotidiano, e tenha uma cena sociocultural ativa, assim como uma “vida” comunitária no que tange as associações comunitárias e etc.

Entendo aqui, a presença de uma cidade dentro de outra cidade. A cidade que é o bairro, em oposição a cidade central, das zonas centrais, pulsa aqui! Se faz necessário “levar o bairro”, por ser fator de constituição desses sujeitos, e principalmente, por ser fator formador dessas subjetividades, é impensável ser diferente. Destaco a importância de demonstrar para a cidade em si, e os espaços em que se inserem, de onde veem, a que bairro pertencem e etc.

E aí eu acho que é isso cara, que muito de mim ainda acha que o bairro é minha casa tá ligado, que meu bairro é aonde, é o meu lugar aonde eu me sinto melhor. Mas eu aprendi a me adaptar a outros lugares porque, eu acho que a vida é muito longa e ao mesmo tempo curta, tá ligado, e tu tem que aprender muitas coisas e dentro do teu bairro, chega uma hora que é um limite, tu já aprendeu tudo que tinha para aprender naquele ambiente , aí tu tem que ir para o externo tanto levar o teu conhecimento quanto trazer de outros ...tem uma frase do Emicida que eu gosto pra caramba que diz assim ó “nunca volte para sua quebrada de mão e mente vazia “, tá ligado ? E é exatamente isso, a gente tem que levar conhecimento e trazer conhecimento. (Rafa

A minha análise caminha na perspectiva de que o bairro, nesse momento sendo a cidade de alguns sujeitos, é preponderante na ideia de construção de conhecimentos, de cultura, de elementos que dão uma segurança na vida dos mesmos. Percebo também, a constatação de que por mais que entendendo que a sua “cidade” é capaz de dar uma base para a sua socialização, percebo também a sensibilidade de estar aberto aos “conhecimentos” ou as vivências em outros espaços. Da mesma forma que se leva a sua cultura para outros bairros e lugares na cidade, da mesma forma o aprendizado nos outros bairros e lugares é importantíssimo.

Nesse trecho de fala, uma hipótese que eu tinha se confirma: não há legitimidade cultural somente no monumento, na praça, na câmara de vereadores, na prefeitura, no teatro, no cinema, na galeria de arte, na

universidade, no shopping ou nos pontos turísticos. A cultura, e a produção de conhecimento na cidade está para além desses espaços. E é importante potencializar a cultura, o conhecimento e a sabedoria que ficam invisíveis, ou por serem rotulados como *ethos* de um bairro pobre, negro, criminoso e vulgar, se estigmatiza a não cultura desses sujeitos que lá vivem.

Rafa ao fazer uso da frase do Emicida⁴, se conecta ao rapper na emergente necessidade de legitimar a sua existência e a de seus pares, e da mesma forma, legitimar a importância da sua quebrada⁵.

É imprescindível para a construção de uma resistência na cidade, ou de uma cidade resistente, que os saberes, conhecimentos e outras culturas sejam estabelecidas, venham a emergir através dos sujeitos e de coletivos também. Para que se tenha “direito à cidade”, será necessário tanto o desenvolver de outros espaços que consigam dar conta de uma noção de público diferente da que foi estabelecida pela sociedade urbana, daquilo que foi cristalizado pela democracia do capital. E da mesma forma, a ocupação de espaços na cidade que já existem, mas que são renegados para a maior parte da população, se fará pela transformação, pelo entendimento de que o público deve ser público radicalmente.

9.1. Rolês, bicos, trampos e convívios: cidade como espaço de sobrevivência e resistência.

Já foi dito que a cidade é o pano de fundo da desigualdade. Mas também devemos dizer que ela é a desigualdade, e nasce, de uma concepção onde nem todos e todas que nela vivem, são livres ou possuem seus direitos garantidos, isso pegando como fundamento como cidade no ocidente, a *pólis* grega. Do mesmo modo, a nossa *pólis* urbana, através do acúmulo

⁴ Nome artístico do rapper e produtor musical brasileiro Leandro Roque de Oliveira.

⁵ Bairro, periferia ou vizinhança. Termo muito usado nas gírias e em letras de rap, funk e na literatura marginal.

do capital, da exploração do trabalho e logo a intensificação da miséria, se fez e se refaz em desigualdades socioeconômicas.

Por isso, reflito aqui e confirmo, que a cidade não é da maior parte da população, e no caso das juventudes, muito menos. Então, a própria cidade se configura como o que? O não-lugar? O não-espaco? Pelo contrário! A cidade é o espaço de sobrevivência e resistência, aonde os “convites” não irão aparecer, e que se você quiser existir, terá que resistir! Desde as cidades maiores até as menores, encontra-se a resistência, encontra-se o questionamento e o desafio de recriar a cidade, pelo menos, em um lugar um pouco mais vivível.

A indignação quando bate no teto, sempre gera o desconforto, e desse desconforto, surge a contestação de quem por um grande tempo sempre esteve à margem. E quando margem descobre que a realidade não está determinada, a margem gera o mal-estar:

Uma fagulha pode incendiar uma pradaria, dizia Mao Tsé-Tung. Ora qualquer esforço de análise que pretenda examinar os processos em curso desde uma perspectiva histórica, deve dirigir seu olhar não para a fagulha que deflagra o incêndio, mas para as condições da pradaria, que, estas sim, explicam por que o fogo pode se propagar. A pradaria, como agora se sabe, estava seca, pronta para incendiar-se. Essa pradaria são as nossas cidades. O que aconteceu nelas nos últimos anos que as preparou para tornar-se não apenas o cenário como também – e sobretudo – o objeto e o alvo das lutas de milhões. (VAINER, 2013, p.37)

A cidade é um convite para o incêndio, pois as fagulhas existem aos montes. É nessa perspectiva que trago os elementos principais com os sujeitos que compartilharam suas vidas e concepções de mundo para esse trabalho, e que para além de trazerem chaves de entendimento sobre as vivências das juventudes na cidade, do mesmo modo que as suas

“tendências a emancipação” contribuíram para com a Educação Popular, e a Educação Popular potencializou as deles e delas, foi dialético.

O que podemos fazer da/para a cidade? O que podemos tirar desta cidade para nós mesmos? A cidade, é um espaço em disputa e de produção da subsistência humana:

Conheço todos picos, o cara chega em qualquer lugar de boa, saca? Os meios que eu tava inserido ali cara, é o cotidiano da gente, de manhã, no meu caso mesmo, que eu tô desempregado, eu tenho feito mais, tenho sobrevivido de bico, instalação diária, elétrica, essas parada assim, então é um convívio, é um trampo, é um rolê de tarde que tu encontra algum amigo, é, umas horas na praça sentado, quinta-feira é dia de batalha, saca? Final de semana é um rolê no Cassino, quando tu tem alguma coisa pra fazer, sabe? Mais sempre, sempre, usando, ocupando espaços públicos ... praia, praia, praça, cais, avenida quando tá de rolê pelo Cassino, tá ligado? Os pico pra andar de skate, quando o cara sai pra dar os rolê do cara. (Pablo)

O cotidiano como foi bem colocado pelo Pablo é esse entrelaçamento de rolês, bicos, trampos e convívios. É nessa esfera que se coloca tanto a capacidade quanto a incapacidade. É no cotidiano que temos a certeza e a incerteza, e na sociedade capitalista, muito mais a incerteza. Mas como Pablo nos elucidada, a tentativa de ocupar os espaços públicos é a regra: seja para encontrar amigos, andar de skate ou para as batalhas de rimas. E prossegue:

A rua propriamente dita, porque espaços fechados, clube, essa parada a gente nunca teve acesso. E também porque, o cara nunca quis também, se inserir nesses espaços tá ligado, não é, o cara sabe que não é o local do cara, pra quem é de Rio Grande, e anda na rua, começa a fazer amizades na rua, vê o que é realmente a rua, tá ligado? (Pablo)

Destaca-se a utilização da rua, e em outros termos, a cidade começa a ir à rua para requisitar os espaços para si, independente para que seja. A rua que é colocada na sociedade atual e na cidade, como espaço perigoso, criminoso, e a partir de determinados horários, o lugar do pecado, do roubo, da violência da opressão e a partir disso, se criou todo um apagamento da possibilidade de utilizarmos os espaços públicos e abertos para socialização e humanização. A cidade comercial nos colocou os espaços fechados como espaços de segurança e seguros para o convívio, por mais que sejam caríssimos ou que representem somente algo ligado ao status.

A necessidade de se romper o processo de exploração e alienação das mulheres e dos homens se faz necessário na resistência na cidade. No re-conectar que esses sujeitos devem realizar entre o seu mundo e o aquilo que produzem, ou seja, a tomada de consciência de sua situação é fundamental para agarrarem as suas vidas nas mãos. Diria que é preponderante se estabelecer essa conexão, já que na transformação da cidade, e na emancipação que se almeja, esses sujeitos estão na tentativa cotidiana de dar vida a história, de desligar o “piloto automático”. O sociólogo José de Souza Martins, retomando Henri Lefebvre nos diz que:

É no fragmento de tempo do processo repetitivo produzido pelo desenvolvimento capitalista, o tempo da rotina, da repetição e do cotidiano, que essas contradições fazem saltar fora o momento da criação e de anúncio da História – o tempo do possível. E que, justamente por se manifestar na própria vida cotidiana, parece impossível. Esse anúncio revela ao homem comum, na vida cotidiana, que é na prática que se instalam as condições de transformação do impossível em possível. (MARTINS, 1998, p.6)

Aqui, podemos entender que na própria rotina há a possibilidade de transformação, entendimento de como fomos reduzidos à resíduos pela lógica do capital em nossa sociedade urbana. No urbano somos o que? Ou

melhor, no urbano queremos ser o que? É mais do que importante, como já foi falado, romper e propormos as rupturas na cidade, rupturas do repetitivo, para conseguirmos construir um outro tempo, que ao se estabelecer no espaço uma possibilidade que almejamos. Como já foi mencionado antes é necessário se construir na cidade esses “pontos de encontro” para que seja imprescindível a “troca de ideias”, e a rua é essencial para isso. É importantíssimo que possamos estar como pessoas e não coisas, e portadores de modo consciente de nossa cultura e conhecimento, decididos a dar um contraponto. As juventudes são capazes disso, e creio que buscam potencializar isso, não somente como uma “fase”, ou por uma “rebeldia romântica” que causa mais desserviços na representação social da juventude do que auxilia, mas por uma intenção rebelde que constata a negação da humanidade no fluxo urbano.

Pois, é no instante dessas rupturas do cotidiano, nos instantes da inviabilidade da reprodução, que se instaura o momento da invenção, da ousadia, do atrevimento, da transgressão. E aí a desordem é outra, como é outra a criação. Já não se trata de remendar as fraturas do mundo da vida, para recriá-lo. Mas de dar voz ao silêncio, de dar vida à História. (MARTINS, 1998, p.6)

É preciso romper com o que já está posto para recriarmos algo que nos diz respeito, e que nos sirva numa dimensão de humanização, e que tenha sim uma dimensão estética, ética e porque não poética? A transgressão e o atrevimento não se dão aqui somente por um impulso também alienado, mas é uma reinvenção consciente, é um projeto de emancipação/humanização querendo ser colocado em prática.

No meu entendimento, é nesse cotidiano, nessa rotina repetitiva que o homem e a mulher devem tentar decifrar a sua história, entender a sua historicidade. E é nesse decifrar que as juventudes conseguirão buscar a alcançar a sua emancipação, pois o cotidiano e a vivência do mesmo,

oferece as condições para essa constatação. Se o cotidiano na cidade (e na sociedade) se tornou uma forçosa impossibilidade da humanidade se ver e entender como produtora da história, é aí que mora o antídoto, e deste modo concretizar o seu fazer histórico em algo possível.

A ideia é trabalhar essas duas dimensões do processo social e histórico, que é reconhecer o cotidiano na História e a História no cotidiano, conjuntamente, simultaneamente. Quando falo ‘na história’ não estou falando na disciplina acadêmica, mas nos processos históricos, na historicidade do homem (MARTINS, 2008, p. 136).

Reconhecemos aqui então, que no cotidiano do homem e da mulher simples e comum (não existem pessoas comuns ou simples, mas aqui está se colocando como contraponto ao símbolo positivista das grandes figuras históricas e da ideia de que somente essas figuras e “vultos” históricos são interessantes e importantes na/para a História.), se faz o resgate da História, se potencializa a historicidade e a historização.

A ocupação da cidade, ou a ocupação das ruas e outros espaços que são públicos, geram sim o mal-estar em uma sociedade amedrontada, emparedada pela capitalização da realidade, que impõem aos sujeitos, uma não socialização. Nesse ínterim, Pablo nos fala sobre a relação da rua, e por viver a rua, nos diz:

Tem pessoas que depois de certo horário não anda na rua de noite, tá ligado? Mas nunca saíram pra andar na rua de noite. Saca? É muito fácil tu falar de uma coisa que tu nunca viveu, tu nunca presenciou. Tá certo que tem o risco, entende? Mais, eu sou oriundo, eu te digo velho, eu sou oriundo da rua mano. (Pablo)

Hoje, pós industrialização, digo, na sociedade urbana, a cidade é o lugar da insegurança, do perigo e da violência por todos lados. Quem anda

geralmente, anda em sua “bolha particular”, no seu automóvel confortável, “seguro” e distante de tudo e todos, mesmo estando perto, como nos fala a letra da música “Ego City” da banda “O F.Ur.T.O.”, “carros à prova de bala, com vidros à prova de gente, cor fumê da indiferença...”. Quem anda na rua, anda rápido, passo apertado, fone nos ouvidos para não ser abordado. Segurança? Geralmente é confundida por controle e repressão. Uma cidade bem segura e com ruas “pacificadas”, é símbolo de policiamento repressor e câmeras que vigiam sem parar. Pablo nos diz que por mais que a cidade e suas ruas apresentam por vezes os riscos, é necessário ocupar as ruas. Fazer delas não somente um caminho, mas lugar do convívio, e volto aqui na ideia de possibilidade de construir alternativas.

A rua aqui é apresentada, como possibilidade para refletirmos que dentro dessa sociedade urbana, dentro cidade ela é o que precisamos dentro do processo de transformação, e nesse caso, do processo de emancipação. Destacamos as dificuldades mais centrais, que se apresentam e são ponto de negação à rua, o motivo pelo qual as ruas são e estão esvaziadas. Pois havendo sim uma grande importância nessa realidade da rua, os sujeitos aqui que representam a vida na/da cidade por um lado mais underground, há certas ponderações e contingências que se apresentam nessas vivências e experiências de rua (ou pela rua). O contato com variadas pessoas, que convergem para a rua com variadas intenções, e do mesmo modo, há um enfrentamento com a lógica que impera nas ruas, cidade e principalmente em nossa sociedade urbana que é o resultado do desenvolvimento e das crises do capitalismo contemporâneo.

Na obra *A Revolução Urbana* do sociólogo e geógrafo francês Henri Lefebvre, segue-se a reflexão e discussão da temática cidade e dos espaços urbanos, estudos e pesquisas essas impulsionadas pela sua carreira, tentando entender a conjuntura dos espaços nas cidades e sociedades pós-

industriais. E dentro disso, nos elucida o papel da rua nesse urbano, primeiramente apresentando as contrariedades desta rua:

Contra a Rua. Lugar de encontro? Talvez, mas quais encontros? Superficiais. Na rua, caminha-se lado a lado, não se encontra. É o “se” que prevalece. A rua não permite a constituição de um grupo, de um “sujeito”, mas se povoa de um amontoado de seres em busca. De quê? O mundo da mercadoria se desenvolve-se na rua. A mercadoria que não pôde confinar-se nos lugares especializados, os mercados (praças,...), invadiu a cidade inteira. Na antiguidade as ruas eram apenas anexos dos lugares privilegiados: o templo, o estádio, a ágora, o jardim. Mais tarde, na Idade Média, o artesanato ocupava as ruas. O artesão era, ao mesmo tempo, produtor e vendedor. Em seguida os mercadores, que eram exclusivamente mercadores, tornaram-se os mestres. A rua? Uma vitrina, um desfile entre as lojas. A mercadoria, tornada espetáculo (provocante, atraente), transforma as pessoas em espetáculo umas para as outras. Nela, mais que noutros lugares, a troca e o valor de troca prevalecem sobre o uso, até reduzi-lo a um resíduo. De tal modo que a crítica da rua deve ir mais longe: a rua torna-se o lugar privilegiado de uma repressão, possibilitada pelo caráter “real” das relações que aí se constituem, ou seja, ao mesmo tempo débil e alienado-alienante. (LEFEBVRE, 2004, p.31)

Em primeiro lugar, somos evidenciados sobre essa tal superficialidade da rua, que foi (e deve ser o local dos encontros) espatifada, pelas relações pautadas pela capitalização dos seres e do tempo, da destruição das relações sociais, que se tornaram superficiais. A rua que é o espaço de todos e todas, mas que se enrijece, na não socialização, na corrida pelo emprego, pelo cumprir de horas, pela necessidade efêmera do consumo (mas que se tornou essencial e que não conseguimos contrariar), e nisso se perdeu a potência da rua em nossas cidades.

A passagem na rua, espaço de comunicação, é a uma só vez obrigatória e reprimida. Em caso de ameaça, a primeira imposição do poder é a interdição à permanência e à reunião na rua. Se a rua pôde ter esse sentido, o encontro,

ela o perdeu, e não pôde senão perdê-lo, convertendo-se numa redução indispensável à passagem solitária cindindo-se em lugar de passagem de pedestres (encurralados) e de automóveis (privilegiados). A rua converteu-se – se em rede organizada pelo/para o consumo. A velocidade da circulação de pedestre, ainda tolerada, é aí determinada e demarcada pela possibilidade de perceber as vitrinas, de comprar os objetos expostos. O tempo torna-se o “tempo-mercadoria” (tempo de compra e venda, tempo comprado e vendido). A rua regula o tempo além do tempo de trabalho; ela o submete ao mesmo sistema, o do rendimento, e do lucro. Ela não é mais que a transição obrigatória entre o trabalho forçado, os lazeres programados e a habitação como lugar de consumo. (LEFEBVRE, 2004, p.31)

De modo brilhante, Lefebvre nos diseca a real função da rua, e como através do ritmo acelerado do fluxo do mercado/mercadoria, a mesma se fez em papel importante para a reprodução do consumo. Aí que a cidade e a rua se tornaram o lugar da opressão e da violência, violência essa por parte do estado, da polícia, e não somente daquele medo construído no imaginário social pelos marginalizados, “nóias”, mendigos e loucos. A cidade tornou-se a espaço da desigualdade a partir do momento em que se aprofunda e tornam-se abissal essas desigualdades, ao ponto destas “coisificações” aprofundarem –se e tornarem-se esse desequilíbrio constante. Portanto, destaca-se a realidade dos riscos que se corre ao ser praticante e ocupante da rua. Para além disso, os riscos que nós mesmos por vezes oferecemos, nessa cidade que compreende uma sociedade que é extremamente violenta, mas não por natureza, mas por naturalização:

E essa questão de levantar e baixar a cabeça, é um bagulho que tá muito punk hoje em dia, tá ligado? Tá muito punk mesmo. E eu sou, eu venho na rua, eu era cabeludo, barbudão afudê. Às vezes eu andava na rua as pessoas viam lá adiante já atravessavam a rua, tá ligado? E eu noto que isso continua, hoje, mesmo de cabelo cortado, barbinha mais pá e tal, saca? Mas é uma coisa que, acontece o que? Eu faço isso, Muitas vezes eu baixo a cabeça, saca? Às vezes

eu vejo uma mulher, uma menina na rua vindo, e eu tenho concretizado dentro de mim n minha ... massa sanguínea, que eu sou, um possível ... Um possível agressor, tá ligado? Um possível a gente de violência, e eu sei que as pessoas já vem uma pessoa, um cara vindo, na rua de boné e de óculos, e uma mochila nas costas e tal, se tiver numa quadra assim que não tem movimento, as pessoas já ficam já ... então eu muitas vezes já atravesso as ruas. Muitas vezes eu abaixo a cabeça, tá ligado? (Pablo)

Nessa perspectiva, Pablo nos alerta para essas dificuldades, esses empecilhos sociais da rua, que é a incapacidade de entender ou controlar a rua. Nunca se sabe o que vai acontecer, e por isso, na medida do possível, com sensibilidade, ao se colocar no lugar da outra pessoa, pode-se tornar a rua um pouco mais humana. Entendendo já que o outro já te identificou como um possível agressor:

O cara sempre pensa no pior, o cara sempre pensa no pior. O cara nunca pensa, ah vou passar numa de boa, o cara sempre pensa no pior, porque o cara sabe como tá a conjuntura, da situação, tá ligado? O bagulho tá complicado... (Pablo)

No diálogo da entrevista, compartilho com o Pablo essa situação de que a rua, é espaço do não-lugar, de não transeuntes e que quando estamos na rua e damos de “cara” com outra pessoa, há sempre um desconforto, um medo. Por isso com ênfase ele nos diz que “o bagulho tá complicado”, que é a expressão da própria incapacidade certas vezes de solucionar certos problemas. Conecto essas impressões levantadas que foram compartilhadas com muita certeza, com visão que o próprio Henri Lefebvre já trabalhava em décadas passadas, mas que são contemporâneas.

Destaco essa oscilação, essa instabilidade da rua e dos espaços públicos (praças, coretos e similares.) como imprescindíveis na construção

sensível e responsável de espaços de resistência, ou que de certo modo construam e articulem aprendizados, que sejam contra hegemônicos. Que desses desequilíbrios, seja possível ocupar os espaços, e que se dê e que se efetive o público aonde ele é somente discurso. Que dos desequilíbrios, haja uma desafiadora tendência ou vontade de emancipar-se, no sentido da emancipação humana que Marx bradava, no sentido que Freire apontava a humanização, com teor de libertação para os povos oprimidos.

Na cidade, como foi discorrido anteriormente, as juventudes reinventam e resistem, e desafiam as estruturas, basta olharmos de perto, e que possamos antes de desejar as grandes coisas, possamos dar valor e respeito ao pequeno, ao que começa sem espetacularização, mas que propõem o novo e quer o novo de modo radical, e que busca nos desequilíbrios, a ruptura:

Cara, cidade pra mim, é uma balança, véio. Só que infelizmente essa balança, ela nunca vai se equilibrar, tá ligado? Nunca vai existir esse equilíbrio, nunca, ela vai sempre pesar para o lado mais fraco, ou seja pra maioria, que é classe média, classe pobre, tá ligado, quem trampa de dia para comer de noite, e é um paradoxo, um contraste constante, e intenso, e alienado, saca? (Pablo)

A cidade é a balança em desequilíbrio, que na desigualdade, nunca favorecerá quem está à margem! Esse é o ponto central, da constatação das limitações, problemáticas e dificuldades. Nesse contraste que a cidade apresenta, se alimenta e se retroalimenta, a maior parte da população é comprimida à desumanização, que se intensificou com os elementos que Lefebvre elencou, frutos diretamente do capitalismo e de suas consequências na sociedade atual.

É, é um desequilíbrio. É um desequilíbrio constante! Um mar revolto! É um mar revolto sem calmaria. No mar, no oceano, tudo é contra estágio de

calmaria, saca? E as vezes mesmo tu querendo tá calmo, tu querendo ... ela não te deixa. (Pablo)

As condições para estabilidade e equilíbrio são pouquíssimas. A cidade de certo modo acompanha, e não poderia ser diferente, a própria reprodução do capital e suas desigualdades. A cidade é esse “mar revolto”, e entendo o quão difícil é viver/sobreviver em meio a toda essa babilônia. A questão da transformação da cidade por parte de sujeitos e de coletivos que querem reinventar as ruas, os espaços públicos e até mesmo espaços fechados ao público (mas que precisam se democratizar), se coloca na maior parte das vezes como um aporia, e daí, é necessário se romper os paradigmas colocados como imutáveis. Porém, a indignação sempre se manifesta, por mais que ela se manifeste em momentos menos prováveis. Em outras palavras, a pradaria está seca esperando as fagulhas: e que comece o incêndio! Há que se transformar a cidade, a rua e os espaços públicos.

9.2. A cidade vai à rua ou a rua vai à cidade? Ocupação, resistência e transformação como educação emancipadora.

A capacidade de resistência nas cidades sempre foram o alvo de sujeitos e coletivos que se insurgiam na sociedade urbana, e daqueles que também reivindicavam outro modo de vida ou uma real transformação. A cidade e suas ruas, por não serem espaços naturalmente democráticos, falo isso por parte do própria opressão e regulação por parte do estado e demais agências e instituições de controle, se fizeram palco de resistência por muita vontade política, e principalmente por objetivar a queda de um modelo socioeconômico não válido, não eficaz para a maior parte das pessoas.

Foram discutidos e analisados aqui anteriormente, perspectivas que constroem uma cidade que chamo de “cidade contra hegemônica”, pois se

projeta uma resistência dentro do cotidiano, fazendo com que através dos “pontos de encontro” não sejam superficiais, mas que através deles, esses encontros estejam mesmo que de modo subjetivo, possibilitando a troca de ideias e de concepções entre sujeitos, e através dessas trocas compactando um contraponto ao processo de alienação existente.

Do mesmo modo, a potência que tem o entendimento de que a cidade só é cidade a partir do momento em que as pessoas se tornam prioridade, pois a cidade é as pessoas, e que essas pessoas tragam consigo as suas experiências e conhecimentos mais diversos, e também a sua cultura, possibilitando então a construção de um ambiente e de relações democráticas, que apontem para uma socialização, que seja parte de um processo de humanização.

Em acréscimo à isso, o entendimento de que a cidade não é somente o centro ou as zonas centrais, mas sim os bairros, mais afastados e por vezes afastados por pura vontade política, mas esses bairros fazem da cidade heterogênea, e capaz de questionar um modelo único de cidade.

O que venho aqui defender não é um “utopismo”, a fuga para um lugar harmonioso, sem conflito e que seja estável por completo, constante na falta de dialética, das diferenças e divergências. Esse lugar “ideal” já foi imaginado na *Utopia* de Thomas Morus, na *New Harmony* de Robert Owen, na *Nova Atlântida* de Francis Bacon e na bizarra *Roadtown* de Edgar Chambless. A princípio, acredito que o lugar da construção da emancipação e da humanização, não é o lugar da calmaria ou do “puritanismo”, mas pelo contrário, uma quebra de paradigma sempre é dolorosa, é trabalhosa e pedirá tudo de nós. A construção de um espaço democrático e onde o conceito do público se fará concreto, passará pelo descobrimento de que a maior parte da população não tem o direito à cidade, o direito à rua, o direito aos espaços públicos e nem o direito ao direito!

Não queremos um espaço que como nos fala David Harvey, que seja o espaço das “utopias degeneradas”, pois esses espaços já existem e não nos interessam. Em destaque, a Disneylândia e a “megashoppinização”:

A Disneylândia elimina os transtornos das viagens reais ao reunir o resto do mundo, adequadamente higienizado e mitologizado, num espaço de pura fantasia composto de múltiplas ordens espaciais. A dialética é reprimida, e a estabilidade e a harmonia são asseguradas, mediante uma intensa atividade de vigilância e de controle. A organização espacial interna e formas hierárquicas de autoridade a ela associadas impedem o conflito ou o desvio de uma dada norma social. E em suas encarnações ulteriores, como o Epcot Center, ela oferece uma utopia futurista de pureza tecnológica e do poder humano invencível de controlar o mundo. (...) Trata-se de mera perpetuação do fetichismo da cultura da mercadoria e da prestidigitação tecnológica em forma pura, higienizada e a-história. (...) O segredo do sucesso comercial do shopping estava na construção de ambientes protegidos, seguros, bem organizados, de fácil acesso e, sobretudo, agradáveis, relaxantes e isentos de conflito. O mal foi concebido como um mundo de fantasia em que a mercadoria reina suprema. (HARVEY, 2004, p.220)

Negamos esses espaços como modelo de cidade, ou de cidade que possa nos trazer benfeitorias, não somente por sua falsa proteção, que é o engodo do suprassumo do capital, mas também por harmonia aqui ser exatamente uma perspectiva a-histórica. Entendo que para além dos espaços pré-prontos, digo desses lugares da “socialização” pelo capital, a rua (mesmo sofrendo e cooperando com o processo capitalista) possui a capacidade de desafiar o modelo existente, a partir de sua prática, de sua ocupação e de sua ressignificação por parte dos sujeitos que ali estão, que ali vivem e sobrevivem e que ali precisam se deslocar.

Defendo a rua, assim como Lefebvre, como lugar da possibilidade de transformação, pois se há a tentativa de a rua ser somente uma via para automóveis, que possamos de modo processual reivindicar esses espaços

para as relações humanas, para a socialização, principalmente com o objetivo de humaniza-las.

Defendo a rua, como espaço onde sujeitos e coletivos a partir da apropriação e da ocupação farão reaparecer as manifestações socioculturais e políticas diversas para além do capital, para além da espetacularização do capital, reinventando o sentido de ser na cidade. Por isso somos defendemos a rua:

A Favor da rua. Não se trata simplesmente de um lugar de passagem e circulação. A invasão dos automóveis e a pressão dessa indústria, isto é, do lobby do automóvel, fazem dele um objeto-piloto, do estacionamento uma obsessão, da circulação um objetivo prioritário, destruidores de toda vida social e urbana. Aproxima-se o dia em que será preciso limitar os direitos e poderes do automóvel, não sem dificuldades e destruições. A rua? É o lugar (topia) do encontro, sem o qual não existem outros encontros possíveis nos lugares determinados (cafés, teatros, salas diversas). Esses lugares privilegiados anima a rua e são favorecidos por sua animação, ou então não existem. Na rua, teatro espontâneo, torno-me espetáculo e espectador, às vezes ator. Nela efetua-se o movimento, a mistura, sem os quais não há vida urbana, mas separação, segregação estipulada e imobilizada. Quando se suprimiu a rua (desde Le Corbusier, nos “novos conjuntos”), viu-se as consequências e a extinção da vida, a redução da “cidade” a dormitório, a aberrante funcionalização da existência. A rua contém as funções negligenciadas por Le Corbusier: a função informativa, a função simbólica, a função lúdica. Nela joga-se, nela aprende-se. (LEFEBVRE, 2004, p.29)

A cidade é fragmentada sem a rua, sem a potência social, cultural e política da rua. E essa é a principal destruição que o capitalismo, através da indústria e de outros similares fizeram com a cidade. Nessa destruição, deixa-se a rua, desocupa-se a rua, acelera-se a rua, e ela perde o seu poder de ser o espaço de concentração de pessoas, que poderiam vir a ser sujeitos

políticos da transformação. Na sua instabilidade, a rua se manifesta como alternativa para aquelas/aqueles que querem reinventar, recriar e resistir:

A rua é a desordem? Certamente. Todos os elementos da vida urbana, noutra parte congelados numa ordem imóvel e redundante, liberam-se e afluem às ruas e por elas em direção aos centros; aí se encontram, arrancados de seus lugares fixos. Essa desordem vive. Informa. Surpreende. Além disso, essa desordem constrói uma ordem superior. Os trabalhos de Jane Jacobs mostraram que nos Estados Unidos a rua (movimentada, frequentada) fornece a única segurança possível contra a violência criminal (roubo, estupro, agressão). Onde quer que a rua desapareça, a criminalidade aumenta, se organiza. Na rua, e por esses espaços, um grupo (a própria cidade) se manifesta , aparece, apropria-se dos lugares, realiza um tempo-espaço apropriado. Uma tal apropriação mostra que o uso e o valor de uso podem dominar a troca e o valor de troca. Quanto ao acontecimento revolucionário, ele geralmente ocorre na rua. Isso não mostra também que sua desordem engendra uma outra ordem? O espaço urbano da rua não é o lugar da palavra, o lugar da troca pelas palavras e signos, assim como pelas coisas? Não é o lugar privilegiado no qual se escreve a palavra? Onde ela pôde tornar-se “selvagem” e inscrever-se nos muros, escapando das prescrições e instituições? (LEFEBVRE, 2004, p.30)

Cidade para além dos congelamentos e imobilidades, isso é fundamental! É para isso que os sujeitos se insurgem, e por vezes se mostram irredutíveis e sua tentativa de questionar e ocupar caminha em direção a desordem que destrói a ordem. Saem pelas ruas como foi mostrado antes, atrás de sua subsistência, atrás de algo que possa garantir o dia. De tal modo, a ocupação da rua traz vida a cidade, e de certo modo, a torna mais segura. Não a segurança do controle, mas a segurança de um cotidiano de praticagem da cidade, da vivência do espaço público, que humaniza. A cidade que se move, mas com objetivo. A apropriação dos espaços públicos, da rua é a apropriação da cidade! Aí fica pergunta, é a cidade que vai à rua ou a rua que vai até a cidade? Para além desse dilema, entendo que a rua

não é o não-lugar, o espaço vulgar, o menos-lugar, inseguro e inapropriado, mas sim espaço privilegiado que se pulverizou nessa sociedade urbana.

Nesse ínterim, a partir dos sujeitos que contribuíram com esse trabalho, entendemos que as juventudes na/da cidade estão através de sua indignação e resistência, ressignificando a rua, ressignificando os espaços públicos, fazendo dos mesmos uma alternativa para os processos de humanização/emancipação, e também de produção e compartilhamento de conhecimentos. Para além dos aprendizados e percepções que já foram colocados aqui da cidade, destaco a batalha do conhecimento como um espaço de luta, de transformação e de resistência, ou como na fala do Pablo “a batalha é um puta ponto de resistência! ”.

A batalha do conhecimento é um duelo de *mc's*⁶, que tem o objetivo de não somente trazer a cultura do *freestyle*⁷ ou do *beat*⁸, mas que se configura também da resistência a partir de canto à capela, de recitações de poesias e etc. Ou seja, é um espaço sociocultural e político, que é realizado as quintas-feiras na Praça Xavier, no município de Rio Grande, Rio Grande do Sul.

Pablo, ex-educando do Paidéia é mestre de cerimônia da batalha do conhecimento, e faz parte do desenvolvimento da mesma. Além de mediar, ele participa batalhando e organizando a batalha:

Porque assim ó, da primeira batalha, um exemplo básico, tem um... tem mc's aí que vinham batalhar e tu via, o mano de cor, negro, xingando outro negro, em termos raciais, tá ligado? Hoje tu não vê mais isso, em 1 ano e meio de

⁶ O MC (“emi ci”) é o mestre de cerimônia dentro da cultura hip-hop. Desenvolve a função de trazer as rimas ou de simplesmente mediar/apresentar uma atividade, show ou evento de rap. É um dos elementos da mesma cultura, completada pelo DJ, o Grafitti e o b-boy.

⁷ Estilo de rimas que se faz de modo espontâneo, com base em alguma temática e com a ajuda do *beat*.

⁸ A batida ou a base que se faz para uma rima, música ou rap. Pode ser com sons feitos pela boca ou com instrumentos, geralmente com as pick-ups de dj's.

batalha, tu via a guria vibrando porque o cara rimou termo machista, homofóbico, sexista, saca? Hoje tu já não vê mais. Hoje o cara que vem pra cá, pra batalha da Xavier fazer um rap, pra fazer seu freestyle, ele passou a semana inteira pensando, o que que eu vou dizer quando chegar lá? Porque eu tô rimando, o cara vai estar assim com o cérebro dividido ao meio, ele vai estar rimando com o lado esquerdo do cérebro, mas o lado direito dele ele vai estar pensando “eu não posso falar disso, eu não posso falar daquilo, porque o pessoal vai cair aqui em cima de mim”, tá ligado? (Pablo)

A batalha do conhecimento se configura em um processo metodológico completamente diferente das batalhas de sangue. Sendo as batalhas de sangue algo mais visceral, do ponto de vista de “esculachar” o adversário, a do conhecimento se mostra em um viés mais crítico e que consiga produzir algo para além do simples xingamento, insulto ou depreciação. Segundo o Pablo, há uma mudança por parte daquelas e daquelas que integram a batalha, há uma transformação ou simplesmente quem não se adequa a metodologia, não participa nas próximas atividades.

Entendo que a batalha do conhecimento tem se tornado um espaço-tempo de resistência na/da cidade, na/da rua e que vem transformando e contestando a lógica da cidade atual. Para além disso, entendo o desenvolvimento da batalha do conhecimento como uma produção de conhecimento das camadas populares, uma perspectiva de daquelas e daqueles que estão à “margem”, das camadas populares, a perspectiva da *history from below*⁹. Na mesma linha de raciocínio, é importante entender que a batalha preza pelo desenvolvimento do conhecimento, não importando quem tu seja, qual a tua classe, gênero ou religião. O mais central é o desejo de contribuição com que tu chegas e participa, e a tua

⁹ O historiador inglês Edward Palmer Thompson, através da “history from below” (história vista de baixo), dedicou-se a pesquisar e trabalhar em prol de uma História que não contemplasse mais somente as elites e os grandes heróis, símbolos da nobreza e da burguesia, mas através do marxismo, abriu um caminho para o entendimento historiográfico das camadas populares ignoradas, silenciadas e marginalizadas.

capacidade de te deixar ser transformado pelo coletivo, do mesmo modo importa a potência e a força de ocupar um espaço público:

Porque é o que a gente busca, a gente busca isso aí, a gente busca trazer informação pra quem não tem informação, a batalha surgiu por intermédio de 2 brothers que nem fazem mais, fizeram só a primeira edição, porque conseguiram a liberação da prefeitura. Segunda edição eles não conseguiram a liberação da prefeitura então não ia rolar. A gente que veio pra cá e a gente que fez. Desde então ela rola, e aí tornou-se efetivamente a ocupação de um espaço. Porque nós estamos na praça a praça é pública, então não precisa de autorização pra cantar na praça, saca? Desde então que ela se tornou uma... independente, ela se tornou uma cena independente, ela tem vida própria, porque ela não depende de A, B ou C pra estar aqui pra fazer a batalha. Se tiver um número X de mc's pra fechar uma chave, qualquer um chega ali, faz as inscrições, faz as chaves, sorteia, e dá início a batalha. Se tornou uma parada independente, uma parada de resistência, e independente, tá ligado? E cara, assim ó, do mesmo jeito que tem cara que tá aí, que rimou nas primeiras batalhas e tá aí até hoje, tem muita gente que não vem mais rimar, tem! Tem e vai faltar dedo numa mão, cara que não rola, que não rima, e de muito cara também que diz que é da cena do rap da cidade e que pá e pum, mas nunca rolou aí pra fazer uma rima pra fazer uma intervenção, pra trocar uma ideia... pra ler um simples poema, tá ligado? Que seja, ou quem sabe... (Pablo)

A ocupação do espaço, a resignificação do espaço e do público está em jogo. Principalmente porque a resistência e a emancipação não se fazem sozinho, ela precisa de um coletivo, ela precisa ser uma socialização efetiva, que consiga sensibilizar e gerar a transformação pelo desenvolvimento dessa práxis.

A batalha se propõe em sua pedagogia, construir sujeitos que mesmo que não tenham intenção de se tornarem mc's, possam auxiliar o desenvolvimento da atividade, para que as batalhas aconteçam, na tentativa de conseguir com que esse sujeito seja transformado por esse espaço-tempo,

por essa ideia que está sendo compartilhada e trocada, na tentativa de garantir ao mesmo tempo, a efetivação desse espaço, na rua, na cidade:

São, são resistência, são resistência porquê? Tu estás ocupando o espaço público, tá ligado? Que pode falar o que tu quiser, entendesse, só que o que difere a batalha de sangue da de conhecimento é que a batalha de sangue é mais pejorativa, enquanto a pessoas não entenderem que tem como tu fazer uma batalha de sangue sem ser pejorativo ao extremo, tem como tu desbancar uma pessoa só no talento, pode se dizer no conhecimento, com as palavras, porque seria como tu, convencer uma pessoas através dos teus argumentos né? Seria? Ou ela passa para o próximo grau de evolução, tá ligado e começa a criar uma nova perspectiva? Correr atrás da informação, não é nem assim ó, pra tu te anivelar com o pessoal que cola na batalha ou não, é pra tu crescer como ser humano, como pessoa, saca? Que é o principal intuito da batalha. (Pablo)

A resistência se faz na legitimação da ocupação do espaço com a efetivação da argumentação, do diálogo que é rimado, cantado e “poetisado”. A tentativa de se resistir através da palavra e e de forma educativa, decapando o machismo, as homofobias, o racismo, preconceitos e outras opressões que são naturalizadas. O desenvolvimento do conhecimento, através da informação e da transformação da mesma em algo além disso:

Eu apresento a batalha faço beat, as mana apresentam a batalha e fazem beat, os mano...saca? É um organismo, é como eu falo, eu sou um elo da corrente, tá ligado, batalha da Xavier é uma corrente de quilômetros e quilômetros, cada um é um elo, se um elo romper tá ligado, ela pode arrebentar que o cara vai correr, e vai pegar e puxar e vai emendar ela, e ela vai seguir, entendesse? Então cada um faz uma parte. Tem um fechando a batalha, tem um fazendo beat box, tem um fazendo uma rima ali aquecendo e tal, as veze não tem ninguém que faça um beat box mais ai chega uma pessoa toda encabulada, nunca fez ali, “ah faz aí cara, apoia!” Como eu falo, porque um só não dá, não tenho goela pra fazer um beat box pra uma batalha inteira, e assim foi surgindo mano. Antes era 1 ou 2 que fazia baile beat, agora tem vários, agora dá pra

chegar, tipo quem faz beat mesmo, tá acostumado a fazer beat dá pra chegar e nem fazer beat, porque tem várias gurizadas que tem beat mais foda que o cara ... (Pablo)

Essa organicidade é que dá a própria vida para a batalha, e com muita força vai se constituindo como um espaço produtor e construtor da emancipação (no mínimo de indicadores ou tendências de emancipação).

Mano a batalha é um coletivo, a batalha é um coletivo, a batalha não depende de 1 ou 2 pessoas, que nem as pessoas falam, tu tá andando pela rua aí “vai ter batalha hoje?”, toda quinta tem batalha mano, tu não tem que me perguntar se vai ter batalha hoje, tu tem que estar lá, tem que colar lá, eu muitas vezes, tri desmotivado, não vinha, chegava na metade pra ver se o bagulho rolava, tinha vez que chegava e tava parado, tinha vez que chegava e tava rolando... aí agora não, tu chega e tá sempre rolando, sempre rolando. Mesmo que começa tarde. E a resistência dela, tu vê a resistência da batalha porque as vezes não tem 8 mc, e fica todo mundo ali, sabe? 21:00, 21:15 ... não tem 8 MC mas fica a gurizada ali. Aí chega alguém que já rimou 1 ou 2 vezes, pô rima aí pra fechar 8. E tem gente que não rimam, mas se inscreve pra fechar 8 pra batalha acontecer, tá ligado? Aí tu já pescou mais 1! Que nunca rimou na vida, aí foi ali batalhou, sentiu aquele negócio pum! Na próxima quinta-feira vai estar lá. (Pablo)

Desse coletivo, que se faz uma corrente de transformação, é a transformação também dos indivíduos, de se criar protagonismos dentro de uma cidade que faz dos cidadãos resíduos, vidas alienadas e alienantes. A transformação de sujeitos de vários bairros:

Pode chegar e pode talvez não rimar na próxima quinta-feira, porque tinha bastante MC, mas tá ali, bá se de repente se faltar alguém eu me inscrevo de novo. E aí daí surgiu mais um MC. E é assim que o cara vai, saca? É assim que o cara quer fazer, vem mano do Marinha, vem mano da Castelo, do São Pedro, vem mano do Cassino, do BGV, dos Navegantes, saca? (...)Tem mano que sai

lá da, pega o rodão do bosque e vai embora! Tem mano que vem lá de bike dos meu! Um carregando o outro. No quadro ou na bagageira e vem 2, 3... e vem de bike! Tem mano que sai lá, da quinta mano, vem , trabalha no Guanabara ali, as vezes chega atrasado, mas sai do Guanabara e vem aqui pra batalha. Depois pega o busão e vai pra quinta, pra casa. (Pablo)

O deslocamento dessas grandes distâncias na cidade, ou a permanência de determinados sujeitos na praça mesmo após a jornada de trabalho, demonstra a importância desse espaço, a importância da batalha do conhecimento na construção de protagonismos, de sujeitos históricos, que se entendem como transformadores de si mesmos, dos outros e de suas realidades. Daí o entendimento do Ser Mais:

A gente pode ser aquela pessoa, que além de estar melhorando de estar mudando a si próprio, a gente pode tocar naquela pessoa e aquela pessoa sim mudar o mundo. Eu, no espaço/tempo que eu estou ocupando, mudar o mundo eu não vou, mas eu posso ser o agente, que tocou naquela pessoa com palavra, no subconsciente daquela pessoa e inseriu aquela pessoa, e mudou alguma coisa, e essa pessoa vai fazer por onde, tá ligado? Pra mudar outra pessoa. De repente ela não vá mudar, o mundo, mais ela vai tingir uma outra pessoa, e vai atingir uma outra pessoa, eu atingi uma pessoa, que atingiu 2, que atingiu 3, que atingiu 4 e que atingiu 5, que formou um movimento e esse movimento conseguiu, mudar a conjuntura citadina, vamos se dizer assim. Primeiro a gente precisa mudar aqui, a Praça (...) (Pablo)

A possibilidade de transformar a si mesmo e aos outros é o principal indicador de emancipação, e a prova da resistência humanizante, contrariando a cidade do capital, a cidade que quer o apagamento da rua e dos espaços públicos como espaços de humanização. A necessidade mais do que urgente de se colocar no mundo, de fazer com que a sua presença seja sentida, e de forma simbólica resistir e existir, entendendo a importância da transformação e de seu processo:

Samuel, nós estamos na prefeitura e na frente do brigadeiro José da Silva Paes, tá ligado, e tem toda uma (...)Tem muita gente que vem aqui e nem sabe quem foi aquele louco! (...). Já rolou um papo do cara mudar porque está na frente do Silva Paes. E eu não, tem que ficar ali! É a resistência. (...)O cara vai de contra, o cara vai contra, aquilo ali, saca? O cara vai contra! (Pablo)

Conecto esse trecho da fala do Pablo com o que Lefebvre nos fala em contrariedade ao monumento:

Contra o monumento. O monumento é essencialmente repressivo. Ele é a sede de uma instituição (a Igreja, o Estado, a Universidade). Se ele organiza em torno de si um espaço, é para colonizá-lo e oprimi-lo. Os grandes monumentos foram erguidos à glória dos mortos e da beleza morta. (LEFEBVRE, 2004, p.28)

É preciso entender a cidade e sua conjuntura, e saber que não há somente a história dos “vencedores”, mas também dos “perdedores” (que não tiveram direito a monumentos), e também a sua, se colocar na história. É preciso recriar monumentos, que representem aqueles e aquelas que não são representados em monumentos:

A favor do monumento: É o único lugar da vida coletiva (social) que se pode conceber e imaginar. Se ele controla, é para reunir. Beleza e monumentalidade caminham juntas. Os grandes monumentos foram trans-funcionais (as catedrais), e mesmo transculturais (os túmulos). Daí seu poder ético e estético. Os monumentos projetam uma concepção de mundo no terreno, enquanto a cidade projetava e ainda nele projeta a vida social (a globalidade). No próprio seio, às vezes no próprio coração de um espaço no qual se reconhecem e se banalizam os traços da sociedade, os monumentos inscrevem uma transcendência, um alhures. Eles sempre foram utópicos. Eles proclamavam, em altura ou em profundidade, numa outra dimensão que a dos percursos

urbano, seja o dever, seja o poder, seja o saber, a alegria, a esperança.
(LEFEBVRE, 2004, p.28)

Nada melhor que fazer isso resistindo de forma rebelde de frente ao monumento, ao mesmo tempo fazendo com que a sua vida, se torne o monumento que a cidade e a rua nunca tiveram, o monumento de contestação, em prol dos que não sobreviveram para contar a história, em prol daqueles que ainda se insurgirão, resistirão e que contarão a sua história, independente se for em rima, poema, grafitti, beat ou outra forma de expressão, mas que seja em teor de *rebeldia*.

Considerações finais

Com base nas discussões e reflexões que essa mesma pesquisa me permitiu analisar, considero que as experiências e as vivências das juventudes na cidade são diversas e múltiplas, principalmente pelas diferenciações que existe, entre as juventudes. Algumas dessas diferenças ocorrem e se fazem pela própria multiplicidade cultural, étnica, de sexualidade e etc. Outras diferenças se fazem a partir das diferentes desigualdades. A educação popular na figura do Paidéia, como espaço de concentração dessas juventudes tem a possibilidade de potencializar essas experiências e vivências, que na própria perspectiva que se conseguiu entender através desta investigação, são as resistências, as sobrevivências, ou seja, em suas vidas há cotidianamente uma dimensão de luta para se manterem economicamente (junto com suas famílias, e por isso suas decisões pesam muito essas questões familiares), e daí sim tentarem projetar algo a mais para si próprios. Entendo, que a emancipação, no quesito emancipação humana defendido por Marx em questão de aprofundamento da emancipação política, está para além de somente entrar na universidade. Afirmando isso, no intuito de refazer um horizonte de lutas e transformações por parte da educação popular desenvolvida pelos cursos populares pré-ENEM, e nesse caso em específico do Paidéia e de outros cursos e espaços garantidos pelo PAIETS-FURG.

É necessário trabalhar em uma perspectiva de emancipação para além da universidade, não perdendo de vista e de almejo a mesma, mas entendendo que a emancipação social e humana vai para além de somente entrar na universidade. Se pegarmos casos específicos, principalmente dos

sujeitos que participaram desta investigação, perceberemos que a vaga em uma universidade é possível ser alcançada pelos oriundos das camadas populares, porém, em tempos de retrocesso político e em que o “direito ao direito” é frágil, é muito fácil ingressar na universidade por uma política de cotas raciais ou econômicas e em seguida ser indeferido e perderes os teus direitos. É extremamente fácil que mesmo por muito empenho os sujeitos tenham a capacidade de alcançar uma vaga na universidade, e por serem filhos e filhas de trabalhadores e trabalhadoras (e também por serem pessoas trabalhadoras), dependerem de auxílios, bolsas e outras especificidades, e ao não conseguirem as condições de permanência na universidade. O que aconteceu? A universidade foi somente um sonho, e não uma realidade para essas pessoas.

Por isso, a minha indagação era forte em entender se o Paidéia como educação Popular estava trabalhando em uma linha de transformação e crítica, ou se estava somente sendo um cursinho preparatório para o Enem grátis. Pois há diferença. Certamente que em um primeiro momento a possibilidade de se ter um curso preparatório para o ENEM (também poderia ser preparatório para concursos e etc) grátis corresponde muito com a precariedade que existe em nosso contexto, e isso nos leva a entender a necessidade desses cursos e desta preparação. Ao mesmo tempo, entendo que de nada adianta se falar em educação popular e não desenvolvermos uma perspectiva crítica, de leitura de mundo e da realidade, que sirva ao nosso contexto político, e que compreenda a realidade desses sujeitos, que como afirmei antes, resistem.

Por quê falar, desenvolver e trabalhar por uma perspectiva crítica, e que tenha a emancipação humana como alvo? Primeiramente porque vivemos na lógica capitalista, e é necessário entender e fazer entender que ao entrar na universidade esses sujeitos, esses jovens estão ainda na lógica capitalista, na lógica produtivista, e do mesmo modo estão fazendo e irão

fazer parte da precarização do trabalho, do desemprego e etc. Em segundo lugar, o desenvolvimento da noção de emancipação humana é imprescindível para que entendamos as nossas inconclusões, e somente aí, ressignificar a nossa vida ao ponto de transformarmo-nos, emanciparmo-nos ou humanizarmo-nos.

A educação popular, portanto, possui esse objetivo, de trabalhar na ideia de transformação, mas ela não é arrogante ao ponto de entender que ela é que transforma diretamente e unicamente. A educação popular entende os sujeitos que fazem parte do processo como imprescindíveis na construção de uma perspectiva transformadora e crítica, pois no próprio entendimento de que os mesmos sujeitos resistem e reagem diariamente em seus contextos, essa é a prova de que a educação tenha que condizer com a sua realidade. Ou seja, no contexto do Paidéia, é necessário afirmar que a sua realidade é uma problemática que não existe por si só, de modo natural, e a partir disso, a perspectiva de transformação começa por uma ideia de que o determinismo não existe, e de que não estamos fadados a dominação. Isso parece óbvio, mas reforçar isso é reforçar que, por mais que a universidade sendo uma possibilidade ascensão de classe, de emancipação política e de melhoria em determinadas questões da vida dos sujeitos, ela ainda é elitista e com isso, todos os dispositivos de uma “elite” atuam ali.

A educação popular trabalhada pelos cursos de pré-Enem então que possa contribuir na emancipação, ela não vai moldar os sujeitos para a entrada na universidade, ela vai potencializar a vida desses sujeitos e também vai ser potencializada pela vida dos mesmos. A educação popular não pode ser uma catequese, que preparará e convencerá os sujeitos das camadas populares a simplesmente odiarem a sua classe, duelarem entre si freneticamente e fazer entender que somente ao tirarem uma grande nota no Enem serão felizes. Não! A educação popular está a favor da margem e

dos marginalizados, das oprimidas e por quem quer que seja e que esteja em estado de dominação, e por isso, fazendo uma opção política por esses. Ao fazer uma opção esses, entende e assimila a sua cultura como importantes, e aceitando a sua cultura, por si só já é destoante do todo. E o que é aceitar a cultura das oprimidas e oprimidos? É aceitar a dominação e as mazelas que assolam e exploram por parte da desigualdade produzida pelo capital? Não, é entender que mesmo em meio a toda miséria e desigualdade que recai nas camadas populares com maior força, há dimensões epistemológicas e ontológicas a serem consideradas.

De igual modo, a recalcitrância de nós, sujeitos que constroem a educação popular é que faz a força e possibilidade de transformação desta perspectiva. O Paidéia se fará mais consistente em sua perspectiva de educação popular, ao tempo que se tornar radicalmente capaz de aprender e ser o povo, e também, se fará mais potente ao tempo que se abre, para abarcar e alcançar as diferentes realidades, necessidades, territorialidades que aparecerão com o tempo.

No meu entendimento, com base nas análises dos materiais investigados e refletidos aqui, com o auxílio da concepção teórica que optei e dos aparatos metodológicos, o Paidéia contribuiu e contribui para emancipação das juventudes na cidade, ou seja, a educação popular possui uma dimensão de auxiliar os educandos e educandas a prosseguir em um projeto de luta pelo ingresso na universidade, por uma expectativa maior pelo mundo trabalho, pelo desenvolvimento de projetos de resistência na cidade que são diretamente ligados a possibilidade do Ser Mais.

Em um processo dialético, isso se potencializará! Com base no compartilhamento e no diálogo entre as experiências, as contribuições serão imensas. Os sujeitos desta pesquisa que entenderam que a suas vidas eram uma possibilidade de transformação de si mesmos e do coletivo, também entenderam que não devia nada para ninguém, e com isso, construíram e

constroem a emancipação de modo diferente. Percebo isso, desde a socialização que o Paidéia proporcionou entre sujeitos diferentes, na tentativa de ensinar que era imprescindível as suas concepções de mundo em uma visão político-pedagógica de transformação, em atividades que proporcionavam os debates e reflexões temáticos, na busca pela leitura de mundo/realidade e uma contextualização com os conteúdos do Enem e nos espaços em que a horizontalidade se legitimava com a participação e opinião dos sujeitos (mesmo sendo educandas/educandos). Abaixo, elenco alguns tópicos que considero importantes na contribuição do Paidéia (como E.P.) para a emancipação das juventudes na cidade.

Espaço de Sociabilização: tendo em vista que o Paidéia prezava pelo ingresso de sujeitos que oriundos das camadas populares, e de certo modo, que apresentassem certas fragilidades socioeconômicas, se almejava a construção de um espaço com diversidade étnica, de gênero/sexual, faixa etária, cultural e religiosa. Não somente por acreditar que a universidade deveria se “pintar de povo”, mas principalmente por acreditar na troca, no aprendizado que os diferentes sujeitos poderiam ter uns com os outros. Por mais que o conflito se apresentasse nas atividades, o objetivo era sempre a perseguição de um ambiente democrático, aonde as opressões fossem trazidas à tona e entendidas. Do mesmo modo, em tempos de avanço do fundamentalismo, era interessante que as posições “xiitas” ou fascistas fossem refletidas e desconstruídas.

Potencialização do Ser Mais: as atividades no Paidéia sempre consideravam que o mundo em que vivemos é o da lógica capitalista e portanto, é um lógica de morte e de violência para todo o planeta. De igual modo, mesmo vivendo em um contexto de “coisificação” e de ser menos, sempre era necessário apresentarmos de forma coerente a necessidade da Humanização, do Ser Mais, que em Freire nos diz e nos informa sim de nossas dificuldades e limitações, mas nos alerta, que se existe uma vocação humana ela é a do processo de construção de uma perspectiva de rompimento com nossas dificuldades. De outro modo, rejeitar o fim da história, o determinismo, e pensar e trabalhar por um mundo que não seja a-histórico, mas o da luta e o da possibilidade.

Metodologias Anti-adestramento: lutávamos pela queda de um conhecimento que fosse ferramenta do ser menos, ou seja, que do modo que fosse apresentado, em suas dificuldades e problemáticas, se apresentassem como desafio e nunca como incapacidade intelectual. Por mais que determinados sujeitos não alcançassem determinados resultados ou êxito, além de ser possível contar com a horizontalidade de indagar, questionar e ter o direito de expor suas limitações, havia a possibilidade de sanar suas dúvidas através de algum educador ou alguma educadora que se disponibilizava a essa tarefa. Mas em todo caso, sempre havia o reforço de que por mais que o Enem fosse extremamente importante, não estávamos fazendo uma corrida, não entraríamos nessa competição, nesse páreo. Tentávamos e tentamos fazer o menos alienado possível, destacando as dificuldades existentes, a realidade histórica de que a universidade estava ainda fechada para determinadas classes, mas que isso era necessário ser transformado de modo processual. A educação bancária, depositária e hierárquica tentávamos rechaçar.

Constatação e Construção de Protagonismos: havia a ideia de que os sujeitos do Paidéia deveriam se conscientizar da autonomia de estudo, de pesquisa e de investigação. Ao mesmo tempo em que isso, favoreceria a construção individual e coletiva do enriquecimento intelectual. Se tencionava fazer com que os educandos e educandas aprofundassem o processo através de suas próprias pesquisas, principalmente para que isso fosse já, uma antecipação do que deveria ser na universidade e em outros espaços futuros. Com isso, também destaco a possibilidade determinadas educandas e educandos, se predispossem a levarem atividades para as aulas a fim de dividir com os colegas e também, de determinados educandas e educandos, auxiliarem com seus conhecimentos determinados colegas que não possuíam o mesmo entendimento dos conteúdos. Outro elemento extremamente potente no Paidéia, é a participação como educadoras/educadores de sujeitos que foram educandas/educandos do Paidéia, e que hoje, estavam cursando os seus cursos e retornaram para auxiliar no processo da educação popular, acreditando que havia uma certa importância voltar como educadoras/educadores, para mediar oficinas, dar aulas, dividir certos conhecimentos alcançados e etc. Do mesmo modo, percebo a contribuição na construção de protagonismos a partir do momento em que percebi que os sujeitos ao passarem pelo Paidéia entenderam que deveriam resistir e construir os seus projetos e enfrentar o mundo, ou de outro modo, reforçaram essa ideia pois já faziam isso.

Constatação das Situações-Limites e Projeção do Inédito Viável: a necessidade de se considerar e ponderar a realidade e suas dificuldades diárias, cotidianas e históricas, ao mesmo tempo ressaltando que nessa mesma luta cotidiana está sim o processo de alcançar o que se quer. Entender que a o que se almeja, não vai e não pode ser dado, mas deve ser conquistado. Por mais que a realidade seja impregnada de opressões, de racismos e outras políticas de exclusão e de segregação, é preciso lutar com prerrogativa de que precisamos avançar como sociedade para um estágio aonde os humanos sejam humanos, e não coisas.

Ocupação e Transformação dos Espaços Públicos: entendo que não é somente um rótulo de “público” em determinado espaço que garantirá tal status. A cidade, a universidade, a câmara de vereadores, a prefeitura, a escola, as praças, as ruas, os hospitais e outros, devem ser ocupados, praticados para que sejam ressignificados, para que se tornem públicos efetivamente. É necessário transformarmos a realidade e os seus espaços, e para isso, no Paidéia reforçamos essa máxima. Principalmente porque o mesmo, está presente no H.U., e por se constituir de uma ala acadêmica e de uma ala hospitalar, ele é hegemonicamente elitista e restrito por se da comunidade acadêmica da faculdade de medicina. Ocupar esse espaço é necessário, e ressaltar que é necessário também zelar por esse espaço que é de toda a população, sustentado pela população. Por mais que pareça piegas, isso é reafirmado. A maioria das pessoas nunca tinha entrado na ala acadêmica do H.U., e por causa do Paidéia, colocaram os pés lá pela primeira vez. Mas isso não é suficiente, queremos mais! Portanto acredito que o Paidéia é fundamental na contribuição do entendimento de que de modo individual e coletivo, os sujeitos possam e devam ocupar e transformar tanto a universidade quanto a praça. Que as camadas populares lutem pelo direito a universidade e também lutem na construção de projetos culturais na rua, no coreto ou na praia.

A disputa pelo Paidéia, se configura também por uma disputa pela cidade, por um direito à cidade, por uma tomada de espaço. A tomada do Paidéia, a presença em um espaço historicamente elitizado é a disputa de um espaço de poder pelos sujeitos da cidade. O esforço para se estar nesse espaço, vai para além da necessidade de um pré-vestibular, mas está muito

mais além, está pelo conflito principal na/da cidade, que é o conflito por se estar como pessoas e não como coisa, como resíduo, exército de reserva ou um ser alienado.

Entendo que através da resistência e da luta de cada um dos sujeitos, no entendimento de como cada um entende a força de sua identidade e de suas concepções de mundo, está a contribuição para a emancipação. Na força pela transformação, no entendimento de que é preciso se emancipar de um processo que estabelece padrões e que vende o que deve ser feito como modelo, é que percebo o quanto a educação popular é necessário e foi importante para cada um desses sujeitos aqui investigados e também de outros que poderiam estar aqui auxiliando nesse entendimento.

O Paidéia, com a sua metodologia, contribui para a emancipação das juventudes na cidade, porém, é necessário aprofundar a discussão da educação popular em seu espaço, principalmente na formação das educadoras e educadores. E também, ao passo que aprende com os sujeitos acerca de suas vivências e experiências, potencializa a si mesmo, corporificando a sua práxis e possibilitando um avanço, um caminhar em direção a emancipação humana, como nos falou e escreveu Marx, e sinonimamente apontou Freire pela humanização e libertação no contexto latino-americano.

Independente do contexto em que se esteja inserido ou construindo projetos de educação popular, é inquestionável entender que há uma necessidade de se buscar a emancipação, mas a emancipação humana, que está para além da emancipação política, e é a que mais condiz com um programa de superação das contradições do Sul, dos latino-americanos e de suas desigualdades, e que se possa fazer uso das propostas epistemológicas e ontológicas resistentes que foram e que são desenvolvidas pelas oprimidas e oprimidos da América Latina. É imprescindível sulear a produção e o desenvolvimento do conhecimento.

Entrevistas, diálogos e conflitos: sujeitos da pesquisa, mas antes, sujeitos da cidade e da educação popular

A forma como que cada se manifesta é importante e potente de mais. Os sujeitos que participaram desta pesquisa, cedendo e compartilhando a suas concepções, percepções e entendimentos tanto do roteiro de perguntas quanto de outros aspectos não previstos, mas que complementa a discussão e reflexão, possuem no meu entendimento, uma invejável forma de posicionar frente ao mundo e com suas vidas fazerem um contraponto. Antes de serem sujeitos da pesquisa, são jovens e vivem a juventude de modo diferente em certos aspectos, mas em outros, parecidos. Daí a confirmação cada vez mais exata de usarmos o termo JUVENTUDES, no plural.

A conexão e articulação com esses sujeitos se deu a partir do Paidéia, e de lá foram desenvolvidas certas relações que geraram hipóteses e que me fizeram tentar entender através destes jovens determinadas questões que me pareciam suspensas. Tentei trazê-las ao chão! Essas jovens mulheres e jovens homens, gurias e guris, cotidianamente mostravam para mim e para outras pessoas no Paidéia, que o “buraco era mais embaixo”, que a vida era um pouco dura, mas deveríamos resistir. Sem resistência, tombaremos.

Os quatro sujeitos que aqui participaram, ambos faziam parte do ano letivo de 2016 (que é o recorte desta pesquisa), e tentaram entrar na universidade através do ENEM. Dessas quatro pessoas, uma está na universidade (na verdade entraram três dos quatro, mas uma entrou por cota racial e no decorrer do ano foi indeferida pela comissão, e outro

perdeu a oportunidade de confirmar a matrícula), cursando o curso que queria e já envolvida em projetos voltados para a educação.

Dito isso, tentei entender qual a relação destes jovens com a cidade, com a educação popular, e com isso, entender as suas relações emancipatórias ou sua relação coma emancipação, principalmente nas suas lutas pelo *ser mais*, para prosseguir e construir a sua vida em meio a tantas dificuldades.

As entrevistas elas estão presentes na íntegra aqui no texto, principalmente para que o leitor pudesse ter o aproveitamento e o entendimento direto que tive com as fontes. Por mais que nos quadros estejam colocadas e elencados as principais categorias presentes nas entrevistas, e depois nas discussões com análises das principais informações estejam refletidas as ideias centrais, através das entrevistas dará para se ter uma noção mais ampla do que foi dialogado nas entrevistas.

Outrossim, para além de somente entrevistas, elas são as vivências e experiências desses sujeitos, que ressignificaram e ressignificam a si mesmos, a cidade, a educação popular e logo a emancipação. Ao montar essa dissertação da pesquisa, por um instante compreendi que seria um desperdício não encaixar as entrevistas no texto da mesma, e por isso elas aqui estão presentes.

11.1. Eu sou a minoria que tá lutando contra esse retrógrado, mas é difícil.

A Anne foi nossa educanda lá no Paidéia no ano letivo de 2015. Desde o momento da entrevista e até as atividades de aula, sempre pareceu com aquelas pessoas extremamente dedicadas, e ao participar do Paidéia, na tentativa de buscar um curso pré-Enem que pudesse auxiliá-la nas provas, já chegava com uma ideia pronta do que queria fazer no seu futuro, como estudante de alguma universidade.

Esse foi um de seus diferenciais, ela já era uma estudante! Já estudava para concursos e já tinha feito outras provas do Enem, mas ainda estava na espera de melhor a nota tanto para o ingresso na universidade quanto para alguma vaga de algum dos concursos que participava.

No ano de 2015 mesmo, mais ou menos na metade do ano, a Anne desapareceu das aulas, simplesmente assim. Claro, que nós da coordenação e as outras educadoras sempre nos preocupamos, mas por vezes, a correria do dia a dia não nos deixa respirar, e também não nos permite (a não ser mediante a muito esforço), entender como determinadas pessoas simplesmente somem de nossos espaços de convívio. Através de outros colegas, educandos e educandas, tínhamos notícias de que a Anne estava bem, e que por certas dificuldades da vida e da família, tinham desistido naquele ano de estudar, de participar do Paidéia, mas que em uma próxima oportunidade participaria novamente.

No ano de 2016, quando começou o período das inscrições e seleções, a Anne apareceu. Acompanhada da mãe, e na entrevista (Anne e sua mãe não foram entrevistadas por mim, mas por uma colega que também é coordenadora e educadora do Paidéia), explicou que no ano de 2015, além de desistir das atividades e das aulas no curso por causa de que precisava auxiliar nas atividades em casa principalmente no cuidado de um parente, o deslocamento do bairro até o H.U. onde o Paidéia acontece, tinha ficado deveras perigoso, e a pedido de sua mãe e de seu pai deixou-nos naquele ano, mas assegurada com a promessa da mãe de que a mesma teria companhia para estudar no próximo ano (em 2016).

E foi o que aconteceu. No ano de 2016, Anne e sua mãe foram selecionadas para o Paidéia e além de estudarem juntas, vinham sempre juntas do seu bairro, e por vezes, aproveitavam a “carona” de outras pessoas que também vinham do mesmo lugar. Esse deslocamento em grupo bairro-centro-bairro para mim se tornou bastante importante, porque essas

mesmas pessoas eram educandos e educandas que as vezes ficavam até o final das aulas, e ao final das mesmas, sempre ficavam querendo “algo mais”, como se a troca que acontecia em aula se estendesse pela rua, pois esse grupo também ficava comigo desde o apagar das luzes da sala até a hora de eu subir no ônibus para o Cassino, no “paradão” da Praça Tamarandé. Feito isso, o grupo prosseguia seu caminho.

Prosseguindo, a Anne se tornou um sujeito importantíssimo dessa pesquisa, pois além da sua dedicação e compromisso que mostrava no cotidiano do Paidéia, a mesma está em uma luta pela garantia dos seus direitos. Sendo uma jovem mulher, negra e vinda das camadas populares da cidade, ingressou na FURG no ano letivo de 2017 e teve seus direitos como cotista negados pela comissão responsável por essas verificações. Anne teve sua matrícula cancelada, mesmo que a sua autodeclaração como preta para a comissão fosse legitimadora para sua permanência na universidade.

Em nenhum momento, Anne se encontra em estado de vitimização ou de estagnação, mas pelo contrário, me disse e está presente aqui na entrevista, que ao se entender como mulher negra e feminista, as lutas e dificuldades começaram a aparecer ainda mais, dando um tom de luta e resistência em suas ações. Na interlocução entre cidade, juventudes e educação popular, Anne (assim como os outros sujeitos que participaram e compartilharam a suas concepções e suas experiências para esse trabalho) se coloca como uma grande possibilidade de entendimento da superação, do enfrentamento com o hegemônico, na construção de sua emancipação.

A entrevista/diálogo com a Anne ocorreu na casa dela, no bairro Getúlio Vargas, aonde fui recebido por ela e por sua família.

Entrevista/diálogo com a Anne.

Samuel: Anne, preciso que me digas inicialmente o teu nome, idade, bairro e o que fazes atualmente?

Anne: Meu nome é Anne Caroline Rodrigues, tenho 20 anos, moro no bairro Getúlio Vargas e atualmente eu estou estudando para o ENEM. E acho que é isso aí...

Samuel: Pergunta 1 do roteiro de entrevista.

Anne: Cheguei no Paidéia, conheci o Paidéia através do site da FURG, também num primeiro momento e também por pessoas terem feito o curso antes, e me disseram que conseguiram aprovação na universidade, com esse auxílio do Paidéia, então eu tive o primeiro contato, com o Paidéia em 2015, na metade do ano, que eu acho que fui das turmas remanescentes que foram chamadas depois, e aí só que eu meio que não deo muita importância para o estudo no Paidéia, porque eu tinha muita matéria e a minha matéria já estava acumulada e eu fiquei “ai meu deus, eu não vou aguentar !”, aí eu peguei continuei estudando em casa como eu fazia antes, só que aí minha nota começou a aumentar do Enem, e aí pensei , poxa , então eu vou tentar ano que vem e aí sim eu entro na faculdade , e aí eu tentei 2016 novamente, e eu entrei na universidade em 2017 . E qual era a outra pergunta?

S: Qual era no caso a tua perspectiva quanto ao teu futuro quando tu entrou no Paidéia?

A: Na verdade foi bem maior do que eu já esperava, eu esperava como que um curso, um cursinho normal pago, só o professor me dando matéria, macetes, dicas, e enfim, e na verdade foi maior porque houve debates, em 2015 teve o debate sobre a maioridade penal, e isso era nossa, todo mundo achou que esse seria um tema que cairia no enem e não caiu, (risos) e 2016 me ajudou muito porque eu acabei virando feminista com o debate das meninas né? Falando sobre a questão do assédio, sobre ... e aí pensei nossa, isso aí não acontece só comigo, acontece com outras mulheres ...

S: No espaço aquele que estava a Letícia e a Karina né?

A: Sim, E aí eu comecei a ter visibilidade, que acontece com outras mulheres, que não acontecia só comigo, e aí eu comecei a pesquisa um pouco sobre o feminismo, e acabei virando feminista porque eu comecei a ver que não é só eu que isso acontece ...então é isso aí.

S: Massa, interessante. Faça a **Pergunta 2**.

A: Bom teve dois momentos né? Bom Primeiro em 2015, eu, eu, eu comecei a estudar, a minha vó faleceu em 2015, já como eu ajudava a minha mãe, eu estava envolvida na questão de ajudar a minha mãe a cuidar a minha vó, porque a minha vó era cadeirante, e aí minha vó falecendo facilitou um pouco os meus estudos, com o Enem, e aí por isso mesmo que eu fui atrás do Paidéia, e em 2016 eu tava mais inserida mais na questão família, continuo desempregada, em 2016 também, aí eu dei mais importância para os estudos mesmo...

S: Faça a **Pergunta 3**.

A: A cidade é que nem aquela coisa de geografia né? Acho que eu levo muito em consideração aquela coisa de paisagem, pessoas, urbanização ... eu acho só que cidade é a gente que faz a cidade, as pessoas que fazem a cidade, então ela se ela é ruim é porque nós fizemos ela ficar ruim, ou boa.

S: Mas pra ti cidade não é só esse conceito da geografia assim, o que é mais pra ti?

A: Eu acho que são as pessoas né? Cidade são as pessoas, não pega muito aquela... mas também é, é meio difícil, é mais complexo essa pergunta, né? Eu fiquei tipo, quando eu li a pergunta, “ meu deus é muito complexo responder essa pergunta! ” Porque é muito difícil mesmo dizer o que é cidade, pra gente, porque é muita coisa, não é só um ponto, um lugar, uma localização, é muita coisa...

S: Um ponto turístico ou ...

A: É exatamente.

S: Vamos para a próxima. Faça a **Pergunta 4**.

A: Os debates! Ah, pra mim eram maravilhosos, tanto é que teve uma vez que eu, acho que teve um colega que começou a falar mal da constituição, que não valia a pena e não sei o que, e eu meio que fiquei enfurecida, (risos) e aí eu, nossa você nunca leu a constituição para você falar isso. (Risos) E todo mundo começou a rir e falar ...eu fiquei louca de vergonha. Porque eu nunca imaginei que eu ia falar isso sabe ...

S: Como é que tu teve contato com a constituição Antes? Com estudos?

A: Estudando pra concurso, no começo, estudando pra concurso. Mas depois comecei a ler, li, estudando direito constitucional mesmo, e aí vi pô que legal aqui, a teoria, a constituição é maravilhosa, igualdade, nada de racismo, tudo bem, aí você vai ver, a sociedade, a cidade, não é assim...

S: E a pessoa falando mal da constituição que é um direito, que a própria população construiu...

A: É que as pessoas elas entendem assim que, liberdade de expressão é a mesma coisa que julgar sem perceber, ou ver, o que realmente tu tá falando. É aquela coisa de preconceito. Ah eu vou julgar a constituição, mas eu já lia constituição não? Mas eu vou julgar mesmo assim, porque eu não quero, hoje eu tô triste e hoje eu não quero, e aí eu fiquei muito mal porque eu poxa, eu estudei aquilo ali, porque que fulano vai falar mal daquilo ...porque se ver ele nem teve contato, e quanto mais a pessoa vai falando, mais tu percebe, poxa fulano não tem contato mesmo com a informação, aí vem e me fala isso, a gente tem muito disso, de pegar e ser “papagaio”, aquela coisa de ouvir alguém falar, gostei do que falaram e vou reproduzir e vou falar, porque, então quando chega uma pessoa, que tem mais informação, e ela quer te dar informação, aí tu fica “ ah não, não, eu não quero”, não acho bonito isso, então por isso eu fiquei, tive que fazer isso com nosso colega, porque eu fiquei, poxa cara, olha só tudo isso, cheguei até a revirar os olhinhos assim, aí meu deus tô ouvindo isso, logo em sala de aula assim, num lugar que tem que dar conhecimento ...

S: Os debates então eram os momentos mais proveitosos assim pra ti?

A: Pra mim sim porque a gente consegue ter uma interpretação do ponto de vista dos outros também, porque não é só o que eu penso as vezes, o que tu pensa também é importante, pra gente fazer a sociedade, porque o que eu penso, o que tu pensa e o que o outro pensa, pode ser ideia diferentes, pontos de vista diferentes, porque são vidas diferentes...

S: Não, e a própria construção argumentativa disso né?

A: Com certeza, a pessoa já vem lá, com raiva, não tem como conversar com alguém assim, aí tu já vê pô, realmente, fulano não, não agregaram informação ao fulano, mas sim entrou na mente só raiva, só ...

S: Sim porque quando a pessoa fala, até pra nós que estamos, lá mediando ou puxando, dando aula, é importante a gente ver, a importância de concepção do mundo do mundo do outro né? E as vezes, assim a gente consegue a ... Faça a **Pergunta 5**.

A: Eu acho que o Paidéia, eu acho que o nome do Paidéia deveria ser Inovação né? Porque ele é diferente dos cursinhos, é que nem eu falei, eu esperava uma coisa e acabou vindo muito mais do que aquilo... Porque assim, eu pelo menos, vou falar por mim, é óbvio, porque eu sou eu, (risos) mas enfim, na minha visão, assim eu já tive uma visão mais fechada, pô mas assim o que eu penso é mais interessante, mas quando eu vejo realmente, as

peessoas tem realidades diferentes de mim, tem uma perspectiva diferente de vida diferente de mim mesmo , então tem que dar voz para as pessoas sim, só que as vezes nos cursinhos pagos , tu não vê isso, não existe debate , o que existe? , existe só a afirmação do lado do professor, que o professor fala, que isso daqui vocês vão falar, a nota 1000 da redação, só que ele não fala “por que vocês pensam isso ?” Ele não faz o pensar ...

S: O compromisso com aquilo né? Com o que tu escreves ...

A: Sim com certeza, e eu acho que pra tu ser professor tu tem que fazer o teu aluno pensar, e não somente receber informação e escrever informação, mas fazer ele pensar porque que isso acontece? pra quem ? Pra que isso? Como? Quem ganha, quem perde? Quem merece, entendeu? Isso aí o Paiets me fez pensar, muito nisso sabe? Pô que sacanagem a maioria penal? Por que eu tenho que pensar na maioria penal?

S: Qual é o verdadeiro problema?

A: Exatamente. Qual é a solução ideal? Se fosse pegar numa redação, então, e siso é interessante debater, e nos cursinhos pagos tu não percebe isso, tu percebes só, a percepção do professor...

S: A concepção técnica ...

A: E o professor as vezes ele tem uma cartilha, ele só vai dar a cartilha ele tem só que fazer tantas horas, ele só vai lá, vai fazer as horas dele, e não vai te dar a informação as vezes, que tu gosta, aquela coisa né, tem pessoas que são professores, que, dão informação aí tu vai ser contrário, com argumentação aí a pessoa já te trata com arrogância, e isso aí eu acho errado, e no Paidéia não teve isso entendeu? Pelo que eu vi, por partes assim, teve até umas discussões que eu vi pô, o professor tá dando toda a informação pra fulano e fulano continua com o pensamento dele, pô então ele realmente não discutir, e agregar ...

S: Não quer aprender ...

A: ... a informação, ele quer só pegar e brigar, ele não tá ali para debater, ele tá ali pra brigar. Aí tu vê, pô o professor tá gastando tempo com fulano, aí poxa, aí não dá né?

S: Faça a **Pergunta 6**.

A: Me auxiliou bastante, me auxiliou porque como eu disse, é aquela coisa da informação de mundos diferentes, e o Enem é muito isso, ele não quer saber se tu sabe a matéria, ele quer saber o porquê tu sabe a matéria, porque aquilo ali acontece, a contextualização, e daí

eu acho que minha nota melhorou por causa disso, porque o Paidéia ele realmente ajudava nisso, porque é muito importante isso no Enem.

S: Faça a **Pergunta 7**.

A: Sim, porque é como eu disse antes tudo aquilo, a informação ela foi absorvida, por mim e foi feita por várias pessoas, eu pude informar as pessoas, pude ajudar também, com a minha perspectiva de vida o meu ponto de vista, então isso aí agrega todo mundo né? Todo mundo ganha, todo mundo sai ganhando, é o ganha-ganha.

S: Faça a **Pergunta 8**.

A: Eu acho que aquela concepção de que o mundo não gira ao meu redor, de que existem realidades diferentes da minha, e que existem pessoas diferentes e isso é por causa da vivência delas e não necessariamente porque alguma coisa foi implantada na cabeça dela, mas sim porque, o mundo em que elas vivem é diferente do meu, ou até mesmo pessoas que tem até o mesmo mundo meu, só que a vivência não é parecida.

S: E aquele espaço do Paidéia com um monte de gerente também né?

A: Tipo um exemplo, o Rafael mora aqui no BGV, a minha vivência de mundo é diferente da dele. Tipo vai conversar com ele e comigo, a gente não tem a mesma característica, mesmo que a gente more no mesmo bairro, a gente não tem a mesma vida, e isso, já contribui pra caramba. Porque aí tu vê pô, porque a gente tem aquele estigma né? Ah mora no BGV, ah é traficante e não sei o que. Aí todo mundo... aí tu vê duas pessoas diferentes, só que elas não são traficantes e também não tem a mesma perspectiva de vida ou visão ...

S: Sim, de futuro, totalmente diferentes. Faça a **Pergunta 9**.

A: Ah juventude, não sei! Ah eu não sei né, a gente entende que é pessoas jovem né, mas, tá tão difícil de dizer o que é juventude, porque tem pessoas jovens que vão formar o país, só que... tem mentes retrógradas, são mentes que, pensam diferente e aí pra mim, e aí juventude eu não sei se porque geralmente a gente entende que são pessoas com ideia novas né? Com pensamento diferente... só que hoje, a juventude mais nova do que eu, não tem ideias novas, tão trazendo aquilo que o pessoal de 60 anos, 80 anos, tá concordando, aí eu tô preocupada né?

S: E porque que tu achas isso?

A: Aí eu acho que (suspiro) ...é a falta de viv... de informação...

S: Informação tem né?

A: Não informação até que tem só que assim né, é aquela coisa de escolher a mais fácil talvez, porque eu acho que é muito mais fácil tu perpetuar uma coisa que já acontece a muitos anos, do que pensar coisas novas e aplicar coisas novas, porque é muito mais difícil mesmo criar coisas novas, pensar coisas novas, aplicar coisas novas, dizer sim, que pode se existir outro mundo outras vivências outras convicções, de vida e estilos de vida, porque hoje a gente vive naquela coisa do ...das fobias né? E é por conta disso né, que as pessoas negam os estilos de vida das outras.

S: A cultura das outras né?

A: Exatamente.

S: Mas por outro lado, tu acreditas que há uma juventude que é um contraponto a isso? Tu como jovem é um contraponto a isso?

A: Eu sou diferente deles. Eu sou a minoria que tá lutando contra esse retrógrado, mas é difícil, ainda mais ... aquela coisa de discussão de facebook né? Ai é complicado ...

S: E tu conhece outros jovens, ou outras juventudes, que também ...pensam assim também, como tu, que querem construir uma outra coisa assim também?

A: Sim, tem outras pessoas que pensam iguais a mim e que ... a eu acho que as pessoas elas não falam, mas pensam, por medo de serem questionados ou serem, sei lá, brigarem com elas ou discutirem, e acabarem fazendo uma discussão, então não dão muito a cara tapa, não mostram muito o que elas propõem ... porque tem medo né? Hoje a agressão é muito fácil, é muito fácil alguém apanhar por isso ou aquilo, porque concordam com isso e aquilo, então é complicado. Esses tempos tão... tá difícil.

S: Pergunta 10.

A: Muito, me preocupa porque, as pessoas que estão envolvidas com essas questões políticas, são pessoas que estão no poder, e nós, fizemos elas estarem lá. Então se, vou mais pela lógica, se fulano tá no poder e faz isso, nós que não estamos, podemos, temos mais facilidade para fazer corrupções, e também tem aquela questão daquela coisa assim né, de uma coisa que é, que é que nem, eu já vi isso tipo na Holanda, se eles fizerem alguma coisa ... um crime, se acontece algum crime lá, todo mundo se culpa, porque a sociedade é muito igualitária, então ela entende assim, se alguém faz alguma coisa, poxa, o problema é de todos nós. Nós causamos aquilo. E eu penso muito nisso, se acontece tanta coisa errada

assim na nossa sociedade, é porque nós causamos, nós facilitamos isso, nós fazemos isso sem perceber, também existe isso, então o problema está em nós também, porque a gente facilita, a gente segue votando nas pessoas erradas, a gente continua colocando políticos que não fazem nada, também, porque fazem campanha política dizendo que fazem isso mas na verdade não é, não estuda os políticos antes de votar, a gente só pega o santinho da rua e vai lá e vota, então assim, a gente não tem aquele compromisso social e político, eu acho que tá faltando isso ainda na gente como brasileiro, e isso me preocupa muito.

S: Pergunta 11.

A: Há, pior que há! Porque tipo, eu fico muito em casa, eu não faço nada assim pra mudar mesmo, e as vezes até quem faz, como no caso da menina que foi, parece que ela, que ela fez mesmo? Ela meio que denunciou o prefeito de corrupção, ou uma coisa assim, e aí essa menina aí, ela foi, começaram a xingar ela e eu fiquei assim, poxa, se a gente não fala a gente é questionado, e se a gente fala a gente também é crucificado, qual é o certo fazer? É fazer ou não fazer? Ou é o não fazer e o fazer ao mesmo tempo? Aí eu não sei tipo, o que eu... eu devo fazer ou não fazer alguma coisa. Aí no final eu não faço nada, eu fico só pensando ... e o agir não tenho nada.

S: E tu tem alguma coisa que tu estejas lutando no momento?

A: Ah hoje eu tô lutando com os LGBT né? Isso aí me deu uma coisa ... nossa fiquei muito mal mesmo, porque meu deus cara, pessoa pega e demora não sei lá quanto anos pra aquilo ali não virar mais doença, e chega um advogado, um juiz e me assina ali falando tudo bem, mas quem quer ser salvo... tudo bem vamos assinar, e aí beleza, voltamos a cura gay. Ah não, mas não é cura gay de novo. Como não se é reorientação sexual, o que é reorientação sexual, não é cura gay? É a mesma coisa, só que é um nome, tipo, como é que é mesmo, uma forma popular de falar aquilo ali,

S: Não isso é também um pouco de reflexo da nossa sociedade conservadora, acredito eu né, porque até, eu tava lendo esses tempos um texto do Eduardo Galeano e ele dizendo que até 98 (1998), pra Organização Mundial da Saúde, a homossexualidade era uma doença psicológica. 98 !

A: Sim e eles fizeram ...

S: Então tu entendes que muita gente, com certeza acha isso, e coisas piores ainda né?

A: Sim e o que acontece, é incrível, se tu vê, eu li a ata ali, cara fizeram teste, tudo que é teste, pegaram todos os testes que fizeram com os homossexuais, homo afetivos no caso,

pegaram os testes, e descobriram que não, que não tem como curar, ou seja aquilo ali não, é a mesma coisa de eu ir no dermatologista e, “oi!”, “pois não?”, “eu queria ficar branca, eu acho que a minha melanina tá muito ...”, “ ah não mais é dna”, “não mas eu quero ficar branca! Eu quero ficar branca cara, mas é que eu não sei tão me chamando de macaca, assim e eu quero ficar branca”, então não é uma coisa assim, das pessoas, mas da sociedade que empoeira e que é errado, que é um transtorno, que é só uma fase, aquela coisa daquela frase “é só uma fase. Aquilo ali impacta uma pessoa, e ela pensa, puta, eu tô errado! O meu desejo tá errado, e aí ...

S: Meio que se volta contra ti né?

A: Com certeza!

S: Como estávamos falando antes, não precisa até porque está nesse lance do processo, tu tá lutando na universidade para garantir o teu ... tu podes falar um pouco sobre isso?

A: Posso! Eu fui ...

S: Porque também entra nessa parte da resistência, tua...

A: Com certeza, é que eu não sei como tá meu processo, mas enfim, eu entrei na universidade em fevereiro, pelas leis de cotas, de afrodescendentes e de indígenas e pardos no caso. Eu fui entrevistada pela comissão, da FURG, e eles interpretaram, que eu, primeiramente, que no edital deles dizia que quem se autodeclarasse preto, não tinha necessidade de levar a certidão do país nem a de si próprio comprovando que tinha a cor. Eu me auto declarei preta e não parda, cheguei na entrevista e me perguntaram se eu me autodeclarava parda, e disse que eu me autodeclarei preta e não parda. E as pessoas, tudo bem, então e me indeferiram. Fiz o meu recurso, levei para o protocolo da FURG, no dia certo assinado ali pelo pessoal do protocolo, e mesmo assim continuei sendo indeferida, aí passou a segunda semana da FURG e eu já tava com a minha matrícula trancada, tive que aí ser assistida pela defensoria, contei todo esse meu caso, peguei tudo que tinha de documentos, e tudo mais, ainda mais, além disso, o meu processo na FURG estava em andamento, e ele ficou durante 1 mês e meio em andamento, e a gente foi atrás, eu e meu irmão, fomos atrás do Marco, que é o responsável pela, por essa questão do processo da FURG, da comissão, e aí nós falamos, não realmente, ela não cumpriu os recursos, ela não cumpriu o requisitos, que são 3 requisitos, e ele falou que que é por, a pessoa podia ter entrado em algum concurso como pardo ou negro, que no caso eu não tinha entrado em nenhum concurso, ou então pela própria etnia né? Na minha genética, só ver a minha cor, passou. Ou então pela questão hereditária, que é por causa do pai e da mãe, ou do filho, só que eu tinha mostrado a

certidão dos meus pais, no meu recurso, ele viu no momento, e a gente viu, e não realmente, eu mostrei a minha certidão, tá aqui o meu pai, mostra aqui que ele é misto e tal, e aí o Marco falou, não tá bom a gente vai esperar resposta da comissão se ela vai continuar te indeferindo ou não ...

S: Só isso?

A: E aí eu te ligo para te informar. E ele não me informou, não me ligou, tô aqui esperando, tô aqui no celularzinho assim esperando ele, com dor de cotovelo de tanto esperar...

S: É assim é a resistência da tua parte, segues lutando por um direito que é teu.

A: Muito porque foi uma omissão da FURG, e essa parte assim do meu recurso, eu não sei se eles não leram, eu nunca vou saber, porque o próprio, tu pode até abrir pra ler lá no... na FURG, no SISU FURG, a própria comissão, ela nunca falou em nenhum momento, de todos os participantes, porque do indeferimento, eles não falaram nem na entrevista, nem tampouco do recurso, então eu nunca vou saber o porquê que eu fui indeferida, na entrevista, nem tampouco ... e isso é o princípio da publicidade, que tá isso na constituição, que é o tal do limp né ? E aí eles feriram isso. E aí o que acontece? No processo da decisão do juiz, eles alegam que fizeram uma nova entrevista comigo, e mesmo assim eu não cumpro os requisitos, isso, não aconteceu. Eles mentiram! E o que acontece. Juiz, tudo bem aconteceu isso, assinou, deu. E a defensora continuou ... a não, não quero mais continuar nisso, eu aceito, eu achei interessante até. E eu não, eu vou recorrer. E até hoje eu não sei o que tá acontecendo né, não sei nem seu eu perdi o processo, se eu perdi o tempo do processo se eu vou ser assistida por outras pessoas, eu não sei, não sei mais o que está acontecendo mesmo, não sei se foi causa perdida, causa ganha ... até agora sem resposta.

S: Pergunta 12.

A: Acho que sim, acho que o Paidéia me ensinou a resistir porque nossa, passou muito. Passou quanto tempo? Só 7 meses essa questão do processo. 7 meses resistindo, eu nunca imaginei que ia ser tão devagar isso...

S: Tão burocrático, tão injusto...

A: Muito, eu queria fazer ... direito, e aí como eu vi a função do meu processo eu vi, nossa que sujeira! É muito, bá, meu deus ... burocrático, poderia ser uma coisa assim que rápida e fácil, foi difícil sem resposta, as vezes até incerteza, de qualquer coisa, nossa foi horrível. Foi não, tá sendo!

S: Pergunta 13 .

A: Sim, foi, eu me sentia muito bem quando ia debater, quando eu... porque eu entendi assim que eu já estava sendo ouvida pelas pessoas, e não só tava falando e qualquer pessoa, “ah tá então tanto faz “, não eu me sentia ouvida, me sentia bem.

S: Pergunta 14 .

A: Ah contribuiu para a minha sociabilidade eu acho. Porque eu era uma pessoa mais tímida assim, sei lá, mais quietinha e ali comecei a ver assim, não realmente é importante assim conversar, importante debater, é importante ouvir todos os lados...

S: Se abrir para esses pontos de vista que as vezes são muito conservadores, reacionários...

A: Sim, com certeza, ou então saber o porquê que fulano pensa assim, o porque as vezes é importante, porque ele traz aquela essência as vezes da pessoa sabe? Porque tipo, eu vou entender alguém, tipo uma pessoa religiosa, porque ela se posiciona de uma forma e ela se posiciona diferente, porque eu sei que ela é religiosa e eu sei porque ela segue aquele dogma dela.

S: Pergunta 15.

A: Ah eu acho que ele pode se rum pouco mais, ele pode trazer mais debates, acho que a gente aprende mais ouvindo os outros, vendo a realidade dos outros, uma perspectiva diferente sabe, ter uma perspectiva diferente e começar a te dar uma ampla visão, do mundo. Aí tu vê assim pô realmente, preciso saber disso, preciso saber que isso aconteceu com o fulano, isso pode acontecer comigo, não sei, e isso daí é interessante, e eu vejo isso mesmo que o Paidéia ele é bem nesse sentido, mas poderia ser mais eu acho, porque as vezes assim, realmente, eu acho que as vezes tu aprende mais num debate, do que necessariamente numa aula, sobre ...

S: Expositiva assim...

A: Sim , com certeza, eu acho que é isso mesmo, eu acho que tu vai dar uma aula, hã, acho que é uma questão também assim, de tu dar uma aula de uma matéria e perguntar para o aluno o que ele pensa sobre aquilo, porque eu acho assim , eu acho que os professores são muito mecânicos naquela coisa de só dar a informação e nunca pergunta o porquê fulano não entende, porque que ele não entende aquela informação , é só aquilo ali, o fulano escreve aquilo lá que o professor falou, e o professor ah tá bom , toma aqui um 10 , tá certo !

Aí o aluno escreve uma coisa que entendeu diferente e o professor fica, ah, mas está errado

...

S: Como se aquilo fosse uma coisa desconexa daquilo que a gente vive né?

A: Sim e a gente aprende só a responder, a gente não aprende a perguntar. A gente aprende só a responder, e as vezes tem repostas certas ...

S: E a pergunta é a coisa mais importante né, a pergunta é o mais inteligente. Dizem, tem uma ... um ditado que diz que inteligente na verdade é a pergunta né?

A: Com certeza, porque a pergunta ela abre o que? Ela abre aquele, a questão do querer do conhecer, do querer do conhecimento, porque quando tu vê um aluno que só responde, só responde, ele não parece ser uma pessoa interessada, ela sabe só formação. Ela sabe criar uma pergunta sobre aquela informação? Não por que? Porque ela sabe, ela aprendeu só a saber a resposta. Mas nunca se perguntar. Nunca questionar. Então acho isso interessante também.

Categorias	Sujeito: Anne
Cidade	1.Cidade não somente como uma localização, um ponto: cidade são pessoas. 2.Diferenças de identidade mesmo dentro do próprio bairro: perspectivas de vida difusas.
Juventudes	1.Juventude é pessoas novas com ideia novas e diferentes: mas a juventude atual por vezes está trazendo ideias de pessoas de 60, 80 anos. 2.Falta de vivência. 3.Muita informação fácil, informação pronta. 4.Negar a capacidade criativa; negação de outros estilos de vida;
Educação Popular	1.Pensava que era um “curso normal” – os debates foram um diferencial: discussões sobre a maioridade penal e feminimos. 2.Paidéia poderia ser chamado de Inovação: “dar voz para as pessoas”, “fazer pensar”. 3.Contextualização: informação de mundos diferentes. 4.Pedagogia da resistência: “Paidéia ensinou a resistir!”. 5. Sentir-se ouvida: falar e ser ouvida por pessoas que concordam e também discordam.

	6.Aprofundamento da proposta: mais debates, atividades impulsionadoras de perguntas e questionamentos... e sair do mecanicismo.
Emancipação	<p>1.Protagonismo: através das informações e das experiências construídas no Paidéia ajudou a si e ajudou os outros.</p> <p>2.Faz parte de uma minoria que luta contra esse pensamento retrógrado.</p> <p>3.Preocupação com a relidade: falta de compromisso social por parte da sociedade. “A gente segue votando errado”, “escolhendo errado”.</p> <p>4.Resistência à uma sociedade que impõem homofobia: a favor da luta dos LGBT’s.</p> <p>5.Luta por direito à universidade: resistir quando te negam um direito assegurado (racismo?).</p>
Humanização	<p>1.Debates em aula contribuíram para a capacidade de argumentação: falar com informação x falar sem informação.</p> <p>2.Contato com pontos de vista diferentes.</p> <p>3.Colocou em prática seus estudos com conteúdo para concursos. No caso aqui, temáticas acerca da constituição.</p> <p>4.Constatação de que muitas pessoas querem resistir, mas possuem medo da agressão.</p> <p>5.Contribuição(Processo de...) para sociabilidade: romper com a timidez.</p>

11.2. Nunca volte para a sua quebrada de mão e mente vazia.

Além de ser um sujeito importante desta pesquisa, por trazer e elencar elementos importantíssimos que me deram certas chaves de entendimento sobre as questões aqui investigada, o Rafa se tornou uma pessoa importante no Paidéia, principalmente porque sempre um jovem que trazia muita inquietações, questionamentos e perguntas. Ele falava em aula, mas preferia perguntar e questionar ainda mais quando acabavam as aulas, até mesmo por ser um pouco tímido. Nas suas perguntas, muito

aprendi, e também aprendi muito com a sua vida, com a sua forma de encarar a vida e o mundo, e por mais que fosse uma pessoa, um homem negro, jovem, morador de periferia, em nenhum momento se nivelava por baixo, mas pelo contrário, sempre foi e se mostrou cheio de sonhos, objetivos e metas.

Lembro de uma vez, que ao chegar no H.U. para as atividades do Paidéia, o Rafa me abordou e pediu se poderia passar um vídeo na aula de história que ele tinha achado extremamente importante, de um professor que falava em uma palestra sobre questões de felicidades, principalmente baseando-se em exemplos de profissões ou como podemos ser felizes optando por aquilo que gostamos realizar ou desenvolver, renunciando algo que seja mais promissor ou com grande retorno financeiro (não vou mencionar o nome do palestrante). Disse ao Rafa que não me agradava muito a forma como tal palestrante/professor abordava certas questões em suas comunicações, mas que se ele acreditava que era válido, teria todo apoio e espaço para desenvolver a atividade na aula de história. Feito isso, acertamos o material do multimídia para passarmos o tal vídeo. Bem, mesmo com toda a minha contrariedade com o palestrante o Rafa acertou, o vídeo trouxe elementos muito importantes para se pensar sobre a felicidade, sobre as profissões e sobre o futuro, e que se articularam com alguns sentimentos e pensamentos dos colegas que estavam em aula. Rafa conduziu com muita sensibilidade e responsabilidade o momento final, o momento da discussão.

Dentro do Paidéia, muitas pessoas se tornaram significantes para mim, principalmente por ser um espaço de formação para mim, e dentre as educadoras/educadores, e educandas/educandos, o Rafa foi uma das pessoas, dos jovens, que mais aprendi.

A luta pela emancipação se dá no coletivo, não tem jeito. E por isso, precisamos estar sensíveis a quem está ao nosso lado, pois a partir desses

sujeitos é que conseguiremos construir a transformação, de modo processual, e espalhando o “vírus” da humanização, conscientizando-nos que somos gente, e que não sendo coisas, podemos ir além de nossas dificuldades. Um grande destaque, uma “imagem potente” de nossa identificação, foi uma “troca de ideia “ que eu e o Rafa tivemos pelo WhatsApp em 2016, aonde o mesmo sujeito traz elementos de suas vivências, do seu bairro e de sua força para seguir em frente. Trago parte da conversa aqui:

(...) meu bairro vejo muita gente com potencial de ser muito bom para a sociedade se perdendo pro crime. E é foda. Tu comete 1000 acertos a sociedade não te elogia nem estimula. Agora comete um erro (...). Mas comemora os que tu ta salvando. Quando te vi chegar na aula cheio de tattoo e rasta, pensei, pô, se todos os professores fossem assim aposto que ia ter mais galera indo a escola. Vendo professores que parecem viver no mesmo mundo deles sabe? (...) E pode crer que a mim tu já ajudou muito e é uma inspiração irmão! (...). Exatamente irmão, tenho exemplos todos os dias. Em 2015 perdi 21 amigos. Não foram 10 sabe. Final de 2014 começou uma lista aqui no bairro. Eu vi meus amigos tudo morrendo. E é isso que me motiva a ser alguém na vida e ajudar a salvar quantos eu conseguir salvar. O dinheiro está nas mãos erradas, tinha que estar nas mãos de quem vai fazer alguma coisa pela sociedade além de ficar olhando o circo dos horrores como se fosse um espetáculo a parte. Me indigna isso e vou batalhar para mudar um pouco que seja. Bob Marley quando foi baleado num show gratuito, e fez o show mesmo assim, perguntaram porque ele não ia pro hospital. Ele disse, porque o mal não tira folga, e eu é que não vou me dar esse direito (...)

A educação não tem poder de salvar ninguém, mas acredito que ela tenha o compromisso com a transformação, e através disso, entendo também que é extremamente válido construirmos “pontes” e conexões com mulheres e homens que desafiam-se a si próprios e desafiam o mundo em que estão. O Rafa é um exemplo de luta, de quem não desistiu, de um

jovem que não “jogou a toalha”, e mesmo que por mais que haja imensas dificuldades, é necessário no mínimo tentar ir além.

Entrevista/diálogo com Rafa.

S: Mano me diz primeiro o teu nome completo, tua idade, o que fazes e que bairro tu moras?

R: Rafael Borges da Costa, 23 anos, eu sou da Marinha Mercante, mas não estou atuante no momento e moro no bairro Getúlio Vargas.

S: Faça a **Pergunta 1**.

R: Cara eu cheguei por meio de um amigo que fez o Paidéia, o Gabriel, ele fez em 2014 ou 2015, e ele me orientou a fazer. E aí eu disse bá cara, parece legal. Aí ele disse bá cara não é um curso voltado só para preparatório, é uma educação popular e tal e aí eu gostei da ideia e tal, porque, eu conclui meu ensino médio e tipo, durante meu ensino médio, eu não estudava tá ligado? Não sentia que eu estava estudando. Quando eu terminei o ensino médio eu comecei eu aprendi a estudar a em casa, a ler o que me interessava, a ver o que realmente ...concluir os estudos no caso, aí quando eu fui pro Paidéia eu voltei a estudar a ver tudo isso de novo. Foi muito bom tá ligado?

S: Então já tinhas uma ideia de leituras e coisas que tu queria pra ti?

R: Sim, sim, eu tava visando fazer o Enem, então esse meu amigo aí falou, bá cara se tu quer voltar a estudar e lembrar o que tu estudava na época da escola, e talvez aprende mais alguma coisa, faz o Paidéia. Eu fui lá me inscrevi e fui selecionado. Aí quando eu entrei no curso, a primeira vista eu achei assim, um local bem jovial tá ligado? Tipo eu fiz a conclusão do ensino médio no eja, eu eu vi que a preparação do professor particular é bem diferente do professor de escola pública, tá ligado? E ...

S: Quais as diferenças são essas, assim, que tu nota?

R: Cara diferença na didática tá ligado? Tu nota o modo que eles passam o aprendizado pra ti é bem mais divertido, é bem mais interessante ...cativa mais sabe? Eu acho que a questão é que o ...cara o professor de escola pública, não sei se por causa da baixa remuneração, eu acho que ele não tem tanta vontade de dar aula, ele não tem tantos métodos didáticos diferentes, sabe? E o professor da escola particular ele tem mais isso, talvez por receber um salário mais alto e ele meio que se obriga a se dedicar mais aquilo. E quando

eu entrei no Paidéia eu vi isso, que. Os professores eram parecido com os professores das aulas particular, da escola particular no caso. Porque eles tinham essa desenvoltura, eles tinham aquela relação jovial, tipo ...os professores da escola pública, eram muito antiquados, eles pegavam material antigo para passar pra nós, coisas que já tinham passado da época e eles não tinham pego material novo. E aí quando eu cheguei lá no Paidéia eles explicaram coisas, antigas, coisas novas, tudo englobado e relacionado com aquilo que a gente estava vivendo, e isso pra mim foi importante, entendeu?

S: Faça a **Pergunta 2.**

R: Cara quando eu cheguei no Paidéia ... eu tinha acabado de passar por um momento bem problemático da minha vida, que foi uma fase tipo, não paradas erradas, porque pra mim, é um aprendizado, mas estava bem envolvido com a noite da cidade. E a minha vida se resumia a..eu chegava em casa por volta de umas 5, 6 horas da tarde, aí tomava um café ou jantava, algo assim, aí saía pra rua, dava rolê na praça Xavier a noite, centro da cidade em si, Buarque de Macedo....essas ruas ali. Era até conhecido do pessoal da noite sabe? E aí...essa era a minha realidade que eu tava vivendo atrás, um pouco antes de eu entrar no Paidéia. Quando eu soube do Paidéia, um pouco antes eu tinha me acalmado um pouco antes sabe? Tinha parado um pouco com noite. Mas minha cidade sempre resumia ao centro...

S: Mais o centro e a noite em si?

R: Isso, e...tanto que eu conheço os caras das vendinhas, dos barzinhos...tinha conta na abrigolândia, tá ligado? Era Coisa que poucas pessoas que tem porque era muito convívio tá ligado? Então esse era basicamente a cidade para mim...o centro ali, o bairro cedro e mais os bairros próximos do centro.

S: Tu já meio que respondeu isso assim, mas vou dar uma aprofundada ... faça a **Pergunta 3.**

R: Cara ... cara a cidade pra mim é como se fosse uma escola. Ela te ensina muitas coisas. Ela te ensina aonde tu deve ir, como tu deve ir e como tu deve te comportar em determinados lugares, tá ligado? Tipo assim se eu for, muitas vezes eu já fui em âmbitos, que as pessoas que socializavam naquele local, eram pessoas mais, como é que eu posso dizer, eram pessoas mais ...pessoas que não convíviam no meu meio noturno ali, sabe...

S: Pessoas que eram de outros espaços e que esses encontravam contigo no caso?

R: Sim, exatamente , tipo assim ó, vamos supor que eu fosse lidar com uma pessoas mais velha, eu , eles olhavam a minha vestimenta e esse tipo de coisa tá ligado, e eles meio que pré-julgavam as pessoas pelas vestimentas e até pelo jeito de falar e tal, pela desenvoltura, e acho que por isso minha mãe sempre visou, sempre disse pra mãe que independente da roupa que eu vestisse , sempre ter uma educação boa , ter que saber conversar com pessoas de determinados públicos e , eu sempre distingui bem isso sabe ? Vários tipos de público eu sei ...porque no bairro tu não poder ser...tu não pode ser muito educado no bairro. Tipo tu tem que cumprimentar todo mundo, se dar com todo mundo, sociabilizar com todo mundo sabe? Mas eu acho que ...se tu for muito educadinho, for isso e aquilo, tu vira...não chacota, como é que eu posso explicar?

S: Sim as vezes tu precisa abaixar a cabeça e as vezes levantar a cabeça...

R: exatamente tá ligado , não dá de tipo ... não é porque o cara é mais velhominha mãe sempe me ensinou a respeitar o mais velho, mas não é porque o cara era mais velho que eu tinha que deixar ...no bairro no caso, eu tinha que ter essa visão. E fora do bairro eu tinha que ter uma visão totalmente diferente tá ligado? Então tipo... cara cidade me educou muito tá ligado? Me mostrou como eu devo me comportar em determinado locais e a cidade é isso, eu acho que a cidade é um grande centro educacional. Tá ligado?

S: Mas tu acha que ...essa é uma relação que tu faz da cidade coma rua no caso. a cidade pra ti é a rua ?

R: A cidade pra mim é mais a rua do que os ambientes né? ...tipo os ambientes qualquer cidade que tu vá os ambientes são bem parecidos tá ligado? O que constitui ele no caso é, são os pontos...não os pontos turísticos, porque não é turístico na verdade, não é dado como pontos turísticos, mas para os moradores da cidade são pontos turístico, tipo aqui a Praça Saraiva, a Praça Xavier, são tipo, pontos de encontro, o Cruz tá ligado, que que há anos é bem conhecido, bem badalado da cidade,

S: É um ponto neutro assim ...

R: É, exatamente é onde se encontra várias tribos, acho que é isso que te ensina, tá ligado?

S: E tu acha que pra ti que, quando tu falou da relação do teu bairro e do centro ...tu acha que um pouco teu bairro também é tua cidade?

R: Cara, eu vou começar sem saber como eu vou terminar essa história, tá ligado? Porque assim eu, eu estudava no Juvenal tá ligado, uma escola de centro, e na época tinha poucos negros tá ligado, os negros eram no máximo 5 e 2 eram meus irmãos, tá ligado?

S: Que ano mais ou menos Rafa?

R: 2007 por aí, eu estudei no Juvenal basicamente todo o ensino fundamental lá, aí na oitava série eu passei para o Augusto Duprat. Porque eu não me adaptava muito no Juvenal, por várias questões, principalmente por essa questão étnica sabe? De ter essa educação mais, pessoas de outros meios, de pessoas brancas resumindo, como maioria, eu me enxergava como uma minoria num espaço que era predominantemente branco, onde eu olhava sempre brancos e todas as referências eram de brancas. Principais pintores eram brancos, principais poetas eram brancos, os professores eram brancos, quem era negro na escola geralmente eram os faxineiros e esse tipo de coisa tá ligado? Então eu sempre fui um cara problemático com essa questão tá ligado? Então minha mãe me dizia cara tu não tá bem inserido lá e eu vou te trocar de escola. Aí eu pesei para a escola, do bairro, eu fui o único dos meus irmãos que estudou em escola do bairro. Os dois se formaram no Juvenal e ficaram lá até concluir o ensino médio.

S: O Augusto Duprat é aquele na entrada né?

R: Na entrada do bairro. Cara quando eu cheguei lá, no primeiro dia.... pra começar era totalmente diferente porque o Juvenal, eu sentava atrás por causa da conversa, quando eu cheguei no Augusto, no primeiro dia de aula eu sentei atrás, aí eu cheguei e tipo, sentou vários assim ao meu redor, e um garoto, no primeiro dia de aula ele chegou pra mim e disse assim: cara esse aí é meu lugar! Aí rapidamente eu pensei: pô como é o lugar dele se é o primeiro dia de aula? Não porque é eu que sento no fundo. Tá aí eu fui lá pra frente tá ligado? E aí eu vi que o pessoal do bairro eles tinham muito isso de dominância, que aquele espaço ali é deles e que ninguém vai se intrometer. E no centro não tinha isso...

S: Uma relação de pertencimento assim...

R: Isso eles sentiam que aquele lugar era deles, e que aquilo ali é um ambiente que só eles devem frequentar. E eles tinham um pouco disso na época. E na escola do centro, embora eu estivesse num ambiente branco, eu nunca senti isso, deles me dizerem que aquele ambiente...até me diziam em gestos...que as vezes, que hoje eu consigo reconhecer hoje em dia, mas na época não. Não com palavras diretas assim...

S: De outras formas...de um outro jeito ...

R: Isso, de um jeito mais disfarçado, no caso. E no bairro eu via que as pessoas eram bem diretas, tá ligado?

S: Na cara mesmo?

R: O cara chegou e disse que aquele lugar era dele e isso e aquilo. E eu abaixei a cabeça e fui pra frente e me sentei e tal. E aí eu comecei a fazer amizade e me enturmar com os guris sabe? E eu via que os guris me percebiam que eu era diferente dele sabe? Por eu ter uma educação diferente...no Juvenal o que eu fazia, eu dançava pelo Juvenal tipo, tinha relação com a música. Tipo a música do bairro eu consegui entender sabe?

S: Sim, sim...

R: Mas a relação tipo vestimenta...tipo a minha mãe me botava blusãozinho e a camiseta de gola pro baixo dobrada por cima do blusão tá ligado? E aí num bairro onde os caras eram tudo largão e tipo eu me arrumava assim tá ligado? Então eles perceberam isso, mas só que tipo, como na escola do centro, eu me sentia um pouco excluído, mesmo que eu me arrumasse igual a eles do centro eu me sentia excluído, porque era sempre assim, hã, até em relação de quando o pessoal começou a ficar namorar era complicado porque as gurias queriam os carinhos que elas viram nas historinhas de princesa a vida inteira, o príncipe de olho azul o loirinho, e esse tipo de coisa, e eu não me encaixava em nada disso tá ligado, era totalmente o contrário, e algum dos meus amigos tinham uma ou outra característica ...

S: Se encaixava naquilo ali.

R: Isso, e eu não tinha ...namoradinho esse tipo de coisa, e eles já tinham, e quando eu cheguei no bairro eu fui bem mais aceito por isso, porque eu parecia com o pessoal do local entendeu? Eu me sentia enturmado ali, e aí rapidamente eles começaram a me ensinar como era o bairro, a me levar para dentro do bairro, pra conhecer, pra fazer trabalho nas casas do colegas e tal, e cara pra mim, eram dois mundos totalmente diferentes, eu tinha que ser duas pessoas, tinham que ter duas personalidades em uma pessoa só. Quando eu ia pro centro tinha que ser uma pessoa mais calma assim e tal, e no bairro eles me atentavam para ser mais ...cara acho que a palavra que descreve é ...

S: Mais contundente, mais agressivo?

R: Isso, agressivo, contundente, mais direto sempre, não ficar de rodeio, porque para eles, rodeio, é uma pessoa indecisa, e no bairro, lidando com aquele público tu não pode ser muito indeciso tá ligado? E aí, tipo rapidamente eu me transformei em outra pessoa, tipo, eu consegui perceber isso, que as duas pessoas, uma que estudava no Juvenal e a que estudava no bairro era outra, e eu comecei a gostar daquela pessoa que eu era no bairro, porque querendo ou não eu tinha mais pessoas na minha volta tá ligado? As pessoas me aceitavam mais e eu me sentia “mais eu”, não me sentia tanto agradecer os outros. E aí, e aí tipo assim

cara, eu acho quando eu comecei a a analisar o pessoal do bairro, eu comecei a ver que eles eram muito a vivência ali, muito ali, e tipo era, “ ah vamos pro centro? “, eles não queriam ir pro centro, o centro pra eles era lugar de bagunça. Ah vamos pro centro pra bagunçar, pra.... Sei lá, bagunça em geral. E aí eu vi que era muito isso, que o bairro era a cidade, principalmente quando tu é novo assim, e é bem isso, tá ligado, depois de um tempo a gente começou a sair do bairro, pra tipo ir a escola, ou outras coisas, aí a gente começou a ver que o mundo não era o bairro Getúlio Vargas...

S: Tinha outros espaços, outros lugares ...

R: Exatamente. E mesmo quando tinham outros espaços, a gente saía sempre em grupo, tá ligado, e acho que é pra gente querer levar um pouco do bairro com agente, porque tipo, eu ia pras baladas para os lugar mais público e os guris gritavam “uh é BGV! ”, porque é aquela necessidade de tu levar o bairro...

R: De marcar espaço...

S: Isso, é exatamente, demarcação de espaço. E aí eu acho que é isso cara, que muito de mim ainda acha que o bairro é minha casa ta ligado, que meu bairro é aonde, é o meu lugar aonde eu me sinto melhor. Mas eu aprendi a me adaptar a outros lugares porque, eu acho que a vida é muito longa e ao mesmo tempo curta, tá ligado, e tu tem que aprender muitas coisas e dentro do teu bairro, chega uma hora que é um limite, tu já aprendeu tudo que tinha para aprender naquele ambiente , aí tu tem que ir para o externo tanto levar o teu conhecimento quanto trazer de outros ...tem uma frase do Emicida que eu gosto pra caramba que diz assim ó “**nunca volte para sua quebrada de mão e mente vazia** “, tá ligado ? E é exatamente isso, a gente tem que levar conhecimento e trazer conhecimento...

S: É Crescer, evoluir e manter as raízes fortes.

R: Exatamente tá ligado? É bem essa a questão.

S: Faça a Pergunta 4 .

R: Cara as discussões mais importantes para mim era...tinha a ver com as políticas tá ligado? Tanto as políticas públicas quanto em relação a sociedade, era um ambiente que cara que tipo, a maioria dos meus amigos quando eu ia debater com eles ideias, era assim, eles ouviam o que tinha a dizer, concordavam ou não concordavam e era basicamente isso, tá ligado? Quando eu entrei para o PAIETS, eu vi várias pessoas com visões parecidas com as minhas e visões diferentes. E eles não estavam interessados em abraçar a minha ideia e simplesmente isso, ta ligado? Eles acolhiam o que achavam interessantes o que eles

achavam que eu estava errado eles debatiam, e isso me fez muito gostar daquele ambiente tá ligado? De procurar ir a aula e tal, se esforçar mesmo chovendo, dava um jeito de ir, porque tinha uma aula importante ou porque tinha um professor que gostava de debate, tinha um professor que eu gostava de debater tá ligado? E acho que essa questão ié muito importante para o jovem tá ligado? Porque o jovem tem que aprender que não existe opinião certa tá ligado, sempre tem que duvidar e sempre tem que dar um jeito de formular a tua própria opinião tá ligado.

S: Tua acha que os jovens tem um ponto de vista e não aceito socialmente?

R: É, é que o ponto de vista do jovem é dado como anarquista hoje em dia né cara? E isso é um grande problema da sociedade. Eles acham que toda a visão correta que tem é quem tem mais vivência tá ligado? Só que muitas vezes quem tem vivência, tem tipo um cara tem vivência, um belo exemplo é um curso... tu aprende muito num curso, tem a parte teórica e a parte da literatura tá ligado?

S: Parte prática?

R: É a parte teórica e parte prática aliás, e tipo, cara, os velhos tem muita teoria, só que os jovens hoje em dia a gente vive tá ligado, a gente vive pra caramba tá ligado? a gente começa cedo a viver a prática tá ligado. A gente sabe, tipo, quantos anos os velhos levaram para mostrar pra nós que não é o melhor jeito de debater com agressão tá ligado? Não é porque tu tem uma ideia de mim que eu vou te agredir, cara eu vi isso, com 12 anis eu já vi isso, eu aprendi que o melhor modo não é a agressão tá ligado? Que o cara tinha uma opinião e outro tinha uma opinião adversa e vamos brigar e aí tu vê, a gente vê aquilo ali aprende muito rápido tá ligado? E eu acho que o jovem, acho que cada geração acho que tá mais evoluída assim, tão aprendendo mais rápido e com mais facilidade.

S: Faça a Pergunta 5.

R: Cara não é nem questão que contribuiu para a minha visão política, mas é que eu acho que é um lugar onde eu tive espaço para mostrar a minha visão entendeu? Eles me deram espaço para mostrar minha visão e estavam abertos a ter a visão do jovem e trocar ideias tá ligado? Não sei se, se o intuito era isso do curso, mas tipo, cara acho que foi um dos primeiros lugares que eu pude falar tá ligado? Eu sempre tive na escola e na escola sempre se fala que o que o professor fala é o certo tá ligado? O aluno tem que baixar a orelha escutar e ... levar aquilo ali como certo pra vida tá ligado? E lá no Paidéia não, eles estavam abertos a ouvir nossas dúvidas, a ouvir nossos questionamentos, a ouvir a nossa

argumentação, e acho que essa visão me ajudou a formar tá ligado? Não que eu não tivesse essa visão, mas me ajudou a debater ...

S: Sim, tu já tinhas mais, aprofundou no caso, talvez...

R: Isso.

S: Faça a Pergunta 6 .

R: Cara me auxiliou bastante porque, embora fosse ...por mais que eu dissesse que ajudou bastante na questão crítica, parece que eram só debates tá ligado? Mas os professore trouxeram muito conteúdo pra aula também, e muita coisa que a gente não sabia de modo diferente também, me ajudou bastante em matérias que eu não aprendi muito na escola, um exemplo é história, porque cara, não é por ser jovem, mas as vezes pô, tu fazer uma criança aprender história é bem complicado, porque Se torna muito chato pra ela. E dependendo do professor também tá ligado? E quando o professor te faz sentir parte daquela história, tu vê que, tu aprende melhor, tu grava melhor, tu literalmente, tu tem mais capacidade de aprendizado.

S: Aproxima né?

R: ...quando tu te sente parte da história! E geralmente os locais são difíceis de tu te sentir parte quando tem uma aula de história ou outra matéria que seja. E eu acho que o Paidéia tem essa facilidade, acho que vocês criam esse vínculo com a gente ali, de agente fazer parte da aula entendeu? E cara contribui muito tá ligado? Eu tive uma boa desenvoltura no ENEM, ótimo até na verdade em comparação aos outros anos, a dificuldade que eu tive foi a redação, mas acho que foi um pouco de nervosismo na hora de fazer a redação tá ligado?

S: Porque tu tens facilidade pra escrever né? Pra te posicionar na verdade?

R: É, é que a questão é que o posicionamento do ENEM é muito criterioso, eles querem uma redação ...tu tens uma liberdade pra falar o que tu quiser no caso ...

S: Mas tem que ter coesão ...

R: Exatamente e muitas vezes para a gente que é jovem, uma frase diz muito sem dizer nada. E o cara que tá te avaliando lá ele não tá julgando isso, se a tua frase tem muitas ...tipo, as vezes o cara fala uma frase, e ela tem mil significados tá ligado? E o cara do ENEM não, ele tá usando o significado que ele tá lendo ali tá ligado. Isso é que um pouco difícil de de...tu argumentar e cima disso. Mas acho que o Paidéia contribui muito pra isso, pra toda essa construção ...e até para redação, me ajudou a formular, me ajudou como formular e

tal, só que na hora eu fiquei nervoso e acabei escrevendo como eu gosto de escrever, como eu me sinto a vontade,

S: Faça a **Pergunta 7** .

R: Cara assim as escola meio que sempre me trouxeram as coisas meio que na mão, tu pesquisava algumas coisas, mas eram poucas coisas, e depois de um certo tempo, a passagem pelo PAIETS e pelo Paidéia eu aprendi que o conhecimento no caso tu aprende, tu pode buscara ele tá ligado, não necessariamente somente aquilo que te é dado, e o Paiets permitia isso permitia, vamos supor, professor tava dando aula de história e tava dando aula de Revolução Francesa tá ligado? Se eu quisesse levar para ele algo sobre a escravidão, eu levava tá ligado, mesmo sendo uma aula totalmente diversa uma da outra, a gente conversava e muitas vezes o professor conseguia colocar as coisas no mesmo contexto ta ligado, universalizar o mesmo, os dois assunto ta ligado. E é isso cara que me trouxe essa visão de aprender a estudar sozinho também, de aprender a ir atrás do conteúdo ...

S: Faça a **Pergunta 8** .

R: Cara como pessoa acho que contribuiu muito porque eu tinha muito de julgar as pessoas ta ligado, querendo ou não tipo, agente que, não sei se todo negro, mas agente que sofre preconceito acaba criando um preconceito, tipo assim, tem um grupo ali diferente de mim e eu não vou me misturar porque vão me olhar diferente, e quando eu cheguei no PAIETS e vi assim uma diversidade gigantesca tá ligado? Várias pessoas de várias etnias, vários jeitos, tinha ...pessoas com vivências diferentes de mundo, orientações sexuais tá ligado? E até diferentes, tipo, religiões, ou diferentes tipos de formação familiar ...

S: Sim, cultural ...

R: Exatamente, e aquilo ali tipo, me acrescentou muito, porque quando eu cheguei lá, eu cheguei julgando, ta ligado? Eu cheguei julgando e achando que todo mundo ia me julgar. E aí...

S: Chegasse armado ...

R: Exatamente, tá ligado? Tipo, quando eu cheguei lá, uma das primeiras pessoas que eu fiz amizade foi contigo tá ligado? Que eu pedi a caneta emprestada e tal? E foi porque eu te achei mais perto da minha realidade tá ligado? Sendo bem sincero é exatamente isso, te achei mais perto da minha realidade, mais perto do público alvo que eu convivo ali , com a minha comunidade e tal, e basicamente isso tá ligado , à primeira vista até achei que tu fosse aluno tá ligado, alguma coisa do tipo ? Porque Garotão, tatuado, esse tipo de coisa e

eu pensei “Pô cara, massa ver que tem um professor assim “, tá ligado? E acho que isso cara, me desconstruiu muito esse preconceito ta ligado, hoje em dia eu vou no dentista em qualquer lugar ambiente que eu vá, tem pessoas diferentes, de idades diferentes, com finalidade diferente e eu sei que eu posso conversar com eles de boa tá ligado? Que eu posso conversar... Eles vivem no mesmo planeta que eu, eles conseguem ter... ele tem as mesmas visões políticas que eu vejo, as notícias que eu vejo são as mesmas deles, então acho que não é tão diferente... agente é diferente, a gente é diferente, mas a gente tem muita proximidade tá ligado? E acho que foi isso que o Paiets me acrescentou muito, a essa visão de igualdade.

S: Pergunta 9 .

R: Pô cara eu acho que tem várias fases da juventude tá ligado? Eu acho que tem uma fase de quando a gente é mais novo que a gente tem muito o que escutar e pouco a falar. E eu acho que essa é a primeira fase da juventude, porque na verdade, eu acho que tipo, não existe um padrão de idade tá ligado, não é o cara, o cara tem 15 anos é jovem. Muitas vezes o cara tem 15 anos e o cara é adulto, o cara tem uma cabeça bem pra frente, já passou por muita coisa na vida, e tipo assim cara, eu acho que, a gente depois dessa fase que a gente escuta ta ligado, a gente passa a fase que questiona ta ligado, a gente começa a questionar os outros, agente ouviu tanto, porque que a gente não vai questionar tá ligado? E eu acho que depois vem a fase que tu está smais próximo de ser adulto tá ligado? A fase que tu tem a tua opinião formada sobre certos assuntos ta ligado, e tudo isso é um aprendizado, porque de um jeito ou de outro, tu sempre vai aprender algo com os outros, sempre vai tar ouvindo os outros, isso ai tu vai levar para a vida inteira ta ligado, tu vai tar com 60 anos e uma criança de 14 anos vai vir e vai te dar um aula tá ligado? Sobre um assunto que tu nunca pensou, em relação, ou tu pensou várias vezes mas nunca pensou sobre, daquele ponto de vista, e eu acho que a juventude é isso, eu acho que a juventude é eterna tá ligado. O maior sentido da vida é o aprendizado, tu tem que aprender pelo resto da vida, sempre vai ter coisa pra aprender, o mundo o gigantesco mano, tem sempre muita coisa para aprender, se não for aqui é lá, se não for com tal pessoa vai ser com outra tá ligado, eu acho que juventude é isso, é tu saber que está na fase do aprendizado, e eu acho que ´s isso que ser resume basicamente a juventude.

S: Massa ... Pergunta 10 .

R: Cara eu acho que isso é uma preocupação de todo mundo porque, né... querendo ou não, cara, vamos supor, um exemplo, o presidente que for eleito ano que vem não vai ter tanta

mudança na minha vida tá ligado, mas eu pretendo ter uma família, eu tenho sobrinhos, eu tenho isso, então agente a gente tem que ver que a gente tá plantando para uma nova geração, e quanto, tipo, a geração passada elas plantaram frutos ruins, querendo ou não, foram frutos ruins, e também não tinha tanta liberdade como tem hoje em dia, mas eram frutos ruins, as escolhas que eles tinham eram ruins e eles escolheram entre elas, e a gente tá sofrendo isso hoje, então acho que é sempre um ciclo, a gente tá sempre plantando para a próxima geração, e eu acho que, a política do Brasil, tá muito, produz muitos ruins ...

S: Esse sistema político?

R: É, é uma plantação muito ruim. E eu acho que a gente tem que aprender a selecionar melhor, tá ligado? Porque ...eu acho que o brasileiro tem um grande problema tá ligado? De copiar a opinião dos outros. Eu acho que o brasileiro tem uma grande dificuldade de formular uma opinião própria, tá ligado? E eu acho que assim cara, eu tenho uma opinião sobre determinado candidato, aí eu passo para um terceiro. E aquele terceiro não tinha uma opinião sobre aquele candidato, mas agora ele tem porque ele ouviu de mim, eu acho que o Brasil tem que aprender a pesquisa, pesquisar sobre o próprio candidato, a ver os pós e contras.

S: A ser crítico...

R: Todos eles tem um podre, tá ligado, é muito difícil que não tenha algo, alguma coisa que tu não vá gostar tá ligado? Só que tu tem que pesar na balança, eu gosto de tal e tal coisa nesse aqui, eu gosto não gosto disso aqui nele...

S: O programa político também né?

R: Também, tipo cara eu acho que o Brasil falta um pouco disso. Até mesmo nas escolas, eu acho eles eram pra pesar um pouco nessa parte de política tá ligado? Porque a gente tem que saber. E acho que uma questão muito grande é o pessoal mais velho...

S: E olha que loucura, algumas escolas estão sendo acusadas de ser políticas demais ! E na verdade a gente sabe que não...

R: Sim ...

S: Será que fossemos políticos demais, estaria do jeito que está.

R: É só a gente comparar com as escolas do exterior, a maioria são escolas bem politizadas, as crianças já tem uma opinião bem formada com 12, 13 anos... E aqui no Brasil não acontece isso né cara? Até vou ser contraditório agora, porque tipo que assim ó, eu acho que

um grande problema do Brasil é essa crença que os velhos sabem de tudo, tá ligado? E o pessoal mais velho tem experiência e sabe de tudo, é até na relação da políticas isso tá envolvido, tava conversando com um garoto lá que convive no meu meio lá na academia e ele tem 14 anos, e ele nem vota, nem tem direito de votar ainda e ele tem uma opinião formada sobre política, e eu converso com muitas pessoas de 30 ... 30 anos, 40 anos, 50 anos, e elas não tem opinião formada sobre política ta ligado? Elas vão votar no candidato que elas mais vão ouvir falar na época das eleições ou eles vão votar no candidato que eles concordam com uma coisa que o candidato prometeu que ia fazer, mas eles não viram as outras 30 que eles não concordam, que eles não sabem, porque não concordam, eles não foram atrás pesquisar, e também nem tão se importando com política né cara? Porque eu vejo muito, que o pessoal mais velho não tá se importando, ele não tão se ligando, não tão dando o devido valor...

S: Como se não tivesse os outros depois deles né?

R: Exatamente, exatamente, porque eles estão pensando nesse mesmo raciocínio que eu te falei. é eles estão pensando que o que eles plantar hoje não vai influenciar na vida deles, mas vai influenciar no filhos deles, nos netos deles, nos tataranetos, bisnetos e assim por diante entendeu? E eu acho que o grande problema não é nem é o político cara, é o eleitor. O eleitor não está sabendo se posicionar como eleitor, eles querem se posicionar como eleitor, copiando a ideia do outro, sem julgar, sem pesquisa, sobre o político que tá argumentado ali tá ligado, eu acho também que o político tem muitos erros né cara? Até na propaganda eleitoral, durante esses períodos de eleições, eles sujam toda a cidade, e é um bagulho totalmente desnecessário, tipo...

S: E antiético né cara? E a fusão do político com o sistema financeiro né cara?

R: Sim, tipo, é, porra cara, até, meu são diversos valores, é aquela. Porra...são milhares de santinhos espalhados pela cidade saca? E quantas arvores são queimadas para aquilo sabe? Se a gente for abordar questões ambientais são muitas tá ligado. Sujeira, entupimento de bueiro, cara...

S: Problema público... é uma catástrofe, do ponto de vista ecológico principalmente.

R: E cara a gente tá evoluindo tá ligado? O ser humano em si tá evoluindo, a gente tá criando novas tecnologias, eu acho que o político brasileiro tem uma dificuldade de abraçar a tecnologia tá ligado, muito grande. Porque se tu ver a propaganda política do Obama tá ligado, foi baseado totalmente na internet, ele não fez muita panfletagem, ele foi ali, ele foi o cara da internet tá ligado? Ele interagiu com rede social, com youtube, com facebook,

instagram, tudo que ele podia, e eu acho que o político brasileiro tem que fazer isso, ele não tem que tá, usar a mídia, usar a grande mídia pra entrar em contato como público dele. Ele tem que usar a mídia que o público usa, porque é a internet, que é o meio ali, a rede social, é o que a gente tá envolvido no momento.

S: Faça a Pergunta 11.

R: Cara eu não sei, eu tenho um grande problema que é de não fazer política que... não sei se isso é negativo ou positivo...

S: Sim porque existe a política partidária e existe várias forma de política né? E aí no caso existe de alguma forma da tua parte uma resistência? Da tua forma...daquilo que tu faz...

R: É tipo assim cara eu tenho os meus candidatos no caso, que eu acho que são mais, dentro do que eu acho lógico dentro de uma melhora do país, só que eu acho que eu sou muito de causas tá ligado? Cara, eu não suporta ver o povo... tipo o povo diz assim, vamos se unir e vamos pra rua pô. Legal vamos pra rua, vamos fazer, vamos mostrar para o Brasil que existe um povo, que o pessoal tá preocupado com o país, e isso e aquilo, só que aí tu vê no Rio de Janeiro, São Paulo nas grandes metrópoles o povo levou, barraquinha de caipira, barraquinha de cerveja, carro de som com axé tocando, cara não é uma festa tá ligado? A gente tá ali pra mostrar que a gente tá vivo e que a gente tá preocupado coma política...

S: E que a gente não aguenta mais.

R: Exatamente, tá ligado? Aí a mídia usa isso contra nós mesmos, tá ligado? E aí esse tipo de coisa eu tento fugir tá ligado? Mas eu sempre tento, se eu tiver envolvimento eu souber que a pessoas são... são corretas ta ligado, que vão para o negócio pra...

S: Pra tentar decidir mesmo...

R: Exatamente, eu vou junto tá ligado? Se eu tiver que ir junto, me fardar para ir junto, eu vou levar as minhas questões junto comigo tá ligado? O que eu acho certo e o que eu acho errado, só que é complicado cara, o nosso país, como os gringos tem visão que nosso país é o país do carnaval, a gente muitas vezes só quer festa tá ligado? Brasileiro tem muito essa visão. Eu acho que deu tá ligado?

S: O processo de alienação né muito forte?

R: Sim e acho que isso, que é essa questão, é isso que torra a visão, que a mídia, a mídia se aproveita disso pra dizer que o jovem não tem posicionamento político tá ligado? Só que a gente tem posicionamento político, cara...

S: Só que não esse né? Esse que tá colocado, outro?

R: É, e muitas vezes a mídia usa isso pra exaltar muito isso tá ligado? Tipo assim foi um grupo pequeno ali que tava fazendo festa, baderna, e é aquela imagem ali que eles acabam mostrando de 30 ângulos, pra mostrar que aquilo ali foi bem maior do que foi...

S: Isso é mídia né?

R: Manipulação de mídia na verdade.

S: Faça a **Pergunta 12**.

R: Cara bastante na realidade, porque, eu acho que, não sei se só Rio Grande, porque eu não conheço muito pra fora assim, mas eu acho que o pessoal daqui, ele é muito fechado, muito antissocial e pensa em si próprio tá ligado? Se eu tô bem eu não importo com os outros. Tipo assim ó, seu eu tô com um salário que eu possa sobreviver, consigo sustentar a minha família...

S: Ter as minhas coisas?

R: Exatamente, eu não tô me preocupando com a política do país, eu não tô me preocupando se os impostos estão subindo, se o meu salário tá subindo, esse tipo de coisa... e eu acho que o Paidéia me fez ver muito isso tá ligado? Me fez ver que eu não sou ninguém tá ligado? Se eu não tiver outras pessoas no meu cotidiano eu não sou ninguém, eu acho que o Paidéia me fez muito pensar nos outros tá ligado? Aprender a pensar nos outros. Ou aprender a pensar em mim só que num todo tá ligado? Porque u faço parte de uma comunidade, porque eu faço parte de uma cidade, faço parte de um país...

S: Tu és um indivíduo mas também és um coletivo?

R: Foi essa a principal visão que o PAIETS me passou tá ligado? Me ensinaram muito isso, e isso que é um aprendizado que eu vou levar para vida inteira tá ligado? Aprender a ser parte de algo maior tá ligado? acho que 'o mais importante que foi ensinado lá e assim, e assim seu eu faço parte de algo maior eu me preocupo com algo maior, eu aprendi a me preocupar com o próximo, não é porque eu to bem, que eu tenho uma carreira estável, que o cara lá que ta tendo dificuldade porque ele tem uma carreira que era estável, mas porque entrou em vigor alguma coisa que é política, ou entrou agora uma roubalheira tipo essas coisa da Petrobrás que faliram muito o polo naval, que tiveram muito envolvimento aqui, que eu não vou me preocupar. Não! Eu tenho que me preocupar, é a minha cidade tá ligado? Querendo ou não,

S: É nosso né meu? É nosso.

R: Tudo nosso...querendo ou não é isso aí, eu acho importante a gente se preocupar com isso, e foi isso que o Paidéia me ensinou tá ligado?

S: Pode crer! Essa aqui tu já respondeu, mas que quero que tu dê uma aprofundada assim...Faço a **Pergunta 13** do roteiro.

R: Cara eu vivi muito em meios que exigiam personalidades tá ligado? Tipo assim ó, eu tô determinado lugar, tipo o Cruz esses lugares de noite, por exemplo, esses lugares que eu habitava, eu tinha que ter uma personalidade ali tá ligado,

S: O cara não pode tá rateando né?

R: É exatamente, e até no dialeto, tu não podia usar palavras muito rebuscada tá ligado, uma vez eu tava na esquina com os guris de conversa assim e tal, e aí eu me desliguei do mundo assim né? E aí um parceria pegou e perguntou “o tás dormindo? ”, disse assim: bá mano tava em “devaneio aqui e não sei o que “. E aí aquilo foi motivo de sarro horas tá ligado? “ahh ele tá em devaneio, tá em devaneio “ os guris diziam... (Risos) E aquela postura, aquele âmbito, me exigia aquela personalidade diferente, aquela personalidade com mais gírias, mas juventu...mais juvenil tá ligado? E eu sempre fui um cara muito clássico tá ligado? Bá eu gosto de ler uns bagulhos meio clássico, gosto de escutar umas músicas clássicas, se as pessoas escutassem o que tem no meu celular elas iam se abobar tá ligado? Iam dizer uhh...o cara...escutando Bach. Eu gosto tá ligado? Pra mim é bom! Eu gosto de ver teatro, gosto dos bagulhos mais clássicos, tá ligado? E no bairro eu não tinha, essa personalidade eu acabava esquecendo tá ligado, bitolando ela? Tipo, no Juvenal (escola) eu dançava tá ligado? Sempre fui um cara bom em montar coreografia, sempre tive uma baita facilidade pra isso tá ligado? Só que a minha família sempre foi, criação católica tá ligado? E pra eles ali, dançar tudo bem, mas quando eu estava coreografando, me chamavam para coreografar um grupo de jazz, só meninas, e a professora me pedia ajuda “bá Rafael tu tem facilidade pra coreografia, ame ajuda a montar” e aí começava aquelas piadinhas da família, “ahh é homossexual”, hã, “coreógrafo é uma profissão de quem é gay”, e esse tipo de coisa tá ligado? E cara eu abandonei aquilo de uma forma porque pô, pro uma criança tu dizer isso...

S: Fosse cortado ali de início...

R: Isso, exatamente, então todos os ambientes me exigiam que eu tivesse uma personalidade, mas eu nunca consegui juntar todas as personalidades que eu realmente era em uma

só, e no PAIETS eu era isso, eu chegava, tinha dias que eu chegava lá atrás largado na cadeira tá ligado, tinha dias que eu chegava cansado se eu quisesse dormir na aula, tava cansado do serviço da minha rotina, o professor entendia, não era quilo de “não, tu veio pra aula é pra prestar atenção “. Às vezes eu tava prestando atenção, só que tipo o cara não ta com...

S: Pique né?

R:...cabeça para olhar para o professor fixamente, pra mostrar pro professor que o cara tá prestando atenção, o cara quer, tipo, debruçar a cabeça ali e ficar ouvindo tá ligado? A gente tá prestando atenção do mesmo modo, só que não tô conseguindo mostrar para o professor que tá prestando atenção total entendeu? E é isso tá ligado, as vezes no PAIETS, eu sempre tive liberdade de eu chegar e me sentar como que queria, nunca me disseram “não, não é assim que senta numa cadeira “entendeu? Eu as vezes eu tava cansado de ficar sentado o dia inteiro, tipo, tava cansado de, tava com sono, e pra não dormir a gente ficava de pé na sala de aula, ouvindo o professor de pé, ou indo no, caminhando assim na sala de um lado pro outro com o caderno assim, prestando atenção tá ligado? E o professor nunca questionou tá ligado? Se eu fizesse isso numa escola, com certeza seria podado em 2 segundos tá ligado? E eu sempre fui muito hiperativo tá ligado? Eu tenho TDH e nunca fiz nenhum tratamento, mas eu tenho déficit de atenção por hiperatividade tá ligado? E na escola, nunca ninguém prestou atenção nisso tá ligado? Tipo, botavam na sala de aula sentado no lado da janela para o pátio tá ligado. Cara a criança tá vendo os outro jogando bola lá, vai prestar atenção na bola, não vai prestar atenção na sala de aula que é chata, tá ligado? E tipo no Paideia não me detonaram tá ligado, eu queria me levantar, queria beber água, bem de boa, me trataram como adulto mesmo, me disseram...

S: Tem essa liberdade né?

R: Exatamente se o cara tá entediado tá cansado da aula, vai embora tá ligado? Nunca me prenderam, nunca me disseram que eu tinha que fazer as coisas de tal jeito tá ligado? E aquela liberdade me fez ter um sentimento de débito com eles, tá ligado? Pô eu, eu tenho que ir pras aulas ta ligado? PO os caras me dão liberdade total, vou faltar num dia que eu realmente necessite os cara vão falar, vão levar super de boa, vão me passara a matéria, por rede social ou por algum meio, eles vão achar algum meio de me passar a matéria, e é isso cara, tipo, eu acho que o PAIETS foi um lugar onde eu pude ter a minha própria personalidade tá ligado. Não só ter ela, uma personalidade, ajunta de personalidades que eu já tinha, mas criar uma certa personalidade que nem eu mesmo sabia que existia tá ligado?

E foi lá dentro que eu consegui isso. E acho bem importante para fase, pra aquela passagem daquela fase, juvenil para adulto tá ligado? Eu acho que é bem importante, porque tu aprende a formular o que tu quer tá ligado? Tu aprende a pensar no que tu quer ser. Primeiro dia de aula perguntaram o que que a gente... que curso que a gente faria na FURG tá ligado? Na universidade se passasse. Não necessariamente FURG, mais, modo de dizer, porque a gente como universidade FURG principal, e cara, a resposta que eu tive foi “não sei “ tá ligado? E de, sei lá quantos alunos tinham a naquela época...

S: Uns 80, 90... primeira aula 80, 90 alunos.

R: De 90 alunos, 3 não sabiam o que queriam tá ligado? E eu era um dos mais velhos ali, da, tinha um pessoas bem mais velho que eu, mais ali do jovens, eu era o mais velho do jovens, e eu não sabia o que queria tá ligado, e eu não me senti envergonhado em dizer que eu não sabia, tinha gente com 15, 16 anos que já sabia o que queria tá ligado? E tipo, é aquela diversidade de pessoas que acabam amadurecendo mais uma parte do que outra.

S: E as vezes nem é né? Às vezes é uma direção que te dão né?

R: Sim é, uma suposição dos pais ou do meio onde vivem tá ligado? E cara chegou no final do curso e eu tinha uma base do que eu queria, tipo eu não tinha certeza, mas tinha uma base do que eu queria, e quando eu terminei o PAIETS eu fiquei pensando nisso, eu fiz aprova do Enem, eu vi a minha nota, eu fiquei pensando nisso e eu vi que tinha capacidade de...tipo, as minhas notas foram todas boas tá ligado? Para mim foram muito boas as minhas notas, e o que me deixou a minha nota lá embaixo foi a redação, que eu não dei tanta ênfase, eu não sabia que a redação pesava tanto, me disseram aquilo diversas vezes durante o curso mas foi aquela coisa, pô é só uma redação ta ligado, tem tantas matérias não sei quantas matérias tem no Enem, são várias matéria,

S: Dentro das áreas...

R: A redação é só uma, não tem como ter tanto peso, aí eu vi que a redação tem muito peso, tá ligado? E é até um modo errado eu acho, a redação ter tanto peso assim, e cara tipo, depois que eu terminei, que eu fiz o Enem, e que vi o que realmente era, e eu vi que era o que o paiets me dizia, exatamente, eu comecei a pensar em casa, e eu percebi que eu não queria uma profissão que me desse dinheiro só, tá ligado, eu queria uma profissão que me desse espaço para eu ser quem eu sou. E acho que isso foi muito importante para mim, quando terminou o curso, meses depois, eu ainda estava coma cabeça lá dentro tá ligado? E eu pensei o que queria pra minha vida, e eu comecei a chara o caminho certo, porque eu não fui direcionado, tá ligado, eu achei a direção correta. Eu acho que isso é importante, eu

acho que o jovem tem que saber qual a direção correta por si só, não com os outros direcionando eles.

S: Faço a **Pergunta 14**.

R: Cara eu acho que essa questão de pesquisa, tá ligado, de aprender a pesquisar as coisas por si próprio, eu sempre fui, eu sempre fui não, a uns anos atrás eu excluí o facebook, por questões pessoais minhas eu excluí o facebook, e o intuito de eu ter excluído o facebook foi a questão de... eu acho que as pessoas se prendem muito ao que o facebook fornece, tá ligado? E acabam perdendo o hábito de procurar as informações? E o PAIETS me ensinou, e na verdade me ampliou muito esse lado meu tá ligado? De saber procurar as informações que eu quero. Tipo, filosofia tá ligado? Tem filósofos que eu não concordo com eles tá ligado? Não gosto, não tem um apreço por eles, e tem outros filósofos que eu gosto, e a maioria dos filósofos que eu gosto, são um pouco mais radicalistas tá ligado? Eles tinham aquela ideia e era uma ideia fixa, e na escola me diziam que eram errados esses filósofos, não, tu tem que estudar os filósofos básicos, não sei se cai nesse critério...

S: Mais clássicos e tal.

R: É e era aquilo que estava no currículo escolar tá ligado? Era quilo só aquilo que era necessário para escola que eu aprendesse. Que eu aprendesse não, que eu aprendesse momentaneamente pra fazer a prova passasse e depois eu esquecer tudo tá ligado.

S: Aqueles que estavam no desvio desse currículo não eram importantes.

R: Isso, e muitas vezes muitos desses filósofos ajudaram a formular aqueles que estavam no currículo tá ligado, porque que eu não posso ver a base e tenho que ver só o topo da pirâmide? Uma pirâmide que não foi estruturada por mim, que não foi estruturada pelas pessoas da minha geração, foi estruturada por pessoas de muito tempo atrás tá ligado? E tão aí se mantendo a a muito tempo em pé tá ligado? E é um bagulho tipo que eu não concordo, e o PAIETS me ajudou muito a ver que eu podia pesquisar os filósofos que eu quero, que é uma coisa que eu sempre, que não era errado eu fazer aquilo, que não era errado eu buscar o que eu quero aprender, claro muitas vezes na vida a gente é obrigado aprender o que a gente não quer tá ligado, a gente tem que ler coisas que a gente não quer...

S: A gente não precisa terceirizar o aprendizado do cara né?

R: Exatamente tá ligado? Eu tenho que aprender sobre tal matéria mano, eu posso eu ir atrás daquela matéria, eu não preciso do professor para me levar até aquele conteúdo, e eu acho que o PAIETS me ensinou isso e eu vou levar isso para o resto da vida. Além desse

lado social, porque porra cara, eu aprendi muito, eu fiquei muito mais sociável depois que eu sai do PAIETS. Não só depois que eu sai, mas quando eu tava lá dentro ta ligado, eu tive que lidar com pessoas muito diferentes, tipo...

S: E acaba que o cara acaba gostando dessas pessoas diferentes né?

R: Exatamente, tem uma pessoa lá, não tem porque entrar em nomes, tem uma pessoa lá que ela tinha, uma certa visão religiosa muito extremista. Eu fiz amizade com essa pessoa e essa pessoa levava tudo ao extremo em relação a religião, e não era o primeiro ano de PAIETS dela, ela já estava a um certo tempo, e cara depois de, agora ela tá na faculdade, ela está na universidade e tal, graças ao PAIETS, e agora a pouco tempo eu fui conversar come ela e ela não está tão extremista quanto era ta ligado? Ela conseguiu aprender que as pessoas vão ter a visão dela, ela conseguiu a aprender, e eu passei boa parte do PAIETS tentando... não ensinar isso pra ela, mas passar esse aprendizado tá ligado, que as pessoas vão ter outras visões e que eu não posso julgar a pessoas pela religião ou pela falta de religião dela tá ligado, que eu não posso te julgar porque tu gosta de vermelho e eu não gosto de vermelho, tá ligado? Eu gosto de azul e acho que não existe outra cor, é só azul e tu tem que escolher azul, se não escolher azul tu não pode entrar em contato comigo, tá ligado? E eu vi que o PAIETS não ensinou isso só pra mim, ensinou para, muitas pessoas, porque tu vai conviver com pessoas com diversas opiniões, com diversas religiões, com diversas orientações sexuais, com diversas posições políticas, diversas perspectivas diferentes ta ligado, e tu vai conviver com essas pessoas e tu vai deixar eles te acrescentarem e tu vai acrescentar nelas também tá ligado, que eu acho que é o essencial pra vida.

S: Massa! Última perguntinha... faço a **Pergunta 15**.

R: Cara eu acho que o PAIETS é pouco divulgado tá ligado? Eu, quando entrei no PAIETS, acho que não se divulga muito na internet, a divulgação dele é de boca em boca, eu fiz o Paideia e eu vou orientar um amigo meu, porque foi bom pra mim, e acho que foi bom pra ele, ou mais ou menos isso, eu tentei levar para o meu bairro, e muitos amigos meus disseram “bá cara eu terminei a escola e bá tu sabe que eu tenho um ranço da escola, tu sabe que eu terminei a escola obrigado, não quero mais estudar tá ligado”, só que eles não tiveram a oportunidade de ver esse modo didático diferente tá ligado? Esse modo didático que ensina pensar, que não te diz o que pensar, e eu acho que tipo, que eu queria levar isso para mais pessoas ta ligado? Quando eu tava no PAIETS durante PAIETS eu levei, eu mostrei fotos dos professores eu mostrei áudio das aulas que eu gravava áudio no celular, eu

mostrava pra eles assim, só que é muito difícil eu acho que o PAIETS tinha que ter, não uma divulgação mais eu acho que...

S: Um canal de comunicação mais...

R: Aberto!

S: Mais aberto assim?

R: Isso.

S: E lá dentro didaticamente, no modo que se trabalha lá dentro? O que mais se... de que outra forma a gente poderia trabalhar, aprofundar para alcançar mais essas juventudes e pudesse potencializar mais esse sujeito no caso, como sujeito de transformação?

R: Cara eu acho que lá dentro na prática, seria interessante se tivesse mais turma tá ligado? Lá no PAIETS...

S: Mais gente?

R: É, 80 alunos é bastante, é um número grande tá ligado? Só que eu acho que tem capacidade de ter muito mais tá ligado? Eu acho que, eu sei que tem uma questão de gestão que tem uma dificuldade pra isso, mas eu acho que seria interessante ter mais turmas tá ligado? Porque quanto mais a gente abranger, vocês abrangeram, eu fiz o curso em 2016, cês abrangeram 80 cabeças ali digamos, 80 cabeças, que ficaram até o final uns acho que tinham uns 30, 40, mais ou menos, que vinham de vez em quando. E essas pessoas cara se tu pergunta para eles, cada um tem uma visão boa do PAIETS, e os que não conseguiram entrar para universidade, tão tentando e se não conseguirem, pretendem voltar para o PAIETS, e eu acho que tipo como o maior meio de divulgação é pessoas eu acho, do PAIETS, eu acho que tinha que ter umas turmas maior, e levar um pouco da aula pra rua eu acho, que seria bem importante, tá ligado? Porque não se aprende só na escola, se aprende na rua também, e no meu bairro, se tivesse uma conferência no meu bairro, que dissesse ah, é um curso de educação popular,

S: Pretende discutir tal coisa...

R: Isso, seria bem interessante. Acho queria bem mais acessibilidade para o meu bairro. Porque querendo ou não o pessoal que eu convivo assim, que é do meu bairro, eles têm um ranço da escola tá ligado? Eles passaram por aquilo, meio que forçados sabe?

S: Várias questões né?

R: Várias questões e eu acho que o principal é a didática, porque é uma didática meio que forçada, tu tem que saber isso, isso e aquilo, tu não tem, uma opção de escolha tá ligado? E quando tem opção de escolha, são opções ruins né cara? E eu acho que essa é a questão, tá ligado, acho que tinha que ser levado mais pra rua... cara quando discutiram lá sobre homossexualismo, sobre religiões e sobre formação de família, que tem várias família de formação diferente, tipo 2 pais, 2 mães, vários tipos de formação, Esses assuntos que são mais, que são incutidos na sociedade mas que são pouco discutidos...

S: Que são tabus né?

R: Exatamente, eu acho que isso tipo de discussão que faz o jovem focar e querer aprender tá ligado? E quando eu tive lá era a aula que eu não perdia ta ligado? Cara hoje tem discussão, hoje a gente vai ver um filme sobre um determinado assunto, que é um tabu e vamos discutir sobre esse assunto, tipo era aula que eu não podia perder, saca? Se eu tivesse dormindo, de qualquer jeito, se eu tivesse cansado, eu ia tá ligado? Por que é uma coisa importante pra nós tá ligado? O jovem gosta de discutir, e na escola querendo ou não a gente não tem essa oportunidade de discutir, E eu acho que basicamente é isso, eu acho que o PAIETS tem que abri mais espaços, mais rua também, tinham que... pô vamos fazer um sarau na praça, tá ligado? Pô todo mundo escreve... eu acho que o sarau é muito pouco visto aqui no Brasil sabe? Eu não sei se é uma criação brasileira, mas é muito pouco vista ta ligado? E eu acho que seria interessante o PAIETS ter sarais de poesias de literatura, de qualquer coisa que o pessoal queira expressar tá ligado? Acho que é importante. Porque querendo ou não, tipo a principal da função do PAIETS é fazer o jovem a se expressar, tá ligado? Ensinar o jovem, aprender a pensar, eu acho que a principal função do PAIETS é essa. E eu acho que a gente tem que abrir isso, para mais pessoas tá ligado? Mostrar que tem um espaço assim, que existe um lugar assim, e acarar a educação popular é muito importante cara, porque a visão que a gente tem no ensino médio, a bagagem escolar é muito densa tá ligado? E a visão que a gente tem naquela época, a gente é muito novo para ter uma visão, que aquilo é importante tá ligado? E eu fui ver que o estudo era importante com 19, 20 anos tá ligado...

S: Quando tu já estava mais maduro?

R: Isso e quando começaram a me cobrar mais ta ligado? E eu acho que algumas pessoas têm tempos diferente para amadurecer, claro vai ter criança de 14 ou 15 anos que sabe que o estudo é importante, já tem esse amadurecimento por esse lado tá ligado? Só que tem outros que não, tem outros que não tiveram esse amadurecimento e até hoje detestam

escola tá ligado? Detestam modo de aprendizagem, e eu acho que o PAIETS é importante nisso. Tipo a literatura, cara eu era um cara que na época de escola detestava ler tá ligado, porque cara a professora queria dar Dom Casmurro para uma criança de 14 anos ler. Não faz sentido.

S: Não vai colar né meu?

R: A criança... é uma leitura cansativa, tá ligado?

S: Tem que fazer uma aproximação, com outro tipo de literatura...

R: Cara a criança tem que se enxergar na leitura, pelo menos no início do aprendizado, e cara, tipo, depois que eu comecei a ler coisas do tipo, coisas que eu gostava, ler gibi, mangá, essas coisas que eu gostava, hoje em dia eu leio livros de filosofia que eu não lia naquela época tá ligado? E eu acho massa pra caramba, eu leio livro de psicologia, tá ligado, livro que o pessoal na universidade tá lendo, e eu pesquiso, lá, vejo qual é a grade curricular deles e leio tá ligado? E tipo eu não estou estudando, eu não estou numa faculdade, eu não tô nada tá ligado?

S: Pra ti mesmo né?

R: Exatamente...

S: É pra tua formação, para teu conhecimento...

R: E acho que a escola ensina a ler de um modo muito errado, tu tem que ler coisas que tenham proximidade coma tua vida, coma tua vivência, pelo menos no começo, tu tem que aprender assim, e eu acho que é isso cara, acho que o PAIETS tem isso a acrescentar e acho que deveria ter mais espaço de divulgação tá ligado, não sei se vocês tem divulgação na rádio, mas eu nunca ouvi falar na rádio sobre PAIETS e sobre inscrições e tal, se tem foi algo que foi meio que de boca assim, algum professor que foi lá na rádio e foi lá e fala, mas não é algo que a rádio se preocupou, mas é algo que a rádio foi lá e deu, e eu acho que é isso, que o PAIETS precisa de mais divulgação, eu terminei o curso em 2016, e esse ano eu tava divulgando o curso, e pretendo voltar em 2018 se eu não tiver fazendo nada eu pretendo voltar ao curso, fazer de novo e mesmo se eu tivesse uma formação, tivesse na faculdade, e me formado, eu acho que muitas vezes durante a minha vida, eu acho que eu vou entrar em cursos de educação popular, para acrescentar e ser acrescentado, tá ligado, porque eu acho interessante essa interação de jovens e adultos, e pessoal de todas as idades, eu acho muito importante isso, e essa interação que o curso em si faz.

Categorias Principais	Sujeito: Rafa
Cidade	<ol style="list-style-type: none"> 1.Mora no bairro Getúlio Vargas (vulgo BGV) 2.Relação com a Cidade Noturna: vivia a cidade a noite, basicamente as partes mais centrais e mais agitadas (quanto à aspectos da vida noturna). 3.Possuía boa relação com donos de barzinhos e vendinhas da noite. 4.Cidade Escola: te ensina onde tu deve ir, como e como debes te comportar. 5.Diferentes modos de ser: educação do bairro x educação do centro. 6.A Cidade é a Rua: os ambientes são iguais em qualquer lugar, mas a rua difere. 7.Pontos Turísticos x Pontos de Encontro: Praça Saraiva, Praça Xavier e Cruz (encontro de várias “tribos”). 8.Escola do Centro x Escola do Bairro: escola branca e escola negra. 9.Pertencimento do Bairro: “tinham muito isso de dominância...” 10.Pertencimento do Centro: “outros gestos...mais disfarçados”. 11.Duas personalidades na cidade: calmo no centro x agressivo no bgv. 12.O bairro era a Cidade, mas o mundo não era o bairro Getúlio Vargas: se sentir “mais eu” no bairro... vivência no bairro. 13.Levar o bairro para fora do bairro: andar em grupos mesmo em outros espaços.
Juventudes	<ol style="list-style-type: none"> 1.Incentivo a criticidade: o jovem deve aprender a discordar e argumentar. 2.Visão do jovem vista como “anarquista” e sem vivência. 3.O jovem tem vivência: começam a viver cedo. 4.Os Velhos e os Jovens: os velhos tem bastante vivência e teoria, mas as gerações mais novas aprendem rápido também. 5.Fases da Juventude: numa fase há muito o que escutar, na outra, há muito o que questionar. 6.Estado de Aprendizado: resumo da juventude é aprender.

	<p>7. Jovem preocupado com a manhã.</p> <p>8. A Juventude tem posicionamento político: mesmo que seja desvalorizado ou distorcido pela mídia, sociedade e etc.</p> <p>9. Tempos diferentes de amadurecimento.</p>
Educação Popular	<p>1. Busca pelo Paidéia para retomar e relembrar o que já tinha visto no E.M.</p> <p>2. Contextualização dos Conteúdos: Os educadores/educadoras do Paidéia apresentavam coisas novas, antigas, mas englobadas.</p> <p>3. Diversidade: Visões parecidas e visões diferentes. Ambiente que as pessoas discordavam e debatiam (diferente de outros espaços).</p> <p>4. Maior contribuição: tempo/espaço para mostrar a visão.</p> <p>5. Criando vínculos: o Paidéia aproximou sujeitos; educadoras + educandos, educandos + educandas.</p> <p>6. Contribuições Metodológicas: equilibrar a liberdade de expressão com a noção da metodologia da prova (exemplo: redação do Enem).</p> <p>7. Liberdade para perguntar: nas aulas, a liberdade de questionar para além do que estava sendo trabalhado em aula...</p> <p>8. Paidéia é pouco divulgado. Deve haver uma melhor divulgação, para um maior/melhor alcance. Deve haver mais turmas, aula nas ruas, atividades nos bairros.</p> <p>9. Principal função do Paidéia é fazer o jovem aprender a pensar.</p>
Emancipação (Indicadores Emancipatórios)	<p>1. Levar para o externo: entender que tua vivência/experiência é valiosa.</p> <p>2. Romper as dificuldades cotidianas: a procura de debates e discussões mesmo com as intempéries.</p> <p>3. Confirmação: no Paidéia entendi ainda mais que eu poderia argumentar, debater e etc.</p> <p>4. Conteúdo e Crítica: o curso trouxe a contextualização e a capacidade de criticar.</p> <p>5. Corporificação do Conteúdo: se sentir parte da aula, se entender na matéria, se sentir parte da história.</p> <p>6. Autonomia de Estudo: ir além do que é dado ou oferecido.</p>

	<p>7.Emancipação própria e coletiva – preocupação com o futuro, as próximas gerações.</p> <p>8.Não terceirização do pensamento: emancipação passa por recriar e formular pensamentos acerca da política e outros elementos sociais.</p> <p>9.Falta política na educação.</p> <p>10.Aceitação do novo para a transformação.</p> <p>11.Preocupação com o Meio Ambiente: a poluição na cidade (santinhos políticos nas ruas) pela velha política.</p> <p>12.Resistência e Indignação: descrença e descrédito na forma atual de mobilizar.</p> <p>13.Aprendi que faço parte de algo maior: então eu me preocupo com algo maior, com o próximo, com a minha cidade...</p> <p>14.Permitir ser quem é: no Paidéia, consegui juntar todas as personalidades em um só. Juntou os seus gostos, trouxe suas ideias.</p> <p>15.Influenciou a pesquisar as informações por si próprio: excluir o facebook, procurar pelos filósofos que gosta, “porque eu tenho que ver somente o topo da pirâmide e não a base?”, “Uma pirâmide que não foi estruturada por mim”. E também pesquisa e estudar coisas em determinados momentos que não quer, mas que é necessário.</p> <p>16.Aulas/atividades nas ruas: temáticas que não discutidas, que são tabus e que são pouco trabalhadas nas escolas e etc, podem contribuir para a emancipação.</p> <p>17.Aprender a pensar: base da emancipação.</p> <p>18.A importância da leitura para o pensamento crítico: Gibis, mangás, literatura e filosofia.</p>
<p>Humanização</p>	<p>1.Socialização na cidade: aprendizado com diferentes lugares e diferentes pessoas.</p> <p>2.Aspectos do Ser Menos: somente referenciais brancos na escola do centro.</p> <p>3.Aceitação no Bairro: diferente da escola do centro, no bairro existiu uma aceitação maior.</p> <p>4.Aprender a discordar e aprender com a discordância: as discussões no Paidéia como construção de um ambiente interessante.</p>

	<p>5.Paidéia: espaço aonde os jovens poderiam falar, trocar ideia...serem ouvidos!</p> <p>6.O preconceito te faz alguém armado: no convívio com outras pessoas, houve um desarme.</p> <p>7.Somos do mesmo planeta: o Paidéia acrescentou que há muita diferença, mas há muita semelhança (igualdade).</p> <p>8.Sozinho eu não sou ninguém: aprendi a pensar nos outros, e em mim só que de forma coletiva.</p> <p>9.Amizade e relacionamento: socialização com pessoas que a priori tinham posicionamentos religiosos extremistas e sexualidades diferentes.</p> <p>10.Abrir a perspectiva da Educação Popular para as pessoas.</p>
--	---

11.3. A gente começa por um caminho e vê que são vários caminhos que se abrem.

Concluí os meus estudos no ensino médio através de um EJA no ano de 2009. Na época, acredito que estava um pouco “perdido”, porém, tinha colocado na cabeça que precisava terminar o Ensino Médio. Na verdade, tinha um pouco de força externa também do meu pai, que fazia questão que um dia eu colocasse um pouco de juízo para dentro da cabeça e cursasse alguma faculdade. Prossegui, e mesmo tendo uma certa fissura por leitura, achava aquele negócio de faculdade meio distante de mim.

No instituto que cursei o EJA, eu dei uma engrenada nos estudos, comecei a gostar ainda mais de certas disciplinas das humanidades como sociologia, filosofia, geografia, história e uma outra disciplina que se chamava orientação para a vida (me parecia uma substituta da disciplina de religião). Além dessas disciplinas, a disciplina de física me marcou bastante por ser ministrada por um professor que muito nos auxiliava e conversava conosco sobre a nossa necessidade de prosseguir nos estudos, mesmo que o mundo do trabalho fosse uma realidade direta para a maioria, sempre destacava a importância de estudar, de prosseguir para uma universidade e etc. Me marcou muito a forma como ele sublinhava que já tinha

trabalhado em várias profissões e bicos, e depois de muito ter se prejudicado tentou cursar uma faculdade e tentar ser professor. E conseguiu! Aquilo foi muito potente.

O tempo passou, pulamos para 2016, e já no Paidéia fui abordado por uma colega educadora do Paidéia que me contou a história de uma menina que fazia parte de um grupo de jovens de um centro espírita e que sentia muito interesse de fazer um curso pré-Enem, porém, não possuía condições financeiras no momento. Como já tínhamos passado do período das seleções do início do ano, no primeiro semestre, essa colega me falou que convidaria essa menina para acompanhar as aulas da disciplina de biologia que lecionava e falaria com educadores/educadoras mais próximas a ela para pedir que essa menina se aproximasse aos poucos do curso até fazermos uma nova seleção.

Essa menina, era a Carol, que desde o primeiro dia que veio assistir as aulas de história no Paidéia, chegou já cheio de marra, de questionamentos e dúvidas. Na ocasião, lembro dela chocar alguns colegas por suas questões inteligentes e além de seu estilo bem “rua”, e na minha opinião, destoante da maior parte das meninas da sala, estava sempre presente com seus questionamentos e pontos de vista contundentes.

Aos poucos fui me identificando com a Carol e ela comigo (assim como me identificava com várias pessoas), e sempre que nos encontrávamos nosso “papo” era quase sempre sobre rap. Além da Carol tomar conta da aula coma sua presença, de forma alguma percebi ela destratando alguém, por mais que eu soubesse pelos “corredores” (aqui o sentido se torna amplo, pode ser uma fofoca de corredor ou de WhatsApp) que a Carol não se mixava para educadoras/educadores ou colegas que defendessem alguma ideia reacionária ou desumana.

Carol, ficou com a gente, foi selecionada em nossa seleção para o segundo semestre. Sua presença, sua vida e seu ponto de vista tinha muito

que falar-nos, e só quem estava sensível conseguiu ouvir. Como educador, aprendi muito com ela, e fiquei mais impactado com ela quando me contou que seus pais eram professores estaduais, e mesmo com seus salários parcelados pelo governo Sartori, seus pais faziam questão de que estudasse e se tornasse professora. Tudo fez mais sentido, quando ela ainda me falando da dureza que estava sendo em casa, me falou do seu pai, como era, quem era e etc. Conectando os pontos, descobri que o pai dela tinha sido aquele meu professor de física no EJA. Descobri desde então como a circularidade e os afetos da educação são potentes!

Transcrição/diálogo com a Carol

Samuel: Carol me diz assim o teu nome completo, tua idade, o que tu fazes atualmente, que bairro que tu mora e tal...

Carol: Tá é Carolina Constantino Menezes, tenho 19 anos, moro na Cidade Nova. Só estudo atualmente.

S: O que tu estás estudando?

C: Tô estudando Letras- Português Puro,

S: Sim, faço a **Pergunta 1**.

C: Bom eu cheguei no Paidéia através da Ju, eu conheci ela no centro Espírita e estava naquela época bem perdida quanto ao que eu gostaria de fazer, eu sabia que queria ser professora, mas eu não sabia do que eu queria ser, porque muitas coisas me interessam dentro dessa área profissional. Aí através dela, ela me falou do curso, falou como é que era o curso, que o curso era bem aberto, que o curso era tranquilo, as pessoas eram bem humildes, os professores eram humildes, mas só que tinha aquele porém que, eu tinha que esperar uma seleção, aí que eu comecei a assistir as aulas de vocês e eu passei na seleção, e continuei assistindo o curso e achei super legal assim, me ajudou um monte principalmente na área das humanas, assim ideias políticas que eu já tinha, não sei se por mim, ou pelas coisas que eu andava lendo, a internet, livros que eu gostava, que eu já tinha assim uma concepção mais lá eu cheguei assim e falei com vocês, contigo, as aulas que tu dava, as aulas que o professor de sociologia dava, esqueci o nome dele...

S: O Fábio.

C: O Fábio também dava umas aulas muito legais e assim abriu mais a minha mente pra mim querer procurar saber dessas questões mais políticas e tal, que envolvem muita coisa, até a questão de ser vegana, conheci algumas pessoas lá que também eram, que tinham algumas visões diferentes da minha mas que acrescentaram nessa visão, porque é uma visão muito ampla, **a gente começa por um caminho e vê que são vários caminhos que se abrem**, e é isso.

S: Tá, beleza. **Pergunta 2.**

C: Olha com a cidade assim, só de sair assim pra rua, dar uma banda na cidade assim, sempre gostei muito das áreas perto do mar, o cais, o kite, ali o museu oceanográfico que eu vou direto ali também, ficar ali, mas assim com a cidade mesmo, eu não sei o que abrange essa pergunta.

S: Tá. **Pergunta 3.**

C: Ah cidade é o meio em que a gente vive aqui, Rio Grande é uma cidade, é a nossa cidade aqui. Mais, além disso, cidade, não sei, seria uma coisa mais profunda?

S: O que tu acha? O que tu acredita que seja...

C: É cidade, a minha cidade é aqui Rio Grande né? A cidade que eu nasci, que eu considero que é o lugar que eu moro, sei que tem muita gente que mora aqui e vem pra cá mas que não se considera desta cidade, se considera, ah! Que eu não sou daqui, eu não era para estar aqui, que eu sou de outros lugares, mas eu gosto daqui, sou feliz de ter nascido aqui e acredito que aqui é muito tranquilo perto do que a gente tem no nosso país e no resto do mundo né?

S: Sim

C: Aqui a gente tá...como é que a gente diz? Velado, aqui a gente tá protegido sabe, de muita coisa, aqui é muito tranquilo. A gente vê as coisas que acontecem aí fora e fica apavorado porque aqui não acontece nem metade. Claro que agora está mudando um pouco a situação, mas mesmo assim acredito que não chega nem perto como é aí fora.

S: **Pergunta 4.**

C: Ah as discussões de sexualidade, né? Assim bastante o que eu vejo que o pessoal ainda é bem bitolado nessas questões, questões do veganismo, questões políticas, que mais?

Questões de cotas raciais, essas questões assim que realmente eu estando no curso via que os professores tinham essa visão mais ampla sobre isso, mais os próprios alunos que estavam ali ainda eram meio assim, acreditavam por exemplo, deixa uma pensar uma questão, que as cotas raciais são um meio de racismo, que o veganismo é uma coisa que é estética, não é estética que eu digo é, fútil! Uma coisa que é se dar o luxo. Uma vez eu estava na parada de ônibus, um dia que eu voltei de ônibus, porque eu não costumo voltar de ônibus né, meu namorado vem me buscar, e uma menina me... estava falando com outro menino, e eu estava assim com meu celular, porque geralmente eu estou com os fones de ouvido e nem escuto o que as pessoas estão falando, aí ela estava falando que “ eu acho incrível quem se dá ao luxo de ser vegetariano”. E eu fiquei pensando assim, pô dá vontade de falar para ela que luxo é comer carne, porque tu não sabe que comer carne é a razão da fome mundial, da destruição ambiental do planeta? Comer carne é um luxo e dizer que ser vegetariana é um luxo eu fico apavorada...dizendo que, eu acho maravilhoso quem se dá ao luxo! E seguiu falando mal, e eu já até sai de perto, porque eu já ia me meter no que ela estava falando e já ia dar briga. Mas lá no curso também teve, é que agora já até me esqueci, porque já faz tempo, já passou, é muita coisa que acontece, mas, não só, na tua aula até que nem tanto mas em outras aulas eu entrei em discussão muito com isso, na aula de geografia, por exemplo o professor deu uma aula de geografia falando dos, das coisas que poluem o meio ambiente, o planeta, e na aula dele não botou nada sobre a produção de gado poluir o planeta, e quando eu levantei essa questão os alunos me indagaram, me perguntaram porque, alguns foram contra, não entenderam...

S: Não e até as principais entidades que lutam em favor do meio ambiente, não discutem isso.

C: Não discutem

S: É a grande discussão que talvez...eu vi um documentário esses tempos que só uma empresa, o Greenpeace não discute a questão dos...então é uma questão que é homogênea. É uma questão ligada ao capital.

C: E a outra coisa, eu estava lendo um texto para a aula de sociologia, da Guacira Lopes, gênero e sexualidade na escola, é um assunto totalmente ao contrário, mas ela fala da naturalização das coisas...carne é uma coisa natural, é tão natural que a até as pessoas que defendem as causas ambientais não se conscientizam que isso também é uma causa, porque é natural. É natural comer, é natural a produção, é natural tu ir no super comprar carne, é natural tu ir no super e comprar frios, tomar leite. É uma coisa naturalizada,

totalmente, porque a gente explora os animais não só na alimentação, mas em N coisa, e acaba que as pessoas nem enxergam.

S: E as pessoas nem pensam que nem sempre foi assim. **Pergunta 5.**

C: Não, contribui com a minha criticidade, bastante assim, eu já tinha uma visão bem crítica das coisas e contribui bastante, contribui para eu ler coisas da teoria marxista, contribui com a minha visão política, contribui com a minha escolha de curso que eu queria fazer, o que mais deixa eu pensar no que contribui, é foram essas coisas assim, superficialmente foi isso.

S: Pergunta 6.

C: Não, me auxiliou bastante. Como eu falei inicialmente nas áreas das humanas, área das exatas nem tanto porque eu me perdi nas aulas e nem sou das exatas então já não me encontrei tanto, mas na área das humanas eu, todas as matérias me ajudou bastante principalmente as tuas aulas me ajudaram a fazer a prova de história, que tinha bastante coisa afro, da cultura afro, tinha muitas coisas sobre isso, muitas coisas que tu falou em aula eu me lembrei na prova e me ajudou a tirar uma nota que eu conseguisse entrar na faculdade.

S: Pergunta 7.

C: Acredito que sim, os professores são bem abertos assim, não são de cobrar e acho que isso é importante, porque aí tu mesmo vai ter que te cobrar, tu mesmo vais ter que tomar uma consciência, as vezes, tem gente que vai passar 1, 2 anos indo lá, e só no terceiro ano vai perceber pô que, só porque os professores não tem essa metodologia de chegar e cobrar, e te depositar, e ficam esperando que tu contribua, eu não contribuo, eu fico de canto entende? Eu vi isso que as aulas eram um modo de eu abrir minha mente, de eu chegar contribuir entende, não só eu chegar e esperar que eles me ensinassem tudo, mas que eu chegasse em casa e pesquisasse, chegasse em casa e estudasse, eu vi isso bastante dos professores lá, o pessoal bem, não tava nessa educação bancária, de depositar o conteúdo nos alunos, tava bem assim educandos e educadores, educadores e educandos...

S: Sim. Essa...acho que a próxima pergunta tem muito a ver com isso. **Pergunta 8.**

C: Bom contribui com isso que te falei, me instigou a fazer pesquisas, me instigou a estudar, aumentou a minha potencialidade de perceber certas coisas que eu já percebia, mas que eu não percebia tão amplamente...que mais?

S: Foi ao encontro, assim...

C: Foi um encontro de coisas, foi bem importante, se eu não tivesse tido acesso ao curso, eu não tivesse entrado na faculdade esse ano ainda e nem saberia o que eu queria fazer, então o curso me ajudou muito nisso.

S: Massa! **Pergunta 9.**

C: Pra mim juventude...bá o que é juventude pra mim? Nunca me perguntei isso. Juventude somos nós! Né? Que a gente tá lutando para que as coisas se renovem, mudam, que floresçam, acho que a juventude é todo mundo, pode ser juventude, todo mundo que quer mudar alguma coisa, florescer alguma coisa, criar, renovar, mudar, ter perspectiva de novas coisas num mundo melhor, acho que isso é juventude, porque não é só pessoas novas, pessoas...adolescentes, adultos, acho que os idosos também são a juventude porque a partir do momento que tu quer remoldar o mundo, que tu quer mudar alguma coisa o mundo e que tu tem alguma causa tu é jovem, porque tu quer renovar alguma coisa, então tu é parte dessa juventude, mais ou menos isso que acho que seja juventude.

S: **Pergunta 10.**

C: Ah isso me preocupa com certeza. Me preocupo porque eu vejo que a gente está se perdendo aí sobre o que a gente quer fazer, o que que vai ser do nosso país, a gente tá cada vez mais nas mãos deles, as pessoas não aderem as greves, as pessoas não...principalmente as pessoas que trabalham no comércio particular sabe? As pessoas não querem aderir à greve porque acham que não estão sendo afetadas por isso, ah eu não trabalho no estado, não trabalho para o governo, mas tu tá trabalhando pro governo, tu tá trabalhando para aumentar a inflação, tu tá trabalhando no capitalismo, então tu faz parte disso, mas as pessoas não se conscientizam disso, e eu vejo muito que as pessoas estão realmente deixando ser, ah deixa assim, vamo vê no que vai dar, as pessoas não se mobilizam, não saem pra rua, não fazem manifestação. E isso me preocupa porque, a gente vai ser cada vez mais ser comandado por eles, porque é realmente isso que eles querem, que a população seja alienada, que a população ache que não há nada que se possa fazer em relação à isso....e eles vão poder comandar mais e mais...do jeito que eles quiserem...

S: E Principalmente porque até essas políticas de cortes e retrocessos estão nos afetando a juventude mundialmente falando... **Pergunta 11.**

C: Sim há resistência. Todas as vezes que eu posso passar uma informação para um pessoa, eu passo na medida do possível, todas as greves que tiveram eu aderi, não fui a lugar nenhum, não fui a super, nada que abriu assim eu fui e dei a minha contribuição, eu sei, hã...é isso que eu faço. Eu tento abrir os olhos das pessoas, mas eu também não fico insistindo

em cima né, porque eu acho que cada um tem o seu momento, mas eu tento passar as informações que eu sei, que eu tenho, na minha casa, pros meus familiares, pros meu amigo, e sempre que eu vejo que vai acontecer alguma coisa, que vai acontecer alguma greve eu sempre, como é que eu posso dizer, eu vou lá e vou e aderir essa causa. Não faço de conta que nada tá acontecendo.

S: Pergunta 12.

C: Acho até que pode ter se relacionado as duas coisas, mas eu já tinha uma ideia e continuo tendo a mesma ideia...

S: Reforçou algo?

C: Reforçou, reforçou essa questão de que, a gente acredita que, a gente que já está se a desalienando dessas situações, acredita que é muito fácil que os outros também façam a mesma coisa, mas quando a gente se deparara em grandes grupos assim e vê que a maioria a massa ainda está alienada, ainda está preocupada com as suas causas, a gente vê que não é assim, que não é tão fácil, das coisas mudarem, que não é só porque que a gente se despertou, que o grande resto vai despertar.

S: Falando nisso, me veio uma coisa, me veio uma pergunta, mas está fora do roteiro, é, tu disse que já tinhas também, pensamentos, coisas, dá onde que vem isso? Da tua casa, da tua família, o por que?

C: Da minha casa, da minha convivência com pessoas na rua, amigos que me passaram informações que me fizeram rever as coisas. Da minha casa também principalmente, dos meus pais que são os principais assim da minha, como é que a gente diz? Da minha educação, sempre foram muito informativos comigo me contavam as coisas...

S: No que teus pais trabalham?

C: Meus pais são professores. Me contavam as situações de sala de aula, e muitas coisas que foi me despertando a pesquisar sobre as coisas, quando eu virei vegetariana mesmo, foi uma coisa minha, eu que despertei para isso, eu conheci uma pessoa que era vegana, e eu nem tinha noção do que que era... aí eu tá que legal né, vou pesquisar na internet, descobri um monte de coisa, e disse: por que que eu não sou? E virei, foi uma coisa assim. Ninguém me forçou, ninguém me enfiou na cabeça, eu que ouvi, não sei quem foi que eu conheci, eu acho que foi a Jéssica, é uma que faz História, não sei se tu conheces a Jéssica?

S: Sim, a Jéssica Rose?

C: É, tu conhece ela?

S: Sim!

C: Faz tempo já, eu conheci ela e eu vi que ela...eu nem conhecia, nem falava com ela, mas ela estava lá no Cruz, e ela falando que era vegana, e eu fiquei com isso, o que será que é vegano né? E eu fiquei bá, tá, fiquei com aquilo na cabeça e fui pesquisar na internet...tá descobri o que era que não consumia produtos de origem animal...

S: Aí fosse vê o lado político também?

C: Fui ver o lado político, vi o lado ambiental. Eu já não gostava de carne, porque tipo, os meus pais comem muita carne, e eu nunca gostei, eu sempre comi mais assim, peixe, mas também nunca gostei muito, peito de frango, mas também o resto do frango já não comia, coração de galinha, carne de churrasco, carne com osso, costela, eu nunca gostei e sempre foi um terror para mim, já repunava, mas minha mãe e meu pai sempre diziam, pô tu tem que comer carne Carolina, as vezes tu passa uma semana só comendo ovo. Só comendo arroz, comendo batata...

S: E aí tu já cresce com aquela coisa, pô eu preciso mas não gosto, mas será que eu preciso né?

C: Aí tinha vezes eu queria me, as vezes eu passava uma semana sem comer, e pô vou ficar fraca, e realmente, eu sempre fraca, com anemia, sempre doente, quando eu descobri isso aí eu comecei a virar vegetariana, tirei a... no mesmo dia assim, parei de comer carne e parei mesmo. E aí meu objetivo era virar vegana mesmo, esse era o objetivo que eu tinha, e eu vi que realmente, eu vi que eu melhorei, eu nunca mais tive anemia, eu nunca mais fiquei doente, eu tinha problema de amidalite seríssimo, eu ia parar no hospital tomar bezetacil, nunca mais tive que tomar antibiótico, aí já mês despertou para outras coisas, essa da indústria entende? Evitar o máximo comer coisa industrializada, consumir o mais natural possível, coisas orgânicas, eu já não tomava refrigerante naquela época, parei de tomar suco de caixinha, parei de tomar chá de caixinha, comecei a tomar só água, suco natural, chá natural, teve uma época que eu tava bem assim...tipo eu só fazia...

S: Radical...

C: Radical mesmo. Eu já até como coisas industrializadas assim, mas antigamente, tipo, final de semana meu namorado, ele come carne, come lanche, aí a gente tá junto lá, eu vou lá no Ponto Kente e como uma batata frita, que eu sei que foi feita no mesmo que tinha feito a carne, mas tinha uma época que eu tava mega radical, que bem isso eu fazia. Mas

hoje eu já me permito porquê...é uma questão de socialização né? As vezes a gente acaba se permitindo, mas eu evito ao máximo, tenho essa consciência e passo essa consciência diariamente, tanto que meu pai, muito do que eu já passei para ele já vê, ele já pesquisa também, e ele já revê esses conceitos, hoje mesmo...

S: São mitos que são colocados né Carol? Que só através da informação...

C: Hoje mesmo na hora do almoço ele já olhou pra mim e disse assim, bá hoje mesmo tava vendo um negócio que me mandaram da carne, dá até vontade de não comer mais mesmo.... Eu sei que é difícil é uma cultura né, ele foi criado comendo isso assim, e ele tem 40 anos. Ele gosta, ele adora, é uma felicidade para ele ter um dinheiro e fazer um churrasquinho no domingo. A pessoa não...

S: Pega outros, atinge outras etapas dentro do psicológico e da relação social...

C: Aí imagina, simplesmente parar de comer carne agora depois de quarenta anos...o que que é isso entende? Mas ele sabe que a carne faz mal, ele sabe que a carne causa câncer. Ele sabe de tudo isso. Mas é difícil assim, ainda mais as pessoas que são mais velhas, por isso que eu digo, a gente que é novo tem mais chance de conscientizar e mudar, a gente não tá nesse processo a muito tempo, mas que é mais velho está nisso a muito tempo, então não é assim eu vou chegar lá e vou impor isso aos meus pais para que eles parem de comer carne, é uma coisa que eles sempre fizeram e que eles não tiveram essas informações, assim, abertas.

S: Pergunta 13.

C: Foi, pelos professores sim.

S: Pergunta 14.

C: Contribuiu com isso que eu te falei já, que me instigou a fazer pesquisas sobre outras filosofias, fiz amigos também lá, que foram também importantes assim que se identificavam comigo e acredito que essa identificação que o curso me trouxe é uma coisa que me disse assim, ah tu não está sozinha no mundo. Tem outras pessoas que pensam que nem tu. Isso é bem importante! Isso foi uma coisa que eu vi no curso, dos professores também. De ti, da Ju. Assim, a gente pensa que... as vezes a gente tem umas ideias de mundo assim que a gente tá num lugar assim... que que eu tô fazendo aqui? Eu sou um estranho aqui, um alienígena, ninguém pensa igual a mim, mas aí tu vai conhecendo alguma pessoas que são assim também, que também tem essa concepção e tu não te sente tão sozinho, tu sente que as coisas podem mudar entendesse? E que tu sendo a mudança, mesmo que tu seja só

um, tu já faz a diferença, isso eu vejo porque tu não é só 1, tem outros “1” que nem tu entende? E isso eu vi no curso bastante... uma concepção (acredito que ela quis dizer constatação) que eu posso te dizer.

S: Pergunta 15.

C: Olha acho que poderia haver mais palestras, por parte dos professores, uma conscientização de todos os professores, dessas questões né? Não praticar essa educação bancária, que o Freire fala muito, não chegar depositando os conteúdos, não que eu acredite que...alguns professores ali...é como ele fala, as vezes eles nem sabem que eles estão fazendo isso, mas eles estão fazendo entende? Ele fala isso nesse livro a Pedagogia do Oprimido, que as vezes o professor que tá tendo essa atitude, ele nem sabe que ele tá tendo, ele que acha que tá fazendo certo mas não tá, ali eu vi muito isso, principalmente na área das exatas, uma coisa muito forte na área das exatas, o professor não consegue ter um diálogo com o aluno entende? Talvez também porque o aluno as vezes seja mais... tenha vergonha de fazer perguntas, seja mais cauteloso, acaba que o professor fica num monólogo, o tempo todo né, e acaba que não ensina muito os alunos, acaba ficando chata a aula, e eu acho que tem sim como associar questões políticas à uma aula de física, a uma aula de...

S: Matemática?

C: Matemática, uma aula de química, tinha um professor ali de física, aquele professor ele era um crânio...o cara chega ali e...praticamente nos vomitava as coisas no quadro... e a embora. Isso aí é uma coisa...talvez ele não tivesse consciência de que ele tava fazendo isso, mas ele tava. E acabava que não ensinava as coisas pra gente assim, só pra quem já é mais...já tá pesquisando, ou é super interessado nesses assuntos das exatas e já se familiariza, e aí tá, óbvio, chega ali na aula dele e vai entender, vai acompanhar, mas uma pessoa que não tá instigado a isso, não vai entender o que ele está falando e vai se sentir ainda... como é que é inútil? Não é inútil, vai se sentir menospre...não é menosprezado que a gente fala, deixa eu pensar...

S: Vai se sentir menos né?

C: É, vai ser menos né? Porque vai achar que eu sou burra, eu não posso entender isso que ele tá falando...

S: Então o que tu achas que poderia...

C: Eu acho que os professores poderiam se unir todos...eu acho que vocês já devem ter tentado fazer isso, é óbvio, posição que vocês tomam, mas eu acho que os professores

deveriam se unir e interligar os assuntos assim...todos juntos ao mesmo tempo. Eu tô dando isso, tu dando isso a gente interliga isso em questões políticas em questões sociais, eu acho eu seja difícil de fazer, não é uma coisa que eu vou chegar lá e vou fazer, mas eu acho que seja possível aos poucos.

Categorias	Sujeito: Carol
Cidade	<p>1.Mora na Cidade Nova.</p> <p>2.Possuía relação com zonas da cidade ligadas à água (lagoa, canal, cais e etc).</p> <p>3.Compreende a cidade de Rio Grande como um lugar tranquilo de viver/morar, se comparado a outros lugares.</p> <p>4.Ponto de Encontro: importância de determinados ponto na cidade para a formação de coletivos, desenvolvimento de identidades, construção de ideias e etc.</p>
Juventudes	<p>1.Juventude são todos aqueles e aquelas que querem criar, recriar, “remoldar” o mundo.</p> <p>2.Juventude é ter perspectiva de um mundo melhor.</p>
Educação Popular	<p>1.Aulas da área de conhecimento das humanas (sociologia, história...) contribuíram muito para com esse sujeito.</p> <p>2.Atividades do Paidéia auxiliaram na compreensão mais ampla sobre sexualidades, ecologia, racismo e cotas, outras questões sociopolíticas.</p> <p>3.Afirma que nas aulas de geografia e em outras atividades que discorreram acerca do meio ambiente, e destruição do mesmo, faltava elementos para compreensão mais acertada (e que ela já conhecia).</p> <p>4.Contato com elementos da africanidade/afroperspectividade.</p> <p>5.Metodologia que buscava uma conscientização individual também, não somente coletiva.</p> <p>6. De um modo geral, a maioria dos educadores/educadoras trabalhavam em prol de uma educação <i>não bancária</i>.</p> <p>7. Aumentou a potencialidade de perceber certas coisas, mas que não percebia tão amplamente antes de participar do Paidéia.</p> <p>8.Contribuiu para o ingresso na universidade.</p> <p>9.Concentração e Articulação: Paidéia como uma possibilidade de encontrares outros sujeitos que refletem, resistem e lutam a/na cidade, mas que se encontravam dispersos.</p>

	10.Espaço do Ser Menos: o conhecimento como desumanização.
Emancipação	<p>1.Antes de participar, já possuía interesse por concepções políticas e leitura sobre o tema.</p> <p>2.Interesse pelo veganismo potencializado pelo espaço do Paidéia.</p> <p>3.Interesse por elementos da perspectiva marxista: primeiros contatos.</p> <p>4. Contato com elementos da africanidade/afroperspectividade, permitiram uma maior percepção social e contribuíram para o entendimento da temática como conteúdo do Enem.</p> <p>5.Conscientização e construção do protagonismo: a responsabilidade de buscar/pesquisar por si própria, conteúdos e etc, para melhora de si mesma.</p> <p>6.Percepção da Alienação: dificuldade de se desalienar e contribuir na desalienação dos outros.</p> <p>7.Influência dos pais (professores) na constatação da realidade, no entendimento do processo educativo, no “despertar” para pesquisar.</p> <p>8.Rompimento de situações-limite: busca por um estilo de vida mais saudável que esteja conectado com o meio ambiente.</p>
Humanização	<p>1.Conscientização e construção do protagonismo: responsabilidade de buscar/pesquisar por si própria, conteúdos e etc, para contribuição do coletivo, do espaço...</p> <p>2.Entendimento da Inconclusão/Limitação: “as pessoas não aderem a greves...não se mobilizam “.</p> <p>3.Responsabilidade com a transformação: passar informação para as pessoas, se importar com os retrocessos e participar de mobilizações e movimentos.</p> <p>4.Constatação da influência dos pais, amigos e outras pessoas na rua para a formação humana.</p> <p>5.A importância da socialização da consciência para a transformação social.</p> <p>6.Identificação com outros/Identificação dos outros contigo: “Tu não estás sozinho”.</p> <p>7.Percepção da desumanização: atividades/aulas que eram produtoras do Ser Menos.</p>

11.4. Um elo da corrente.

Certamente que nesse meu início de docência, por mais que eu esteja seguro daquilo que comunico, por meio de pesquisa e estudo, materiais para levar em alguma atividade, conteúdos e seminários para trabalhar em alguma aula ou em alguma oficina, eu sempre tenho em mente a máxima freiriana que diz e de modo muito acertado que “todo mundo sabe alguma coisa e não sabe alguma outra”, e isso me prepara como um mantra. Porque a grande verdade é que indiferente do lugar que iremos estar temos que “saber chegar”. No Paidéia não é diferente, quando tu chegas para as atividades, e dá de cara com inúmeras pessoas com milhares de concepções de mundo, “há que endurecer-se, mas jamais perder a ternura”, não tem jeito.

Ao passar do tempo tu percebe que na Educação Popular, tu mais aprende do que ensina, mesmo na posição de educador, professor, mediador, provocador ou seja lá a nomenclatura que pode se dá para quem propõem atividades de aula. Pessoas como o Pablo, que possuem grandes vivências e experiências são de grande valia no enriquecimento do conhecimento desenvolvido de forma coletiva.

Aproveitar e potencializar essas experiências e essas vidas é o fundamento mais importante no Paidéia. Nem sempre se consegue isso, mas é nosso Sul!

Pablo nos honra com sua presença no ano de 2016 na seleção do segundo semestre, pois um amigo seu que faz o curso, veio procurar a coordenação para saber sobre o ingresso de novos educandos no curso. Pablo depois disso nos procurou, e informamos que abriria uma nova seleção no meio do ano.

Sua experiência vem da rua, do movimento rap, do *freestyle*, do skate, ou seja, uma das maiores “escolas” da cultura urbana. Viveu e vive

a cidade-rua, e nos traz elementos importantíssimos para a discussões em aula e trouxe também para esse trabalho. Pablo mesmo já sendo um aspirante educador de geografia, pois no momento está galgando uma vaga no curso de geografia da FURG, já é um educador-mediador-provocado das ruas. Media a Batalha do Conhecimento, um duelo de mc's que acontece na Praça Xavier no centro de Rio Grande. O teor dessa batalha, como já diz o nome, é o desenvolvimento do conhecimento, da cultura, da política, da espiritualidade, ocupação de espaço público e da cidade com teor filosófico e poético.

É um jovem de 37 anos, mas que possui uma conexão direta com as juventudes da cidade, e que como nos mostra, potencializou isso tudo através do Paidéia, da mesma forma que, dialeticamente, potencializou muitos espaços da Educação Popular no Hospital Universitário.

Essa entrevista/diálogo foi feita na mesma Praça Xavier, local da Batalha do Conhecimento, mas não em frente ao Monumento do Brigadeiro José da Silva Paes onde acontece a contestação através de rimas, mas próximo ao monumento que comemora a Libertação dos Escravos, que representa uma mulher (liberdade) quebrando as correntes.

Transcrição/diálogo com o Pablo.

Samuel: Vamo dá-lhe! Pablo eu quero que tu fale primeiro o teu nome completo, a tua idade, onde é que tu mora, o que tá fazendo por agora...

Pablo: Cara, sou Pablo Lara Correa, tenho 37 anos, sou de peixes (risos), hoje atualmente eu moro no Lar Gaúcho, morei na Cidade Nova, sou filho de professora e pescador, tá ligado? Meu pai... na minha, minha fórmula é índio, negro, baiano e carioca, tá ligado? Sou filho de índio, neto de índio e negra por parte de mãe, e sou neto de baiano e carioca por parte de pai. Meu pai era embarcado, conheceu minha mãe e eu tô aqui agora... saca?

Samuel: Massa! Meio que tudo junto e misturado.

Pablo: Cara estudei em colégio público, comecei a estudar no Silva Paes, mas passo Juvenal quando a minha mãe faleceu em 87, fui criado pela minha vó, sou um guri de apartamento, um caso a parte! Como eu digo, existem as suas exceções! Ah é guri de apartamento, mas existem as suas exceções!

Samuel: Tem guri de apartamento que vive a rua né?

Pablo: Que vive a rua, tá ligado? E tem a sensibilidade do apartamento, mas que conhece também a rua, saca?

Samuel: Massa!

P: É a sensibilidade que a minha vó me deu.

S: Faço a **Pergunta 1**.

P: Cara o Paidéia eu descobri ele pela internet, quando eu descobri ele, já tinham se encerrado as inscrições, tá ligado? Aí conversando com a Rita ela me disse que tinha conseguido e tal, e eu pedi para ela ficar monitorando, para que se rolasse outras vagas eu conseguisse acessar. Eu fui, te procurei, entrei em contato contigo, a gente trocou aquela ideia e eu acabei ingressando em agosto, daquele ano, tá ligado? Eu conheci o Paidéia assim!

S: De boca a boca, na internet...

P: Da internet e da internet eu fui correr atrás, tá ligado? Que o cara vem sempre nessas de fazer o Enem, mas não tem como o cara fazer uma preparação, aí vem toda a diferença... eu, referente ao Enem, eu tinha uma visão. Depois que eu conheci o Paidéia, depois que eu entrei no Paidéia, que eu comecei a frequentar as aulas, mudou completamente, saca? Completamente mesmo. Tanto na forma de fazer uma redação, quanto na relação de conteúdo mesmo, tá ligado?

S: E qual era a tua perspectiva de... pra além disso, da prova e tal?

P: Cara, quando eu cheguei no Paidéia, assim ó...

S: Porque tu já chega com uma bagagem... com uma, uma visão de mundo né?

P: Sim, o cara tem uma visão de mundo pela bagagem que o cara tem... e aí cheguei lá, bá eu cheguei aqui é um curso preparatório, gratuito, mas vou achar aqui... como é que eu vou te dizer? Adolescentes. Tá ligado? Eu vou chegar aqui e vou me inserir em um meio onde tem mais adolescentes. Pessoal que vem dessa trajetória que é o ciclo né? De terminar o segundo grau, prestar um vestibular, entrar numa faculdade, eles estão vivendo o ciclo

certo deles, no caso eu, é que tô correndo atrás das máquina! Saca? Eu, o meu ciclo passou, tá ligado! Agora eu tô correndo atrás do meu prejuízo, tá ligado? Então eu já cheguei meio assim, mais ali como foi passando o dia a dia, o contato, aí os professores, tu vai trocando uma ideia com um, com outro, aí tu já senta e senta e já vê que não são só adolescentes que tem aqui, é um curso aberto, tá ligado? Pode-se dizer que é uma... é um curso pré-vestibular para Jovens e Adultos.

S: É um EJA!

P: É um EJA, tá ligado? Tava procurando esse termo, e ao mesmo tempo a minha perspectiva era o que? Bom, seu eu quero fazer... se eu tenho o intuito de fazer essa prova, tá ligado, já fiz a prova sem nenhuma diretriz, sem nenhuma... Como eu posso te dizer? Sem nenhum acompanhamento, tá ligado? E eu tive um resultado X, com certeza, com acompanhamento o meu resultado vai ser melhor, tá ligado? Isso aí eu já tinha em mente. Porque o que que ia acontecer? Tu vai ter direcionamento de conteúdo, tá ligado? Tu vai ter uma pessoas para te auxiliar, para tirar as tuas dúvidas, ou até mesmo sendo uma pessoa retraída, tímida, extremamente tímido, que tu não vá perguntar para o professor o que que é aquilo, tá ligado? Mas tu tá vendo que ele tá te passando aquela informação, e as vezes só na forma que ele, tu lê, é a tua interpretação, a forma que ele fala, ele pode usar um termo diferente, que aquele conteúdo vai fixar... é uma coisa básica, tinha professores que tinha mais facilidade, tem mais facilidade. Tem outros professores que no começo são um pouco mais retraídos, que é um pouco mais difícil, mas com o passar do tempo, eles vão se soltando, e tu vai te soltando junto, tá ligado? E tu acaba absorvendo...

S: E a aprendizagem...

P: Tu acaba absorvendo, tanto ele absorve, quanto tu absorve, saca? Na questão da perspectiva, eu já tinha concretizado... concreto na minha cabeça que ia ser melhor. Tá ligado? Ainda mais na questão da redação, que era o meu ponto mais... é o ponto mais... por mais que eu escreva, é o ponto mais fraco...

S: Ela tem uma estrutura né? Ideia o cara tem...

P: Sim ideia tu tem de como fazer uma introdução, início, desenvolvimento e fim. Tá ligado? Mas no momento que eu tive lá que eu conheci, o que era uma redação, a estrutura de uma redação. Como me portar para fazer uma redação, tá ligado? Quais as regras que eu deveria adotar, o que eu não podia esquecer, entendesse? Ali, foi a partir do Paidéia que eu descobri o que era um Enem praticamente, pode-se dizer assim, tá ligado? Não querendo bajular, não querendo...

S: Não, não, claro que não.

P: É uma linha tênue, aquilo ali é feito dessa forma, as pessoas vão corrigir dessa forma, então uma coisa é tu fazer ela de olho fechado, sem ter noção das... é tipo como tu andar de carro, de carro tu sabe que não pode passar aquela faixa porque vai vir um carro contra, tá ligado? Ali tu tens as linhas por onde seguir, e tu sabe se tu passar isso aqui, tu vai perder pontos.

S: Tu aprende as regras desse jogo né?

P: Tu aprende as regras desse jogo, saca?

S: Faça a **Pergunta 2**.

P: Cara nasci aqui, nasci aqui, criado aqui, ando por tudo, não tem lugar, não tem bairro nessa cidade que eu não fui ainda. Conheço todos picos, o cara chega em qualquer lugar de boa, saca? Os meios que eu tava inserido ali cara, é o cotidiano da gente, de manhã, no meu caso mesmo, que eu tô desempregado, eu tenho feito mais, tenho sobrevivido de bico, instalação diária, elétrica, essas parada assim, então é um convívio, é um trampo, é um rolê de tarde que tu encontra algum amigo, é, umas horas na praça sentado, quinta-feira é dia de batalha, saca? Final de semana é um rolê no Cassino, quando tu tem alguma coisa pra fazer, sabe? Mais sempre, sempre, sempre, usando, ocupando espaços públicos... praia, praia, praça, cais, avenida quando tá de rolê pelo Cassino, tá ligado? Os pico pra andar de skate, quando o cara sai pra dar os rolê do cara. A rua propriamente dita, porque espaços fechados, clube, essa parada a gente nunca teve acesso. E também porque, o cara nunca quis também, se inserir nesses espaços tá ligado, não é, o cara sabe que não é o local do cara, pra quem é de Rio Grande, e anda na rua, começa a fazer amizades na rua, vê o que é realmente a rua, tá ligado? Tem pessoas que depois de certo horário não anda na rua de noite, tá ligado? Mas nunca saíram pra andar na rua de noite. (No momento fomos interrompidos por alguém pedindo uma “seda”. Normal, pois a entrevista foi realizada na Praça Xavier). Saca? É muito fácil tu falar de uma coisa que tu nunca viveu, tu nunca presenciou. Tá certo que tem o risco, entende? Mais, eu sou oriundo, eu te digo velho, eu sou oriundo da rua mano. Fui criado pela minha vó, pela minha dinda, meus dois irmãos, tá ligado?

S: É interessante como esse lance, já te interrompendo, que esse lance da rua tem um sentido de que tu, que as vezes tu tens que levantar a cabeça e as vezes tu tem que baixar a cabeça, tô na rua, tu tem que ter esse termômetro né?

P: E essa questão de levantar e baixar a cabeça, é um bagulho que tá muito *punk* hoje em dia, tá ligado? Tá muito punk mesmo. E eu sou, eu venho na rua, eu era cabeludo, barbudão afudê. Às vezes eu andava na rua as pessoas viam lá adiante já atravessavam a rua, tá ligado? E eu noto que isso continua, hoje, mesmo de cabelo cortado, barbinha mais pá e tal, saca? Mas é uma coisa que, acontece o que? Eu faço isso, Muitas vezes eu baixo a cabeça, saca? Às vezes eu vejo uma mulher, uma menina na rua vindo, e eu tenho concretizado dentro de mim n aminha... massa sanguínea, que eu sou, um possível...

S: Violentador?

P: Um possível agressor, tá ligado? Um possível a gente de violência, e eu sei que as pessoas já vem uma pessoa, um cara vindo, na rua de boné e de óculos, e uma mochila nas costas e tal, se tiver numa quadra assim que não tem movimento, as pessoas já ficam já... então eu muitas vezes já atravesso as ruas. Muitas vezes eu abaixo a cabeça, tá ligado?

S: E essa é uma coisa que tu falou que é importante também, as ruas os espaço públicos, não tem... gente passando, não tem transeuntes né? Então aí quando tu vê um outro elemento...

P: O cara sempre pensa no pior, o cara sempre pensa no pior. O cara nunca pensa, ah vou passar numa de boa, o cara sempre pensa no pior, porque o cara sabe como tá a conjuntura, da situação, tá ligado? O bagulho tá complicado...

S: Mas ainda seguindo nessa ideia a pergunta é... Faça a **Pergunta 3**.

P: Cara, cidade pra mim, é uma balança, véio. Só que infelizmente essa balança, ela nunca vai se equilibrar, tá ligado? Nunca vai existir esse equilíbrio, nunca, ela vai sempre pesar para o lado mais fraco, ou seja pra maioria, que é classe média, classe pobre, tá ligado, quem trampa de dia para comer de noite, e é um paradoxo, um contraste constante, e intenso, e alienado, saca? Porque tu vê muitas vezes na rua, a pessoas defendendo... chamando... pô vou ser até meio ignorante, meio grosso agora, tá ligado? Chamando aquela pessoa de coitada, sendo que ela tem uma condição, tem pra onde correr, e virando as costas pra um cara que tá sentando na rua ali, uma pessoas que tá fazendo um “chapéu”, saca? É um contraste punk. “Ah tu tem que arranjar um emprego”, “tu tem que trabalhar”, “tu tem que te manter”, o cara tá fazendo o chapéu ali, o cara tá trabalhando mano!

S: É um “emprego” né?

P: É um emprego.

S: É o trampo do cara!

P: É um trampo! Quanto tempo tu levou pra aprender a tocar um violão? Quanto tempo tu levou pra ensaiar um som? A preocupação que tu tem de ensaiar um som e fazer um som direitinho... mesmo que tu não vá ganhar 5 centavos, saca?

S: É a lógica do que o que vale é o mercado de trabalho e não o mundo do trabalho...

P: Não o mundo do trabalho, tá ligado?

S: É questão de status, o que é trabalho, o que traz né? O que representa assim...

P: A cidade é punk véio.

S: É um desequilíbrio então pra ti?

P: É, é um desequilíbrio. É um desequilíbrio constante! Um mar revolto! É um mar revolto sem calmaria. No mar, no oceano, tudo é contra estágio de calmaria, saca? E as vezes mesmo tu querendo tá calmo, tu querendo... ela não te deixa. As vezes tu pode... tu sai de cara as vezes, “ó vou sair, ninguém vai estragar o meu dia hoje “, mas aí tu vê uma cena...

S:...já muda tudo?

P: Já muda tudo, tá ligado? A forma como a pessoa, tá abordando alguém, ou a forma como a polícia tá abordando alguém, saca?

S: E aí tu escolhe né? Se tu vai e tá aberto para que tu mude o dia, seja visceral aquilo ali...

P: Tu vai meter teu dedo na moleira ali, ou tu vai dar as costas e vai sair a passo. Foda! Porque as vezes tu quer fazer alguma coisa, só que a consequência, a contrapartida, do que pode vir, tá ligado, pode ser muito maior, e caba gerando um problema muito grande pra ti então a pessoas, passa dá uma olhadinha, que nem acidente. “Ah aconteceu um acidente lá? ”, “vou passar pra dar uma olhadinha. ”. Na desgraça dos outros! Tu não vais ajudar?

S: Nem dá uma olhadinha.

P: Segura! tá ligado? Mas se tu chegar lá, faz alguma coisa. Se tu te aproximar, faz alguma coisa, tá ligado? Isso gera um sentimento de impotência no cara foda véio...

S: Faça a **Pergunta 4**.

P: Eu acho que a horizontalidade, do processo. Saca? Naquela questão de que tu tá dando a tua aula, e levantar o braço e te interromper. De surgir um outro assunto, a gente debater esse assunto, mas depois retornar pra aula, tá ligado? Porque o cara teve isso, eu tive isso

no colégio, eu tive professores de que enquanto ele tava ali tu não podia interromper ele, tá ligado? E as vezes é aquela questão, tem rima que o cara pensa, que se tu deixar para anotar em casa, tu não vai anotar, saca? Então tem aquele *flash* de sabe? Tu falou aquele bagulho, me desencadeou uma reação aqui, se eu não falar contigo agora, depois eu não vou conseguir formular a mesma dúvida, e isso eu achava bacana. A interação que tinha, tanto de professor e aluno, quanto de aluno e professor. Tá ligado, de educador e educando ali, saca?

S: Entender que pra ambos, aquele *insight* é importante né?

P: Importante. Pra uma pessoa muito tímida, é importante, isso aí é foda, porque naquele instante, tu teve a coragem de falar, aí tu foi lá e “não,não,não, só deixa eu concluir aqui!”, depois tu vai chegar ali com toda a tua boa vontade, “e aí, não dava pra eu perder meu raciocínio, me fala ai o que tu queria me dizer.”, passou! Ele até vai tentar reproduzir, tá ligado? Só que vai usar um outro termo, uma outra palavra que não vai... tu pode até explicar o que ele precisa saber, mas ele não vai assimilar, tá ligado? da mesma forma que ele fosse assimilar, que ele tivesse te dito o que realmente tivesse sentido naquela hora, naquele instante, tá ligado? E isso aí pra mim é o que é realmente tirar dúvida.

S: Então pra ti o mais importante nem é uma aula ou alguma coisa em si, mas sim a metodologia, uma metodologia que se perseguia no caso?

P: É, o método de como eram lecionadas as aulas, saca? O convívio, como era o convívio, no contexto geral o convívio que a gente tinha.

S: Pergunta 5. (16min:12seg)

P: Não, pelo contrário velho, pelo contrário. Eu tentei fazer o Máxximus, que era perto da minha casa, não consegui, tá ligado? Consegui a vaga ali no Paidéia e ele foi um divisor de águas, uma coisa é certa, quem dera que a gente pudesse ter um núcleo de Paidéia aqui no hospital, lá no Silva Paes, no Cedro, no Marinha tem, no Cassino tem, pudesse inserir isso aí lá na Quinta, tá ligado, pudesse ter no Caic, outro ponto estratégico também, quem dera! Nos pudesse fortalecer isso aí, ter recurso, conseguir recurso, para aumentar o leque de professores, entendesse? A gente vai conseguir alcançar, quem realmente precisa, tá ligado? Porque todo mundo que faz precisa, não que não precise, eu fui correr atrás porque não tinha condições de pagar um pré-vestibular, tá ligado? Um cara que trabalha que já tem uma vida aí já, e quer correr atrás de mais alguma coisa, vou ser sincero isso aí é fundamental, sem isso aí eu não teria entrado para Geografia no ano passado, é que eu não consegui fazer a minha matrícula, eu vi as listas erradas, eu me desatentei, foi falha minha,

mas sem o Paidéia eu não tinha passado, tá ligado? Eu não tinha conseguido ponto (?) – (17min:48seg) pra Geografia. Uma coisa assim ó, foi um divisor de águas, saca? Pra mim, acrescentou muito para a minha criticidade, meu conteúdo particular, meu conhecimento, me propiciou falar, porque sempre que eu tive vontade e acreditei que a minha palavra pudesse agregar alguma coisa, eu levantei o braço e sempre fui muito bem recebido, tanto sendo construtivo ou não construtivo, saca? E velho a gente tem que dar um jeito de formar mais núcleos do Paidéia pela cidade, isso aí é extremamente importante, extremamente necessário, é, é fundamental, é fundamental, é tão fundamental quanto o ensino fundamental, com outras... atendendo outras... que nosso ensino fundamental já não... saca?

S: O que eu percebo é assim, até do pessoal que eu fiz as outras entrevistas, a Anne o Rafa e tu, assim, que é o pessoal de outros bairros que fez um mega esforço para vir pra cá, se dirigir né? Ou as vezes, o Rafa falando, a Anne, dizendo, tinha uma época que estava perigoso lá (Me refiro aqui ao Bairro Getúlio Vargas), então a gente vinha e voltava sempre...

P: Em grupo !

S:...junto!

P:Quantas vezes de bikezinha eu vinha... não vai longe cara, pra tu ver o quanto é necessário o cara jogar isso aí para tudo quanto é bairro, pra aumentar os núcleos, que tu vê a real necessidade das pessoas, tá ligado, porque tinha pessoas ali, porque eu sou cara que me atento muito a detalhes, não é questão de tá olhando “ah o sapato da pessoas!”,tu olha a conjuntura inteira, eu sentava no fundo de uma sala de aula, e a gente tinha gente de tudo quanto é bairro ali, então bem ou mal, nós tinha pessoas que de repente tinha condições de pagar um curso, saca? Mas nós tínhamos gente que não tinha condições de pagar um curso, que ia pra lá com fome, tá ligado? Mesmo jeito que tinha aquela menina lá que ia pra lá e que sentava toda encabalada, que ela tava sentada que ela tava usando uma botina de trampo, saca? Tu vai vendo a conjuntura do bagulho, tu vê que é um é negócio necessário tá ligado? Que as pinta tavam saindo lá da Vila Maria mano, pra vir fazer aula aqui, tá ligado? É foda, porque as vezes a pessoa deixa de comer um bagulho, ou de comprar 7 pães, para comprar 3 pães pra sobrar dinheiro, pra pegar o ônibus pra vir pra cá... pra assistir aula, saca? Então é extremamente necessário que isso seja... já é concretizado, já é concreto tá ligado? A questão é, lutar para que? Pra que se radicalize mais, pra gente ter mais radicais, que possam vim à tocar, pra gente aumentar... mais células, são mais átomos, é mais agitação, é mais força que vai ter. Não sei se te ajudei muito nessa parada aí...

S: Ajudou muito cara! Tá ajudando muito! Faça a **Pergunta 6**. Sei que tu já falou, mas se quiseres falar mais alguma coisa sobre...

P: Tranquilão mano, traquilão... tá ligado? Não vou nem, nem bater tanto na mesma tecla, tá ligado? Porque assim ó, ali no Paidéia cara, tipo tu vai estudar pro Enem em casa, tu pode procurar lá os conteúdos, pode pegar uma lista de conteúdos, e uma coisa é tu ter uma lista de conteúdos e outra coisa é tu ter que estudar aquilo ali, e outra coisa é tu ter um professor em aula, que vá ó, hoje nós vamos ver Ecologia, tá ligado? Ou História do Brasil, tá ligado? Revolução Farroupilha, ou alguma coisa, ter uma pessoa que vai te indicar uma diretriz. Que mal ou bem nos conteúdos tem aquela parte que é mais propícia a cair saca? E o Paidéia vai te direcionar pra aquilo, entendes? é como se tu fosse fazer a redação, com certeza mano, o cara pode ser uma pessoas que saiba fazer uma redação, no momento que uma pessoa começa a assistir uma aula, no curso lá, e que cheguem os professores de redação e forem dar uma redação, ele vai parar e “tá, eu sei fazer uma redação, mas a partir daqui, é um outro oceano”, (risos), entendes? Tudo que eu sei tá guardado, vai me agregar, só que, o que eu tô vendo aqui, vai me fortalecer mais ainda, entendes? É... como é que eu vou quantificar isso aí?

S: Aquilo que tá sistematizado tu já tem, enfim, mas tu precisa te lançar pra tentar pegar o além disso...

P: Além disso, é aquele fator a mais, tá ligado, é aquele suspirinho a mais, que vai fazer tu chegar na superfície, saca? Seria mais ou menos essa parada, até mesmo porque tem uma outra questão, porque tu tá, fazendo parte de um curso, e este curso já tem uma preocupação de que? De te inserir na atualidade, tem muita coisa que tu não pega, então o cara que tá ali o professor, não seria o educando né?

S: O Educador!

P: O educador que tá ali, ele tá preocupado em te inserir, tá ligado, no que a prova do ano pode vir a né? Pode vir a te proporcionar, entendes? é completamente se tu tá... tu tá tendo acesso a informação e tu tá estudando em casa.

S: É que a informação é uma coisa, agora o direcionamento...

P: Informação é uma coisa, o direcionamento, a forma como a pessoa vai absorver aquilo e transpor aquilo, as vezes tu não consegue entender, aí a pessoa vai ali e lê e te explica com outras palavras que porra, era isso aqui! Pô, saca? Tem essas... Eu, eu tenho isso. Eu te digo porque eu vivo isso, tá ligado? Tem muitas coisas que o cara lê, lê e lê, e volta a

reler, e aí tu tá conversando com uma pessoa e aí tu diz “bá li aquela parada e ficou tri vago!”, “mas o que, que ficou vago?”, “bá aquela coisa e tal e tal”, “bá olha só eu quando li eu entendi isso aqui, entendesse, absorvi isso aqui, quem sabe se tu olhar isso aqui... ler isso aqui com tal pensamento, será que de repente tu não vai alcançar o que tu quer?” ...

S: Dá uma potencializada!

P: Dá uma potencializada, já dá uma potencializada, e é o que o Paidéia oferece cara, ele é um potencializador, tu tem lá o tem potencial, tu sabe, ele tá lá guardadinho lá dentro da... só que tu não consegue chegar lá, tá ligado, então se o cara... a cada dia que vem tu vai assistindo uma aula ou outra e tu vai vendo, bá é possível ! Eu posso ir um pouco mais além, eu posso ir um pouco mais longe, tá ligado? É uma fórmula, é uma fórmula, eu, meu elemento tá aqui, pro elemento do educador tá ali e puder, com que o toque dele reaja, que o toque dele faça surgir uma reação, e essa reação seja o...

S: O aprendizado!

P: O aprendizado, tá ligado? Que eu consiga absorver a reação, porque no momento que eu absorver isso aí, eu vou me tornar uma pessoa diferente saca? é isso, é gerar a diferença que as pessoas precisam, entendesse? Um pré-vestibular pago não tem... um pré-vestibular pago os cara tão ali, propriamente dito, o cara vai ali, ele vai te incentivar, vai te incentivar, vai te incentivar mas por outras questões capitalistas, pode-se dizer saca? Ali não...

S: Não é só passar por cima dos outros né?

P: É, não é só aquela, aquele treinamento pra aquela corrida, pra aquele páreo! Pra tu ser o primeiro da lista, tá ligado? Ali no Paidéia o que eu vi? Tem espaço pra todo mundo, todo mundo pode chegar lá, saca? Basta todo mundo estudar sem competição, na horizontalidade, tem aquela pessoa que tem mais tempo para estudar, lógico! Só estuda! Tu estuda de manhã, tua aula é a noite? Tens a tarde pra estudar, beleza, está no teu tempo! Tá tudo certo, então corre atrás. Não deixa passar como eu fiz! Eu que tenho que ficar estudando até as 2 da manhã pra compensar o tempo perdido, não tu!

S: E as vezes o cara tá trampingando o dia inteiro, chega cansado na aula a única coisa, que tu quer fazer é dormir! Né? Paciência, tu vai chegar e vai dormir teu corpo tá cansado... não é por força de vontade, não entra!

P: Mesmo que tu queira, sentado aqui ó... o bagulho pesa!

S: Não desenvolve.

P: É não desenvolve! Tem toda essa magia, tá ligado?... posso chamar de magia por que curto! É um lugar que eu me sentia bem. As vezes eu saia de casa meio noiádo, vinha caminhando, me sentava, tomava uma aguinha e... tava zen, suave. Saca?

S: Perfeito mano, bom é um pergunta parecido com a anterior, mas se quiseres deixar alguma outra coisa, vai embora! Faça a **Pergunta 7**.

P: Com certeza... com certeza. Cara, assim ó, me potencializou porque? Porque ali tu tem professores que já vem já, tão no processo de conclusão de curso, já tem uma bagagem, já é completamente diferente de uma pessoa, que fez o Paidéia e entrou pra... que nem a... me esqueço o nome dela... ela fez o curso e tava dando aula, de matemática...

S: A Kaiane...

P: Kaiane, acho que foi, saca? Ele é um a gente potencializador, porque? Porque tu vê pô ela tava sentado aqui, no ano passado. Saca? Ele efz, passou e agora tá aqui fortalecendo, tá ligado? Do mesmo jeito que vocês, tão lá meio que em conclusão de curso, numa baita correria, tá ligado? Tempo esgoelado, e mesmo assim tira aquele, aquela terça-feira pra estar lá naquela 2 horas de aula, e se ausentar do resto. D aporta pra dentro é Paidéia, da porta pra fora, eu sigo meu corre. Entendesse, potencializa, potencializa. Porque ali o cara vê, eu via a pessoa chegando 19:15, 19:20, era uma pessoa que tava trabalhando, tava saindo da aula. Uma mana lá, uma irmã, que eu conheci o menino, ela ia com um menino. Ela sentava lá pra assistir aula com o menino, com o filho dela, porque não ti há onde deixar o garoto, saca? Então é tudo coisa que vai, que vai potencializando. Pô o cara correndo ali, correndo aqui, e eu não querendo vir pra aula. Pô! Imagina como não foi o dia dessa guria?

S: Ai Pra nós que estamos mediando, ta provocado, dando aula ali, isso também é fundamental! São do Cassino lá debaixo de chuva ai tu chega “poxa, será que alguém vai tar?”. Ai chega aqui tem 20 que também encararam a chuva, independente, alguns chegaram d ecarro, algus chegaram de bike, outros chegaram de ônibus com os filhos como tu falou né?

P: Claro, claro, muitos encararam a chuva de capuz, mas foram lá, isso pesa um monte velho, pesa um monte. Esse ano mesmo, tinha uma senhora, me sentei daqui a pouco eu levantei a cabeça tinha uma senhora sentada... aquela coisa básica! Pode crer tia, é isso aí, vambora! É aquele, é aquela brisa que faltava na tua vela pra tu navegar mais 30 milhas, saca? e chegar no teu objetivo. Potencializa e muito !

S: Faça a **Pergunta 8**. (29:17)

P: Tchê cara posso dizer que o seguinte, a cultura toda de acesso, de estar ocupando espaço, tá ligado? A questão de o cara.... me fugiu. Agora. Me repete ela por favor...

S: Repito a **Pergunta 8** do roteiro.

P: Essa questão de acesso, porque a gente estava ocupando um lugar ali que era elitizado, saca? Se tu parar para olhar ali velho, 80% é gente de fora, eu tava ali nos corredores e tava vendo, procurando quem era de rio grande, nas fotos de formação ali, saca? Tu vê 1,2,3 num quadro, mais 1,2 num outro quadro, tinha quadro ali que não tinha um rio-grandino, saca? Então essa questão aí mano, eu tinha em mente, eu tenho em mente, eu foi criado assim, eu sei o meu lugar. Eu sei quando eu tô de boa, e eu sei quando eu tô sobrando, saca? então ali mano, ali era um local que eu nunca tin há entrado, saca? O cara passava ali olhava, mas nunca tinha acessado ali...

S: Nem sabia que podia entrar as vezes...tem gente que entra e pensa “mas será que eu posso entrar aqui?”.

P: Aqui é só a faculdade, só estudante de medicina, o que que eu vou fazer aqui dentro? O que que eu quero aqui? O que que eu quero aqui? O que vai me agregar? Não só parar mim mais garanto que para muita gente, mas abre portas tipo assim ó “eu posso entrar em qualquer lugar! Eu posso chegar em qualquer lugar”. Tá ligado?

S: Ocupação do espaço?

P: Ocupar o espaço!

S: Entender que tem essa possibilidade, e que é teu né?

P: Mesmo que tu só queira chegar ali e saber o que tá acontecendo. O que tem ali dentro, tu pode chegar ali, saca? Questão de diminuir, encurtar a distância entre, pessoas que não tem acesso, tá ligado, implantar aquela ideia de que “não, eu posso!” ...

S: E aquela coisa né, da a mesma forma de que tu tens que ocupar a rua, tu tens que ocupar os espaços de poder... e eles são de qualquer um, por mais que as pessoas digam hegemonicamente que não é!

P: Sim, e á a mesma coisa que a câmara ali, chegar e sentar pra ver aquele bando de corrupto ali, e agir de má fé. Tá ligado? é, Tá ali, só chegar, entrar e sentar ali e ver, constatar com os teus olhos, ninguém vai estar de falando, tu vai ta vendo que o fulaninho é, que o siclaninho é, tu vai estar vendo com os teus olhos como é que eles estão agindo ali dentro,

S: Já é diferente nè?

P: Totalmente diferente...

S: Tu vê que os caras fazem mesmo...

P: Mesma coisa tu dizer “bá vi fulano dando um tiro num cara “, “ah não acredito!”, outra coisa é tu ver o cara dando o tiro. “Bá é verdade!”, saca? E aquele ali é outro espaço que deve ser ocupado, e as pessoa snão vão, não ocupam, justamente por isso, por acharem que é um espaço...

S: Não e vou te dizer cara, agora tu falou do esquema da câmara, agora segunda feira quando a gente conseguiu entrar lá para o esquema que queria criminalizar o lance da diversidade de gênero e que eles defendem como ideologia de gênero, que eles inventaram, cara vou te dizer, a pressão da galera lá dentro, muitos dali que a genet sabe que operam de má fé, por ver a população ali, se ausentaram do voto, mas tu sabe que eles defendem aquilo ali, mas a pressão popular né, pressão popular...

P: Porque se fizerem e conhecessem mesmo os políticos da cidade, aí sim a política ia tomar uma outra direção.

S: Caraca !

P: É, é punk cara.

S: Massa!

P: Acho que ficou meio vago isso aí.

S: Não, ficou massa! Tem vários elementos. Faço a **Pergunta 9**.

P: (Assovio de espanto!)

S: Essa aí, tu é o cara que...

P: Falar de juventude...

S: Tu é desse meio né?

P: Não já passei já. Tô com 37! Mas convivo... troco ideia...

S: Tu tem 37 mas tu é, na minha hipótese, tu vive e convive com a juventude. Tenho certeza que tu pode me dar uma chave de entendimento sobre isso aí.

P: Convivo, troco ideia, não sou perfeito, simplesmente eu digo “ó meu!”, “existe o caminho A,B ou C!”, ninguém vai forçar tu a seguir o A,B ou C, tu que vai ditar teu caminho, traçar o teu caminho e dar teus passos, só que o que tu tá vivendo agora cara, infelizmente vai refletir no teu futuro, saca? A juventude, é um leque aberto, é um leque aberto! A juventude tem todas as opções, dentro das suas limitações, saca? Porque... até ignorância minha, “a juventude ter todas as opções” porque um brother meu que mora lá no cedro não vai ter as mesmas condições da de um cara que mora aqui no centro. Nessa questão de, balanço social, espaços de poder, aonde convive, aonde trabalho, o meio em que convive saca? nesse meio todo, dentro de suas possibilidades, dentro da sua realidade, dentro de sua possibilidade não, dentro da sua realidade, tá ligado, é um leque aberto. Porque todo mundo tem a capacidade de chegar... de procurar evoluir, todo mundo tem, a pessoa nasce com isso, esse intuito, então tu vai crescendo tu vai aprendendo e vai guardando as coisas, tu vai evoluindo, tu vai pegando a noção do que é certo e do que é errado, do que vai te levando para um caminho melhor, tá ligado cara? mais...(segundos de silêncio) atualmente falando também, cara... difere muito né meu? Dá década de 90 pra cá...

S: Sim claro, até porque umas das questões que eu tô trabalhando como hipótese, é que há juventudes! Que é o que tu falou... existe a jovem ali filha do prefeito, e existe a filha que tu falou lá filha da doméstica. Em relação de etnia, em relação de gênero, em relação de economia, em relação de capital cultural, enfim de tudo.

P: Isso, de acesso e de tudo. Mas que hoje, pra juventude, tá muito mais fácil tudo, tanto pro bom quanto pro ruim, entendesse? Aí é concreto ! Aquela coisa, “me diga com que andas que te direi quem és”, é uma balela, pra mim é uma balela, eu conheço aí, moleque que anda armado e que faz e acontece, e outro que nem fumar, fuma. Mas são amigos, se criaram juntos, moram na mesma rua, saca? Então eu vejo a parada meio que dessa forma, sabe?

S: A derrubada desses argumentos que são meio que... cristalizados?

P: É, é, o conservadorismo, porque mesmo tu sendo periférico mano, tu tem acesso à internet, mesmo tu sendo periférico, existem pessoas que não querem que seus filhos estudem, tá ligado mas mesmo tu sendo periférico, a maioria da mãe “faz das tripa o coração”, pra botar o cara no colégio, botar a gurria e o guri no colégio. Digo a maioria mãe porque saca? É a mãe que segura a bronca, eu não tô longe disso! Eu sou pai. Eu fui pai com 21 anos, e eu perdi boa parte do crescimento da minha filha. Por imaturidade, ignorância, saca? Por as vezes tu não ter uma pessoa por chegar e conversar, por isso que eu

digo que a mãe vai fazer das tripas o coração, tem as suas peculiaridades em cada em todas as relações e em todas as famílias, mas é basicamente, o alicerce de uma família é mãe. Já sai ao natural, já sai ao natural. Pelo que o cara já viveu, pelo que o cara já passou, pelo que o cara já proporcionou também em atos falhos, saca? Só se o cara mudar! Graças a Deus ! Graças ao universo, porque essa história de Deus cara...

S: É controversa?

P:... cara eu tô numa faca, eu tô numa sinuca de bico.

S: Na linha tênue, na lâmina.

P: Eu não boto fé, que um ser humano, um único ser humano possa ter... tudo isso, tá ligado? Mas por outro lado boto fé, porque o homem é um ser falho. Porque ele pode ter criado toda essa beleza com toda essa maldade que existe. Saca? Eu tô nesse... nessa bifurcação saca? Tentando achar um caminho reto pra seguir, pra seguir nas duas...

S: Todos nós né?

P: É e tô me agarrando, tô procurando e me agarrando com os pés e com as mãos nessa questão mais da quântica, do universo em si, saca? E não pela criação.

S: Ou num Deus Quântico? Ou numa Deusa? (Risos) Faça a **Pergunta 10**.

P: Cara preocupa, me preocupa, tá ligado, pela conjuntura nacional mesmo, em termos políticos e parlamentar, eu tenho uma filha de 16 anos, saca? minha filha daqui a dois anos vai estar fazendo pré-vestibular, quero eu que ela faça o Paidéia, que ela não faça... embora tenha condição, gostaria que ela fizesse esse preparatório, e velho a preocupação básica é o que vai ficar, é o que que o cara vai deixar, se se... o que me chateia é que a população riograndina, gaúcha, brasileira... eu não sei o que faz as pessoas serem tão acomodadas, eu não sei o que existe no povo brasileiro que faz o povo brasileiro ser tão acomodado, sabe, tipo assim é aquela questão do copo, as gotas vão caindo dentro do copo e o copo vai enchendo, e uma hora ele vai transbordar, e quando ele transbordar pode ser tarde demais, como aconteceu com as reformas trabalhistas, tá ligado, com as leis que... com a questão do Polo, saca? Tipo, de tu ter uma estrutura toda e o pessoas não fechar mais contrato, entendesse? E essa escassez de trampo...

S: E as pessoas achando agindo de forma cínica...

P: Normal, tá normal. Outra coisa que me preocupa é essa bancada evangélica, me preocupa muito. Muito, muito, muito mesmo.

S: Porque são poderosos né cara?

P: Sim eu tenho em mente que bancada evangélica a cada dia que ela se empodera mais, que ela cresce mais, vai chegar um ponto que vai ser difícil erradicar. Erradicar é pesado demais, mas vai ser difícil de combater, saca? Porque o bagulho vai se transformar numa...

S: Teocracia?

P: Numa caça às bruxas. Tá ligado....um exemplo simples? Traficante, tem traficante evangélico correndo umbandista de morro, no Rio de Janeiro, saca? Via seguir por esse lado, se eles realmente dominar, tomar as rédeas da situação, cara não é tendencioso, é concreto, saca? Porque vai se... como é que eu vou te dizer? Vão trabalhar em cima de uma teologia seria?

S: Sim, uma linha teológica, uma teocracia né?

P: Uma teocracia, uma linha teológica que tu vai não vai atingir...tu vai atingir uma minoria. Se for colocar em números tu vai atingir uma minoria. Sem falar na, toda questão de lavagem cerebral né cara? Porque eu já ouvi o cara dizer, “eu doou para igreja todo mês e é problema meu!”, e tu não pode dizer porque cara que não porque realmente é, saca? Cara não quer abrir os olhos, foi um trabalho bem feito pelo pastor se é que se pode dizer. O pastor tem o dom da palavra saca? E isso preocupa muito mano. O que nós vamos deixar de leis, políticas e políticos para as gerações...

S: Diretrizes...

P: Diretrizes, é a palavra certa.

S: Coisas constitucionais.

P: É cara isso aí é o que me preocupa, a constituição foi feita em prol do povo, pro povo, e os cara botaram, eles, como é que eu vou dizer, vou ser um pouco ignorante, ladrão, um ladrão! Uma pessoa que mete um banco aí, uma loja, é isso aí.

S: E é importante tu colocares isso aí, porque uma vez eu estava conversando com um guria, uma mulher que estudava no Paidéia e perguntei “bá fulana porque que tu saiu?” e ela me respondeu “bá Samuel estava ficando político demais!”, e aí eu fiquei assim... bá! “Tá mais alguém tá falando de algum partido, assim?”, e ela “não, não, não, tá ficando político demais, muita crítica política...” e eu “ah tá beleza...”

P: Mas é isso que a gente precisa. É isso que tem que tá inserido desde o fundamental.

S: Talvez vai de encontro com a tua dúvida de o porque que o povo brasileiro é tão acomodado.

P: É, é justamente isso.

S: Mas de um outro lado existe uma tentativa de sair dessa ilusão que a gente tem né? De que eu preciso fazer uma pressão na câmara mas eu preciso construir alguma outras coisa sné?

P: Sim o pessoal tem que entender porque que eu tô aqui na câmara, porque que eu tô aqui de tarde num baita dum sol. As pessoas só vão entender quando for ensinado pra elas, a história da Inglaterra, da Europa, não me diz respeito cara! O que eu estudei no Juvenal, o que eu estudei nas aulas de história no Juvenal... um livro dessa grossura que a professora dizia “Vamos escrever à tinta!”, tá ligado? E eu peguei isso aí no Juvenal. Sexta, sétima, saca? Não me interessa. O que me interessa é isso aqui. No momento que essa política que ela falou, que tava incomodando ela, e isso nós tamo falando de... praticamente segundo grau ali. Vai entrar na faculdade, são jovens que vão se tornara adultos daqui a 1 ou 2 anos. E ela já sentiu o peso ali. Isso que as pessoas já tem um, em 2017, nos tempos em que a gente vive, já tem um acesso tem muita gurizada que já tem a opinião formada e que muito cara aí de 50, 60anos... é extremamente leigo. É extremamente alienado! É a personificação da alienação, saca? No momento que isso for inserido, que essas políticas em si, da política nacional, que é feita qui no rasil, do que fez o Brasil ser o que é hoje, se a história do Brasil fosse estudada a finco, iriam ver que a corrupção vem desde lá. É um... é um luta, é uma tu querer eliminar a corrupção do Brasil porque o Braisl já foi criado, em cima...

S: Em cima de uma ideia de dependência, de ser dependente, de ser colonizada e de continuar colonizado.

P: Justamente, de favores, tá ligado? O Brasil foi criado nessa, se formou nessa... não vai longe as Capitánias Hereditárias, o Brasil foi criado, então isso foi uma coisa que... tá impregnado no cara velho, tá impregnado. O Velho Mundo trouxe isso pra nós infelizmente, tá ligado?

S: Pergunta 11.

P: Muita! Muita resistência. Que se não... se o cara não resistir o cara tomba velho. Se o cara tombar o cara vai ser mais um alienado.

S: O próprio, a própria batalha do conhecimento é uma dessas coisas né Pablo?

P: A batalha é um puta ponto de resistência!

S: Podias falar um pouco mais sobre a batalha do conhecimento, daquilo que...

P: Porque assim ó, da primeira batalha, um exemplo básico, tem um... tem mc's aí que vinham batalhar e tu via, o mano de cor, negro, xingando outro negro, em termos raciais, tá ligado? Hoje tu não vê mais isso, em 1 ano e meio de batalha, tu via a guria vibrando porque o cara rimou termo machista, homofóbico, sexista, saca? Hoje tu já não vê mais. Hoje o cara que vem pra cá, pra batalha da Xavier fazer um rap, pra fazer seu freestyle, ele passou a semana inteira pensando, o que que eu vou dizer quando chegar lá? Porque eu tô rimando, o cara vai estar assim com o cérebro dividido ao meio, ele vai estar rimando com o lado esquerdo do cérebro, mas o lado direito dele ele vai estar pensando “eu não posso falar disso, eu não posso falar daquilo, porque o pessoal vai cair aqui em cima de mim”, tá ligado?

S: Porque eu tô construindo uma outra coisa né?

S: Porque é o que a gente busca, a gente busca isso aí, a gente busca trazer informação pra quem não tem informação, a batalha surgiu por intermédio de 2 Brothers que nem fazem mais, fizeram só a primeira edição, porque conseguiram a liberação da prefeitura. Segunda edição eles não conseguiram a liberação da prefeitura então não ia rolar. A gente que veio pra cá e a gente que fez. Desde então ela rola, e aí tornou-se efetivamente a ocupação de um espaço. Porque nós estamos na praça a praça é pública, então não precisa de autorização pra cantar na praça, saca? Desde então que ela se tornou uma... independente, ela se tornou uma cena independente, ela tem vida própria, porque ela não depende de A, B ou C pra estar aqui pra fazer a batalha. Se tiver um número X de mc's pra fechar uma chave, qualquer um chega ali, faz as inscrições, faz as chaves, sorteia, e dá início a batalha. Se tornou uma parada independente, uma parada de resistência, e independente, tá ligado? E cara, assim ó, do mesmo jeito que tem cara que tá aí, que rimou nas primeiras batalhas e ta aí até hjje,, tem muita gente que não vem mais rimar, tem! Tem e vai faltar dedo numa mão, cara que não rola, que não rima, e de muito cara também que diz que é da cena do rap da cidade e que pá e pum, mas nunca rolou aí pra fazer uma rima pra fazer uma intervenção, pra trocar uma ideia... pra ler um simples poema, tá ligado? Que seja, ou quem sabe...

S: Ou pra tirar uma foto!

P: Não, pra tirar uma foto sim! Já teve cara que chegou ali, parou tirou uma foto e foi pra internet. Postar de que pá e tum e tum! Tá ligado?

S: De pá, tô aqui com os guri?

P: Eu já ouvi o cara falar aí que o importante é o cara passar uma boa imagem. E pra mim um MC que fala isso pra mim, um rapper que fala isso pra mim, não é rapper, saca? Porque o importante pra mim é eu passar a minha mensagem, independente se eu tiver de pé descalço, todo sujo, de bermuda rasgada, com a minha bermuda rasgada, resumindo, a imagem que vá pra.... pro inferno! Eu não vivo de imagem mano, tem um cara que tá sentado ali, todo sujo no meio da rua, e que não passa uma boa imagem pra ninguém. Mas se tu sentar do lado do cara ali “e aí cara beleza, como é que tu tá? ”, e tu começar a conversar com o cara, o cara pode ter lido mais livro que tu. Sendo um mendigo.

S: Pode ter mais conhecimento que tu não lendo livro nenhum.

P: Muito mais, pior ainda. Mais tu me ajudas mano, saca? Porque é o que eu digo, porque eu que digo não, é constatado, tu ler, tu pode ler, tua mente vai viajar, tu vai imaginara aquela situação. Uma coisa é tu viver uma situação e tu falar o que tu viveu na pele, tipo eu li aquele livro, aquela parte eu entendi assim e assim e aquilo, e pô cheguei aqui e assim e fui abordado e aconteceu isso, totalmente diferente mano. Sentir na pele uma parada, sentir na carne.

S: E tem diferença né Pablo entre a batalha do conhecimento a batalha de sangue, queria que tu falasse...

P: Tem, tem. A questão é que...

S: Porque as duas são resistência na cidade...

P: São, são resistência, são resistência porquê? Tu estás ocupando o espaço público, tá ligado? Que pode falar o que tu quiser, entendesse, só que o que difere a batalha de sangue da de conhecimento é que a batalha de sangue é mais pejorativa, enquanto a pessoas não entenderem que tem como tu fazer uma batalha de sangue sem ser pejorativo ao extremo, tem como tu desbançar uma pessoa só no talento, pode se dizer no conhecimento, com as palavras, porque seria como tu, convencer uma pessoas através dos teus argumentos né? Seria?

S: Sim, seria! E aí parte dela, se ela se desmonta, ou se ela aprende com aquilo, aquela ruptura que tu faz...

P: Ou ela passa para o próximo grau de evolução, tá ligado e começa a criar uma nova perspectiva? Correr atrás da informação, não é nem assim ó, pra tu te anivelar com o pessoal que cola na batalha ou não, é pra tu crescer como ser humano, como pessoa, saca? Que é o principal intuito da batalha. Que a batalha de sangue rola, rola? Que a gurizada gosta de sangue, é o que ta mídia, tá ligado, é pegação como eles falam, é só é pegação, só na batalha, só na batalha... Mas não é, não é só na batalha, não é, eu não acredito que o cara que tá teja rimando com outro cara e que vai chegar e vai xingar numa rima a mãe do cara, que vá botar numa rima um parente do cara, ou a tia ou tio do cara e vai sair e com aquilo... quando chegar na próxima quinta não vá chegar ali... “tá ali o cara ali! Bá aquele ali falou mal da minha mãe, da minha namorada falou mal do...” saca meu? Isso aí fica, isso aí fica. Por mais que diga isso aí é só sacanagem, sem ressentimento, mas não mas fica velho...

S: Palavras são como flechas lançadas e que não voltam...

P: Tem uma rima que diz, “palavras ditas em vão são balas que rasgam a carne”, saca? E os caras tão ali na hora rimando e falam, e não pensam como aquilo pode atingir a pessoa, e aí varia, tem gente que nem sente nada, que não tá nem aí, mas tem cara que tá ali que tá rimando, que pode ter acara mais robusta e pum, mas por dentro pode ser totalmente diferente, e isso aí vai pesar. E pesa também, e o que pesa muito em mim, eu credito muita expectativa naquela pessoa, porque tu vai criando afinidade com os cara, porque tu vai rimando, tu vai trocando ideia, rima aqui e encontra ali e tal nos pico, aí tu vai bá é o fulano que vai batalhar e tu chega perto para ouvir, e aí quando tu vai ouvir o cara vai rimando e rimando e aí sai um... e aí já meio que cai os butiá dos bolso, que nem o cara fala, saca?

S: E isso vai, tem 2 coisas que eu tiro disso aí que tu falou a primeira coisa que é o seguinte, tu como batalhador, tu batalha também né? e é mestre de cerimônia também né?

P: Eu apresento a batalha faço beat, as mana apresentam a batalha e fazem beat, os mano...saca? É um organismo, é como eu falo, eu sou um elo da corrente, tá ligado, batalha da Xavier é uma corrente de quilômetros e quilômetros, cada um é um elo, se um elo romper tá ligado, ela pode arrebentar que o cara vai correr, e vai pegar e puxar e vai emendar ela, e ela vai seguir, entendesse? Então cada um faz uma parte. Tem um fechando a batalha, tem um fazendo beat box, tem um fazendo uma rima ali aquecendo e tal, as veze não tem ninguém que faça um beat box mais aí chega uma pessoa toda encabulada, nunca fez ali, “ah faz aí cara, apoia!” Como eu falo, porque um só não dá, não tenho goela pra fazer um beat box pra uma batalha inteira, e assim foi surgindo mano. Antes era 1 ou 2 que fazia

baile beat, agora tem vários, agora dá pra chegar, tipo quem faz beat mesmo, tá acostumado a fazer beat dá pra achar e nem fazer beat, porque tem várias gurizadas que tem beat mais foda que o cara...

S: Tem uma cena que produz, artesanal...

P: Tem mano aí que tu tem que ver, mano! Tá mano puxa um trance aí. O mano puxa, vai indo... saca? Esse é o intuito da batalha na minha visão. Eu tenho uma parada que eu digo que é um sonho, um sonho de batalha, eu tenho um sonho, o meu sonho de batalha é mc, é grafiteiro, é dj e b-boy, tudo junto! O meu sonho de batalha é que um dj um dia aí, que o universo e a quântica me ouça e mexa seus...saca? Essa matéria ! Que chegue um cara aí coma sua pick-up “e aí gurizada posso fazer uns beat’s aí pra vocês, posso tocar pra vocês?”. É o meu sonho, que venha 2 ou 3 grafiteiros coma folhinhas prontas, já da batalha. Eu faço folhinha em casa ! Eu pego a folha em casa e faço, separo por chave, faço um desenho no fundo e pá, é documento cara, eu tenho folhinha lá em casa da primeira, segunda batalha, é documento mano! Daqui a 20 anos quem quiser, tá aí, não tenho todas, de todas as batalhas, mas tenho todas as folhinhas das batalhas que eu ganhei, e ho as que ficaram só com os nomes dos mc’s e os temas das batalhas de conhecimento... eu tenho guardado lá, tudo datada, do ano passado. Eu tenho guardado os bagulho. E o meu sonho de batalha, é esse de quinta-feira, chegar aqui, 19:00, 19 e pouco ter um dj nem que seja só um...

S: De modo, vim aqui contribuir de modo solidário. Quero fazer parte disso!

P: Mano a batalha é um coletivo, a batalha é um coletivo, a batalha não depende de 1 ou 2 pessoas, que nem as pessoas falam, tu tá andando pela rua aí “vai ter batalha hoje?”, toda quinta tem batalha mnao, tu não tem que me perguntar se vai ter batalha hoje, tu tem que tar lá, tem que colar lá, eu muitas vezes, tri desmotivadão, não vinha, chegava na metade pra ver se o bagulho rolava, tinha vez que chegava e tava parado, tinha vez que chegava e tava rolando... aí agora não, tu chega e tá sempre rolando, sempre rolando. Mesmo que comece tarde. E a resistência dela, tu vê a resistência da batalha porque as vezes não tem 8 mc, e fica todo mundo ali, sabe? 21:00, 21:15... não tem 8 MC mas fica a gurizada ali. Aí chega alguém que já rimou 1 ou 2 vezes, pô rima aí pra fechar 8. E tem gente que não rimam, mas se inscreve pra fechar 8 pra batalha acontecer, tá ligado? Aí tu já pescou mais 1 ! Que nunca rimou na vida, aí foi ali batalhou, sentiu aquele negócio pum! Na próxima quinta-feira vai estar lá.

S: É o processo né cara?

P: Pode chegar e pode talvez não rimar na próxima quinta-feira, porque tinha bastante MC, mas tá ali, bá se de repente se faltar alguém eu me inscrevo de novo. E aí daí surgiu mais um MC. E é assim que o cara vai, saca? É assim que o cara quer fazer, vem mano do Mari-nha, vem mano da Castelo, do São Pedro, vem mano do Cassino, do BGV, dos Navegantes, saca?

S: E isso aí derruba 2 coisas né Pablo? Primeiro o seguinte : acidade não tem nada. Segundo: a juventude não quer nada com nada. Não tá nem aí pro conhecimento... (1:00:33)

P: Tem mano que sai lá da, pega o rodão do bosque e vai embora! Tem mano que vem lá de bike dos meu! Um carregando o outro. No quadro ou na bagageira e vem 2, 3... e vem de bike! Tem mano que sai lá, da quinta mano, vem, trabalha no Guanabara ali, as vezes chega atrasado, mas sai do Guanabara e vem aqui pra batalha. Depois pega o busão e vai pra quinta, pra casa. É bom, porque, porque tem uma coisa que eu curto e que tá rolando que é o que, tem muita gente que duelava só nos bairros, só com os amigos ali, bá tá rolando as batalhas...

S: E aí tu forma os guetos né?

P: É forma, os guetos, mas aí as pessoas vem rimando de tudo que é canto, tá certo que tá tá na rua, com todos os perigos e riscos da rua, é rap, tá ligado? Elite não gosta de rap. Elite começou a gostar de rap de um certo tempo pra cá.

S: Quando começou a elitizar o rap. Quando ele começou a se enquadrar em algumas coisas...

P: Começou a ficar mais pop, porque é a rua, aqui rola de tudo mano, vem desde o mendigo, o by, de quem estuda, de quem não estuda, de quem só trabalha, de quem não faz nada, de quem faz um corre aí pra se manter de pé, porque na conjuntura não consegue trampo, e pelas condições da vida mesmo, que a vida proporcionou, que ele aprendeu, que é se virar, que é o corre. Aqui mano, quinta-feira é dia de batalha! Já rolou treta, já rolou treta. Já rolou briga, mas já rolou também do cara apaziguar.

S: Porque das poucas vezes que eu sai aqui em Rio Grande, tu vê que numa festa que começa juntar gente de tudo quanto é bairro, os manos já começam a se ver, e aí um tem rixa com outro, o outro matou o primo do outro e tu vê como Rio Grande é barril de pólvora.

P: Já rola um tensão, já vira uma tensão. E o cara vai olhar com a vivência do cara o cara pensa, “bá os caras vão brigar por causa disso?”. As vezes é porque o cara ficou com uma guria que o cara queria ficar. Aconteceu aqui! E aí... pô e aí dos meu! Não faz isso aqui que

se não vai torrar a batalha! Tem P2 aí, tem S2 aí. E tem dias, que eu tô aqui, que eu sei que o clima tá tenso, o cara sente porque o cara tem uma vivência. Tem pinta que cola aí que nem imagina o risco que tá correndo vindo aí, tá ligado? Mas também se o cara não vier e não botar a cara o cara não vai mudar nada. Entendes? Eu já cogitei, de repente fazer uma batalha em outro pico, mas não não era! Tem que ser aqui, não pode ser em outro pico, tem que ser aqui. Porque vai ser daqui que p cara vai mudar o pensamento das pinta, vai ser daqui que a gente vai mudar, através da rima, que a gente vai mudar o pensamento das pessoas, tem gente que começa a rimar, e quem está na volta não dá ênfase, porque sabe que não vai agregar nada, e tem gente que vai rimar e que as pessoas se aproximam, porque podem se identificar com o que a pessoa, fala, por afinidade, por ser amigo, mas eu acredito que é mais por se identificar pelo o que aquela pinta tá falando, aquele mc ou aquela mc tá falando, do que qualquer outra cosia. E vai ser assim, vai ser dessa forma que a gente vai...

S: Se colocar no mundo né?

P: Mudar o mundo a gente não vai mudar o mundo. Tá ligado?

S: Mas a gente pode mudar apraça.

P: A gente pode ser aquela pessoa, que além de estar melhorando de estar mudando a si próprio, a gente pode tocar naquela pessoa e aquela pessoa sim mudar o mundo. Eu, no espaço/tempo que eu estou ocupando, mudar o mundo eu não vou, mas eu posso ser o agente, que tocou naquela pessoa com palavra, no subconsciente daquela pessoa e inseriu aquela pessoa, e mudou alguma coisa, e essa pessoa vai fazer por onde, tá ligado? Pra mudar outra pessoa. De repente ela não vá mudar, o mundo, mais ela vai tingir uma outra pessoa, e vai atingir uma outra pessoa, eu atingi uma pessoa, que atingiu 2, que atingiu 3, que atingiu 4 e que atingiu 5, que formou um movimento e esse movimento conseguiu, mudar a conjuntura cidadina, vamos se dizer assim. Primeiro a gente precisa mudar aqui, a Praça,

S: Que já é uma grande derrubada de obstáculo!

P: Samuel, Nós estamos na prefeitura e na frente do brigadeiro José da Silva Paes, tá ligado, e tem toda uma.

S: Que tem toda uma história...

P: Tem muita gente que vem aqui e nem sabe quem foi aquele louco!

S: Ou sabe e tem uma ideia romântica.

P: Já rolou um papo do cara mudar porque está na frente do Silva Paes. E eu não, tem que ficar ali! É a resistência.

S: Na cara dele!

P: O cara vai de contra, o cara vai contra, aquilo ali, saca? O cara vai contra!

S: Faço a **Pergunta 12**.

P: Tem, tem! Partindo do princípio que o Paidéia ele é um curso preparatório, e partindo do ponto que a diretriz dele é te inserir num contexto todo de conteúdo, de realidade, pra te deixar apto pra tu fazer uma prova, tá ligado, ele, o paidéia, ele abrange a conjuntura a política atual e a conjuntura política histórica. E agente precisa de conhecimento, porque o Enem ele é uma prova que, aborda tanto o aspecto histórico quanto o aspecto atual, entendessee? Seria mais ou menos isso.

S: Perfeito. Faço a **Pergunta 13**.

P: Foram! Partindo do princípio que tu levanta a mão e tu tem espaço pra falar, entendessee? Ali tu já tá explanando a tua visão. Mesmo que seja um visão distorcida ou errada, que tu está disposto, ali tu tens um espaço pra te abrir, o teu coração, se é que eu posso dizer. E expor oq eu tu... porque as vezes a pessoa fica encabulada de falar, “ah não vou tá falando, mas vou tá falando alguma coisa que não tem nada a ver!”, mas tu só vai aprender, se tu falar o que tu sente, tu só vai entender se tu expor o teu conhecimento. A minha limitação é essa ! Tá certo? Não, tal aspecto que gerou esse resultado, em função disso, entendessee? Eu, digamos, fui bem aceito, as minhas ideias foram bem aceitas, estando certas ou estando erradas, e foi ali que eu sanei, muita, muita, muita, divergência histórica e política que eu tinha, entendessee? Tanto da questão nacional, quanto internacional, geral. Do contexto histórico internacional. Seria mais ou menos isso...

S: Massa! Faço a **Pergunta 14**.

P: Cara em termos de contribuição, N contribuições, na questão da ocupação do espaço, por a gente star ocupando um espaço que não é nosso. É um espaço até que as pessoas olha agente...

S: Não nos queriam né?

P: Não nos queriam, justamente, era isso que eu ia falar, porque foi correria para conseguir uma sala, salas que sobravam fechadas, no escuro, tá ligado? Na questão de conquistar espaço, na própria questão de evolução como pessoa. De conhecimento, de ser humano, de constatar que é possível o cara idealizar, um projeto que vá alcançar camadas periféricas, tá ligado, e ver que se o cara corresse se o cara mexer os pauzinhos mesmo, a gente consegue colocar em prática. Entendesse? Porque existe formas de tu atingir, ambos os lados, a classe periférica, os menos favorecidos, levando pra eles, proporcionando pra eles um conhecimento, tá ligado, e se tu mostrar pra elite que a gente pode ocupar um espaço, que tem conhecimento e que tem bagagem, que tem ferramentas para passar esse conhecimento, entendesse? E que nós vamos usar, nós vamos correr atrás, n'óso vamos bater de frente, pra usar aquele espaço que é financiado por nós, que o que gera aquilo ali é o imposto que o cara paga! Então nesse ponto, agregou em muito. Teve uma palestra a 2 semanas atrás sobre meditação, foi ali no auditório, e eu te digo velho, se eu não conhecesse o Paidéia, se eu não tivesse frequentado, tá ligado, e se ratear eu não ia ali, chegar ali, sentar ali e assistir a palestra. Porque eu vim caminhando, subindo a rampa, antes de eu abrir a porta pra entrar, a guarda da rua já tinha me olhado dos pés a cabeça, 3 vezes já mano, aí entrei, olhei, vi a mesa ali, procurei, a menina da recepção já conhece o cara, do cara frequentar a aula, aí perguntei “é que embaixo que vai ter a palestra de meditação?”, “vai, é aqui!”, e aí eu entrei, saca? Porque as vezes tu tá passando, as vezes tem muita gente que não entra, ou que vai entrar ali e dá vota justamente por isso, por tu estares te aproximando e as pessoas já estarem te olhando de cima a baixo.

S: Claro, já tem uma violência simbólica, uma opressão simbólica.

P: Já tem uma opressão simbólica, a vista da pessoa, o olhar da pessoa, mesmo que tu não fale nada, é extremamente opressor, extremamente opressor. E foi ali que eu descobri, que eu descobri não, eu já tinha isso emente, mas não tinha colocado em prática com afinco, pode-se assim dizer, saca? E acada dia que o cara ia a aula, o cara ia se introduzindo mais e mais nesse meio. Vamo ocupar isso aqui, isso aqui é nosso, e sendo um pouco egoísta, esse espaço é mais do riograndino, do que da maioria das pessoas que estão frequentando isso aqui, aqui dentro. Mesmo que eles paguem os impostos dele também, saca?

S: Última pergunta. Faça a **Pergunta 15**.

P: Gerar mais radical mano ! Te falei isso amis cedo. Nós conversamos isso aí mais cedo. É a gente introduzir isso aí, a querência, na escola da querência, introduzir uma turma de Piadéia lá na querência, introduzir uma turma de Paidéia lá na Quinta, tá ligado?

S: São José do Norte, no Taim...

P: Taim, Quitéria, na Ilha aqui ó, na Ilha! Tá ligado? Quanto mais núcleo de Paidéia tiver, tá ligado? Mas gente a gente vai atingir. Quem dera que eu esse ano consiga, a vaga que eu perdi o ano passado e que eu possa ingressar, e que no ano que vem eu possa estar dando aula lá também, porque rende mano, dá certo. Só não dá certo pra quem faz vista grossa, não dá certo pra quem é acomodado. Entendeu? Não dá certo pra quem tem condição. Não dá certo, basicamente pra quem não tá acostumado pra olhar pro lado a olhar para o próximo, entendesse? Porque no momento que o cara parar, porque o cara vive num raio, temos nosso raio de ação, se nós abrímos nossos braços, nosso raio de ação é esse. Eu tenho isso aí! No momento que tu cortar a linha desse raio de ação ali, e tu tirar aquela fronteira ali, tu olhar pro lado e enxergar o cara que ta fora do teu raio de ação, que o que o Paidéia faz, ele olha a cidade inteira, as inscrições são abertas, a públicos, uma coisa que poderia ser, que poderia ser feita, que viria beneficiar, não sei se, pode-se já está sendo feito, e eu não vi, divulgar além dos meios cibernéticos, o lambe, o lambe, fazer lambe, colar lambe nos colégio, colar lambe nas paradas, eu conheci o Paidéia pela internet, fui correr a trás, quando vi a lista a Rita tava, fui falar com a Rita, a Rita que mencionou o teu nome, depois que eu fui te procurar, entendesse? Eu tenho, eu tenho acesso, tá ligado? Tem pessoas, que tem acesso porque a escola comentou, o colégio, algum professor do colégio comentou com a direção, fez um mexe, e levaram, levaram. Mas ampliar o leque ! Ampliar o leque de divulgação é um ponto que assim ó, que se fizer cara, no dia da inscrição ali, vai ter que ter 20 pessoas (na hora de fazer as inscrições), no momento que fizer isso aí cara, vai triplicar!

S: E tu sabe o que que aconteceu naquele dia, teve a gente até desmaiando aquele dia, mas são que aconteceu? Colocaram no rádio cara !

P: Mas então?

S: E teve gente aquele dia, que quando divulgaram na rádio, uma alma iluminada fez isso, colocaram que era das 7 às 8, e tinha desde as 7 da manhã mano, esperando, mas eram as 19 horas...

P: Eu lembro de um senhor lá, “tô desde as 6horas da tarde”,e eue lembro, aquele dia eu cheguei no início, eu cheguei tinham umas 7 pessoas, e começou a chegra, chegar, chegar, chegar, chegar.... um monte de gente.

S: E teve um professor da medicina, que teve que sair da aula pra socorrer! Aquele dia foi sinistro, mas é isso, é a necessidade né cara? E como se tem... uma metodologia de alcançar... e simples né?

P: Simples, as pessoas dizem “ah que não cola gente na batalha, não cola gente na batalha...”, mas, só vai colar gente na batalha quando tu parar e falar pro cara ”tá rolando uma batalha assim, assim e assim...”, rola conhecimento, rola sangue, rola intervenções, porque na batalha aqui da Xavier, não rola só batalha, não rola só freestyle, não é só um e outro competindo, tem mana que vem aí e solta 2 ou 3 poesia, tá ligado? Tem brother que chega aí que tem um som, que tem um som gravado, mas que recita um som a capela, em forma de poesia, saca? tem cara que chag aí, bá posso cantar pedaço de um som que eu vou lançar, entre uma batalha e outra, rola as intervenções, não é só freestyle, não é só batalha, rola mais coisas, Quem me dera se chegasse, umas almas luminadas aí com um monte de zine, saca? Pra distribuir, entendesse, quem me dera? é como eu disse, eu tenho meu sonho de batalha, aqui o mc, o grafiteiro, o dj e os b-boy, e tá rolando, enquanto o dj tá riscando ali para um batalha ali tem um b-boy dançando. Esse é meu sonho de batalha, meu erro, pecar... eu peço como? As vezes o cara tá desanimado. A mente do cara é uma galáxia inteira, um turbilhão, as vezes tu não tem cabeça pra vir, e o bom é que é o que? É que o bagulho já tornou uma... se tornou um organismo, tem vida própria. Tá ligado? E rola! Tem rolado, dia de chuva mano, quando chove a gente vai lá pra baixo das coisa, das banca...

S: Dos peixes ali?

P: É mesmo com a chuva tocadinha a vento a gente faz batalha em baixo da banca ali. Tá ligado? E rola, rola... uma coisa que me, que eu acho legal, tá garoando? Os mano vem, as pinta vem, as mana vem, as vezes pode não fechar a batalha, mas vem, tem gente que vem, tem gente que cola, saca? Se fosse assim sempre que o cara fosse fazer um protesto no largo do Dr. Pio ou alguma coisa assim, enchia ! As pessoas falam, falam, falam de fazer protesto, de fazer passeata, tinha um protesto que ia rolar ai, começou a cair uma garoa fininha aí deu! Nem vieram mano ! Se teve 30 pessoas ali foi muito ! Encontrei até o Centurião, Centurião serviu comigo, fazia 20 anos que eu não via o cara, encontrei o cara ali. Saca? é a resistência pura, é a resistência propriamente dita.

S: Então é isso, pra ti aprofundar é tentar espalhar o máximo essa semente...

P: É espalhar um vírus, tem que agir que nem um vírus, tá ligado, tem que agir que nem um vírus, tem que botar, tem que inserir mais radicais, tá ligado, que me dera se agente tivesse mais gente dentro da academia, que tivesse esse pensamento, porque a academia,

eu tenho isso aí dentro de mim, a academia aliena as pessoas, de uma tal forma, e eu sou, me esquecia agora, eu tenho o meu pé atrás com a academia, é uma coisa que pesa no meu pensamento é isso, eu tô tentando fazer o Enem pra tentar entrar lá, e eu vou entrar lá e o impacto que aquilo lá vai ter dentro de mim,

S: E vai ter !

P: Vai, e eu falo, e eu nem gosto de ir lá na furg, já fui umas 2, 3 vezes, fui lá assim, não, vou ir lá pra tirar essa febre,

S: Mas pronto né?

P: Pronto, argumento pra tudo. E com olhar crítico em tudo. Olhando assim e vendo, o descaso, de quem estar lá dentro, o modus operandis de tudo, saca? É a pergunta que mais me bate na testa mano, na moleira “será que eu vou realmente mesmo tá lá?”, mas pra saber disso eu tenho que viver, é que nem “bá o fulano, beltrano!”, só vou ter o que dizer quando eu conhecer ele.

S: E outra coisa, da mesma forma que tu é mudado tu também muda...

P: Sim, sim. a intenção é essa, a intenção é essa, a intenção é de chegar lá e tocar o horror, tocar o horror mesmo, essa é a mão, é fazer o que as pinta que tão no meio do rap, que tão lá ou que tem acesso lá, não fazem ! Que é tirar o bagulho lá de dentro, eu não vou atingir estudantes, eu não vou atingir jovens, levando Sergio Vaz pra palestrar só lá! Não vou ! Eu vou atingir aquela pessoas que tá lá dentro.

S: E que é bom né, porque também precisa...

P: Bom, bom, mas mais afudê se fizesse um encontro com ele no coreto...

S: Na Vila Maria cara, tamo ali dentro !

P: Na Vila Maria, vamo largar informação nos 4 canto, vamos soltara a informação na rosa dos ventos, vamo falar pra todo mundo e vamo fazer um encontrão ali na praça, porque a praça? Porque se tu pegar ônibus tu desce na praça, pra ti voltar tu pegar Ônibus tu volta pra praça, no bem ou mal, pra quem depende de coisa, o local mais curto é a praça,

S: A ideia da praça é pra isso.

P: Sim o coreto, é pra isso, pra comunicar pra ser usado, como espaço de comunicação. Porquê que o cara bota uma ciaxa e faz um tarde lá evangélica e é aceito. E porque se o cara for fazer uma batalha lá um negócio, o cara pode ser barrado? saca? entendesse?

S: Claro que sim!

P: Rola ! Aqui mesmo a gente já tomou ataque aqui, umas duas vezes, uma vez por causa de uns caras de moto, empinando e fazendo algazarra. Mas uma vez o pessoa chegou e enquadraram, e as vezes tem P2, S2 aí no meio.

S: Atrás de uma via opressora. Ou gera via opressora.

P: As vezes os caras chegaram ali atrás e pararam, e aí eu disse pra eles “Opa, chega mais perto aqui vem aqui escutar, daí onde tu tá tu não vai escutar nada, tu não vai escutar o que os caras tão cantando aqui, te aproxima mais !”, e aos pouquinhos vem vindo, vem vindo, chegou mais próximo e tal, porque lá da inde ele tava velho ele não ia escutar o que estava sendo dito ali, ele só ia sentir o cheiro, que é o que basta! Ele só ia começar a sentir o cheiro e ia ver que era normal, é praça, pública, tem mano que vem pra cá com a sua garrafa de vinho, deu. Eu venho pra cá pra beber vinho, tem cara que vem pra cá e fuma, quem vem pra fumar, fuma, cada um, cada um. É a rua, é a rua propriamente dita ! Tá ligado, é o que todo mundo vive na rua é o que todo mundo passa. Aqui, não tem vista grossa, todo mundo enxerga tudo e vê tudo, mas ele de lá, simplesmente vai sentir o cheiro e vai ver, ele vai chegar lá no supere vai dizer “não lá as pinta fuma e bebe !”, mas não chegou lá e parou.

S: Não parou pra ouvir a ideia, pra ouvir o conhecimento...

P: Não parou ali pra escutar a rima da mística, tá ligado, que curte um rap mais voltado pra um...

S: Uma coisa mais transcendente.

P: É transcendente, um autoconhecimento, a evolução do povo como um todo, a busca da evolução espiritual, não chegou ali e ouviu o Leroy rimar, que tem uma pegada mais pra esse lado também, mas que dá uma divergida pra uma outra parada. Não viu um outro mano também, entendes não, eles simplesmente, tirou aquela fotografia e daquela fotografia ele vai levar...

S: Tira várias conclusões...

P: É entendeu? Então pra dizer que não curti a academia eu vou ter que entrar lá, depois que eu entrar lá eu vou ver, saca? Mas que eu vou causar um reboição lá dentro eu vou mano. Tá ligado? E já tem, tem gente que tá lá dentro, que são núcleos, que são focos,

táliagdo? Eu só vou chegar lá e só vou agregar com eles. Só vou somar com quem tá lá mano, a minha ideia, vamo ver, se eu vou ter vísceras pra isso!

S: Espero que sim. Vai ser uma grande contribuição de ambos os lados!

P: Mas cara a gente precisa aumentar esse núcleo, a gente tem que aumentar esse núcleo. Eu vou dar aula lá, relaxa que eu vou dar aula lá, se tudo der certo, a gente tem que expandir isso aí, tá ligado? Se a gente tivesse um núcleo de Paidéia por bairro, tá ligado, como a gente tem escolas, já era! Olha o tanto de gente que a gente ia botar dentro de uma faculdade.

S: Ai vai ser uma universidade mesmo, ai vai ser um universo né?

P: Ai sim vai ser uma universidade, a gente vai ter todos os universos em todas as proporções, tá ligado? A gente não vai ter só a elite. A gente não tem só a elite, mais a elite é a maioria. Infelizmente ela é a maioria.

S: Ela é e ela coloca os limites né? Ela delimita as coisas...

P: Ela pode não ser a maioria em determinados cursos, tá ligado, é isso aí, é foda. E no Paidéia, ali mesmo o cara vai vendo, que for assistir a aulas lá no curso, que for uma pessoa atenta a detalhes a olhar, ver ao seu redor, parar e ver ao seu redor, vai olhar aqueles quadros e vai ver, tem quadro que não tem riograndino, tem quadro que tem 1, 2,3 ou 4...

S: Talvez 1 ou 2 tenha uma pessoa negra né? Indígena talvez não tenha.

P: Nem entrei nesse foco, a questão racial, mas bã! Se o cara for ali tirar uma foto ali, postar, pode fazer até uma brincadeira...

S: Um estudo, faz um estudo, uma pesquisa aquilo ali.

P: Quantos riograndinos e quanto afrodescendentes tu acha que tem nos quadros ali, se tu fizer uma somatória em todos os quadros ali, não vai dar 10% cara, não vai dar 10% de todo montante,

S: O Paidéia caminha pra isso, pra tentar mudar isso. Mas através de vocês, de nós!

P: Através de nós!

S: Tem gente que tá saindo do espaço, tem gente que tá chegando, e que bom né?

P: Tem gente que chega ali e olha, bá não é pra mim, bum! Sai fora. Tem gente que pá, tô no paraíso. Entendeu? Meu caso, tô no paraíso, de boa, tranquilo. Tem muita gente que diz

que é perda de tempo, tão gastando com isso, porque que tão gastando com isso? As pessoas não acreditam, as pessoas não acreditam.

Categorias	Sujeito: Pablo
Cidade	<p>1.Mora no Lar Gaúcho. Guri de apartamento, criado pela avó, mas que viveu e vive a rua.</p> <p>2.Trampo e Rolê: transita por vários lugares (“picos”), atrás de bicos e trabalhos e nas horas vagas, sempre ocupando espaços públicos (praças, avenidas, praia...). Cidade é espaço de sobrevivência (trabalho), de lazer/esporte (lugares para andar de skate) e de resistência e de construção de epistemologias de resistência (batalha do conhecimento).</p> <p>3.Opção pela rua e não por locais fechados: nunca teve acesso e também nunca fez questão.</p> <p>4.Medo da Rua: as pessoas têm medo da rua, mas a maioria nunca saiu, não sai. Existe os riscos, mas é fácil falar que é perigoso sem nunca ter ido, vivido a rua.</p> <p>5.A vivência na rua: tu entende da conjuntura, sabe que está violento, então tu te torna sensível quanto ao que está acontecendo.</p> <p>6.A cidade é uma balança em desequilíbrio: sempre pesa para o lado mais fraco, que é a maioria, pobre, “pra quem trampa de dia pra comer de noite”.</p> <p>7.A cidade é punk véio: desigualdades e contradições. “mar revolto”</p> <p>8.Caos e o Conflito: uma “cena” já bagunça todo teu dia.</p> <p>9.Ocupação de espaço: estar no Paidéia (H.U./Ala Acadêmica) é estar ocupando um espaço elitizado. Direito à Cidade! – Para a maioria, um lugar que nunca tinham entrado.</p> <p>10.Ocupação de espaço (2): espaço negado para os riograndinos – “nos quadros de formatura da medicina, 80% são de fora da cidade”.</p> <p>11.Resistência na Cidade: a batalha do conhecimento.</p>
Juventudes	<p>1.A juventude é um leque aberto: tem todas as opções, dentro das limitações.</p> <p>2.Diferenças sociais e econômicas: “porque um brother meu que mora lá no cedro não vai ter as mesmas condições de de um cara que mora aqui no centro”.</p>
Educação Popular	<p>1.Soube do Paidéia pelo “boca a boca”: através de amigos soube da existência do curso e buscou saber sobre as inscrições pela internet. (Já tinha se encerrado para o primeiro semestre, mas ingressou no segundo semestre).</p> <p>2.Contribuição do conteúdo: o Paidéia deu noção acerca da prova do Enem.</p>

	<p>3.Hipótese de que conseguiria um acompanhamento que iria auxiliar nos resultados das provas.</p> <p>4.Esperava somente uma potencializada na redação, pois iria chegar em um ambiente “cheio de adolescentes” e não iria se enquadrar.</p> <p>5.Auxílio para não fazer a prova de “olhos fechados”.</p> <p>6.Horizontalidade do Processo (Contrário da experiência anterior na escola): a liberdade de questionar e “atrapalhar” a aula. As vezes deixar os “insights” e “flash” do pensamento para depois pode ser sem volta.</p> <p>7.Importantíssimo para o desenvolvimento intelectual e pessoal.</p> <p>8.Importância do Paidéia: Solicita o ampliamto de núcleos do Paidéia para alcançar mais pessoas.</p> <p>9.Potencializador: o Paidéia é um potencializador. Teu potencial está guardado... e o Paidéia quer estimular isso.</p> <p>10.Pré-Vestibular que faça a diferença: um pré-vestibular pago vai estimular, mas por outros objetivos “intenções capitalistas”.</p> <p>11.Educadoras/educadores que motivam as educandas/educandos: sujeitos diversos, com caminhas e experiências diversas (em conclusão de curso, alguns com curso concluído, alguns já trabalharam em escolas, alguns pós-graduandos, ex-educandas do Paidéia que voltaram como educadores)</p>
<p>Emancipação</p>	<p>1.Paidéia foi um divisor de águas: imprescindível para ter conseguido a vaga no curso de Geografia.</p> <p>2.Dizer a sua palavra: emancipação passa pela força de pronunciar o que pensa.</p> <p>3.Esforço para permanecer no Paidéia: pessoas vinham com roupas do trabalho, traziam os filhos, vinham de bicicleta na chuva de bairros longes ou economizavam no pão para comprar a passagem (ao invés de comprar 7 pães, comprava 3).</p> <p>4.Estar aberto ao conhecimento: Entender que podes estudar sozinho, mas no coletivo, algo a mais tu vai tirar.</p> <p>5.Romper a situação-limite: vencer o cansaço do cotidiano, estudar até tarde para acordar cedo, aproveitar o máximo possível as aulas.</p> <p>6.Desenvolver capacidade de ocupar espaços: “eu posso entrar em qualquer lugar! Eu posso chegar em qualquer lugar”.</p>

	<p>7.Preocupações e constatações políticas: acomodação social (local, regional e nacional), ascensão da bancada evangélica, materialização do conservadorismo/fundamentalismo.</p> <p>8.Inserção da História do Brasil relacionada com a política na educação pública: entendimento das estruturas econômicas e políticas que fundaram o país, entendimento das políticas de dependência.</p> <p>9.Resistência como emancipação: “se não houver resistência a gente tomba!”</p> <p>10.Ponto de Emancipação: Batalha do conhecimento como proposta emancipatória na cidade, para além dos espaços de poder, instituições e etc.</p>
<p>Humanização</p>	<p>1.Um possível agressor: a noção de que, na rua, há por vezes há a necessidade de trocar de calçada, abaixar a cabeça ou desviar do caminho de alguém para não amedrontar.</p> <p>2.A Horizontalidade das aulas favorecia o convívio.</p> <p>3. Lutamos pra que? Lutamos para que se radicalize mais e para que mais radicais contribuam nesse projeto.</p> <p>4.Potecilaização do processo de aprendizado na coletividade: informação é uma coisa, direcionamento e a contribuição de outros pontos de vista. “Entender para transpor “.</p> <p>5.Estudar sem competição: na horizontalidade, compreendendo que todo mundo tem um tempo e suas próprias dificuldades. Para além do treinamento, da corrida por um páreo!</p> <p>6.Humanização minha e dos outros: “Questão de diminuir, encurtar a distância entre, pessoas que não tem acesso...”</p> <p>7.A Importância da Maternidade: a mãe que segura bronca na nossa sociedade, que faz com que os filhos sejam mais.</p> <p>8. Batalha de Sangue x Batalha do Conhecimento: toda batalha é importante, mas a do conhecimento é um espaço de educação, contrariando a homofobia, o machismo e o racismo nas rimas e outras manifestações (poemas, composições a capela...).</p>

Referências

- ADAMS, Telmo; MORETTI, Cheron Zanini; STRECK, Danilo. Pensamento Pedagógico em Nossa América: uma introdução. In: STRECK, Danilo R. (Org.). **Fontes da Pedagogia Latino-Americana: uma ontologia.** – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 19-35.
- BENSAÏD, Daniel. Posfácio: “Na e pela história.” Reflexões acerca de Sobre a questão judaica. In: MARX, Karl. **Sobre a Questão Judaica.** São Paulo: Boitempo, 2010.
- BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista.** Zahar, 1988.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A Pergunta a Várias Mãos: a experiência da partilha através da pesquisa na educação. São Paulo: Cortez, 2003.
- CALVINO, Ítalo. As Cidades Invisíveis. São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.
- CARRANO, Paulo César Rodrigues. **Juventudes e Cidades Educadoras.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- CARRILLO, Alfonso Torres. A Educação Popular como Prática Política e Pedagógica Emancipadora. In: STRECK, Danilo R.; ESTEBAN, Maria Teresa (Orgs.). **Educação Popular: lugar de construção social e coletiva.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p.15-32.
- CHAIGAR, Vânia Alves Martins. Aprendizagens e Itinerários Juvenis: cidade e cidadania sob o véu de narrativas e memórias. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; CHAIGAR, Vânia Alves Martins (Orgs.). **Educação Geográfica: memórias, histórias de vida e narrativas docentes.** Salvador: EDUFBA, 2015, p. 295-318.
- CHOMSKY, Noam. O Lucro ou as Pessoas: neoliberalismo e ordem global. 7.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.
- DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social, 2000.

DAYRELL, Juarez Tarcísio; GOMES, Nilma Lino. A Juventude no Brasil. Observatório da juventude, 2009.

DUSSEL, Enrique. Filosofia da Libertação. São Paulo: Edições Loyola, 1977.

FAIRCLOUGH, Norman. Discurso e Mudança Social. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 6o. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 17. ed. São Pulo: Paz e Terra, 2011.

FROMM, Erich. Marx y su Concepto de Hombre. 1. ed. (em espanhol). Fondo de Cultura Económica, México, D.F., 1962.

GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina**. Tradução de Galeano de Freitas. 16.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia: diálogo e conflito**. 3.ed. São Paulo: Cortez-Autores Associados, 1989.

GHIGGI, Gomercindo; KAVAYA, Martinho. Frantz Fanon e a Pedagogia da “Colaboração Muscular”. In: STRECK, Danilo R. (Org.). Fontes da Pedagogia Latino-Americana: uma ontologia. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p.377-391.

HARVEY, David. Espaços de Esperança. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HARVEY, David. O Enigma do Capital: e as crises do capitalismo. São Paulo, SP: Boitempo, 2011.

HECK, Selvino. Saudação a Paulo Freire. In: Instituto Paulo Freire e Comissão de Anistia. Ministério da Justiça. Editora e Livraria Instituto Paulo Freire (Orgs.). Paulo Freire,

- anistiado político brasileiro. Brasília: Comissão de Anistia. Ministério da Justiça, 2012.
- HOBBSAWM, Eric John Ernest. Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- IASI, Mauro Luis. A Rebelião, A Cidade e a Consciência. In: Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.
- JARA, Oscar H.; FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca. Educação Popular e Sistematização de Experiências. In: STRECK, Danilo R.; ESTEBAN, Maria Teresa (orgs). Educação Popular: lugar de construção social coletiva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- LEFEBVRE, Henri. A Revolução Urbana. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- LEFEBVRE, Henri. O Direito à Cidade. 5.ed. São Paulo: Centauro, 2001.
- MARTINS, José de Souza. A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- MARTINS, José de Souza. O senso comum e a vida cotidiana. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 10 (1): 1-8, maio de 1998. Pág. 1-8.
- MARX, Karl. A Miséria da Filosofia. São Paulo: Ícone Editora, 2004.
- MARX, Karl. Sobre a questão judaica. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MORETTI, Cheron Z.; EGGERT, Edla. Mulheres, Experiência e Mediação: encontros possíveis/necessários[?] entre a cidadania e a pedagogia. In: ADAMS, Telmo; STRECK, Danilo Romeu; MORETTI, Cheron Zanini (Organizadores) Pesquisa-Educação: mediações para a transformação social. 1.ed. Curitiba: Appris, 2017. P.45-63.

- MACEDO, Severine Carmem. Mapa da Violência: Homicídios e Juventude no Brasil, publicação apresenta diagnóstico da violência, 2013. Disponível em: <<http://juventude.gov.br/juventude/noticias/mapa-da-violencia-homicidios-e-juventude-no-brasil-publicacao-apresenta-diagnostico-da-violencia?lang=es#.WNnBgqK1vIV>>. Acesso em: 22 de fev. 2017.
- MARX, Karl. Crítica da Filosofia do Direito de Hegel. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MASSIAH, Gustave. O Novo Mundo que Tarda a Nascer, 2017. Disponível em: <<http://diplomatique.org.br/o-novo-mundo-que-tarda-a-nascer/>>. Acesso em: 20 de fev. 2017.
- MEJÍA J., Marco Raúl. La Educación Popular: una construcción colectiva desde el sur y desde abajo. In: STRECK, Danilo R.; ESTEBAN, Maria Teresa (Orgs.). **Educação Popular**: lugar de construção social e coletiva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 369-398.
- MÉSZÁROS, István. O Desafio e o Fardo do Tempo Histórico: o socialismo no século XXI. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MIÉVILLE, China. A Cidade e a Cidade. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2014.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Editora Vozes Limitada, 2011.
- MORALES, Evo. Evo Explica a Verdadeira Dívida Externa, 2013. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/dialogosdosul/evo-explica-a-verdadeira-divida-externa/23072013/>>. Acesso em: 22 de fev. 2017.
- MOREIRA, Carlos Eduardo. Emancipação. In: REDIN, Euclides; STRECK, Danilo R.; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.) Dicionário Paulo Freire. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 145-147.
- ORWELL, George. 1984. 29.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

PAIS, José Machado. Culturas Juvenis. 2.ed. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2003.

PAIS, José Machado. Ganchos, Tachos e Biscates: jovens, trabalho e futuro. Porto: Ambar, 2001.

PALUDO, Conceição. Educação Popular e Educação no Campo: nexos e relações. In: STRECK, Danilo R.; ESTEBAN, Maria Teresa (Orgs.). Educação Popular: lugar de construção social e coletiva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p.64-76.

PALUDO, Conceição. Educação Popular como Resistência e Emancipação Humana. Cad. Cedes, Campinas, v. 35, n. 96, p. 219-238, maio-ago. 2015.

PARLAMENTO EUROPEU. Medidas Contra o Desemprego Entre os Mais Jovens, 2014. Disponível em:< <http://www.europarl.europa.eu/news/pt/news-room/20140916STO63210/medidas-contr-o-desemprego-entre-os-mais-jovens>>. Acesso em: 17 fev. 2017.

PITANO, Sandro de Castro; STRECK, Danilo R.; MORETTI, Cheron Zanini; SANTOS, Karine; LEMES, Marilene; PAULO, Fernanda dos Santos. Educação Popular e Docência. 1.ed. São Paulo: Cortez, 2014.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). Epistemologias do Sul. 1.ed. São Paulo: Cortez, 2010, p.84-130.

ROSSI, Marina. O Estupro Nosso de Cada Dia, 2015. Disponível em:< http://brasil.elpais.com/brasil/2015/09/21/politica/1442871349_074158.html>. Acesso em: 23 de fev. 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Renovar a Teoria Crítica e Reinventar a Emancipação Social. São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa; CHAÚÍ, Marilena. Direitos humanos, democracia e desenvolvimento. São Paulo: Cortez, 2013.

SANTOS, Milton. O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Desenvolvidos. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SANTOS, Milton. O Espaço da cidadania e outras reflexões. Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011.

SERPA, Angelo. O Espaço Público na Cidade Contemporânea. São Paulo: Contexto, 2007

STRECK, Danilo R.. Territórios de Resistências e Criatividade: reflexões sobre os lugares da Educação Popular. In: STRECK, Danilo R.; ESTEBAN, Maria Teresa (Orgs.). Educação Popular: lugar de construção social e coletiva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p.356-368.

STRECK, Danilo R.; ADAMS, Telmo. Pesquisa participativa, emancipação e (des)colonialidade. 1.ed. Curitiba, PR: CRV, 2014.

SZYMANSKI, Heloisa (Org.); ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. A Entrevista na Educação: a prática reflexiva. Brasília: Liber Livro Editora, 2004.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à Pesquisa em Ciência Sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VAINER, Carlos. Quando a cidade vai às ruas. In: MARICATO, Ermínia. Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil. 1.ed. São Paulo: Boitempo. Carta Maior, 2013. Pág. 35-40.

ZITKOSKI, Jaime José. Biofilia/Necrofilia. In: STRECK, Danilo; RENDIM, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). Dicionário Paulo Freire. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. Páginas 59-60.

Anexos



Foto 1. Turma do Paidéia do ano letivo de 2016. Última aula de História. Fotos do acervo do pesquisador.



Foto 2. Com a turma de educandos/educandas e educadoras/educadores da última confraternização do ano de 2016. Fotos do acervo do pesquisador.



Foto 3 e 4: Espaço sobre Feminismos: discussão e debate com militantes do feminismo e do feminismo de mulheres negras desenvolvidos com a turma do Paidéia de 2016. Fotos do acervo do pesquisador.



Fotos 5 e 6: Com Anne e Rafa nos dias das entrevistas. Fotos do acervo do pesquisador.

A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de pesquisa acadêmica/científica das humanidades, sob acesso aberto, produzida em parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil. Conheça nosso catálogo e siga as páginas oficiais nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



www.editorafi.org

contato@editorafi.org